

O ARCHEOLOGO  
PORTUGUÊS

Composto na Escola Tipográfica da Imprensa Nacional  
Edição e propriedade do Museu Etnológico Português

202  
7.1.0

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

---

COLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS

---

REDACTOR — J. LEITE DE VASCONCELLOS

---

VOL. XXVIII



*Veterum volvens monumenta virorum*

202  
7.1.0

LIBRERIA  
R. LEITE DE VASCONCELLOS

LISBOA

BIBLIOTECA

IMPRENSA NACIONAL

LISBOA

1929 \*

# O ARQUEÓLOGO

## PORTUGAL

### SUMÁRIO

- JORNADAS DE UM CURIOSO PELAS MARGENS DO LIMA: 1.  
 SEPULTURA DE GALLA: 52.  
 ACHEGAS PARA UM VOCABULÁRIO DE INDUMENTÁRIA ARCAICA: 60.  
 ARA DE VENUS: 142.  
 A INSCRIÇÃO DA TOMADA DE LISBOA NA SÉ CATEDRAL: 144.  
 «EL HOMBRE FÓSIL»: 148.  
 RASCUNHOS DE VELHARIAS DE ENTRE-LIMA-E-MINHO: 155.  
 ANTIGUIDADES DO ALENTEJO: 158.  
 ESTUDOS DA ÉPOCA DO BRONZE EM PORTUGAL: 201.  
 ANTIGUALHAS CARTAXENSES: 204.  
 NOVAS INSCRIÇÕES IBÉRICAS DO SUL DE PORTUGAL: 205.  
 EPIGRAFIA DO MUSEU EtnoLOGICO (BELEM): 209.  
 NECROLOGIA: 227.

Este volume vai ilustrado com 130 gravuras e 1 estampa.

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

## MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

---

VOL. XXVIII

1927 A 1929

---

### Jornadas de um curioso pelas margens do Lima

(*Estudos do Alto-Minho, xxvi*)

**SUMÁRIO.**—1. Sepulturas rupestres de S. Simão, de S. Gião e de Sanjamondes.—2. Reflexões sobre a provável antiguidade destas sepulturas.—3. A torre medieval de D. Mendo.—4. O convento de Refojos.—5. A igreja românica de Santa Eulália.—6. Arcossólio com epitáfio.—7. A ponte sobre o Lima.—8. Os arcos romanos.—9. As siglas das cantarias.—10. A ermida românica de Santo Abedão.—11. No adro da matriz da Correlhã.—12. Estante mediélica de ferro forjado.—13. Notas sobre antigualhas de S. Julião de Freixo (castros, mamoas, contas polícrómicas, sarcófagos).



LGUMAS notícias que, por boca de amigos, me tinham ecoado aos ouvidos, geraram-me o desejo de fazer excursões de índole arqueológica a terras do concelho de Ponte de Lima, tam avizinhadas das que pertencem ao concelho onde nasci, que, em parte, lindam directamente com as dêste. Dessas montanhas, por onde o Lima e o Vez bebem as fecundas nascentes, desci pois um dia e

«Num solitário vale fresco e verde,  
Onde com veia doce e vagarosa,  
O Vez no Lima entrando o nome perder»,

deixei as minhas fronteiras, embrenhando-me por essa elísia estrada, que liga as duas vilas minhotas de Arcos de Valdevez e Ponte de Lima, émulas uma e outra da sua colorida beleza.

São os magros apontamentos dessas duas ou três deambulações, bem distanciadas hoje em tempo e em lugar, que aproveito para ordenar esta narração, há bastantes anos (desde 1906) alinhavada e adormecida na gaveta.

\*

Comecei as minhas jornadas pela populosa freguesia de Refojos, onde se encontrava uma sepultura rupestre<sup>1</sup>, já descrita pelo S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Figueiredo da Guerra em *O Arch. Port.*, VIII, 259, e situada no lugar do Couto, vertentes do castro ou *Castelo de Genso*, superior àquele lugar<sup>2</sup>. A escavação da sepultura foi feita sobre um penedo com a altura de 2 metros; a sua orientação é em uma linha de nascente a poente, que é também o sentido da maior extensão do penhasco. A sua forma é perfeitamente rectangular e o fundo é côncavo. De comprimento 1<sup>m</sup>,90; de largura 0<sup>m</sup>,50; de profundidade em uma das testeiras 0<sup>m</sup>,52. Em torno da fossa havia um canal feito a cinzel, com escoante em um dos ângulos, em consequência do desnível da própria fraga; da situação desse canal resultava um rebordo circundante. Naquele mesmo ângulo, abrir-se mais um canalículo destinado<sup>3</sup> a esvaziar o sobressalente da água, que enchesse acaso a pia. Coevo? É possível.

<sup>1</sup> Refojos é a pronúncia mais generalizada. Vi-a em cartões de visita actuais. Encontra-se também na *Geografia dentre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, de 1549, pelo D.<sup>or</sup> João de Barros (Pôrto 1919), ao lado da de Refoios. No *Livro de Linhagens (Port. Mon. Hist.: Scriptores*, vol. I, p. 171) escreve-se Refoyos. No *Onomástico Medieval Português* registam-se as duas formas *Reffoyos*, *Refoyos* (1258) ou *Refoius* (1032) e *Reffogios* (1058). (*O Arch. Port.*, XIV, 234).

Tenho chamado sepulturas *rupestres* às que foram escavadas em fragas situadas em lugar aparente e não soterradas ou ocultas ao tempo da sua utilização. Há, no pavimento de algumas antigas igrejas, sepulturas escavadas na rocha subjacente ou contígua, às quais não toca rigorosamente aquela denominação, se bem que devam agrupar-se na mesma série sepulcrológica.

<sup>2</sup> Nesta estação arqueológica, segundo o S.<sup>or</sup> P.<sup>o</sup> Manuel J. da Cunha Brito, meu cicerone de uma das excursões e ao tempo distinto professor do Liceu de Ponte de Lima, os cacos são às carradas e numerosos os restos de habitações circulares; colheu ele aí um fragmento de tégula com a sigla *F*. É pois uma estação sucessivamente lusitano-romana.

A superfície zenital da rocha fôra desbastada para ficar plana e horizontal, como trabalho preparatório antes de se escavar a sepultura e para que a tampa pudesse fechar herméticamente a cavidade. A um dos lados, sobre a superfície desbastada, viam-se riscos, cuja explicação não me pareceu encontrar-se em caracteres de qualquer escritura, como aliás já se tem crido. Constam êsses traços de pequenas linhas rectas que não obedecem a alinhamento algum, e que são desiguais em comprimento; cinco dessas linhas convergem idealmente a um centro; quatro ao lado daquelas são paralelas e contíguas; emfim, a sua disposição figurou-se-me casual e insignificativa.

Martins Sarmento chamou-lhes «rabiscos» que não entendeu, nem crê que alguém entenda. (*O Arch. Port.*, vi, 182).

O local é uma alta esplanada, onde abundam fragmentos de telhos, de *tegulae*, de *imbrices*, mas onde não encontrei restos de vasilhame cerâmico. É vulgar nas proximidades destas sepulturas aparecerem destroços laterícios, como aqui; mas são mais comuns as sepulturas de forma trapezoidal, o que suficientemente indica que estes *moimentos* são post-romanos, tendo o seu uso atravessado largos séculos do médio evo. (*O Arch. Port.*, x, 18 a 20).

Reconhecida esta atribuição, comprehende-se bem que estas antiguidades podem aparecer nas vizinhanças dos *castros*, centros de povoação pre-romana, a cuja civilização aliás não pertencem, pois que a maioria destes núcleos se romanizou pouco ou muito e até perpetuando-se, e que na área adjacente se encontram velhas ermidas, ruínas delas ou simples notícias de as ter havido ou de se terem encontrado outros vestígios sepulcrológicos. Martins Sarmento encontrava destas sepulturas na directriz das populações que, descendo e desamparando os castros, se fixavam depois nas baixas. (*O Arch. Port.*, vi, 175, e *Rev. de Guimarães*, ii, 198).

Esta antigualha é conhecida nas redondezas por *Sepultura de S. Simão*, e o motivo é provavelmente não estar muito distante da capela de S. Simão, que coroa um elevado cabeço fronteiro àquele em que assenta o penhasco da sepultura e onde também se encontram *tegulae* em fragmentos. S. Simão é advogado contra as maleitas, na crença dos habitantes.

\*

Além desta, a notícia que da mesma origem tive acerca de outra sepultura rupestre, acendia-me a ânsia de a examinar; era a de S. Gião, que fica igualmente a pouca distância da capela de S. Julião

e num plano superior a esta<sup>1</sup>. Pertence também à freguesia de Refojos e é próxima do lugar chamado *Valdevez*. Ocupa uma fraga de altura pouco vulgar em monumentos desta natureza.

O lado ainda assim acessível tem de altura 5 metros aproximadamente, mas do lado dos campos subjacentes terá uns 12 metros. Logo a seguir, o despenhadeiro não medirá menos de 20 metros. Houve aqui provavelmente a intenção de resguardar a sepultura de violações, atentado não raro na idade média<sup>2</sup>. A cavidade obedece pouco mais ou menos à orientação do penhasco, com o seu tópico mais estreito do lado meridional; isto é, o eixo da sepultura é paralelo à linha de N.-S. Para se abrir a fossa noutro sentido, fôr necessário desbastar adequadamente a pedra. As dimensões da caixa tumular são as seguintes: comprimento 1<sup>m</sup>,96; largura dos topos 0<sup>m</sup>,66 e 0<sup>m</sup>,61; profundidade no tópico mais largo 0<sup>m</sup>,49, no outro 0<sup>m</sup>,66. Não há ressalto em toda volta da cavidade, mas apenas em um dos topos, onde a fraga é mais alta, a fim de que a tampa ajustasse mais exactamente.

Nos campos inferiores têm aparecido sepulturas laterícias e os «ossos (humanos) andaram aos pontapés». Aparecem também fragmentos de tejolos. Ao fundo destes campos fica a chamada capela, que lhe deu o tópico contraído de S. Julião e diz-se que ali já foi a séde de uma freguesia.

\*

Tive informação de outra sepultura rupestre no lugar de *Sanjamondes*<sup>3</sup>, freguesia de S. Pedro de Arcos. Segundo o testemunho

<sup>1</sup> É curiosa a coexistência destas duas formas, tam proximamente uma da outra. Veja-se: *Nomes de pessoas tornados geográficos*, por J. Leite de Vasconcellos.

<sup>2</sup> *Si quis sepulcri violator extiterit ... si liber hoc fecerit, libram auri coactus exsolvat haeredibus mortui ... Quod si haeredes non fuerint ... et praeterea C flagella suscipiat. Servus vero ... CC flagella suscipiat, insuper et flammis ardentibus excuratur ... (Codex Legum Wisigothorum in Port. Mon. Hist.: Leges & Consuetudines, I, 108).*

<sup>3</sup> *Jamondes* é herança germânica da idade média; encontro as formas: *Jemundi*, *Jemundo*, *Gemondo*, *Gemundi*, *Gemundia*, *Gemundy*, *Gimonde* no *Onomástico Medieval Português* do S.<sup>or</sup> A. A. Cortesão in *O Arch. Port.*, x, 391; xi, 244; xvii, 140; *Gilmonde* e *Gimonde* in *Nomes de pessoas e nomes de lugares*, pelo S.<sup>or</sup> Pedro de Azevedo; e actuais: *Gemunde* in *Historia da Administração Pública* pelo S.<sup>or</sup> Gama Barros, II, 333, e *Gimonde* in *O Arch. Port.*, xv, 318.

do Rev.<sup>do</sup> Manuel J. da Cunha Brito, que visitou esta sepultura, ela é trapezoidal, de lados levemente curvilíneos, ângulos arredondados, grande rebordo em toda a volta da cavidade e um bueiro nos pés do lado esquerdo. O penedo é alongado e alto de uns 12 palmos sobre um caminho público.

\*

Inquestionavelmente é bem curiosa esta forma de inumar os cadáveres! Abrir nas mais duras rochas uma caixa oblonga com o comprimento adequado à estatura humana, às vezes com um nicho circular para a cabeça do cadáver; gastar decerto nesse duro trabalho não poucos dias<sup>1</sup>; preparar a propósito uma tampa monolítica com peso suficiente para constituir uma sólida defesa da sepultura contra a cobiça dos violadores ou contra a pretensão de vindouros e deixar por fim anepigráfica esta complicada obra...; todas estas circunstâncias constituem um processo um tanto brutal e primitivo.

Estas sepulturas têm de facto uma feição acentuadamente rupestre, compatível só com uma época de costumes de inveterada rudeza<sup>2</sup>. Nestes monumentos não há edificação, nem construção, nem a piedade de três letras, nem o amparo dum símbolo; há o penhasco tóscio e por vezes alcandorado, com a cavidade funérea no cimo, como uma guela trágica. Deposto o cadáver e cerrado o sepulcro com a espessa lousa, o moimento deveria apresentar um conspecto ainda mais sinistro no seu mutismo enigmático, quer estivesse isolado e solitário, quer, ou ainda pior, estivesse agrupado em poliândrio com outros semelhantes.

<sup>1</sup> O meu amigo e notabilíssimo prospector de paleolítico, dos petroglifos pre-históricos e das insculturas castrejas do concelho dos Arcos de Valdevez, o Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> J. A. Saraiva de Miranda, a quem por isso a Paleoetnologia e Proto-historia portuguesa ficarão devendo inestimáveis serviços, conta, entre os seus valiosos achados, o de uma sepultura rupestre, começada mas incompleta, trapezoidal, num penedo de 2 metros de altura, no sítio da Cérca, arrabaldes de S. Miguel-o-Anjo de Ázere. (Carta de 29 de Julho de 1922). Note-se esta significativa situação, à qual não faltou uma capela do orago S. Silvestre, existindo ainda as ruínas dela.

<sup>2</sup> Os bispos do 1.<sup>o</sup> concílio bracarense (a. 561) dão-nos um eco da rusticidade reconhecida dos povos desta região, no seu tempo (sec. VI), quando escrevem: «*manifestius ignaris hominibus declaretur, qui in ipsa extremitate mundi et ultimis hujus Provinciae regionibus constituti, aut exiguum aut paene nullam rectae eruditio[n]is notitiam contingerunt*». (A. Caetano do Amaral, *Vida e opusculos de S. Martinho bracarense*, Lisboa 1803, p. 25).

Pode aduzir-se, é certo, que já debaixo da influência duma civilização culta, como a romana, aos penhascos informes se recorria também neste rincão da Galécia, para escavar piscinas cultuais como as que restam em Panóias, de Trás-os-Montes, nas quais se encontram inesperadas analogias técnicas com as pias tumulares cristãs, a que me tenho referido<sup>1</sup>. Há nos fragões de Panóias grupos de fossas rectangulares, munidas de rebordos para receberem tampas, as quais, se abstraíssemos das suas grandes dimensões (2<sup>m</sup>,50 a 2<sup>m</sup>,80) podiam bem passar por sepulturas alinhadas de um poliândrio; tal é a analogia da sua configuração.

O que se me figura, é que temos provas suficientemente fundamentadas de que estas sepulturas são mediélicas, dessa mais alta idade média em que uma anterior civilização, quase envelhecida, teve de acolher dentro das suas fronteiras bando indómitos, enxames, como se exprime Caetano do Amaral, de homens do Norte longínquo e, sacudida e subjugada primeiro, de fundir-se depois com os intrusos que, inferiores em civilização geral, traziam em si os germes latentes da independência, que os nobilitava de algum modo e os impulsos da rudeza nativa, que os acompanhava em alguns dos seus costumes.

Merce recordar-se que estas sepulturas rupestres, talvez porque nos faltem presentemente as suas tampas ou os fragmentos destas, têm-se revelado anepigráficas na sua quase completa totalidade. (*O Arch. Port.*, xi, 369).

Não me tem parecido boa de explicar esta ausência de epítáfios. ¿A rudeza da época ou da região? Ela é de facto aduzida no 1.º concílio bracarense. ¿A precaução de ocultar o carácter cristão da sepultura? Mas depois da paz da Igreja (séc. IV) os fiéis não tinham necessidade de esconder, como anteriormente, as suas derradeiras jazidas<sup>2</sup>. ¿A prudência de evitar represálias sobre os próprios mortos,

<sup>1</sup> Mais semelhantes são certas figuras que decoram algumas estelas pagãs trasmontanas (*O Arch. Port.*, v, 144, xi, 83, e *Portugalia*, II, 1.<sup>a</sup>) e até o contorno da lápide antropomórfica d-*O Arch. Port.*, v, 140 e 211; mas estas semelhanças não são intencionais. Vid. *Religiões da Lusitania*, III, 418 e 419; tais figuras são consideradas representações de portas; vid. *ibidem*, fig. 194, a p. 417.

<sup>2</sup> O concílio notável iliberritano, que se celebrou no princípio do séc. IV, comprova a existência de cemitérios cristãos na Espanha, exarando nos capítulos XXXIV e XXXV duas proibições que lhes respeitam: «ne cerei in coemeteriis incendantur: ne foeminae in coemeteriis pervaigilent». (Jos. Saenz de Aguirre, *Collectio max. Conciliorum omn. Hispaniae*, vol. II, p. 31).

sugeridas pelo arianismo intolerante dos dominadores? Mas as conversões do suevo Teodomiro e depois do visigodo Recaredo deram-se ambas dentro do séc. VI e pode-se asseverar com precisão histórica, que só anteriormente se escavaram sepulturas rupestres *in campo*?

Se tivessem sido insculpidos quaisquer letreiros, deviam restar sem dúvida, pelo menos, os seus fragmentos, embora dispersos. Mas estes sepulcros teimam ainda hoje em guardar o mistério da sua exacta origem, como outrora talvez o da ortodoxia de seus ocupantes.

E contudo havia já então (séc. VI) no Sul do país sepulturas com epitáfios cristãos que chegaram até nós (*Inscr. Hisp. Christ.*, por E. Hübner, n.º 3, 11, 12, 13, de Beja, Évora, Marvão e Mértola)<sup>1</sup>. Será esta particularidade consequência da mais elevada cultura que os habitantes do Sul haviam recebido da civilização romana, aí também mais antiga, e melhor alimentada pela proximidade das suas correntes de difusão<sup>2</sup>? Em parte, essa pode ser uma das causas, mas, por outro lado, as sepulturas com epitáfios supõe já o livre estabelecimento de cemitérios.

Na freguesia de Cabeça Boa, concelho de Moncorvo, existia uma sepultura rupestre em cujo exterior se lia *VIVI*, que o S.º D.º Leite de Vasconcellos interpreta por *vive*, correspondente à exclamação das sepulturas cristãs mais antigas. (*O Arch. Port.*, XI, 370). *Vivas cum tuis*: exclama-se na inscrição regular n.º 193 (séc. IV) das *Inscr. Hisp. Christ.*, de E. Hübner. (Vid. Le Blant, *Inscr. Chrét. de la Gaule*, II, 625).

Os chamados *Cânone de S. Martinho*, insigne bispo bracarense

<sup>1</sup> Veja-se também *O Arch. Port.*, VII, 144, onde se rectifica um epitáfio mirtelense do séc. VI (a. 537); III, 290 a 292, e ainda I, 178 e 181. É digno de notar-se que, nas 13 inscrições aqui mencionadas, o onomástico dos defuntos pertence ao núcleo da população romanizada da Lusitânia, a saber: *Severus, Paulus, Venantia, Optatus, Rogata* (séc. V?), *Simplicius, Amanda* (séc. V), *Tiberius, Adjutor, Andreas* (grecizante). *Britto* é de origem ignorada. Na Galécia só em século posterior, o VII, é que aparece nome de pessoa (*Ermengon...*) e esse é germânico (E. Hübner, *Inscript. Hisp. Christ.*, p. VII e n.º 138). Porque esse silêncio das pedras galegas nos sécs. V, VI e VII?

<sup>2</sup> Os vestígios topónimos da influência germânica no Norte de Portugal são porém mais numerosos e acentuados do que no Sul, o que julgo se pode explicar, não só porque o dilúvio árabe inundou por largo tempo estas últimas regiões, expungendo vestígios anteriores, mas ainda porque as influências germânicas nas províncias do Norte se radicaram e frutificaram principalmente no período ulterior da reconquista.

do séc. vi, proibiam aos clérigos o exercerem actos do seu ministério sobre os *moimentos* dos campos (*super monumenta in campo*)<sup>1</sup>.

Esta referência parece clara.

¿ Que *moimentos* seriam estes senão as sepulturas rupestres situadas nos campos, em lugares aparentes e não soterradas? Ainda hoje a toponímia retém essa designação (*moimentos*, *moimenta*) em locais onde existem ou existiram sepulturas cavadas em rocha. Já o Evangelho da Paixão (S. Lucas, xxiii, 53) diz: *et posuit eum in monumento exciso*. O cânones coloca em oposição a cláusula *super monumenta in campo* à outra seguinte *aut in Ecclesia aut in Basilica*; acolá não havia templo, mas um monumento, qualquer que ele fosse, aparente em todo o caso; e êsses monumentos eram sepulcrais, pois que a proibição diz adiante que, só na igreja ou basílica, é que os clérigos podiam *pro defunctis oblationem offerre*, e contudo nos templos não podiam fazer-se enterramentos, como veremos ainda.

Este género de sepulturas já existiria pois, pelo menos no séc. v-vi e ainda sob o domínio dos Suevos. O que há aqui de importante é a designação *monumenta*, porque o apôsto *in campo* caracterizava apenas a situação dos cemitérios cristãos em geral (e até dos pagãos) fora das povoações, dos quais a cerâmica fragmentada, que ainda surge em alguns casos nos terrenos circunjacentes, representa os derradeiros indícios<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> É o cânones LXVIII que A. Caetano de Andrade traduz: «Sobre não ser lícito celebrar missa sobre os moimentos dos mortos. Não convém que os clérigos ignorantes e ousados vão exercitar os ministérios e distribuir os sacramentos no campo sobre os moimentos; mas, ou na igreja, ou em basílica, onde estão depositadas relíquias de mártires, aí ofereçam a oblação pelos defuntos». Esta compilação, que se intitula: *Collecção de Canones ordenada por S. Martinho Bracarense, publicada por ordem de ... D. Fr. Caetano Brandão* (Lisboa 1803), é considerada, pelo erudito académico, posterior ao 2.º concílio bracarense do a. 572; mas a proibição aparece ainda em outra compilação do séc. vii, à qual o mesmo autor chama *Código Hispânico*, o que mostra que continuava a ser necessária na permanência das mesmas condições. (Cf. J. S. Aguirre, *op. cit.*, III, 218). Veja-se também a nota adiante.

<sup>2</sup> O facto, que me agora interessa, é a existência dos *moimentos* dos campos, pelo menos no séc. vi, e não propriamente as proibições exaradas nos cânones bracarense, tanto dos clérigos *ministeria portare aut distribuere sacramenta* junto dos moimentos, como dos fiéis *prandia ad defunctorum sepulchra deferre et sacrificare de re mortuorum*, factos estes significativos e também muito curiosos. (Vid. J. S. de Aguirre, *op. laud.*).

Um autor francês, hoje quase esquecido (De Caumont, *Cours d'Antiquités*, vi, 190), ocupando-se da sepulcrologia da alta idade média, aduz o testemunho de Gregório de Tours (séc. vi) na sua obra *De Gloria Confessorum* (cap. viii) para mostrar que na Gallia também os primeiros cemitérios cristãos eram, como em Roma, fora das cidades; e assim o corpo do primeiro bispo de Bourges, Orsino, *in campo inter reliqua sepulchra christianorum sepultura locatus est*. A expressão é a mesma que acolá, como se vê, se bem que se indique a contigüidade de outras sepulturas, isto é, o cemitério.

Na cristandade bracarense, pois, do que se tratava era dos *monumenta* situados *in campo*, isto é, de sepulturas aparentes, embora houvesse conjuntamente outras sepulturas não aparentes<sup>1</sup>.

Mas é de presumir que estes sarcófagos brutais estivessem em uso desde parte do séc. v, com a apostasia dos Suevos, suposto que neles se inumavam os católicos, população romanizada; ainda no séc. vi, a Igreja bracarense só consentia condicionalmente que os fiéis das dioceses sufragâneas acercassem dos templos, sob as alpendradas, as suas jazidas tumulares, porque dentro daqueles só podiam recolher-se os corpos venerandos e sagrados dos mártires<sup>2</sup>. Isto era o sintoma do comêço do desuso daquelas sepulturas isoladas ou afastadas, motivado pelas duras lições dos passados tempos.

É o cânones XVIII do 1.º concílio bracarense, celebrado no ano de 561, que impõe esta disciplina com palavras que transcrevo: «*Item placuit ut corpora defunctorum nullo modo in Basilica San-*

<sup>1</sup> A aproximação do texto do santo bispo de Braga com este género de sepulturas já tinha sido feita pelo S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos nas *Religiões da Lusitania*, III, 563.

<sup>2</sup> Estes usos encontram-se também consignados pelo italiano P. Sixto nas *Notiones Archaeologiae Christianae* (I, 230), o que abona honrosamente o seguro critério do escritor português do início do séc. XIX, ao expor estes pontos. Traduzindo, extraio daquele: O uso de sepulturas nos adros prevaleceu depois da paz da Igreja, quando os cemitérios em roda das basílicas construídas sobre os túmulos dos mártires se tornaram mais seguros. Pouco a pouco, estas sepulturas, por causa da devoção para com os mártires, ocuparam o circuito e o átrio da igreja e finalmente a própria igreja». Um autor francês, Ed. Corroyer, em *L'Architecture Romane*, fala da igreja rural de Santa Cruz de Montmajour, perto de Arles, que está rodeada de sepulturas cavadas na rocha; a construção data, segundo o autor, dos primeiros anos do séc. xi. Temo-las também cá em volta das igrejas românicas e já em Lourosa anteriores, segundo parece, ao séc. ix.

*ctorum sepeliantur, sed, si necesse est, deforis circa murum Basilicae, usque adeo non abhorret*<sup>1</sup>. O fundamento da condicional *si necesse est*, escapa à minha compreensão, a não ser que o espírito do concílio fosse a preferência para os cemitérios *in campo* e só, em caso de necessidade, em volta das igrejas ou basílicas.

A tendência dos fiéis para a *tumulatio ad Sanctos* era geral, porque pensavam que a proximidade das relíquias dos mártires solicitava a protecção dos santos, não só para a conservação da sepultura, de que se fazia depender a ressurreição dos corpos, mas até para o propício julgamento final<sup>2</sup>! As proibições eclesiásticas para a inumação nas igrejas foram sucessivas, o que revela a existência da corrente contrária.

Aludo a estes factos para comprovar dum modo genérico a antiguidade dos poliândrios *in campo*, aos quais pertenceriam muitas das sepulturas rupestres, e a incompatibilidade entre a celebração dos mistérios divinos e a permanência de cadáveres dos fiéis no mesmo local.

A forma ou planta destas sepulturas era muito freqüentemente trapezoidal, o que não deverá surpreender-nos, visto que se trata

<sup>1</sup> E continua: «*nam si firmissimum hoc privilegium usque nunc («até agora», acentua bem significativamente o texto que transcrevo) manet Civitates, ut nullo modo intra ambitus murorum cuiuslibet defuncti corpus humetur, quanto magis hoc venerabilium martyrum debet reverentia obtainere.* (J. S. de Aguirre, *Collectio max. Conciliorum omn. Hispaniae*, III, 181; onde se ocupa do *Synodus Bracarensis I*. Veja-se também Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja Portuguesa*, I, 56). O espírito desta doutrina era tam uniforme, que uma autorizada obra de arqueologia cristã cita um cãoine dum concílio de Trebur, no qual cãoine se estatui: *Nemo enim in ecclesia sepeliatur, nisi forte talis sit persona sacerdotis aut cuiuslibet justi hominis, qui per vitae meritum, talem vivendo suo corpori defuncto locum acquisivit. Corpora antiquitus in ecclesia sepulta, nequaquam projiciantur, sed pavimento desuper facto, nullo tumulorum vestigio apparente, ecclesiae reverentia conservetur. Ubi vero hoc pro multitudine cadaverum difficile sit facere, locus ille coemeterium et polyandrium habeatur, ablato inde altari et constituto ubi religiose sacrificium valeat offerri.* (D. F. Cabrol & D. H. Leclerc, *Dict. d'Archéol. et Liturgie*, s. v. *Ad Sanctos*, que extraíu de Labbe, *Sacrosanta concilia*, IX, p. 450, cão. XVII, ano de 895).

<sup>2</sup> Uma inscrição cristã de Roma do a. 382 expressa-se bem conceituosamente acerca desta piedosa aspiração dos fiéis: «[quod multi cupi]unt et rari accipiunt». É citada por D. F. Cabrol & D. H. Leclerc, s. v. *Ad Sanctos*.

de inumações cristãs, ainda não muito afastadas dos seus protótipos, que eram os *loculi* das catacumbas, cavidades também a maior parte das vezes trapezoidais, segundo o asserto dos arqueólogos. Na Gallia, donde irradiam os visigodos para cá, as *auges* cavadas nas rochas do solo dos cemitérios e que têm, como cá, aparecido debaixo dos templos românicos, eram trapezoidais e até mumiformes<sup>1</sup>.

A referida configuração das sepulturas em rocha não é índice inútil para a capituloção da antiguidade desses túmulos, que não podem ser da época romana, como já se tem escrito. Algumas na verdade são ainda rectangulares, forma adoptada nas inumações daquela época e que reapareceria nos tempos agitados de transição<sup>2</sup>.

Esta identidade de forma entre as cavidades subjacentes ou contíguas às igrejas românicas e anteriores a elas e as sepulturas propriamente rupestres permite afirmar que se trata da mesma série sepulcrológica, mais ou menos extensa na ordem dos tempos. Ora

<sup>1</sup> «... *hujusmodi autem cava, ubi corporum capita declinanda essent, largiora effodiebantur*». (*Notiones Archaeologiae Cristianae* a. P. Sixto, I, 234); isto nas catacumbas.

Quanto à Gallia não faltam testemunhos; veja-se por exemplo a obra de Barrière-Flavy, *Études sur les sépultures barbares, passim*, e a bibliografia já citada n-*O Arch. Port.*, x, 16 sgs.

<sup>2</sup> Também foram consideradas árabicas. Não seria porém fácil encontrar uma explicação para a circunstância de serem mais frequentes precisamente nos lugares portugueses, que os árabes menos aqueceram. E parece-me que, sendo isto o que em realidade se observa, essa atribuição é imaginosa. No *Boletín de la R. Acad. de la Historia*, de 1886 (vol. ix, p. 265), descreve-se um poliandrio de sepulturas rupestres trapezoidais e algumas antropoídeas, as quais continham esqueletos que olhavam o Oriente. Não se menciona a colheita de espólio algum. Junto dos sepulcros havia grutas artificiais com nichos, mas eram de construção posterior àqueles. São atribuídas pelo autor aos judeus de Segóvia porque, na *Historia de la insigne ciudad de Segovia*, por Colmenares, se lê que o sítio se chamava, em 1460, *Peñas del fonsário de los judíos*.

Na referida publicação, vol. x de 1887, p. 215, menciona-se outro poliandrio de mais de 30 sepulturas cavadas na rocha, mumiformes e ainda tapadas. Os esqueletos estavam também orientados. Dentro de um, apenas, é que se encontrou um tejolo partido com sinais ou caracteres que não puderam ser decifrados. Ocupavam a superfície dum penhasco onde, além disto, havia escadas. Chamavam-se *Sepulcros de Gayanzos*, partido de Villarcayo, ao norte de Burgos.

Não se colhe destes factos nenhum elemento de atribuição decisiva. A analogia com as nossas sepulturas rupestres é que é muito presumível. No Museu do Carmo (Lisboa) há lápides judaicas trapezoides.

ninguém ousará supor que tenham sido romanas, isto é, pagãs, as cavidades a que primeiro me refiro e que bem poderemos chamar pre-românicas. As condições sociais e cristãs é que poderiam ter variado. Atribuir pois as sepulturas rupestres desta região a uma sepulcrologia diversa da cristã seria enjeitar a homogeneidade e uniformidade, que me parecem irrecusáveis, daquela série.

Mas o facto de serem sepulturas aparentes também dificulta que possam ser atribuídas a tempos anteriores à paz da Igreja, apesar dos cuidados impostos pelo concílio de Elvira. Por outro lado, as violentas perseguições do arianismo no séc. VI, poderiam suscitar novas precauções contra a violação das sepulturas. A deficiência de epitáfios é, em todo o caso, considerada um índice de antiguidade na sepulcrologia cristã em geral.

Por vezes estes sepulcros encontram-se em sítios ermos e distantes dos lugares povoados, não se descobrindo, nas imediações de alguns, vestígios de que, em épocas passadas, tivesse diferente aspecto o local. Talvez uma das explicações destes factos, aliás menos comuns, esteja em uma referência que se encontra no cânone VI do 2.º concílio bracarense, reunido no ano de 572 (*Collectio citada*, p. 12); fala-se aí em templos fundados por meros particulares *in terra sua*; acresce a isto que a disciplina eclesiástica em rigor não obrigava os cristãos à sepultura em cemitérios (*Dict. referido*, s. v. *Cimetière*); a conjugação destas duas notícias faz supor que alguns cristãos, possuidores de bens fundiários, elegiam, dentro das suas próprias terras, o lugar para a sua sepultura, ou por um sentimento de vaidade, ou por motivo de segurança. Rigorosamente o aludido cânone fala em *basílicas*, mas das suas expressões se infere que nenhum sentido diverso aplicava aos termos *ecclesia* e *basilica*. Cf. *Collecção de cânones, etc.*; p. 329.

Não havia, pois, só os aglomerados de sepulturas. Autores há franceses que pensam que os sepulcros isolados corresponderam a inumações de personalidades de categoria elevada. Será porém essa a explicação das nossas sepulturas rupestres dos descampados? A ignorância completa, que a arqueologia portuguesa tem acerca do conteúdo dessas campas, não permite responder senão hipoteticamente<sup>1</sup>. Difícil será que haja destas sepulturas anteriores à paz

<sup>1</sup> O problema é interessante, mas não me proponho agora desenvolver mais este assunto, para o qual não colhi decisivos elementos. Seria preciso começar pela geografia completa das sepulturas ru-

da Igreja. Mas nesse tempo, *quibus locis, ager, solitudo, navis, stabulum, carcer, instar templi erat ad sacros conventus peragendos*, segundo S. Dionísio de Alexandria citado na *Colecção de cânones*, etc. Por maioria de razão, os enterramentos se fariam de modo que desorientassem os pagãos ou não católicos.

Ocorre agora perguntar: ¿Até quando predominaria este sistema inumatório? Não estou a versar, senão por incidente, este problema arqueológico; mas o que é certo, é que em Portugal há também igrejas românicas rodeadas de sepulturas cavadas no lajedo do solo, indubitavelmente anteriores umas, coevas outras.

Desses poliândrios cristãos de sepulcros aparentes faziam parte inumações soterradas e não aparentes com caixas ou cofres forrados de *tegulae*, tais como hoje as encontramos em escavações. É por isso que os fragmentos dessa cerâmica ainda juncam o solo, provindo ou das sepulturas ou dos telhados das capelas ou igrejas, visto que não era provável que se fabricassem *tegulae* só para os cemitérios, mas sim que as sepulturas se fizessem com *tegulae*, enquanto os templos ou mesmo as habitações as utilizavam.

No séc. XIII já aparece na legislação consignado o facto dos cemitérios permanecerem em volta das igrejas. A compilação de Afonso X de Castela, conhecida por as *Siete Partidas*, denuncia-nos uma das razões para que as sepulturas cristãs fôssem próximas das igrejas; é que nesse âmbito os diabos não tinham o poder de se chegar tanto aos cadáveres<sup>1</sup>. Era ainda o espírito da antiga e ingénua crença, a que acima aludo.

E já mencionei a igreja de Lourosa, que é atribuída ao séc. IX, e que encobre já, debaixo das suas paredes, sepulturas cavadas na rocha chistosa da região. (Vergílio Correia, *A Igreja de Lourosa da Serra da Estréla*, p. 7).

pestres; depois relacionar a sua densidade com o elemento geológico das várias regiões do país; fazer os confrontos suscitados pelo resultado a que se chegasse; e, por fim, chegar ao rigoroso apuramento cronológico destas antigualhas, esquadinhando o possível relacionamento com o que se sabe da disseminação dos bárbaros e da distribuição das sédes das antigas dioceses lusitanicas e a situação dessas sepulturas.

<sup>1</sup> Gama Barros, *Historia da Administração Pública em Portugal*, I, 527. Pensa este egrégio publicista que já no séc. XIII aquelas leis deviam ter influência em Portugal.

O que o raciocínio pode sugerir é que, consentidas e generalizadas as inumações junto das igrejas, os poliândrios e os moimentos dos campos passavam ao esquecimento e à inutilização gradual. Dessa época provirá o esvaziamento, senão a violação formal, dessas campas rupestres e a dispersão das ossadas revolvidas.

O que se apura, pois, é que no séc. VI ainda a igreja bracarense defendia os templos da onda, aliás suplicante, dos fiéis que aspiravam a dormir o derradeiro sono junto dos beirais sagrados<sup>4</sup>; mas os autores referem unanimemente que o rigorismo começou de enfraquecer já no séc. VII.

É possível que a unificação das leis das duas raças, germânica conquistadora e indígena dominada, no meado do sec. VII, contribuisse para este fenómeno de transição (Gama Barros, *op. cit.*, I, 11).

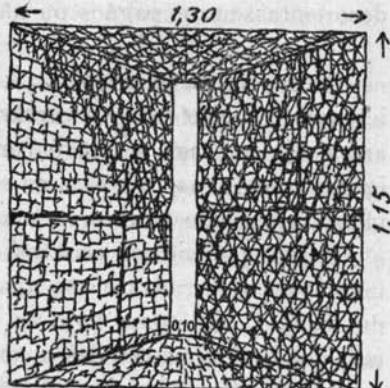
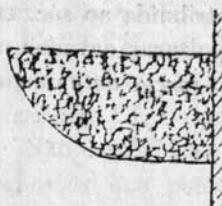


Fig. 1

\*

Um dos mais curiosos monumentos destas redondezas é a velha torre de D. Mendo. Façanhoso cubo de silhares de granito, ainda serve de habitação, não senhorial é certo, mas de carácter rural.

Na base mede 10<sup>m</sup>,30 por 10<sup>m</sup>,12 por lado e altura 17 metros. Tinha três sobrados a construção mediélica. Na face nordeste, no

Fig. 2  piso superior duas sétiras e a noroeste, três; o cunhal da entrada é ao norte. As sétiras inferiores tinham a soleira ou parapeito horizontal e não de rampa; neste piso eram quatro, isto é, uma em cada face, e todas ocupam, em altura, três fiadas horizontais das cantarias.

Era neste andar que estava construída a latrina saliente da parede, como era de uso nestes edifícios. No piso de entrada havia uma grande sétira voltada para sudoeste (fig. 1),

<sup>4</sup> A nossa expressão *cemitério* tem, por intermédio do latim *coemeterium*, a ascendência grega dum verbo que significa «dormir» e que reflecte a crença na ressurreição (*Apud op. cit.* de D. Cabrol & D. Leclerc, s. v. *Cimetière*). E demais, era expressão que os pagãos podiam ouvir sem suspeitar, diz um autor.

e das cortinas interiores da torre, aos cantos, emergiam quatro charras de perfil redondo para servirem de suporte ao sobrado (fig. 2); reconheciam-se os vestígios de escadas. Medida a grossura da parede, obtive 2<sup>m</sup>,15. Dou um corte e uma vista interior dum seteira do piso superior (fig. 3).

A entrada da torre era exteriormente ogival, com um vivo de 2<sup>m</sup>,05.  $\times$  1<sup>m</sup>,05 (fig. 4). Interiormente escondia um arco abatido, vendo-se dentro da ogiva ambos os couões superiores de pedra. A tranca da porta penetrava numa ranhura da parede, quando em

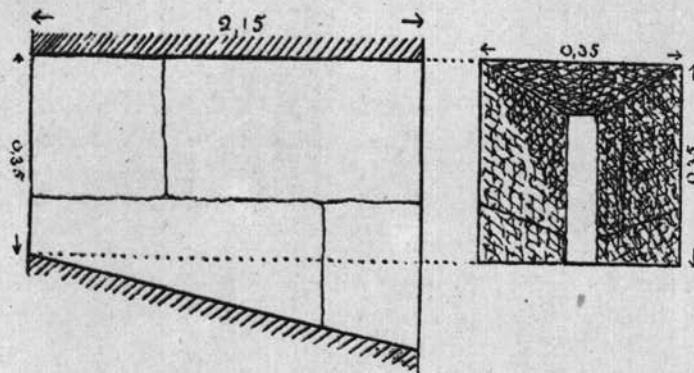


Fig. 3

repouso. A soleira fôra invertida, vendo-se as mechas das couceiras voltadas para fora.

Esta construção não se encontra isolada; protege-a, com uma cerca de 14 metros, apenas em três das suas faces, uma muralha circundante, cuja espessura é de 1<sup>m</sup>,32. A entrada para este recinto foi por uma porta de volta redonda com a largura de 2<sup>m</sup>,32 e ficava contigua à torre na cortina, com que se alinhava a um dos lados daquela.

Nas paredes interiores da latrina, viam-se os olheiros para a tranca do taipal e um rebaixo a quâsi toda a altura, onde aquele deveria encostar. (Viollet-le-Duc, *Diction. d'architecture*, s. v. *Latrine*, onde se vêem os tipos geralmente adoptados). As figs. 5 e 6 representam seu aspecto exterior e interior em diversa escala. A abertura para exterior mede 1<sup>m</sup>,24 de alto, 0<sup>m</sup>,60 de largo.

Obra da primeira dinastia, ao que parece<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Veja-se *Instituto*, 1925, pp. 415 e 446, artigo do D.<sup>or</sup> Figueiredo da Guerra: «Torres solarengas do Alto Minho».

Nos *Port. Mon. Hist.*, na parte dos *Scriptores* (vol. I, p. 171), ao ocupar-se dos *Livros de Linhagens*, lê-se: *E esta Gontinha Paes da Silva desde que lhe morreo D. Pero Oriz casou com D. Mendo*

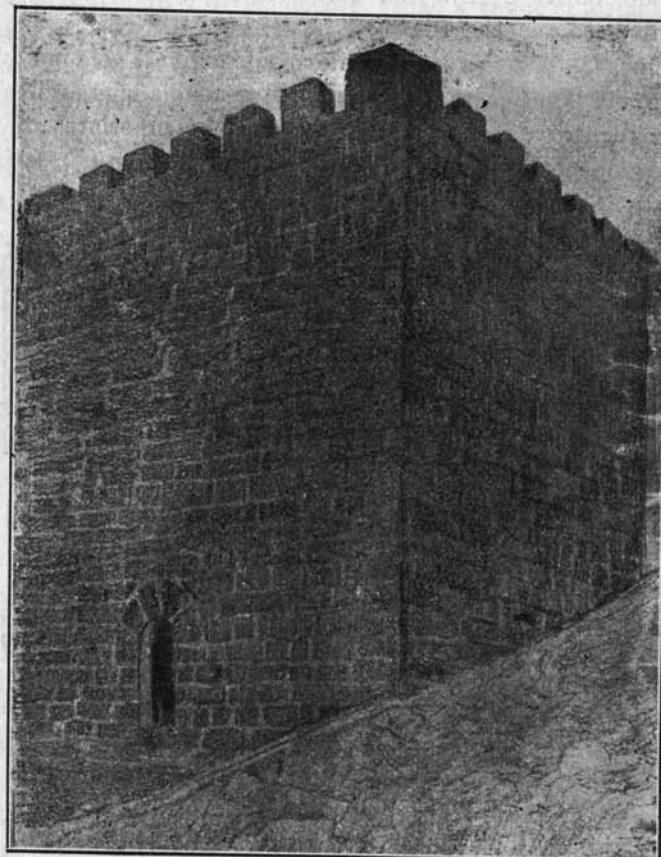


Fig. 4

*Affonso de Refoyos e fege nella Garcia Mendes.* D. Juan B. Lavaña no *Nobiliario de D. Pedro* (Roma MDCXL), pp. 43, 325 e 331, e as *Notas do Marquês de Montebelo* (p. 17) referem-se ao mesmo Mendo Afonso<sup>1</sup>. Veja *Dissert. chron. e crit.*, por J. P. Ribeiro, III, I, 119, 362.

<sup>1</sup> Em outro passo do mesmo *Livro de Linhagens* (*ibidem*, tit. VII, p. 253) fala-se de um *comde dom Mondo* que *era da linhagem dos godos*, muito anterior a este D. Mendo de Refoyos, e a cuja descendência o texto faz pertencer D. Mafalda, primeira rainha de Por-

\*

Visitei o celebrado convento de Refojos, de que porém não vou fazer nem a história nem a descrição; trasladarei apenas para aqui as leves e incompletas notas esparsas que tirei.

No claustro, ao correr da arquitrave há, em elegantes caracteres romanos monumentais, uma inscrição que diz:

ERA MCLXXI AEDIFICATA EST ECCLESIA PRIMA.  
ET ANNO DOMINI 1581 REAEDIFICATA

As colunas de fino granito são da austera ordem dórica e não sustentam arcadas.

Em uma parede interna deste recinto há uma lápide embutida, na qual se lê em letras douradas do séc. XVI:

HOC COMITIS MENDI REQUIESCUNT OSSA SEPULCHRO QVI TEMPLO  
HVIC ŌNES IPSE DIGAVIT OPES OBIIT ANNO DÑI 1142

Na capela-mór, encoberta pelo espaldar das bancadas, existe outra lápide, em cujos caracteres maiúsculos com *n* minúsculos e *r* também minúsculos do alfabeto cursivo, se lê: *Ecce Joannes Romeus hanc translatus.*

A cozinha é uma soberba quadra. As suas paredes são forradas de uma cinta de azulejos com pintura de festões floríferos sobre fundo amarelo e de vitualhas em grupos. Noutra quadra, onde

tugal. Transcreverei a história desse aventureiro medieval: *O comde dom Mondo ueo de terra de Roma e era do linhagem dos godos. E ueo a Galliza, cuydando a ser rrey, com gram companha de caualleiros e doutras gentes que troue por mar. E aquaegeo assy aa ventuyra que quamtas n̄aos e galees e baixees trazia quebrarom todas no mar no cabo de Piorno que h̄e em Trasentos, e portaram com ell cimque caualeyros e nom mais. E de huum delles veerom os de Trasentos, e do outro os Marinhos, e do outro os d' Ambroa, e do outro os Beltranes de Neudos, e de outro os d' Andrade de Braga. Este comde dom Momdo rrossou dona Joana Romaaes filha do comde dom Romaão irmão delrrey dom Affomss o casto. E mais abaixo, indicadas cinco gerações, tem: o comde dom Troyaz Vermuiz de quem descendē D. Mafalda mulher de D. Affonso Henriques.*

havia uma estátua de S. Teotónio, que foi removida, a cinta ou o rodapé é todo azulejado, cobrindo o seu esmalte um fundo amarelo em que se vêem representados, em quartões, com pincel de largo e artístico toque, os hábitos de monges de diferentes países.

Na capela-mór, diante de cada assento dos cadeirais que a guardeciam, havia um vânio com pó de cal para a expectoração dos oficiantes; podiam os monges regressar naquele dia ao murmúrio espesso dos seus salmos, que ainda lá encontravam, na mesma ser-

ventia, os escaninhos desinfectadores. E até um velho barrete eclesiástico, que num humilde canto se acolhera, não se eximiu à magoada impres-

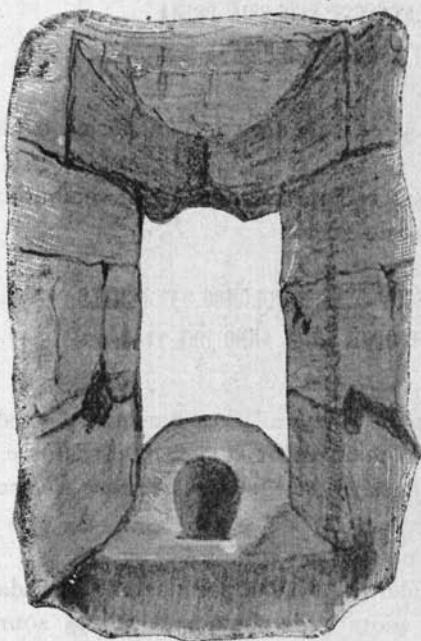


Fig. 5

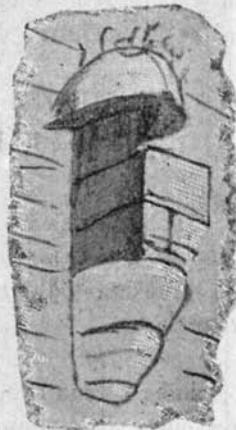


Fig. 6

são de desamparo que me deixa sempre a visita às velhas mansões monásticas, por nenhuma instituição moderna ainda substituídas, quanto a uma das suas prerrogativas mais úteis ao saber e ao trabalho — a continuidade.

\*

Encontra-se no âmbito desta mesma freguesia de Refojos um apreciável exemplar de igreja românica com a invocação de Santa Eulália.

A planta do primitivo edifício é a habitual nos modelos que na província minhota ainda não rareiam: dois rectângulos desiguais em área juxtapostos por dois dos seus lados menores; o corpo da igreja tem pouco mais de vez e meia o comprimento da capela-mór. As pa-

redes do aquilão encostam-se dois corpos de edifícios que poderão ser do séc. XVII, parecendo que o contíguo à oussia é, sem embargo, um tanto anterior ao outro. A seguir a estes dois corpos há, no mesmo alinhamento, um terceiro que atinge o cunhal imediato da igreja.

Escusado é lembrar que os poentes dourados esbraseiam de frente a ennegrecida silharia da fachada e do pórtico. O esboço esquemático que junto da planta, aproximadamente na escala de  $1^m = 0^m,005$ , comprova esta breve descrição (fig. 7).

São dignos de referência os cachorros ou modilhões dos beirais. Adejava nesses ingênuos, mas lógicos ornamentos, a imaginativa e a filosofia dos nossos mestres arquitectos da idade média. Se muitas vezes, em alguns, transparece o espírito educativo cristão, em outros a sátira, talvez até pessoal, pelo que pode presumir-se, vincava na pedra as pregas de uma mordacidade pungente e acerada. Alguns, porém, eram anódinos ou limitavam-se a reproduzir servilmente os exemplos da gramática decorativa, dos *bestiários* que andavam nas mãos dos canteiros. Lançaremos um olhar para a vária morfologia dessas pedras.

Começando o exame na face do ábreco, e seguindo da oussia para a frontaria da igreja, passando pelo cruzeiro, elaborei a seguinte série:

- 1.<sup>o</sup>— Focinho de animal;
- 2.<sup>o</sup>— Barril?;
- 3.<sup>o</sup>— Rosto feminino e mãos em prece;
- 4.<sup>o</sup>— Cara com uma trança do cabelo para a testa e a mão esquerda junto do mento cruzada com o braço direito ou no acto de segurar um rôlo;
- 5.<sup>o</sup>— Focinho de cão ou raposa;
- 6.<sup>o</sup>— Máscara humana já frusta;
- 7.<sup>o</sup>— Liso;
- 8.<sup>o</sup>— Relevos já apagados;

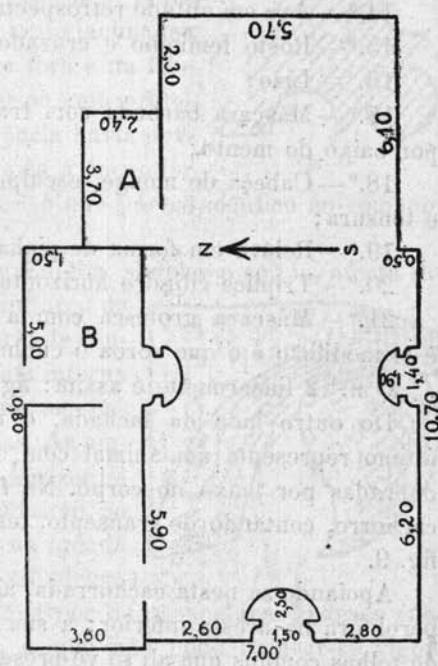


Fig. 7.— Escala:  $0^m,005 = 1^m$

- 9.<sup>º</sup>— Rosto com uma trança na fronte e as mãos aplicadas à barba, uma de cada lado;
- 10.<sup>º</sup>— Liso;
- 11.<sup>º</sup>— Focinho de suíno;
- 12.<sup>º</sup>— Dois rolos um tanto delidos;
- 13.<sup>º</sup>— Liso;
- 14.<sup>º</sup>— Ave em atitude retrospectiva no acto de debicar um fruto<sup>1</sup>;
- 15.<sup>º</sup>— Rosto feminino e cruzados sob o mento os dois braços;
- 16.<sup>º</sup>— Liso;
- 17.<sup>º</sup>— Máscara barbuda com trança na fronte e as mãos juntas por baixo do mento;
- 18.<sup>º</sup>— Cabeça de monge, esculpida em alto relêvo, com cercilho e tonsura;
- 19.<sup>º</sup>— Relêvo em forma de pinha imbricada;
- 20.<sup>º</sup>— Tríplice cilindro horizontal;
- 21.<sup>º</sup>— Máscara grotesca com a boca escancarada pelas mãos; este modilhão é o que coroa o cunhal do corpo da igreja.

O n.<sup>º</sup> 2 linearmente é assim: fig. 8.

Do outro lado da fachada, o modilhão correspondente a este último representa um animal com o focinho já mutilado e as patas dobradas por baixo do corpo. Na face do N. a segunda mísula ou cachorro, contando do transepto, tem esta configuração cordiforme: fig. 9.

Apoiando-se nesta cachorrada, alonga-se uma espessa arquitrave perolifera na aresta inferior; a sua robustez destoa do curto beiral de telhas comuns que ali se vê presentemente; o emprêgo do telhado romano de *tegulae* e *imbrices*, pesados artefactos cerâmicos, não estava ainda posto de banda para a cobertura das igrejas da época românica<sup>2</sup>.

Um instrutivo artigo do S.<sup>º</sup> Tito de Sousa Larcher, apaixonado defensor das antiguidades de Leiria, denunciou-nos que, na igreja

<sup>1</sup> Como na Sé Velha de Coimbra e em Vilar de Frades. Alguns dos confrontos que sugiro agora e adiante podem conferir-se na obra *A arte românica em Portugal* publicada pelo S.<sup>º</sup> Marques Abreu, do Pôrto.

<sup>2</sup> Na verdade só com uma dessas brutais telhas se pode explicar o episódio narrado nos *Port. Mon. Hist. (Scriptores*, I, II, 250). No tit. III dos reis de Castela lê-se: *Reynou depôs elle elrrey Henrique seu filho, e amdando trebelhando deu huum tigello em beyra de huum telhado e deu a telha a elrrey na cabeça de que morreo, esto foy na era de mill cclii annos.*

românica de S. Pedro e no velho castelo daquela cidade, ainda foram encontrados curiosos fragmentos das telhas empregadas que obedeciam, com pequenas

diferenças, ao sistema romano. Nas tégulas leirienses os rebordos eram um tanto inclinados para fora e na face inferior uma protuberância havia destinada a impedir

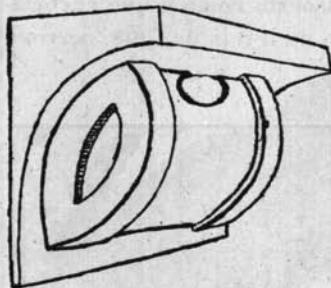


Fig. 8

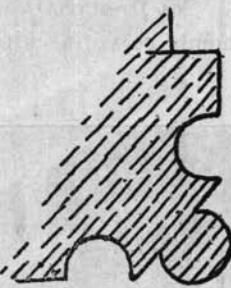


Fig. 11

que a telha deslizasse. O *imbrex* é que parece idêntico ao romano. (Vid. *Lusa*, IV, 10)<sup>4</sup>.

O pórtico da igreja de Santa Eulália, simples e sólido, afecta superiormente a forma regular dum arco de volta redonda, ornado dum rosário de contas ou pérolas, cravadas na aresta interna da única arquivolta que se apoia em impostas, também realçadas de bolas. As umbreiras, formadas pela silharia horizontal da fachada, têm um chanfro côncavo no ângulo externo, ao qual sucede na arcada superior um toro ou nervura cilíndrica, cujo belo relêvo é acentuado ainda por duas caneluras laterais côncavas com um senso artístico, a que não pode recusar-se vigor. (Fig. 10, e a secção da arquivolta na fig. 11).

Sobre o pórtico, a fresta rectangular, esguia e vertical, de aspecto defensivo e que, interiormente, alarga como sétiera de castelo. Nas

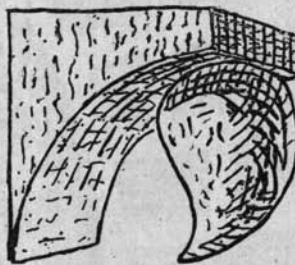


Fig. 9

<sup>4</sup> Referindo-se vários forais primevos aos *tegularii*, fabricantes de *tegulae* (em port. *teleyros*, *teieros*, *telleros* e *telias*, *telas* e *telhas*), o de Leiria (1142) não os menciona. Refere-os porém já o de 1195 e da vizinha Alcobaça (1210) e, como este, os de Santa-rém, Lisboa e Coimbra (1179), de Xira (1212), Ega (1231), Monforte e Midões (1257), Aguiar (1269), Vila Viçosa (1270) e Castro Marim (1277). Lé-se, pois, no de Leiria: *Et habitatores de lereina habeant libere tendas, fornos panis, scilicet et ollarum . . . Et de fornis de telia dent decimam.*

A protuberância dorsal conservava-se ainda nas velhas telhas de Sintra. (*O Paço de Sintra*, pelo Conde de Sabugosa, p. 166).

costas da oussia, há outra fresta-sêteira com a comissura superior em arco.

Na frontaria a corrente do sino, tal decerto como a que curiosamente se vê insculpida no próprio granito da igreja de Cete, correu

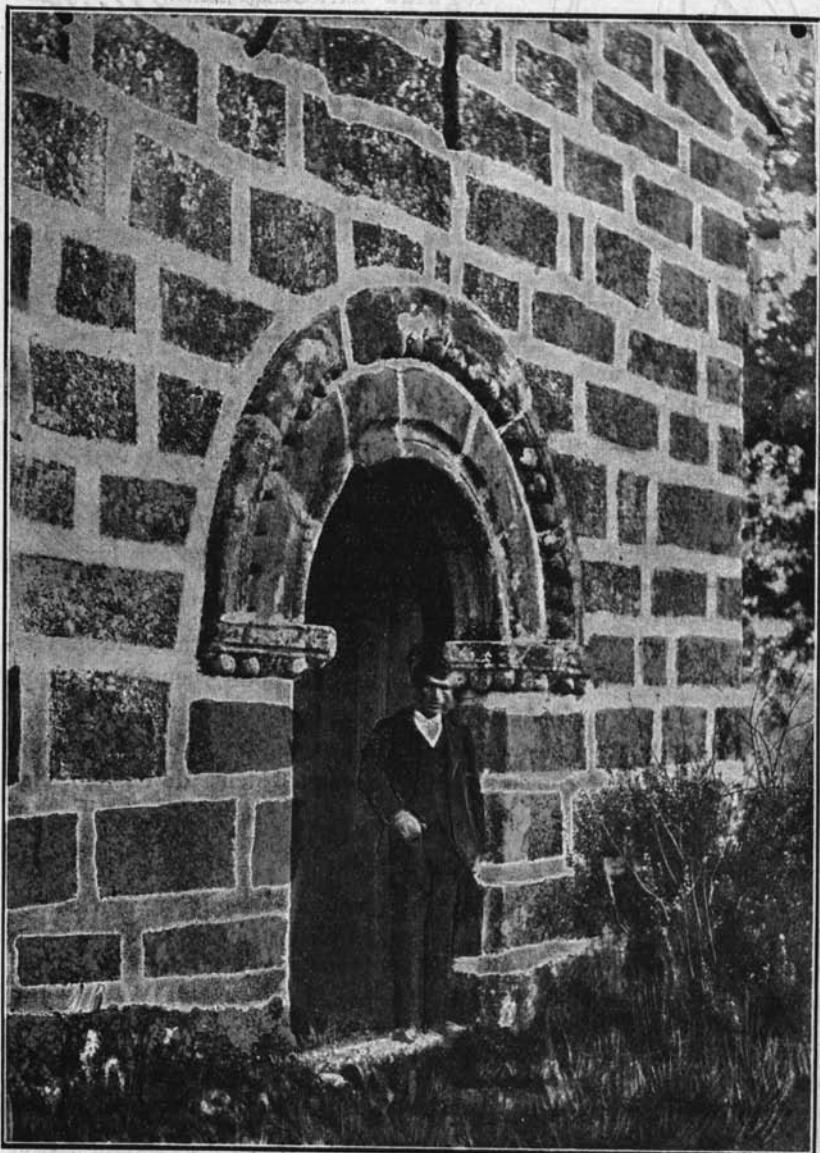


Fig. 10

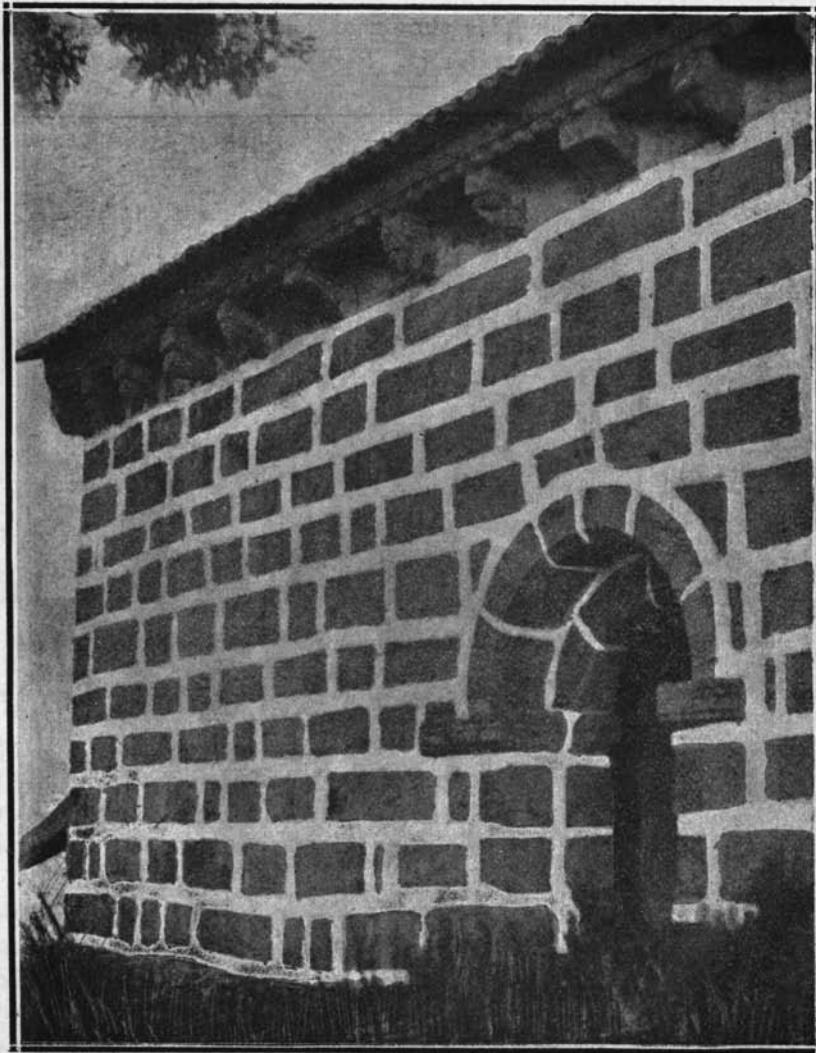


Fig. 13

a pedra, deixando um profundo e largo vinco que atingiu a arquivolta da entrada<sup>4</sup>, como ainda se descobre na mesma figura.

<sup>4</sup> A intenção do canteiro de Cete foi reproduzir uma corrente de ferro, uma *gramalheira* (assim se diz no Norte), como elemento decorativo. Aqui temos um antecedente longínquo dos cânones ornamentais da arquitectura manuelina.

As outras duas fototipias abrangem dois trechos sucessivos da mesma face meridional da igreja. (Figs. 12 e 13). Uma terceira,

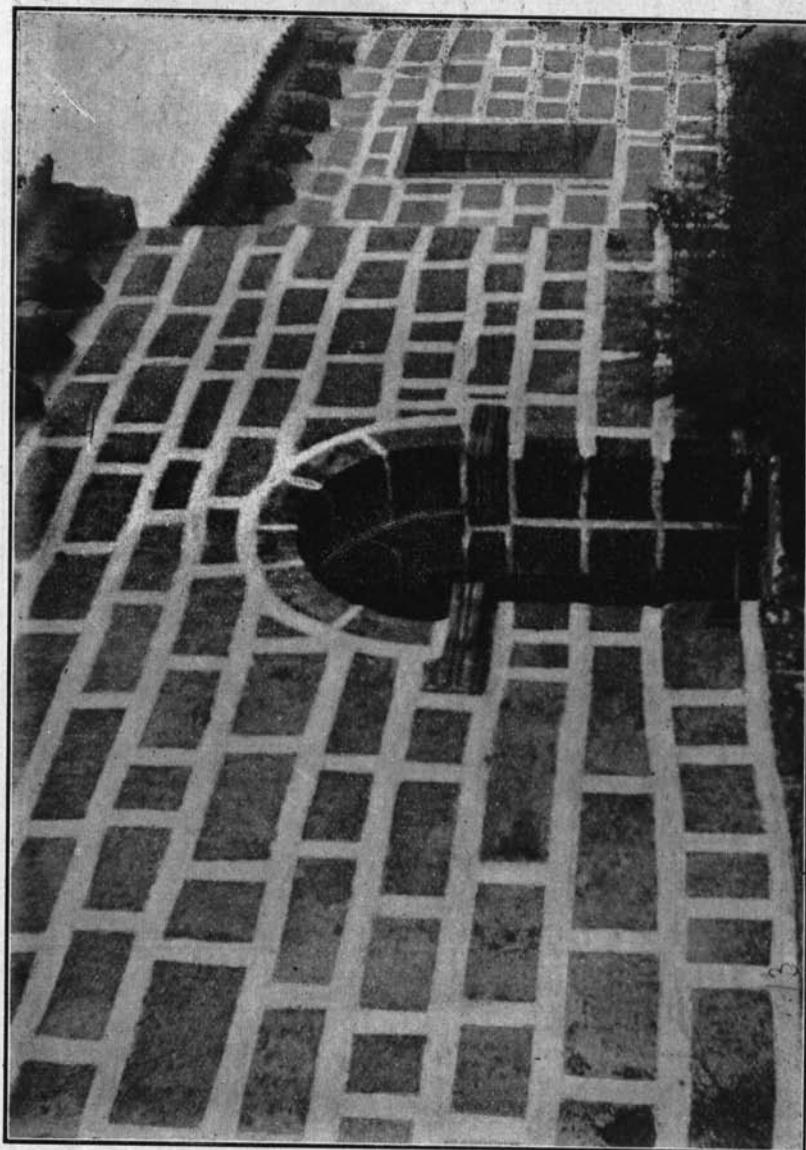


Fig. 12

reprodução de fotografia obtida com luz artificial, representa parte da cornija abrigada por uma construção contígua, do lado do N. (Fig. 14).

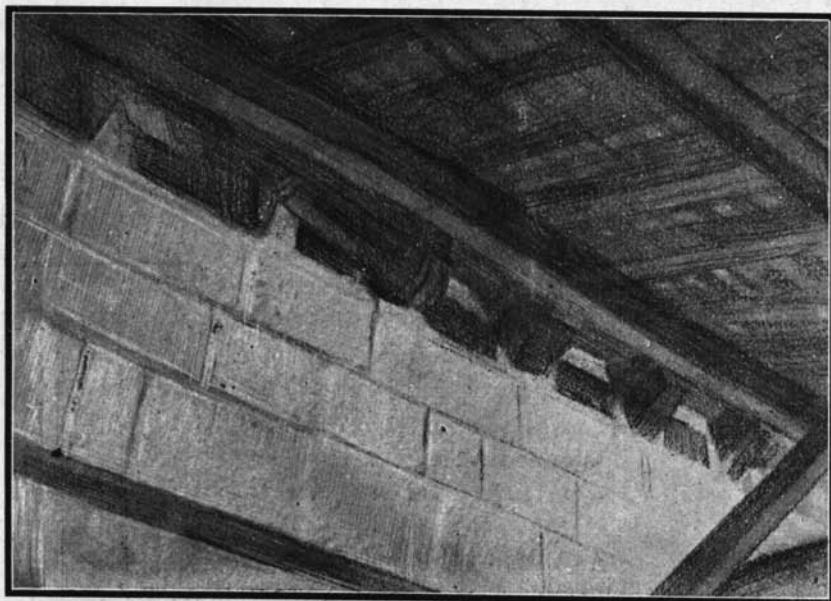


Fig. 14

Predominam os sinais cruciformes gravados nos silhares, na generalidade lisos; vê-se um na imposta esquerda do pórtico; na aresta chanfrada de uma das portas da igreja vê-se um signo, que chamaríamos ponto de interrogação. Na parede meridional vejo este da fig. 16.

Há outra marca que recorda um utensílio de pedreiro assentador, um nível de prumo, como ainda hoje se usa nestas províncias. (Fig. 15).

Nas empenas da fachada, nove contas ornam as arestas salientes de rampa, de cada lado, interrompidas, no alto, por um acrotério horizontal de cunhais aprumados, donde se ergue o campanário.

Este predomínio da ornamentação por meio de rosários de bolas exemplifica-se em bastantes exemplares românicos do país; por exemplo: na capela da Praça (Arcos de Valdevez)<sup>1</sup>, nas igrejas de Roriz (S. Firmino), Cete (Paredes) e Fontarcada (Lanhoso).



Fig. 15

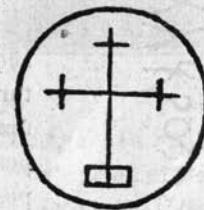


Fig. 16

<sup>1</sup> Vid. *O Arch. Port.*, xxi, 244.

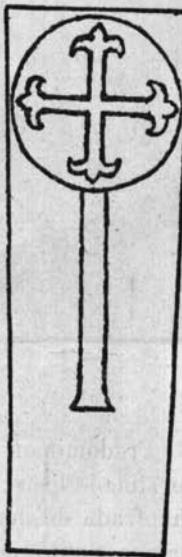
Dentro da igreja de Santa Eulália encontra-se um sarcófago em forma de arca, protegida por um arcossório, em cujas aduelas uma inscrição foi tóscamente gravada. (Fig. 17). É um cofre trapezoidal; na face superior e na cabeceira há uma cruz equilátera de braços flor-delisados inscritos em um círculo, d'este círculo descem d'ois longos traços incisos paralelos, com o ar de constituírem a haste da cruz; o conjunto simula uma cabeceira de sepultura com seu espingão. (Fig. 18).

As dimensões desta arca sepulcral são: comprimento: 2<sup>m</sup>,13; altura: 0<sup>m</sup>,87; largura dos topo: 0<sup>m</sup>,72 e 0<sup>m</sup>,65; flecha do arcossólio: 1<sup>m</sup>,08.

A epígrafe contém o seguinte:  
era d(e) mil e ccc centos xxx anos  
(e)st(ev)[o] l(ouren)ço abade esto  
mandou fazer<sup>1</sup>.

Estas paleografias provinciais Fig. 18  
são quase sempre curiosas, como esta em que a mistura de maiúsculas com minúsculas dá ao letreiro um aspecto um tanto bárbaro. Os três CCC desempenham aqui a função dum número cardinal anteposto à palavra *centos* que leio completa. O dizer da inscrição refere-se decerto ao conjunto do túmulo e do arcossólio que o abriga.

Sobre o cofre sepulcral colocaram a pia baptismal, como se vê na fig. 19, em forma de pesado caldeiro de granito; um orifício no fundo, em comu-



THE 17

Fig. 18

<sup>4</sup> Não me parece completa a leitura do Sr. P.º Manuel de Aguiar Barreiros nas suas artísticas *Egrejas e Capelas românicas da Ribeira Lima*, publicadas durante a gestação tipográfica do presente estudo. Confira-se a gravura com a minha leitura.

nicação com o sarcófago subjacente, é utilizado para esvaziar a tóscia piscina! O  $\alpha$  e o  $\omega$  liturgicos da vida de fiel cristão!

\*

Da margem direita do Lima dispus-me a passar à esquerda, transpondo o rio pela extensa ponte de tostada cantaria, que parte em duas a antiga povoação minhota. Sem embargo das mutilações

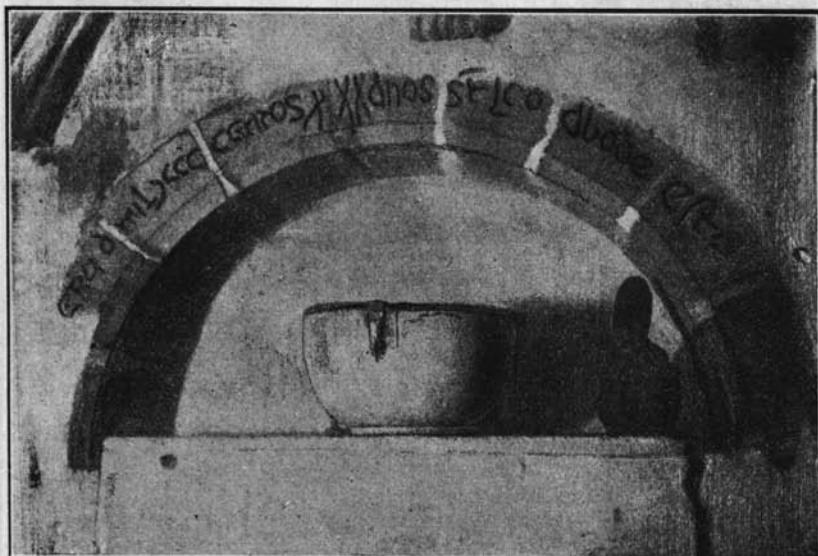


Fig. 19

sofridas, esta ponte é ainda um notável monumento. Quem a examinar, encontra nela uma parte romana e outra parte medieval. Esta ocupa uma extensão muito maior que aquela; os seus arcos são de ogiva e os tímpanos atravessados por olhais da forma de arcadas ogivais. É verdadeiramente um livro de pedra com a história da romântica vida.

Próximo da margem esquerda do rio, num pano da construção do lado de jusante, vê-se uma inscrição, com caracteres unciais, do tempo de D. Pedro I. Nela se comemorou não a construção da ponte, mas a do cinto de muralhas com as torres que lhe davam o carácter militar e que vergonha foi aparecer-se, uma em 1857 e outra em 1859 e 1862, segundo o que tenho visto informado.

Para aí foi ela do arco da Torre Velha, onde J. Pedro Ribeiro a leu (*Dissertações chronol. e crit.*, I, 379) e para o qual

remeto o leitor, advertindo-o porém de que, na transcrição daquele escritor, a data contém um lapso; é dar-nos LXXX em vez de LXXXX

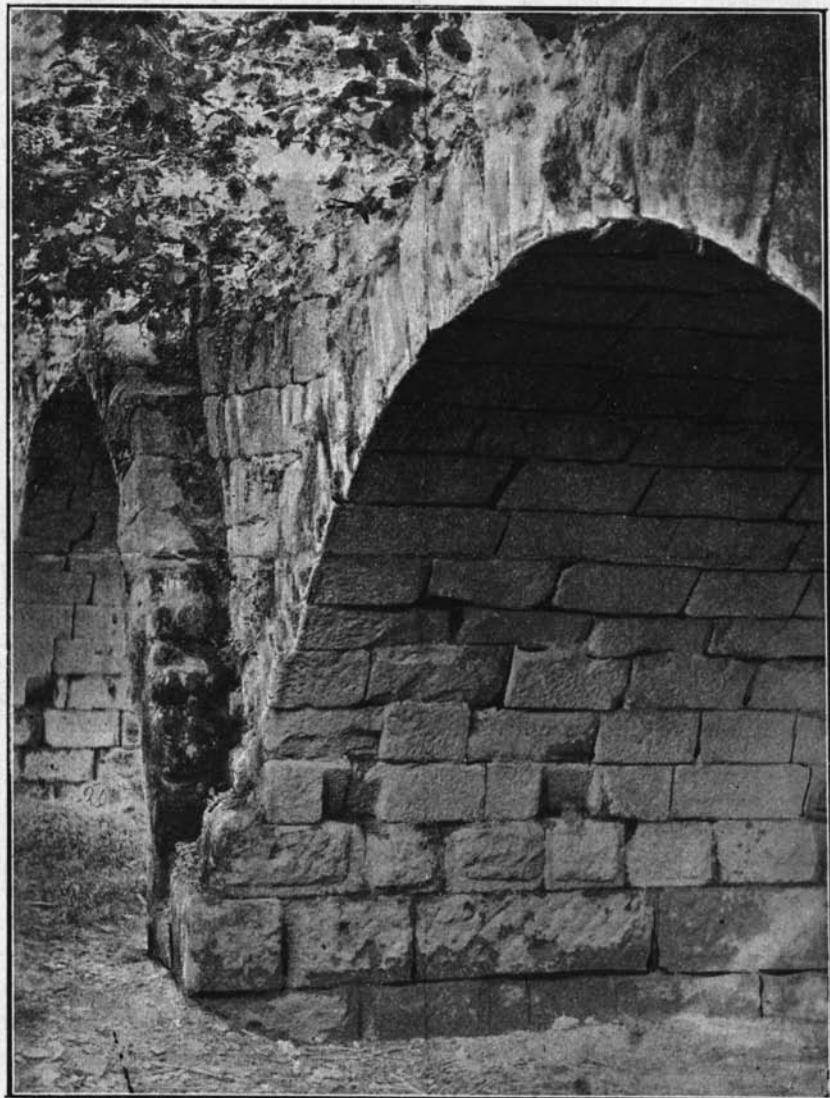


Fig. 20

(M.CCC.LXXXXVII) que é o que está na lápide, segundo me resenha o S.<sup>or</sup> P.<sup>e</sup> Cunha Brito em resultado de leitura e exame directo da

pedra<sup>1</sup>. Esta inscrição consigna que D. Pedro, na era de 1397, mandou cercar a vila (de muros), fazer as torres da ponte pelo seu corregedor Álvaro Pais; a pedra começou a britar-se (B'TAR) em 8 de Março e a fundar (o alicerçé) em 3 de Junho (ou Julho).

Os seus dizeres ocupam nove linhas; sete destas são mais curtas que as duas restantes; estas prolongam-se por baixo do escudo de armas a dezasseis castelos, descoroado. Para o autor referido devolvo, pois, os curiosos destas antigualhas, porque de facto não fiz dêsse importante letreiro uma leitura pessoal por falta de tempo.

Mas a notável obra de arte, a que me refiro, precisa de mais algumas palavras, porque ainda espera uma condigna monografia.

\*

Os últimos cinco arcos da ponte da margem direita do Lima são romanos característicos e autênticos; já o demonstrei na *Limiana*, n.º 2, de Agosto de 1912. São de volta redonda e de aduelas e silhares rusticados. Junto agora uma fotografia que obtive de favor. (Fig. 20). As pedras têm os vineos do *forfex*. São também de volta redonda os dois arcos mais próximos destes; o que por si só não prova que sejam romanos; pelo contrário, têm siglas como todos os restantes até a margem esquerda e a pedraria apresenta-se lisa.

É que têm sido erradamente considerados de fábrica romana os últimos sete arcos desta ponte; com razões seguras não faço tal juízo; romanos são só cinco; são esses os que não têm pedraria siglada<sup>2</sup>. Já depois que foi publicado aquele meu estudozinho, ape-

<sup>1</sup> Carta de 20 de Dezembro de 1916. «Se é esta a data em questão (pois me parece que na última linha também ha algo relativo a data) pode V. estar certo de que se trata da era de 1397 ou seja 1359 da era vulgar».

<sup>2</sup> O que é facto, é que nos silhares autênticamente romanos que tenho examinado, nenhum sinal lapidário vi; e os que já E. Hübner (*Arqueología en España*, p. 241) refere das muralhas de Tarragona, são por este mesmo autor classificados de ibéricos. O relevo lunuliforme que o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos encontrou na ponte de Vila Formosa (Alter do Chão) é um símbolo de intenção cultural e não de laboração, como as siglas. (Vid. *O Arch. Port.*, xvii, 222). Sem embargo, os romanos usaram declaradamente do sistema de marcar as suas cantarias, até na sua arquitectura primeva; e não só em Roma, mas até nas províncias, como por exemplo no norte da África, já em basflicas dos sécs. IV e V. E o que admira é que em Portugal não se tenha, que eu saiba, dado conta dessas gravuras (R. Cagnat e V. Chapot, *Manuel d'Archéol. rom.*, Paris 1916,

lido *Os Arcos romanos em Ponte de Lima*, fiz, em Novembro do mesmo ano (1912), nova inspecção a essa parte da ponte e medições, que ainda não tinha podido tomar e que me cumpre arquivar aqui.

Semanas antes da minha jornada, uma enchente colossal do Lima, «de manso feito irresistível braveza», tinha investido contra as guardas da ponte, precisamente no trecho romano, arrojando-as para o fundo. Explica esta preferência o facto do veio da corrente fluvial aproximar-se, nas ocasiões de cheia, mais da margem direita do que da esquerda, em consequência duma curva do álveo, a montante da ponte. Seria esse o leito normal da corrente na época romana.

Examinemos pois os cinco arcos do antigo *pons*, começando pelo primeiro da margem direita.

1.º Corda do arco: 6<sup>m</sup>,40; esta dimensão não é porém a da base ou afastamento dos rompantes da abóbada, visto que a areia erguera o leito, ocultando o nível do verdadeiro diâmetro e permitindo-me apenas medir uma corda, embora extensa.

2.º Diâmetro: 7<sup>m</sup>,30. Entre este arco e o seguinte, as fiadas inferiores da silharia são salientes, formando sapata.

3.º Diâmetro: 7<sup>m</sup>,90. Do lado de jusante falta a este arco a fiada terminal das aduelas; na base da abóbada e na parte interna mostra as cavidades ou agulheiros que serviram para o simples dos arcos; a boca dessas caixas é um quadrilátero mas as faces laterais são triangulares, o que dá à cavidade a forma interna dum estribo de caixa.

4.º Diâmetro: 9<sup>m</sup>,75. Só as aduelas são romanas, os timpanos são reintrantes e de época posterior, o que aliás sucede nos outros arcos. Na base do arco há também os agulheiros para as cabeças dos simples.

5.º Diâmetro: 11<sup>m</sup>,60. Só as aduelas são romanas, porque não são lisas mas almofadadas; conhecem-se ainda os vincos do *forfex*, que são de secção triangular e não afunilados.

I, 10). Não as vi na Idanha-a-Velha, nem na aludida ponte viária de *Abelterium*; não fala delas tampouco o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Vergílio Correia nos restos de Santana do Campo. As marcas de trabalho, nas cantarias medievais, podem estar ocultas na construção, por serem feitas antes do assentamento das pedras (e que o eram, mostra-o o facto de muitas letras estarem na construção, às avessas; veja-se J. M. Cordeiro de Sousa, *Marcas de Canteiro*, Lisboa 1928), e nem todos os artífices trabalhavam por tarefa, mas alguns de certo a jornal. (J. A. Brûtais, *L'Archéologie du moyen âge*, Paris 1900, p. 202). A ponte de Chaves só tem marcas nas pedras de reparação (*O Arch. Port.*, xxii, 165).

A largura dos arcos, na base, e portanto da ponte romana aproximadamente, é de 7<sup>m</sup>,20<sup>1</sup>; na de Alter do Chão, eu medi 6<sup>m</sup>,71 a 6<sup>m</sup>,93. (*O Arch. Port.*, xvii, 213).

Repare-se na progressão dos diâmetros desde a margem direita; a saber: 6<sup>m</sup>,40 (corda), 7<sup>m</sup>,30, 7<sup>m</sup>,90, 9<sup>m</sup>,75, 11<sup>m</sup>,60. Sendo o pé romano equivalente a 0<sup>m</sup>,30 e fazendo a redução, nota-se este compasso, pôsto de parte o 1.<sup>º</sup> arco: 24, 26, 32, 38 pés (desprezando fracções). ¿O *pontifex* romano teria cometido aqui uma infracção da harmonia estética dum monumento de arquitectura civil, fazendo arcos não iguais entre si?

Ocorre a hipótese de que, a uma progressão crescente dos cinco vãos desde a margem direita, e expressa em parte pelo algarismo 6, correspondesse uma progressão decrescente desde o centro para a margem esquerda, numa disposição simétrica; mas só uma desobstrução dos sedimentos arenosos que invadiram os pêngões dos arcos consecutivos ao 5.<sup>º</sup>, é que poderia responder a esta pregunta. Se assim fosse, ficaria talvez explicada a tradição de que a ponte medieval está construída sobre outra, ou melhor, sobre os pêngões de outra que as cheias tivessem arrastado<sup>2</sup>.

Daqui resulta ser pouco provável que a ponte romana tivesse apenas a extensão de 5 arcos. Mas outro corolário pode tirar-se: é que, acusando os arcos romanos da ponte um diâmetro horizontal sucessivamente maior a partir da margem direita, também mais ele-

<sup>1</sup> É digna de atenção a seguinte nota que tomei: Em duas fiadas horizontais, e na parte dos silhares que é saliente e tem portanto uma superfície horizontal, há duas séries de *covinhas* como as consideradas pre-históricas; contudo a mais antiga época a que estas podem pertencer é a romana. Pequenas e iguais nunca puderam ter sido feitas pela água; são obra humana. Está recolhida no Museu Etnológico Português (Belém) uma pedra romana com idênticas covinhas.

<sup>2</sup> Não seria a tentativa dispendiosa, porque bastaria um poço de sondagem junto de cada pêngão e talvez a dúvida se resolvesse antes de ser atingido o nível subterrâneo da água. Uma consequência poderia tirar-se desta pesquisa; era a averiguação da largura do rio na época romana. Daqui lembro aos pontelenses, cujo louvável espírito regionalístico se tem já distintamente manifestado, a constituição de uma Junta de defesa em prol dos monumentos do concelho; o que seria, só por si, um acto de reparação nacional devida pelo vandalismo que arrasou as torres militares da ponte mediévia.

Fig. 21

vadas deviam ser as flechas correspondentes a essas diferenças, o que equivale a dizer que os arcos eram sucessivamente mais altos.

É provável que o leito desta ponte acusasse essa forma de cavalete em vez da habitual horizontalidade das pontes romanas<sup>1</sup>, e assim a uma parte da ponte que tinha, suponhamos, 5 arcos sucessivamente mais altos a contar duma margem, deviam corresponder outros 5 cada vez mais baixos em direcção à margem oposta. O limite, aliás problemático, desta margem podia assim determinar-se com a fita métrica nas mãos.



Os silhares desta grandiosa obra no trecho mediélico estão marcados de siglas. Foram publicadas 102 em um artigo de Rocha Peixoto, de título «As siglas da Ponte», no *Almanaque ilustrado de O Comércio do Lima*, coordenado pelo S.<sup>or</sup> António de Magalhães para 1909, p. 217. O meu amigo e professor que foi do Liceu de Ponte de Lima, P.<sup>o</sup> J. M. da Cunha Brito, copiou ele próprio em 1908, a meu pedido, 159 siglas, inéditas em grande parte, com uma diligência, exactidão e trabalho dignos do maior elogio. Foi uma demorada tarefa, muito penosa e por vezes aborrecida. Têm porém singular mérito as cópias feitas pelo S.<sup>or</sup> P.<sup>o</sup> Cunha Brito, que é um exímio paleógrafo<sup>2</sup>, e a quem tributo o devido reconhecimento pela extremada dedicação com que correspondeu ao meu pedido. (Fig. 21).

Algumas destas marcas são verdadeiras siglas, ou letras, e é digno de nota que o carácter paleográfico de bastantes delas revela arcaísmo. Observei em pedras duma pequena ponte que existe no concelho dos Arcos de Valdevez, e que é perfeitamente datada por uma inscrição de caracteres góticos, sinais idênticos mas que, paleográficamente, deveriam recuar-se até a época visigótica; refiro-me à ponte de Cabreiro, que é do séc. xv<sup>3</sup>.

Outras marcas representam esquemáticamente utensílios ou ferramentas; por exemplo, cinco ou seis destas gravuras recordam chaves, e em uma capela românica daquele mesmo concelho (S. João

<sup>1</sup> Ainda hoje aí o pavimento da ponte não é horizontal.

<sup>2</sup> Bastará citar o seu estudo publicado em *O Arch. Port.*, xxI, 1, e xxIII, 8, e intitulado «Os pergaminhos da Câmara de Ponte de Lima».

<sup>3</sup> A ponte de Cabreiro fez parte de um estudo já publicado depois disto escrito na *Portucale* (1928, I, n.<sup>os</sup> 3 a 5), intitulado: *Pontes medievais nos Arcos de Valdevez*.

Baptista de Távora) encontrei precisamente uma marca idêntica. (*O Arch. Port.*, xxvii, 1).

Mas além destas, outras aparecem que não são letras, nem outras figurações mais ou menos conhecidas, como é o suástica, e contudo reproduzem-se em tempos e lugares distanciados; é possível que sejam esquemas de utensílios que hoje não reconhecemos facilmente; e doutra maneira como explicar esta coincidência? Chamou-me especialmente a atenção o signo da ponte de que me estou ocupando

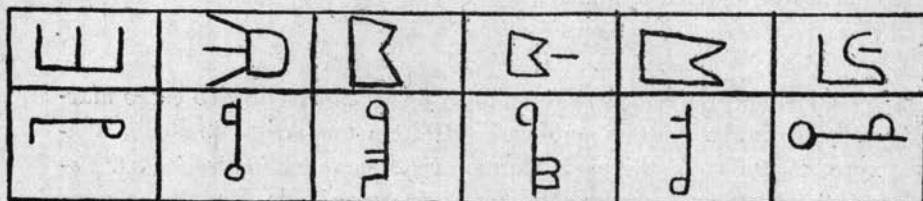


Fig. 22

(fig. 22, linha 1.<sup>a</sup>, n.<sup>o</sup> 2). Precisamente o mesmo traz Possidónio da Silva do castelo ou da igreja de Freixo de Espada-à-Cinta<sup>1</sup>. Ignoro o que seja.

Uma das letras que adquirem um aspecto, que dificulta por vezes o seu reconhecimento, é o *m* uncial, e contudo assim devem capitular-se as duas primeiras siglas da linha 8.<sup>a</sup> da fig. 21.

Mas a verdade é que a maior parte das marcas não corresponde a sinais alfabéticos<sup>2</sup>.

Além disto nota-se ainda, no dizer do Sr. P.<sup>e</sup> Cunha Brito, que, se há gravuras que se repetem com freqüência, outras aparecem uma só vez ou com extrema raridade.

<sup>1</sup> Podem ver-se mais elementos de confronto em Estácio da Veiga, *Antiguidades de Mafra*, est. vi, da igreja de Santo André; Borges de Figueiredo, *Revista Archeologica*, I, est. xix, da igreja primitiva de Odivelas; etc., etc.

<sup>2</sup> Em carta de 22-VIII-908 dizia-me o P.<sup>e</sup> Cunha Brito, ao tempo professor do liceu de Ponte de Lima: «No fim dos exames destinei dois dias para percorrer a vila de Ponte à busca dos sinais dos canteiros que construíram as antigas muralhas e a ponte. Aí lhe remeto o resultado desse trabalho, não pouco maçador e ainda menos cheiroso. Os arcos da ponte, grandes e pequenos, abrigam perfeitas cloacas... Copiei essas garatujas o melhor que pude. A pouca firmeza das curvas, sobretudo nas espirais, que no original são muito perfeitas, indica a nenhuma prática, ou melhor, a minha completa inaptidão para o desenho. As proporções das figuras, dumas

+	T	O+	H	L	P	O-	G	T
---	---	----	---	---	---	----	---	---

Fig. 23

L	O	A	G	H	L	O°	G	C
---	---	---	---	---	---	----	---	---

Fig. 24

C	C	C	S	S	S	8	8	C
O	O	O-	O	O	O	6	6	O
G	G	G	H	H	H	Y	Y	G
A	A	A	A	A	A	T	T	A
L	L	L	L	L	L	I	I	L
O	O	O	O	O	O	O	O	O
H	H	H	H	H	H	H	H	H
P	P	P	P	P	P	P	P	P
O	O	O	O	O	O	O	O	O

Fig. 25



Não é, porém, só na extensa ponte que se podem estudar os numerosos exemplares da gravura lapidar de laboração. As figs. 23 e 24 são glifos dos silhares da igreja matriz. A vila de Ponte de Lima foi um forte burgo muralhado desde D. Pedro I, e nas cantarias dos muros e das torres vêem-se ainda abertos no granito os sinais dos lavrantes medievais. Boa cópia dêles me ministrou também o meu amigo P.<sup>o</sup> Cunha Brito, percorrendo paredes construídas com silharia extraída das muralhas. (Figs. 25 a 28).

Não faço mais que reproduzi-los, porque lhes são aplicáveis as considerações que os da ponte me sugeriram. Não abundam também aqui as letras, o que aliás se coaduna com o analfabetismo dos artífices; hoje sucederia o mesmo... Um sino-saimão ou pentalfa, uma béstia, uma mitra, um esquadro de curvas, cruzes várias; uma figura obscena pelo menos, senão duas ou três de sexos diferentes; um candelabro; forcados de três dentes, erguem uma ponta do véu que nos oculta ainda bastante do que foi a alma desenfastiada e sarcástica da meia-idade<sup>4</sup>.

para as outras, são observadas regularmente. Inclui dentro dum rectângulo as figuras que se acham juntas na mesma pedra, principalmente quando pudesse haver confusão ou se pudesse pensar que eram figuras separadas».

E acrescentava: «Julgo ter descoberto na Torre da Expectação uma inscrição em cursivo contemporâneo da construção (séc. XIV). Fica para novo estudo».

<sup>4</sup> Vem a propósito uma valiosa observação do Reverendo Cunha Brito feita sobre as subscrições de iletrados em livros das vereações da câmara de Ponte de Lima. O primeiro dêsses calhamaços data de 1567. Há lá muitas assinaturas de cruz. Mas nem sempre os sinais são cruciformes; na verdade são estes os mais usuais. Encontram-se todavia outros de variadas formas e alguns que são iguais ou muito semelhantes aos dos canteiros nos silhares da ponte e das muralhas, apesar de serem poste-

*	+	۷	۱	۶	۵	۴	۳	۲	۱
۴	۷	۱	۶	۵	۴	۳	۲	۱	۰
۳	۷	۱	۶	۵	۴	۳	۲	۱	۰
۲	۷	۱	۶	۵	۴	۳	۲	۱	۰

Fig. 26

۰	۱	۲	۳	۴	۵	۶	۷	۸	۹
۰	۱	۲	۳	۴	۵	۶	۷	۸	۹
۰	۱	۲	۳	۴	۵	۶	۷	۸	۹
۰	۱	۲	۳	۴	۵	۶	۷	۸	۹
۰	۱	۲	۳	۴	۵	۶	۷	۸	۹

Fig. 27

A semelhança dos signos lapidares dá-se em edifícios distantes reciprocamente no espaço e no tempo; em monumentos espanhóis, por exemplo, não é difícil encontrar marcas de canteiros iguais às que ilustram este estudo; basta examinar a lámina I da *Historia de la Arquitectura cristiana española*, por V. Lamperez y Romea (Madrid 1908, I, 48). Dentro da mesma época, tratando-se de sinais alfabetiformes, a identidade dêles não pode, em todos os casos, corresponder a migrações dos operários; é uma coincidência que provém da própria natureza dos glifos; o que sucede ainda, é que a paleografia dos caracteres gravados na silharia reveste por vezes um aspecto de arcaísmo ou de sobrevivência, que estabelece um traço de união entre épocas distanciadas por alguns séculos<sup>1</sup>. São letras isoladas que talvez filhos aprendessem de pais em gerações sucessivas.

Sem embargo, julgo que merece uma atenção especial a destrinça paleográfica das siglas dos lavrantes, pois que não é crível que, em uma determinada construção, erguida e acabada sem interrupções, não haja um conjunto de letras que não corresponda justamente à cronologia da época, e assim a indicação ministrada por este elemento de cálculo é, ao lado doutras e devidamente ponderada, atendível para a caracterização de qualquer monumento antigo.

## \*

Na margem esquerda do Lima, a breve distância da vila, uma ermidação muito curiosa me prendeu comovido a atenção; erguendo-se junto do adro da igreja paroquial da Correlhã, tem por orago

riores alguns séculos a estes (Carta de 4-xi-910). É de admirar? Não. De analfabetos são decerto as marcas-sinais dos canteiros, as quais eram, assim diz o próprio Possidónio, como que a sua assinatura. (*Tous les artisans du bâtiment depuis le simple ouvrier jusqu'au surintendant des travaux, ont volontiers signé leurs œuvres: le tâcheron, qui dressait la pierre de taille, y gravait sa marque dans le but intéressé de faire constater la somme de son travail. Il traçait un signe quelconque bien reconnaissable et facile à exécuter rapidement, assez souvent des figures géométriques, la forme sommaire d'un outil, un chiffre, une lettre..... L'usage de ces marques remonte à l'antiquité byzantine et au delà.* Extracto do *Man. Arch. Franç.*, I, 71). Cf. com «Sinais quinhentistas», pelo D.<sup>or</sup> Vergílio Correia, in *Terra Portuguesa*, v, 8.

<sup>1</sup> «On aurait tort cependant d'appliquer à ces sigles les règles ordinaires de ce que l'on a dénommé la paléographie murale». J. A. Brütails, *L'Archéologie du moyen âge et ses méthodes*, Paris 1900, p. 203.

*Santo Abedão.* Esta construção é uma joiazinha românica de muito interesse e digna de todas as solicitudes para a sua conservação. (Fig. 29).

A planta do edifício é a costumada: dois rectângulos desiguais unidos por dois lados menores; o maior rectângulo é o corpo da igreja; o menor a oussia; na intersecção o arco cruzeiro.

O pórtico exibe duas colunas cilíndricas nos dois ângulos reentrantes, que as umbreiras formam à custa da própria espessura da

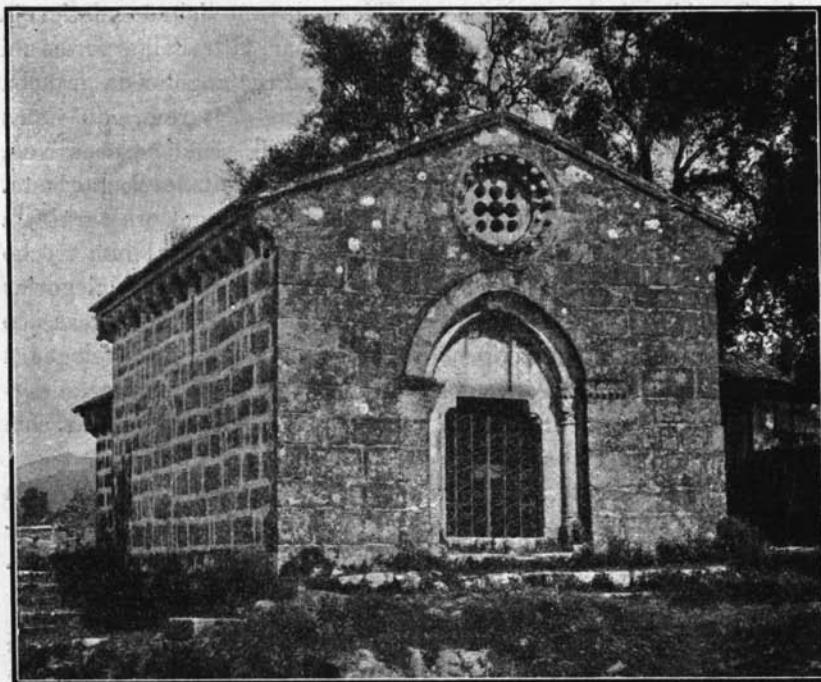


Fig. 29

parede. Sobre os capitéis poisam impostas ornadas na base, sendo a da direita levantada de bolas ou pérolas. O vivo da entrada conta na altura 1<sup>m</sup>,80; na largura 1<sup>m</sup>,35; e é limitado lateralmente, ele só, por umbrais que constituem a face frontal dos ângulos reentrantes em que se alojam os fustes das colunas e pela vêrga ou padieira horizontal do tímpano; nos cantos superiores deste vivo, o mestre construtor evitou a dureza do ângulo recto que aí existiria, colocando de cada lado uma imposta de bisel côncavo, adornado de enrolamentos.

O aproveitamento d'estes elementos construtivos para um efeito ornamental devia fazer parte dos manuais decorativos da época; obedeceu-se a essas indicações em mais edifícios, por exemplo nas igrejas de Rates (Póvoa do Varzim) e Gandara (Penafiel).

Sobre os dois capitéis das colunas e sobre as imposta das umbreiras, erguem-se dois arcos de cantaria de mero suporte, um d'elos faceado com a cortina da fachada e outro em plano reentrante; ambos desenham uma larga e assaz indecisa ogiva.

O tímpano é que foi alvo, no séc. XVIII, dum lamentável atentado. Considerado como obscena exibição por um visitador da igreja da Correlhã, em 1750 foi mandado esborcinar. O trabalho porém foi mais profundo. Reconhece-se ainda o encaixe rectangular da prancha ou tabela de pedra, cujas esculturas, depois de terem sido vistas com tolerância, talvez pelas gerações de seis séculos sucessivos, tanto escandalizaram o descabido rigorismo do visitador iconoclasta.

O vandalismo é tanto mais para lamentar, quanto era rara esta circunstância de se esculpirem figuras, acaso priápicas, num trecho arquitectónico, que costumava ser destinado a símbolos, alegorias ou outras representações sacrossantas. As esculturas impudicas não são raras nos edifícios religiosos da idade média, mas eram relegadas para as gárgulas altaneiras dos coruchéus. Foi uma mutilação perpetrada conscientemente, que o seu autor pretendeu justificar com razões bem ou mal aduzidas.

Infelizmente, neste assunto, nenhuma geração pode, com sã e boa autoridade, inventivar as que a precederam por estas haverem praticado vandalismos flagrantes<sup>4</sup>. Os malefícios são de todos os tempos.

<sup>4</sup> Aqui deixo transcritas as palavras dum capítulo do *Livro das Visitações* da freguesia da Correlhã, capítulo que corresponde à visita do ano de 1750, a fl. 127 v, agradecendo mais esta transcrição que o Rev.<sup>do</sup> Cunha Brito fez em tempo do seu professorado no extinto Liceu de Ponte de Lima. «Visitando a capella de S.<sup>to</sup> Abdam, vi e achei sobre a porta principal do mesmo santo hum simulacro de pedra que terá 4 grandes palmos de alto, todo absolutamente nu e com as partes inhonestas e impuras quasi de todo descobertas, porq. apenas tem a semelhança de hū pão lizo que lhe encobre a parte mais impura, deyxdando aos olhos manifestas as partes aderentes, o q. he obsceno, indecentissimo, e intoleravel em qualquer parte profana, q.<sup>to</sup> mais nos lugares dedicados a D.<sup>s</sup>; pelo que ordeno ao R. Par.<sup>o</sup> q por conta das esmolas, mande picar toda esta estátua, deyxdando a pedra, em que se acha levantada, liza e raza, ao que fará dar cumprimento em tr.<sup>o</sup> de vinte dias, pena de suspensão».

Sobre o pórtico recorta-se um espelho de pedraria, do qual não abundam tipos em Portugal. A zona periférica desse vão está preenchida com duas séries concéntricas de bolas engastadas em uma larga faixa embusinada. O centro não é porém radiado; tampouco se pode dizer de tipo concéntrico exactamente. Uma delgada placa circular de granito alumada de seis olhais ou orbículos, dispuestos os cinco maiores crucialmente e os quatro menores a cantonarem a cruz, constituem o curioso óculo frontispicial desta ermida. O granito dessa linda peça é mais claro que o da silharia adjacente, talvez por menos exposto à intempérie; o mesmo sucede ao mais abrigado do pórtico.

Sem embargo da pouca vulgaridade desse espelho ou rosácea, alguns exemplares há desse tipo de ornamentação orbicular. Nas igrejas de Vilarinho (Vizela), de S. Vicente de Sousa (Penafiel) e de Barrô (Resende), todas da zona granítica do Norte, encontram-se réplicas do mesmo modelo. No conceito de *Lamperez y Romea*,

ele precede evolutivamente o tipo radiado, de que nos dá tam formoso exemplo o velho mosteiro de Santa Maria de Ermelo (Arcos de Valdevez).

A frontaria da capelinha de Santo Abedão é rematada superiormente pela empêna do telhado de duas águas, sem campanário, com os curtos prolongamentos laterais, que desenham o balanço dos cachorros, por baixo do beiral. Resta-me dizer, quanto ao seu exterior, que ainda se vêem siglas dos canteiros em alguns silhares. (Fig. 30).

Não sei por que milagre, este templozinho românico abriga ainda lá dentro o seu primitivo e original arco cruzeiro, o que produz uma confortante surpresa a quem pela primeira vez entra na capela, quasi resignadamente disposto a presenciar mutilações arquitecturais.

Deminutos fustes de colunas perfilam o vivo dessa intersecção do corpo da igreja com a oussia, sobrepujados por enormes capitéis, que por seu turno sustentam uns ábacos monstruosos com o ar de mísulas. Dêstes emerge a arcada da curva hesitante entre os arcos de meio e terceiro ponto. A fotografia original da fig. 31 reproduz imperfeitamente as particularidades desses capitéis, mas o contorno do arco exprime suficientemente o carácter arquitectónico desse elemento de construção.

Se um dia nefasto vier, em que este arco primevo e evocador seja sentenciado como incompatível com um século de farta claridade

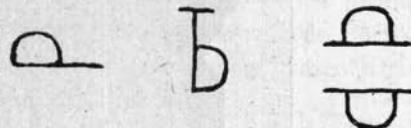


Fig. 30

e seja substituído por outra abertura mais ancha e civilizada, não se esqueçam de gravar no fecho a data em que se perpetrar esse inteligente melhoramento; merece conhecê-la a posteridade reconhecida. As duas figs. 32 e 33 representam, aquela a vêrga da porta

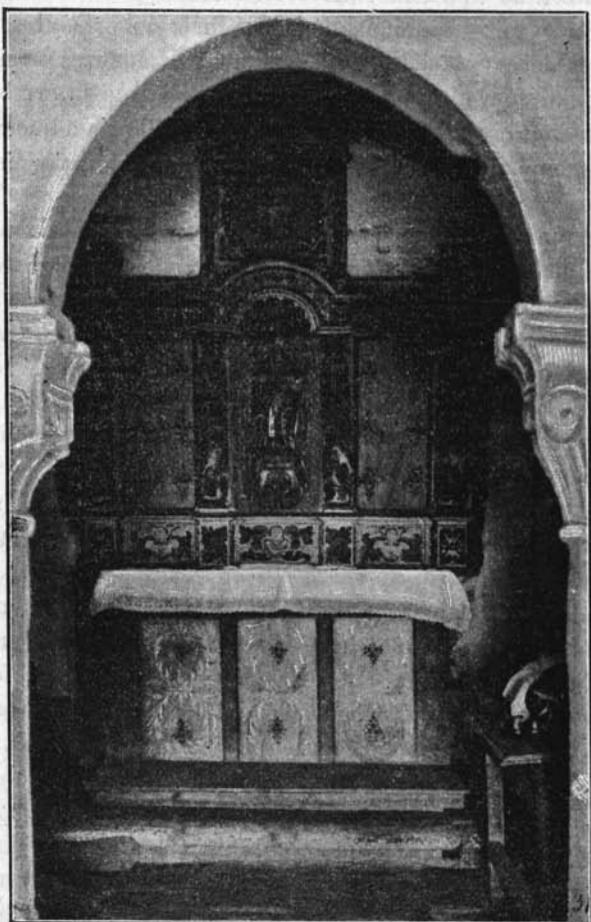
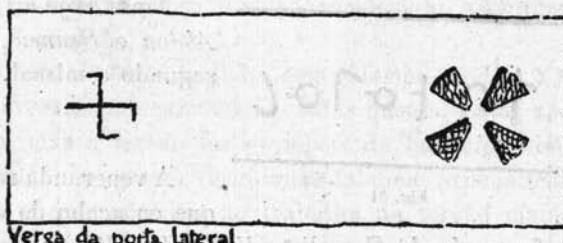


Fig. 31

lateral e esta um modilhão, cujos relevos o simbolismo cristão cincelou tam expressivamente. Um peixe que, se algumas vezes é um dos símbolos do Salvador ( $\chi\thetav\varsigma$ ), é mais freqüentemente o dos próprios fiéis; envolvido nas dobras irresistíveis de uma serpente, não pode aqui ser interpretado senão como a alegoria do cristão e do demónio, que o cinge e estrangula. (Vid. D. H. Leclerc, *Manuel d'Archéologie Chrétienne*, II, 379).

*S.º Abedão e S. Sennes* foram dois mártires sacrificados em uma perseguição aos cristãos, desenrolada no consulado do imperador romano Décio em 250 ou 258. Se bem que originários do Oriente, a execução destes dois cristãos realizou-se em Roma, e presume-se que o lugar do martírio teria sido nas proximidades do Coliseu daquela cidade, pois que aí se lhes levantou uma igreja, que parece ter-se conservado pelo menos até o



Verga da porta lateral

Fig. 32

pontificado de Pio V. Depois do martírio, os seus corpos foram recolhidos em catacumbas do cemitério de Ponciano, via de Pôrto, nas quais os dois mártires estavam representados em fresco atribuído aos sécs. VI-VII; a iconografia dessa pintura não se relaciona, nem pouco nem muito, com a da imagem que se vê no retábulo da ermida e que a fotogravura representa. Depois de Constantino, foi edificada em sua honra uma basílica por cima daquelas catacumbas, sendo os seus corpos trasladados para o novo templo. Actualmente, nem da igreja primeira, nem desta basílica restam vestígios alguns<sup>4</sup>.



Fig. 33

Em todo o caso, como se explica o culto de santos orientais com ermida própria neste recanto ocidental, talvez em época bastante anterior à construção da sua ermida? Será admissível que este facto, aparentemente de exclusiva índole religiosa, possa corresponder a uma das modalidades que as influências bizantinas na península teriam revestido no princípio da idade média. Por outro lado, afirma o preclaro arqueólogo romano *De Rossi* que, na antiguidade, não se dedicavam basílicas ou oratórios aos santos de que não se possuíssem relíquias; ora Santo Abedão

<sup>4</sup> Consultei para estas notas a seguinte bibliografia: *Dict. des Antiquités Chrétiennes*, par l'abbé Martigny; *Manuel d'Archéologie Chrétienne*, par D. H. Leclerc, I, 578; e principalmente o *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne*, par D. F. Cabrol & D. H. Leclerc, s. v. *Abdon; Flos Santorum...*, por Fr. Diogo do Rosário, II, 273 (Lisboa, MDCCCLXVII).

1<sup>o</sup> 6<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> 1

1<sup>o</sup> 6<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> 1

Fig. 34

foi martirizado em Roma e aí se conservou o seu corpo; a vinda de relíquias deste mártir para a nossa região nada tem pois de inexplicável<sup>1</sup>. Ainda hoje a Igreja reza dos Santos *Abdon* e *Sennen* no dia 30 de Julho, segundo o missal.

\*

A veneranda relíquia arquitectónica, que eu acabo de descrever, pertence à freguesia da Correlhã (*Villa Corneliana*), de cuja matriz está separada pelo cemitério actual. No adro desta igreja, verifica-se o antiqüíssimo costume de sepultar os fiéis na contiguïdade das igrejas<sup>2</sup>; como em Lourosa, vêem-se ainda as respectivas sepulturas ou pias;

I H E R A . 1 . ( ~ Y U / / / / J ~ )

Fig. 35

debaixo dum cruzeiro do mesmo adro estão à vista as cabeceiras de duas sepulturas escavadas na própria rocha; quanto à sua forma, ambas perfilam ombros e cabeça humana, assim:

Nos degraus deste cruzeiro há uma inscrição em duas linhas, podendo talvez ler-se na primeira a data de *a(anno) 1<sup>o</sup> 6<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> 1*. Não sei ler a segunda linha. (Fig 34).

Também é para mim incompreensível a data gravada na vêrga da porta lateral e que copiei para a fig. 35.

Julguei digna de registo, por bela, a cruz equilátera inscrita em uma coroa de pérolas, que a fig. 36 representa.

Em uma capela de Santo António, no lugar da Tôrre, destes sítios, vê-se recortada na almofada da porta uma curiosa roseta flamejante, que não admiraria encontrar nalguma escultura castreja; a fig. 37 reproduz o desenho que tracei à vista do original.

<sup>1</sup> Vid. *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, par D. F. Cabrol & D. H. Leclerc, s. v. *Aliscamps*, p. 124.

<sup>2</sup> Cf. *L'Architecture Romane*, par E. Corroyer, p. 168.



Fig. 36

\*

Uma das mais curiosas obras de arte que vi nas minhas *Jornadas*, é a que reproduzo pelo desenho da fig. 38. Chamo-lhe conscientemente obra de arte e julgo poder considerá-la exemplar de raridade hoje em Portugal.

É uma estante portátil de ferro forjado, com a forma de dois X unidos por quatro travessas nas extremidades das hastes. Estas são parcialmente torcidas, mas a torsão fez-se depois da barra prismática de ferro ser dividida em quatro verguinhas também prismáticas de secção quadrada, o que permitia ao trabalho da torsão maior maleabilidade no ferro e melhor acesso do fogo às zonas centrais da barra.

As hastes de cada um dos X são móveis na intersecção por meio dum eixo, que termina do lado externo por uma grossa cabeça circular de prego, separada daquelas por um disco ou arandela discóide; no lado oposto há outro disco em que está cravada a outra extremidade do eixo. Cada uma das hastes dos X não representa uma linha recta sem solução de continuidade, como poderia parecer à primeira vista; mas, no ponto de intersecção, cada haste sofre um pequeno desvio angular dentro do mesmo plano, desvio que tem por fim tornar possível a perfeita junção das duas hastes uma sobre a outra, num só plano, quando se pretenda fechar a estante para a transportar ou guardar. É um habilidoso artifício, mas característico destes artefactos de serralharia antiga.

As quatro hastes não são de igual comprimento, senão duas a duas entre si, sendo mais curtas aquelas cuja extremidade superior está à frente. Estas terminam por duas cabeças de animal, forjadas com grande perícia, e parecem representar um focinho canino, ao qual porém já faltam as orelhas, restando as pequenas cavidades onde haviam sido rebatidas.

As hastes, que têm a sua extremidade superior voltada para trás, terminam em cabeças de prego, cónicas. Na zona, que está junto do eixo, as hastes são prismáticas; na zona restante são cilíndricas ou torcidas. Os pés são espalmados e voltados para fora, isto é, cada par em direção oposta.



Fig. 37

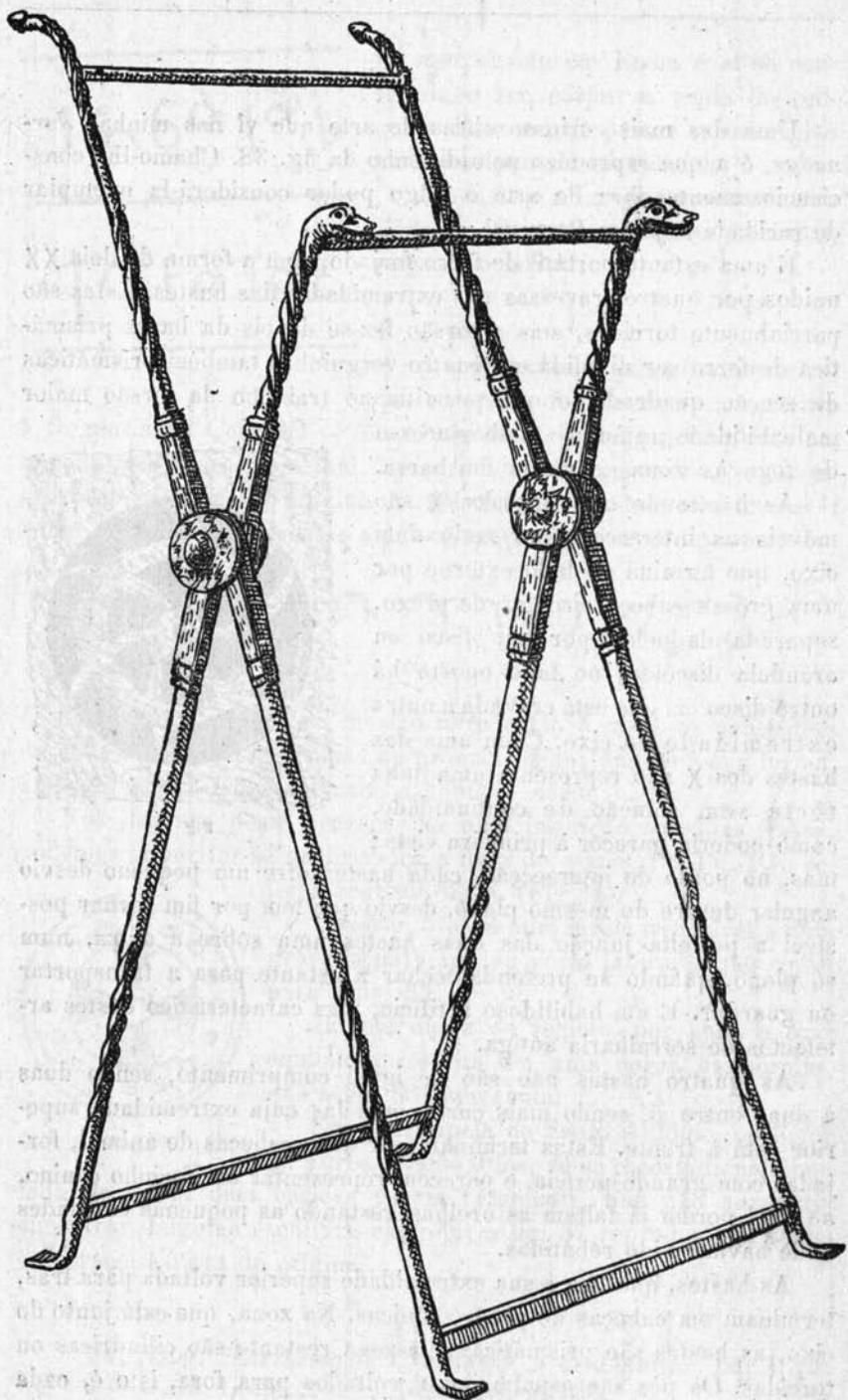


Fig. 38

Todo este artefacto está impregnado dum sentimento de arte um tanto rude, mas sincera e atraente. É óbvio que o que dêle existe é a armação de ferro; para a sua utilização, as travessas superiores deviam estar ligadas por uma larga cobertura de cabedal ou de tecido espesso, sobre o qual seria lançado um pano, mais ou menos rico, de missal.

Além do seu significado artístico, esta peça do mobiliário litúrgico das nossas igrejas, destinada à leitura do Evangelho da missa solene, tem o mérito da sua rareza e antiguidade; pode plausivelmente considerar-se dos sécs. XV-XVI.

## \*

Tendo-me interessado vivamente este espécime da antiga serralharia portuguesa, sinto não conhecer, afora aquele que descrevo, mais do que outro idêntico e é o que está exposto no Museu Machado de Castro, em Coimbra. Mas antes de confrontar entre si os dois exemplares portugueses, vou referir-me aos estrangeiros que podem cotejar-se com os nacionais.

Em Viollet-le-Duc, por exemplo, encontra-se a descrição duma estante do mesmo tipo, existente no Museu de Cluny e que é atribuída ao séc. XV (*Dict. raisonné du mobilier français*, s. v. *Lutrin*). A parte torcida está porém nas travessas superiores, mas o jôgo do eixo é exactamente igual ao da estante minhota, o que demonstra que o processo estava generalizado na arte da serralharia; o remate das hastas é, no espécime francês, um florão. Mas, sob a palavra *Landrier*, vê-se um remate rigorosamente idêntico ao da nossa estante, constituído por uma cabeça de animal (escreve Viollet-le-Duc) muito bem forjada e soldada na haste; este móvel existe na igreja de Vezelay e é atribuído ao séc. XV.

Na catedral de Narbonne, encontrou Didron Ainé uma estante portátil em X singelo de ferro, e pertencente a este tipo, se bem que seja uma variante, pois que as duas únicas hastas dela, incapazes por si de darem equilíbrio ao artefacto, bifurcam-se em ansa na base e em garfo munido de travessa no cimo, para receberem uma cobertura de coiro, onde pousava o missal para a leitura da epístola e do evangelho. O autor atribui ao sec. XIV este móvel de ferro forjado. (Didron Ainé, *Manuel des œuvres de bronze et d'orfèvrerie du moyen âge*, p. 138).

Na obra de E. Barberot, que possuo, intitulada *Histoire des styles d'Architecture* (Paris 1891, vol. I, p. 352, fig. 426) desenha-se um remate de ferro forjado, que me permito reproduzir, não só para

pôr em confronto a sua completa analogia com os da estante de Ponte de Lima, como para comprovar o destino dos orifícios existentes no mesmo exemplar; neles se fixavam as orelhas do animal. (Fig. 39). E. Barberot atribui ao século da arte gótica em França, ao séc. XIII, esta peça. Na fig. 40 reproduzo uma das cabeças da estante minhota, com a mutilação das orelhas.



Fig. 39

— Ser-me há permitido recuar até o séc. XIII, ou sequer até o séc. XIV, ao intentar uma atribuição cronológica para a curiosa estante minhota?

Há na catedral de Braga umas reixas de ferro, que protegem o túmulo do Príncipe D. Afonso e em que as barras ou balaústres, prismáticos na metade inferior, são torcidos na metade superior pelo processo quadrifido; esta particularidade pode reconhecer-se na própria ilustração que acompanha o correspondente artigo do S.<sup>or</sup> Joaquim de Vasconcelos na *Arte Religiosa em Portugal* (vol. I, fasc. III). Sabe-se que essas grades foram forjadas em 1527.

Quem visitar o importantíssimo museu conimbricense de Machado de Castro encontrará uma estante de ferro como a de Ponte de Lima, mas no rótulo apenso inscreveu-se, sem outro esclarecimento, a data de 1702. A forma duma e outra estante é a mesma; apenas algumas travessas da de Coimbra têm molduras como os balaústres

do séc. XVI; as cabeças de animal diferem porém um pouco na factura que, no exemplar coimbrão, é menos bárbara e mais boleada do que no limiense. Confesso que aquele não me deixou a impressão de atingir o séc. XVIII, se bem que na infância dêste, mas a de ser mais antigo; a analogia do trabalho da estante de Ponte de Lima com o das reixas da sé bracarense, datadas do primeiro quartel do séc. XVI, e com o dos exemplares franceses, permitem-me afoitamente que date aquela dum período que abrange os sécs. XV-XVI, até que algum argumento positivo ascenda estes artefactos ao séc. XVIII, da estante do museu de Machado de Castro. O nosso Possidónio da Silva atribui também ao período ogival estes artefactos. (*Resumo elementar de arqueologia cristã*, p. 338).

Os autores portugueses são concordes em reconhecer que os trabalhos do ferro artístico adquiriram grande desenvolvimento em Es-



Fig. 40

panha. Presume o ilustre arqueólogo, S.<sup>or</sup> Joaquim de Vasconcelos, que Braga seria um centro de fabricação em voga. Mesmo no Sul do país, tenho eu encontrado alguns modelos interessantes de ferragens (Óbidos, Estremoz) e um dia os publicarei<sup>1</sup>.

Estes trabalhos de serralharia artística conservam o vestígio das marteladas que os afeiçoavam e que o braço do serralheiro vibrava inteligentemente no ferro esbraseado, tal como a obra de pintura ou de escultura revela, no toque do pincel ou no golpe do escopro, a mão que a criou e o sentimento que a animou; e é por isso que devemos ter por estes artefactos a mais entranhada admiração e um aprêço sincero e patriótico.

O que é de notar, é que este tipo de estante portátil ainda se encontra em catedrais e outras igrejas, mas a madeira substituiu o ferro; em todo o caso, estas últimas estantes, apesar de serem ainda usadas, é que me têm parecido do séc. XVIII.

\*

S. Julião de Freixo é uma freguesia do concelho de Ponte de Lima; no seu âmbito há ruínas dum castro que não visitei, mas de que me deu notícias muito aproveitáveis o Rev.<sup>do</sup> M. J. da Cunha Brito em cartas datadas de 28 de Dezembro de 1909, 4 de Novembro de 1910 e 13 de Janeiro de 1911. Três mamoas também lá identificou aquele meu ilustrado amigo. Em primeiro lugar, no alto da estação arqueológica, há uma capela de S. Cristóvão; já esta circunstância é digna da maior atenção, porque quase sempre significa a cristianização dum lugar, onde um antigo culto pagão atraía as populações.

Mas há bastantes anos (antes de 1909), quando se procedia à construção da estrada que conduz àquela capelinha, foram encontradas grossas contas ovóides<sup>2</sup> de vidro com camadas concéntricas

<sup>1</sup> Parece que o ferro medieval, que era repetidas vezes forjado e batido, adquiria qualidades de maleabilidade que hoje não possui; e que o carvão de madeira, exclusivamente empregado então, contribuía para vencer dificuldades de fabrico, que actualmente causam a admiração dos técnicos. Veja-se *Dict. raison. d'Archit. française du XI<sup>e</sup> au XVI<sup>e</sup> siècle*, par M. Viollet-le-Duc, s. v. *Serrurerie*; *Arte Portuguesa* (1895), por G. Pereira e E. Casanova, *passim*; *Estudos Eborenses (Evora Romana)*, por G. Pereira; *Figuras Gradas*, por J. Queiroz; *O Arch. Port.*, XI, 61.

<sup>2</sup> Foram adquiridas pelo já falecido e erudito médico de Ponte de Lima, D.<sup>or</sup> Oliveira.

multicolores; a perfuração é no sentido do maior diâmetro. Destas, uma foi cedida ao autor das cartas acima mencionadas, que com ela brindou o Museu Etnológico (n.º de entrada 2:117). É essa que a fig. 41 representa, e mede 0<sup>m</sup>,32 × 0<sup>m</sup>,20.

Estas contas pertencem a um tipo de que ainda hoje não se conhece, exactamente, nem a procedência nem a antiguidade. Tem aparecido em Portugal, em Inglaterra, nos países escandinavos, na América do Norte e do Sul. São sempre iguais na sua contextura, compostas de camadas das mesmas cores e de forma canelada, de modo que, nas extremidades, que representam uma secção oblíqua, aparece o aspecto estelar com o mesmo número de ângulos brancos (12). Como se vê na gravura, tais contas têm a forma sub-ovóide aparentemente, mas, examinadas com atenção, elas são realmente cilíndricas e os extremos chanfrados em 6 facetas muito obliquas. Na zona cilíndrica, mostram uma cor azul profunda, à qual se segue, visível nas extremidades, uma camada subjacente de cor vermelha escura, separada da anterior por um filete branco, opaco em toda a volta. Este filete, bem como a zona vermelha, em vez de apresentar uma forma circular nos planos chanfrados, aparece com aspecto de zigue-zague, em consequência das camadas interiores serem caneladas longitudinalmente. A estas camadas sucedem-se outras subjacentes de cor esverdeada, com análogos filetes brancos separativos e, ao centro, o canalículo de enfiar. São, portanto, todas da mesma origem, que parece ser o antigo Egipto. Só varia o tamanho, porque as há maiores que nozes e menores que avelãs.

Como vieram parar ao nosso país? Suponho que as incursões dos Normandos as trouxeram, nos séculos IX e X, se bem que estes piratas escandinavos as adquirissem no seu país, não por serem aí fabricadas, mas porque lhes tinham sido comerciadas pela estrada do Mediterrâneo, conhecida e praticada desde épocas pre-históricas. Supõe-se que foram êsses mesmos navegadores escandinavos que as levaram à América do Norte em época pre-colombiana<sup>4</sup>.

Todas as contas policromicas com desenho de zigue-zagues brancos, que têm sido encontradas em Portugal, têm-no sido próximo

<sup>4</sup> Veja-se o jornal inglês *Archaeologia*, vol. XLV, p. 297, no artigo intitulado «On Glass Beads with a Chevron Pattern», por John Brent (1880). No dia 8 de Novembro de 1928 tive a honra de ler à 2.ª Classe da Academia de Ciências de Lisboa uma comunicação sobre este assunto, expondo uma hipótese sobre a intervenção dos Normandos na disseminação destas contas em Portugal.

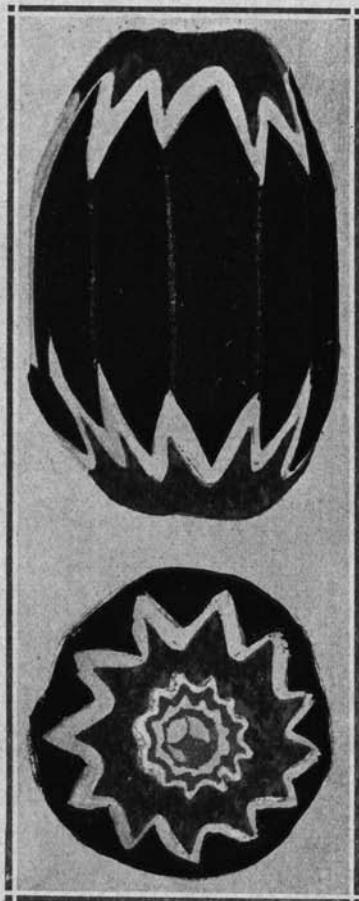


Fig. 41

do litoral ou dos rios e, como em toda a parte, em condições que nada revelam, quanto à sua antiguidade. São verdadeiros objectos perdidos. O que é facto para ponderar, é que todas têm o mesmo número (12) de zigue-zagues de vidro branco opaco e a mesma disposição de côres; o que tudo revela a unidade de origem.

No passal da freguesia existem dois túmulos de pedra, que estão servindo de tinas para água de lavar, à bôea de um pôço. São trapezoidais, de lados curvilíneos como algumas de tijolos; os lados

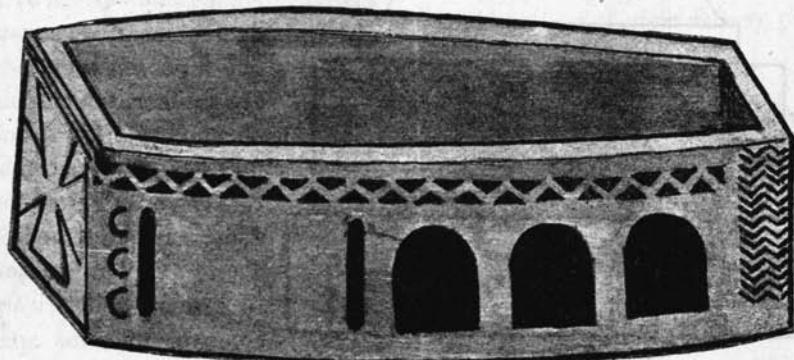


Fig. 42

e topos exteriormente ornamentados, vendo-se nestes cruzes equiláteras. O desenho que junto (fig. 42) é a reprodução do que se obteve na própria freguesia da mão de um solícito curioso.

Para terminar, com alguma cousa boa, arranco dum livro de Ramalho Ortigão, *O Culto da Arte em Portugal*, este conceito que ainda deve aplicar-se ao séc. XX:

«O século XIX, se, com a impotência de continuar a obra monumental dos séculos que o precederam, acumulasse a incapacidade de compreender e de venerar essa obra, representaria um pavoroso retrocesso na história». Felizmente que assim não é.

Em reforço d'este conceito exacto, é que julguei fazer obra meritória, dando à estampa as notas de algumas antigas *Jornadas* minhas pelos arredores da Ponte de Lima, uma das mais lindas vilas de Portugal e das mais instrutivas e atraentes para o arqueólogo.

Dezembro de 1924.

F. ALVES PEREIRA.

### Sepultura de Galla

Como se disse n-*O Arch. Port.*, 1, 221, o Museu Etnologico explorou, em 1895, no areal de Troia de Setubal, uma sepultura romana em que apareceram varios objectos. Nesta sepultura havia

uma inscrição, publicada *ibidem*, pp. 55-56, e nas *Religiões*, III, 370, da qual inscrição consta que a pessoa sepultada era mulher, falecida de 35 anos (*Galla*), e que fôra seu desdito marido (*Hypnus*) quem lhe dedicára o monumento. Tanto a lápide, em que se gravou a inscrição, como os objectos apreciados, vieram para o Museu por generosa

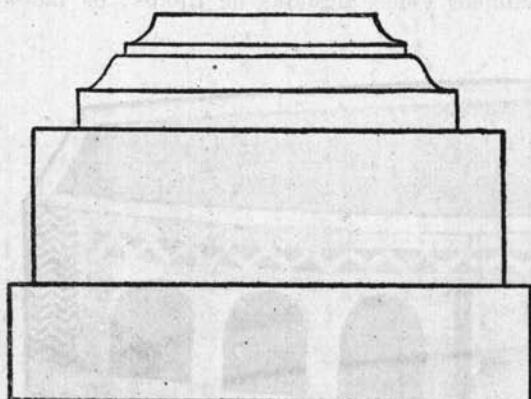


Fig. 1

Escala 1:20

dadiva do proprietario do areal, o S.<sup>or</sup> Francisco Cabral de Aquino Mascarenhas, de Setubal, hoje falecido.

A exploração foi dirigida por mim e pelo S.<sup>or</sup> Maximiano Apolinario, que ao tempo exercia no Museu Etnologico as funções de Adjunto.

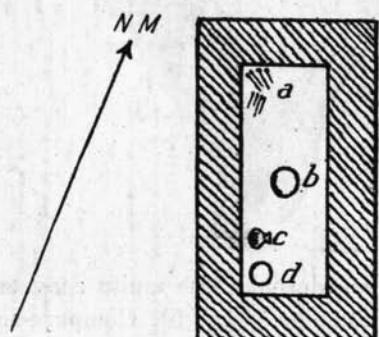
A lápide assentava num sóco (fig. 1) que pousava sobre a sepultura (fig. 2), e tinha por cima uma lage quadrangular, como chapéu (vid. *Religiões*, III, fig. 157). Do relatorio que o S.<sup>or</sup> Apolinario me apresentou, extráio o seguinte, em resumo: «As duas pedras que constituem a parte inferior do sóco parece que antes formavam um alicerce, e que deviam por isso ficar enterradas. Esta base assentava num massame de alvenaria, sob o qual ficava a sepultura. O recinto da sepultura era fechado por paredes de alvenaria de tejolo, e o pavimento ladrilhado. A cobertura formavam-na pedras irregulares, ligadas por argamassa. Dimensões interiores da sepultura: comprimento 1<sup>m</sup>,20; largura 0<sup>m</sup>,45. Na planta (fig. 2) vai indicada a disposição em que se encontravam alguns dos varios objectos que compunham o espolio funebre: em *a*, alfinetes de cabelo, e afj juntos

tambem fragmentos de crânio; em *b* uma urna; em *c* um *Pecten* (concha) grande; em *d* uma taça de cobre».

O que chamamos sepultura era propriamente um depósito de ossos queimados e outros indemnes de lume, o que mostra que se praticára o rito de incineração, mas incompleta. Com os fragmentos osseos coexistiam pedaços de unguentários de vidro, em parte calcinados, e reduzidos a massa, e de pregos de ferro muito oxidados. Os ossos e cinzas, que depois da cremação de um cadáver costumavam

ser escolhidos (*ossilegium*) e metidos numa *olla* ou urna, que se depositava num cofre (*ossarium* ou *cinerarium*), pa-

Planta



Escala 1:40

Fig. 2



Fig. 3

rece que foram neste caso colocados dentro de uma caixa de madeira, como se infere dos pregos.

Dos objectos que se colheram na exploração, e que foram trazidos para o Museu, falta agora a taça de bronze: ou está deslocada, ou se extraviou com as mudanças d'aquele. Os restantes vou aqui descrevê-los sumariamente.

a) Objectos de barro:

—Uma urna, ou antes, *poculum*, de duas asas: altura do objecto 0m,090. No Museu ha outros *pocula* de barro, do Alentejo e Algarve, semelhantes, mas nenhum talvez igual a este. (Fig. 3).

—Lucerna de bico redondo, e desprovida de asa. No anverso divisa-se uma figura de homem meio derribada no chão, e outra de pé junto d'ela, com falha da perna esquerda: representam, como parece, o resultado de uma luta. (Fig. 4). Cf. as lucernas do Museu Britanico com combates de gladiadores: *Catalogue*, by Walters, Londres, p. 234 (s. v. «gladiator»), est. xix. Por baixo dos combatentes está estendida uma arvore. Cf. arvore semelhante numa lucerna do Museu Britanico: *Lamps*, n.º 1117, p. 169.

— Outra lucerna, do mesmo aspecto externo, senão que é mais grosseira. No anverso ha duas hastes verticais, uma de cada lado



Fig. 4

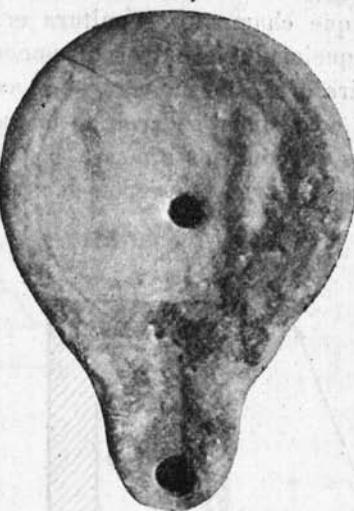


Fig. 5

do orificio: parecem tochas (lat. *fasces*), desenho que muito convem a uma lucerna, que se destinava a alumiar. (Fig. 5). Compare-se o desenho de uma *fax*, que vem em Rich, *Dict. des antiquités*, p. 256, e outro no *Dict. des antiquités* de Daremberg & Saglio, s. v. «fax», p. 1029.

*b) Objectos de metal:*

— Um prego de ferro, que vai desenhado na fig. 6, e fragmentos de outros. Suponho que eles seriam para pregar as tábuas de grossa urna de madeira, ou cofre, em que, segundo já disse, os restos de Galla deviam ter sido depositados. Acérca de pregos grandes que pregavam *caixões* propriamente ditos (para cadáveres), vid. o *Arch. Port.*, II, 71, nota (Santos Rocha). As dimensões da sépultura (vid. supra) permitem admitir que o cofre era grande.



Fig. 7

— Uma haste curva, de bronze (fig. 7), que servia de ferrolho do cofre: a parte superior, formada de um gancho duplo, fixava-se na tampa, o resto caía adiante da face anterior do cofre, onde um travessão que passasse no orificio inferior o segurava em baixo. Quasi igual a este objecto, e absolutamente do mesmo tipo, apareceu outro no Algarve, que está agora no Museu Etnológico (n.º 14:870 do inventário).

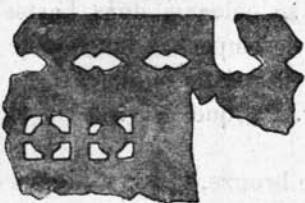


Fig. 9



Fig. 8



Fig. 10



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 6



Fig. 11



Fig. 12



Fig. 13

— Uma argola de bronze em que se enlaçam duas hastes da mesma substancia, a qual argola podia desempenhar funções de dobradiça (fig. 8), e certamente pertencia ao caixão ou cofre.

— Uma laminazinha de bronze (fig. 9), que serviria de chapa ornamental do mesmo cofre.

— Dois objectos, ou *acus crinales*, de bronze, iguais a alguns que se descrevem no § c), de osso. Vai desenhado na fig. 10 o melhor conservado.

c) Objectos de osso:

— Treze objectos finos, e quatro fragmentos de outros, tudo do tipo que os Romanos chamavam *acus*. Propriamente:

— Seis agulhas, de buraco comprido, — representam-se quatro nas figs. 11 a 14.

— Duas hastes, afiladas dos dois lados, e semelhantes ou iguais ás que hoje se usam, de osso, de pau, de metal, chamadas *moldes* ou *malheiros*, e servem para marcar as malhas, quando se faz rede de bordar: vão representadas nas figs. 15 e 16. — Na secção etnográfica do Museu Etnologico (industrias femininas) pode o leitor ver um malheiro moderno de osso: e assim se convencerá inteiramente da exactidão da comparação que estabeleci.

— Dois alfinetes de cabelo, ou *acus crinales*, que terminam numa extremidade em ponta, e vão engrossando desde aí até á extremidade oposta: representam-se nas figs. 17 e 18.

— Outro alfinete, analogo aos precedentes mas terminado em uma seta na extremidade oposta á ponta. (Fig. 19).

— Outro igual ao antecedente na seta, mas quebrado na outra extremidade. (Fig. 20).

— Um objecto, afilado de um lado, e terminado do outro em disco, a modo de espátula; talvez tambem *acus crinalis*, embora muito fino: vai desenhado na fig. 21.

— Uma faquinha, que tem o aspecto geral de um canivete moderno; o cabo termina em argola, e a folha faz corpo com ele, e é muito afiada. (Fig. 22). Assemelha-se bastante a um objecto que, embora metalico, se representa no *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, s. v. «*culter*», p. 1583, fig. 2104.

Assim como nós hoje nos servimos de facas de madeira para cortar a marmelada ou pôr manteiga em fatias de pão, os Romanos serviam-se de facas de osso para partir fruta (*cultri ossei*, *cultelli ossei*: ob. cit., p. 1587), e ainda lhes davam outras aplicações; mas na sepultura de Galla, com quanto aí aparecessem, como vimos, vasilhas relacionadas com a alimentação, talvez este *culter osseus*,

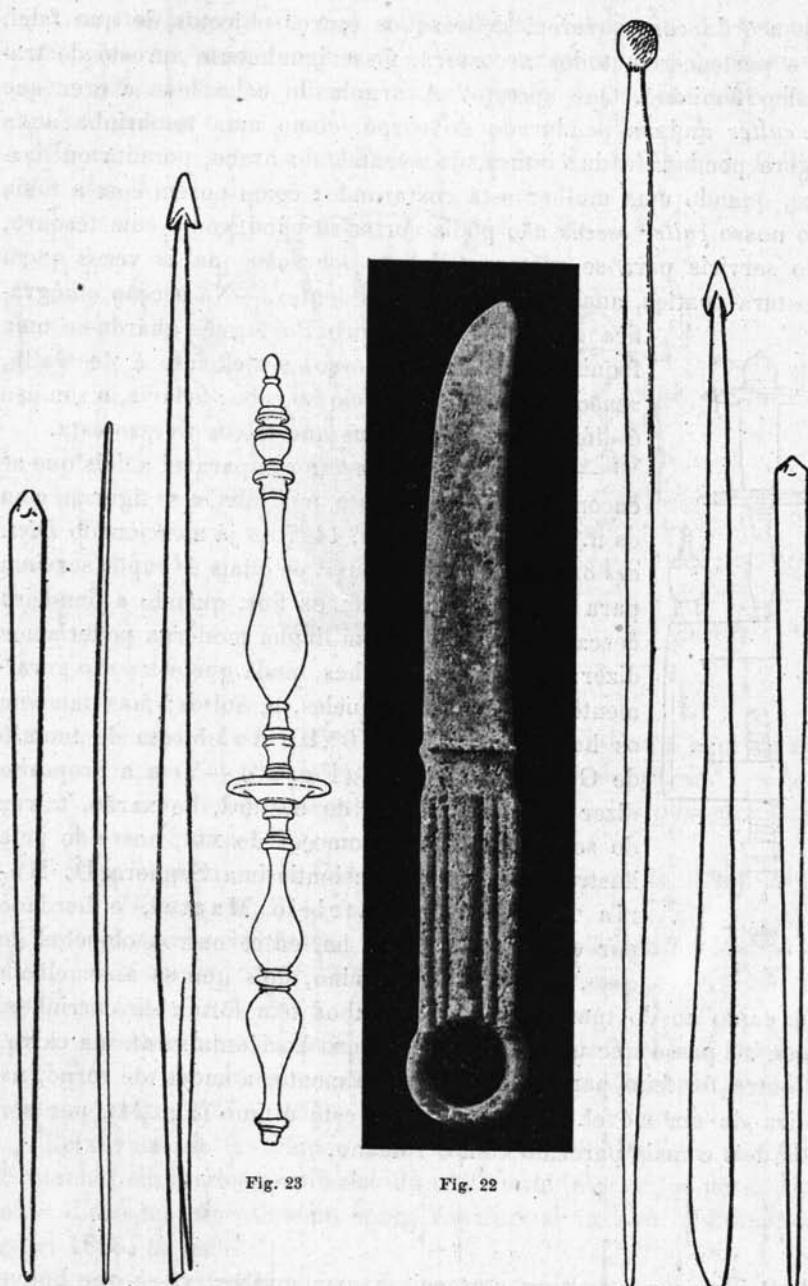


Fig. 23

Fig. 22

Fig. 17 Fig. 16 Fig. 20

Fig. 21 Fig. 19 Fig. 18

de acordo com o serem de osso os outros objectos de que falei, e o pertencerem todos a costura, fosse igualmente apresto de trabalho feminino. Que apresto? A argola do cabo leva a crer que o *cultor* andava pendurado do corpo, como uma tesourinha anda agora pendurada da cintura, do avental, do braço, por fita ou nastro, quando uma mulher está costurando: como porém com a folha do nosso *cultor osseus* não podia cortar-se pano, como com tesoura, ele serviria para se cortarem linhas, operação que ás vezes quem costura pratica, analogamente, com os dentes.—Na secção etnográfica do Museu Etnológico Português guarda-se uma faquinha moderna de osso, semelhante á de Galla, senão que não tem orificio no cabo: todavia, o seu uso é diferente do que supus que talvez tivesse esta.

—Objecto perfeitamente comparável a dois que se encontraram em Preneste, na Italia, e se figuram com os n.<sup>os</sup> 3391 e 3392 a p. 1427 do já mencionado *Dict. des antiquités*, s. v. «fusus», os quais se supõe serviam para neles se enrolarem os fios, quando a fandeira descarregava o fuso. Em lingua moderna poderíamos dizer: *carrinhos* das linhas, ainda que estes são geralmente menores que aqueles, e, soltos; mas também os ha do tamanho de 0<sup>m</sup>.10. Ao objecto do tumulo de Galla falta a base. (Fig. 23).—Vem a propósito dizer que numa caixa de costura, de xarão, talvez do sec. XVIII ou dos começos do XIX, possuído pela ilustre escritora a Excelentíssima Senhora D. Maria Magdalena Patrício Martel, e herdada por ela de seus avós, ha, entre outros objectos de osso, de trabalho feminino, dois que se assemelham

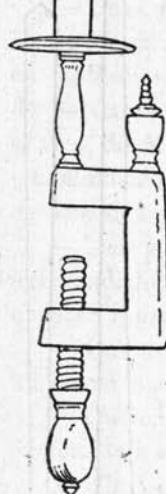


Fig. 24

um tanto ao do tumulo de Galla: ambos têm forma de carrinhos, mas, ao passo que um d'elos está seguro horizontalmente na caixa, o outro foi feito para se fixar verticalmente, a modo de torno, na beira de um móvel. Reproduzo aqui este último (fig. 24), por ser dos dois o mais parecido com o romano.

\*

Pois que a sepultura pertencia a uma mulher, vê-se que houve cuidado de colocar junto dos restos d'esta os objectos que ela utilizára no mundo, ou objectos semelhantes. Na vida tumular ou ultra-terrestre iria continuar trabalhos já começados na vida real, ou

executar trabalhos novos. Seu marido *Hypnus*, obedecendo a crenças enraizadas na alma romana, e a ritos antiqüíssimos, manifestava assim, com dedicação, afectos ternos que a esposa lhe merecera.

*d) Concha:*

Já acima me referi a um *Pecten* aparecido na sepultura de Galla.

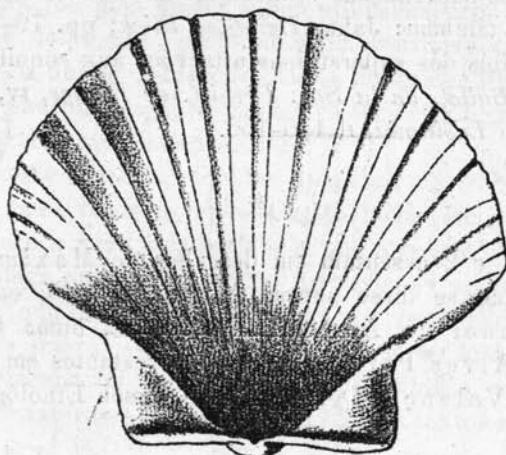


Fig. 25

Vai representado na fig. 25. Como comparação, indicarei aqui alguns casos de aparecimento de conchas em sepulturas antigas:

em sepulturas punicas: Delattre, *Les tombeaux puniques*, Lião de França 1890, p. 46;

em sepulturas de Carmona: apud *Boletin de la Acad. de la Hist.*, xxxi, 274, nota 2;

em muitas sepulturas cristãs dos principios da idade-média:

Martigny, *Dict. des antiquités chrétiennes*, s. v. «coquillage»;

em sepulturas merovingeas dos arredores de Genebra: Deonna, *Les croyances*, no *Bulletin de l'Institut National Genevois*, xlII, 225, p. 462.

Relativamente a tempos modernos diz Sébillot que na Alta Bretanha, em muitos cemiterios da costa e do interior, se vêem conchas dispostas crucialmente sobre sepulturas: in *Rev. d'Ethnographie*, 1886, p. 509.

Nem todos estes usos de conchas terão uma mesma significação: Martigny vê nas que apareceram em tumulos cristãos simbolas da ressurreição; Deonna chama profilacticas ás das sepulturas merovingeas, dotadas pois de virtude analoga ás de muitos colares de con-

chas; tambem E. Labatut, no *Dict. des antiquités* de Deremberg & Saglio, s. v. «amuletum», p. 256, diz que os Romanos tinham amuletos de conchas do genero *Pecten*, por serem emblemas dos órgãos femininos. Ainda hoje se usam na Italia conchas como amuletos contra o mau olhado: Belluci, *Exposição de Paris*, p. 280. Acerca de conchas nas superstições vem muitas notícias no citado artigo de Sébillot. Vid. tambem: Jahn, *Der böse Blick*, pp. 79-80; A. Guébardi «Antiquités des superstitions attachées aux coquilles fossiles», separata do *Bullet. de la Soc. Préhist. de France*, iv, 258 (1907); e *Religiões da Lusitania*, i, 146-150.

\*

As figs. 1 e 2 assentam em desenhos de Maximiano Apolinario, como se disse supra. As figs. 4 e 5, em fotografias do S.<sup>or</sup> Manuel de Andrade. A fig. 22 numa fotografia do D.<sup>or</sup> Felix Alves Pereira. Todas as restantes em desenhos de Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnológico.

J. L. DE V.

### Achegas para um vocabulário de indumentária arcaica

Constou ao meu prezado confrade D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos que eu coligira um certo número de fichas relativas a indumentária antiga. De feito, assim era. Para meu uso pessoal, sem ideia de publicação, respigara nas minhas leituras, sobretudo de quattrocentistas e quinhentistas, uma porção de citações, em verbetes discriminados pela matéria a que se referiam: terminologia geral, indumentária, náutica, armaria, toponímia, etc. E os mais abundantes e curiosos eram realmente os de indumentária. Por sinal há anos, nos ocorrera, a mim e ao meu amigo Júlio Dantas, juntá-los aos muitos que ele possuía, completar com a exegese dos termos as citações que os autorizavam, e organizar assim uma espécie de inventário, assaz copioso, do guarda-roupa dos nossos maiores. As nossas ocupações não nos permitiram realizar esse plano ambicioso. E os meus verbetes repousavam tranquilamente numa caixa de papelão, ao fundo duma gaveta, quando o D.<sup>or</sup> Leite me surpreendeu com o pedido da sua publicação. Embora lhe objectasse com o pouco valor que

teriam as citações sem a respectiva definição, o meu douto confrade tam cativadoramente instou comigo que me vi forçado a ceder. Estas notas, tais quais se apresentam aos leitores, não passam de simples achegas para um futuro vocabulário de termos arcaicos, as quais continuem o prestimoso, mas incompletíssimo *Elucidário* de Santa Rosa de Viterbo, ou pelo menos sejam utilizadas, com mais proveito do que o que delas tirei, como guia de escritores que dediquem seus talentos a obras de reconstituição histórica. Por muito feliz me dou, se a sua publicação estimular filólogos ou homens de letras para qualquer dos trabalhos indicados.

Não é demais repeti-lo: simples utensílios de trabalho próprio, não possuem estes verbetes, apenas alfabetados, condições que justifiquem, quanto a mim, a importância que a sobeja indulgência do meu douto colega quis atribuir-lhes. Ao rever as provas, limitei-me a corrigir um que outro senão, a juntar por vezes algum esclarecimento que de improviso me ocorria, e a acrescentar, como faço agora, uma resenha bibliográfica das obras citadas, para interpretação das abreviaturas e mais fácil rebusca dos textos a que recorri.

#### Interpretação das abreviaturas bibliográficas

- A. Coelho, *Jorn.* — *Jornada de António de Albuquerque Coelho*, por J. T. de Vellez Guerreiro. Biblioteca dos Clássicos Portugueses. Lisboa 1905.
- An. de Arzila* — *Anais de Arzila*, por Bernardo Rodrigues. Publicado pela Academia das Ciências. Comemoração do 5.º Centenário da tomada de Ceuta.
- Andrade, *Misc.* — *Miscelânea*, de Miguel Leitão de Andrade. Edição de 1619.
- Azurara, *Chr[onica]'do conde D. Pedro*, in t. II dos *Inéditos da História Portuguesa*. Publicado pela Academia Real das Ciências. 1792.
- Ben Batuta — *Viagens ... de Ben-Batuta*, traduzidas por José de Santo António Moura. Lisboa 1840.
- B. Ribeiro, *Men[in]a e Moça* — Obras de Bernardim Ribeiro. Biblioteca dos Clássicos Portugueses. Lisboa 1852.
- Caminha, *Poesias* — Poesias de Pedro de Andrade Caminha.
- Camões — *Obras*. Biblioteca Portuguesa, Lisboa 1852. *Lus.* — *Lusiadas*. No t. I da sobredita edição.
- Canc. Res.* — *Cancioneiro Geral*, por Garcia de Resende.
- Cartas de Alb.<sup>e</sup>* — *Cartas* de Afonso de Albuquerque. Publicação da Academia das Ciências, 6 tomos publicados. O 7.º no prelo.
- Castanheda — *Historia do Descobrimento e Conquista da India ...* por Fernão Lopes de Castanheda. Lisboa 1833.
- Chiado — *Obras do Poeta Chiado*. Edição de Alberto Pimentel. Lisboa 1889.
- Ch. Louandre, *Arts somptuaires*. Paris 1858. 4 volumes.
- Chr. Ayres, F. M. Pinto — *Fernão Mendes Pinto*, memória apresentada à Academia das Ciências por Christovão Ayres.

- Cod. 666* — *Anecdotas Portuguesas*. Códice manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, n.º 666.
- Comment. de Alb.* — *Comentários do grande Afonso Dalboquerque*, 4 tomos. Lisboa 1774.
- Couto, Sold. Prat.* — *Observações sobre as principaes causas da decadencia dos portugueses na Ásia, escritas por Diogo do Couto ... com o título de Soldado Pratico*. Publicado por ordem da Academia Real das Ciências. Lisboa 1790.
- D. Barbosa — *Livro de Duarte Barbosa*, in t. II das *Notícias Ultramarinas*. Publicado pela Academia Real das Ciências. 2.ª edição, 1867.
- Diss. Chr.* — *Dissertações Chronologicas e Críticas*, por João Pedro Ribeiro. Publicado pela Academia Real das Ciências. 1810.
- Docs. [Documentos] das Chancelarias relativos a Marrocos*. Publicação da Academia das Ciências. Comemoração do 5.º Centenário da tomada de Ceuta.
- Elem. H. M. Lx.* — *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, por Eduardo Freire de Oliveira, 16 volumes publicados. Lisboa 1885-1910.
- Elucidario das palavras ...* por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Lisboa 1798.
- Evol[ução] do Sebastianismo*, por João Lucio de Azevedo. Lisboa 1916. Publicação do Arquivo Histórico Português.
- Fastigimia* — atribuída a Tomé Pinheiro da Veiga. Publicado pela Biblioteca Pública do Pôrto. Pôrto 1911.
- F. de Moraes, *Dial[ogos]*, in t. III das Obras de Francisco de Moraes. Edição da Biblioteca Portuguesa. Lisboa 1852. — *Palmeirim de Inglaterra*, ibidem.
- F. Lopes, *Chr. D. Fernando* — *Chr. D. João I* — Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, in t. IV dos *Inéditos da História Portuguesa*. — Id. *Chronica de D. Pedro I*, ibidem. — Id. *Chronica de D. João I*. Biblioteca dos Clássicos Portugueses. Lisboa 1897.
- G. Correia — *Lendas da Índia*, por Gaspar Correia. Publicado pela Academia Real das Ciências. Lisboa 1858-1864.
- G. de Almeida, *Rest. Port.* — *Restauração de Portugal Prodigiosa*, pelo Padre Gregorio de Almeida. Lisboa 1752.
- G. de S. Bernardino, *Itin.* — *Itinerário*, por Gaspar de S. Bernardino.
- G. Vicente — *Obras de Gil Vicente*. Edição da Biblioteca Portuguesa, 3 volumes. Lisboa 1852.
- Godinho, *Relação* — *Relação do novo caminho que fez ... o Padre Manuel Godinho*. Lisboa 1847.
- Heredia, *Inf.* — *Informação da Aurea Chersoneso ... ordenada por Manoel Godinho de Eredia, in Leis ... do Senhor D. Manuel*. Lisboa 1807.
- Hist. T.-M.* — *História Trágico-Marítima*, edição da Biblioteca dos Clássicos Portugueses, 12 volumes. Lisboa 1904-1909.
- Lemb. c. India* — *Lembranças das cousas da Índia em 1525*, in *Subsidios para a historia da Índia Portuguesa*. Publicado pela Academia Real das Ciências. Lisboa 1868.
- Livro Vermelho* — ... de D. Afonso V, no t. V dos *Inéditos da História Portuguesa*. Publicado pela Academia Real das Ciências. Lisboa 1824.
- Mello, *Apologos* — *Apologos Dialogae*, por D. Francisco Manuel de Mello. Edição da Biblioteca dos Clássicos Portugueses. Lisboa 1900.

- Oliveira — *Livro da Fábrica das naos*, in *O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica*. Publicado pela Academia Real das Ciências. Lisboa 1898.
- Pacheco, *Esmeraldo* — *Esmeraldo de Situ Orbis*, por Duarte Pacheco Pereira. Edição comemorativa da Descoberta da América. Lisboa 1892.
- Pina, *Chr. D. Afonso V* — *Chronica de D. Afonso V*, por Ruy de Pina, in t. I dos *Inéditos da História Portuguesa*. Publicação da Academia Real das Ciências. Lisboa 1790.
- Pinto, *Peregr.* — *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Lisboa 1614.
- Port. no Malabar — *História dos Portugueses no Malabar*, tradução de David Lopes. Lisboa 1898.
- Prestes — *Obras*, de António Prestes. Edição de Tito de Noronha. Pôrto 1871.
- Ramos Coelho, *Hist[oria] do Infante D. Duarte*.
- Resende, *Chr. D. João II* — *Chronica de D. João II*, por Garcia de Resende.
- Resende, *Hida da Infanta*... Apenso à *Chronica* acima.  
Lisboa 1607.
- Resende, *Tresladaçam* — *Tresladaçam do corpo do ... Rey Dom João*. Apenso à *Chronica*, acima.
- Santos, *Eth. Or.* — *Ethiopia Oriental*, por Fr. João dos Santos. Edição da Biblioteca dos Clássicos Portugueses. Lisboa 1891.
- Sousa, *Annaes* — *Annaes de D. João III*, por Fr. Luis de Sousa. Editado por Alexandre Herculano. Lisboa 1854.
- Sousa, *Hist. S. Dom.* — *História de S. Domingos*, por Fr. Luis de Cacegas e Fr. Luis de Sousa.
- Tolentino — *Obras Poéticas*, de Nicolao Tolentino de Almeida, 2 volumes. Lisboa 1828.
- Vasconcellos, *Eufr.* — *Comedia Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Lisboa 1786.
- Vasconcellos, *Tav. Red.* — *Memorial da Segunda Tavola Redonda*, por Jorge Ferreira de Vasconcellos. Lisboa.
- Vasconcellos, *Ulys.* — *Comedia Ulysipo*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Lisboa 1787.

### Vocabulário

**abarca**: ... calçaom [as mulheres de Bisnaga] abarquas de couro lauradas muyto bem de sedas ... (D. Barbosa, 303). — *Vid.* Brocadilho.

**abito**: Item. D'huū abito de molher de qualquer pano — 25 r.º (*Livro Vermelho*, 518).

**aceiro**: Item: humas cubertas daceiro (*Cartas de Alb.*º, III, 141). — ... huumas cubertas daceiro de caualo de todo compridas ... (Ib., 153). — ... com seus arções daceiro ... (Ib., 154). — E asy recebeo mais seis porcas de fero pera as cubertas daceiro ... (Ib., 158).

**aceiro**: ... outros [em Cambaya] trazem hūas maças daceiro, e muitos deles cotas de malha, outros laudeões embastados dalgo-

dam, seus caualos acobertados com suas testeiras daço, e asy pelejaom bem... (D. Barbosa, 280).

**aceiro:** *Vid.* Chaçaram.—(Em vista do texto citado, *aceiro* não deve ser o mesmo que *aço*, apesar do que afirma o *Dicc. Contemporaneo*. Palpita-me que a palavra derive do latim *acer*, «bordo», e designe a madeira desta árvore).

**agua forte (armas lavradas de):** (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 352).

**agumia:** *Vid.* Barreta.

**alcatruz:** *Vid.* Gibão.

**alcorça:**

sabei que com vosso pé  
peso alcorças de Veneza ...

(Prestes, *Ciosa*, 292).

**alcorque:** ... que uns chapins de meias capelladas, que chama-vam alquorques, era o melhor trajo do mundo... (F. de Moraes, *Dial.*, 13).

**alfareme:**

Mas vos yreis embuçada  
d'alfareme de çendal ...

(*Canc. Res.*, de Nuno Pereira, III, 93).

**alforza:**

e a saia do cós de velludo,  
que tem alforza mais baixa ...

Chiado, *Regateiras*, 88.—(Segue a nota de Alberto Pimentel).

**alforza:** Cierta parte de las basquiñas y guardapiés de las mujeres, y otras ropas, que se coge por lo alto, para que no arrastren, e se pueda soltar quando sea menester. (*Dicc. da Acad. Esp.*).

**algeravia:** ... antes lhe estaria melhor hir na sua algeravia cuberto de sangue e lodo... (Sousa, *Annaes*, 149).

**algeravia:** ... que des a mābocanoa piloto mouro hūa algeravia e duas camisas e hūas ceroylas tudo de pano grosso e hūa touca e hū camarracut de pano baixo... (*Cartas de Alb.*º, VI, 363).

**algeravia:** *Vid.* Aljaravia.

**alheta:** ... a huns [os pelouros] tinhão cortadas as alhetas dos hombros da roupeta... (G. de Almeida, *R est. Port.*, p. III, c. XIII).

**alheta:** ... sem lhe fazer mais damno [o pelouro], que levar-lhe fóra a alheta da roupeta, que tinha vestida... (Santos, *Eth. Or.*, II, 373).

**alheto:** *Vid.* Atabarda.

aljaba: A parte direita leua húa aljaba chea de dinhei.<sup>ro</sup> q̄ uai deitado pollas ruas a maneira de esmola. (Chr. Ayres, *F. M. Pinto*, p. 63).

aljaravia: ... chegárão á praia do Rio Doce, onde alcançárão um homem de pé vestido em ūa aljaravia ... (*An. de Arzila*, I, 438).

aljaravia: Item: huma aljarauiá de teuez listrada sem mangas—j peça. (*Cartas de Alb.*, III, 26).

aljaravia: ... & despido com minha aljarauiá ao hombro, & no capello grãos torrados, & passas, nos pusemos a caminhar ... (Andrade, *Misc.*, VIII, 261 [ed. de 1619], 181 [ed. de 1867].—... hum Mouro ... pedio a meu companheiro a aljaravia e gibão ... (Ib., 182-83).

aljaravia: ... cuidando os nosos que era mouro, por ir vestido em ūa aljaravia, lhe derão de lançadas ... (*An. de Arzila*, I, 312).—... e cavalgando dez ou doze fidalgos a cavalo, vestidos em aljaravias e capuzes e camisas mouriscas, saírão á praia ... (Ib., 531).

aljubeta: it. húa aljubeta de damasco alyonado forada toda de veludo alyonado ... (*Cartas de Alb.*, VI, 256).

aljubeta: ... e Pero Mascarenhas vestido em huma aljubeta de sollya, çarrada, e hum barrete redondo, e humas contas na mão ... (G. Correia, III, 119).—(Mais adiante, a p. 151, o proprio Mascarenhas, descrevendo a sua entrada em Cochim, diz-se «vestido em hum sáyo de mangas çarrado por diante». Isto parece indicar equivalência entre *aljubeta* e *saio de mangas*).

almafega: ... trezentos e ssasenta ssacos dalmafega ... (Doc. de 1443, in *Docs. das Chancelarias relativos a Marrocos*, 558).

almafega: ... hūs poyos altos ... onde poem húa tauoa muyto alua de quatro dedos de altura, e hūu pano dalmafega, de lāa de carneiro preto por tingir, tamanho como húa manta Dalemtejo ... (D. Barbosa, 314).

almafega: E antes dentrar na dita villa hindo cō grande dō, e todos vestidos de burel, e almafega, o marquez de Monte mór o veo receber ao caminho cō hū argao, & pelote de almafega e debaixo hū gibā de brocado q̄ parecia, e vinha em hū ginete arreyado cō hūs cordões, e topeteira cramisis: querēdo dar a entender a el-Rey, q̄ tinha muito prazer, & contētamento delle reynar ... (Resende, *Chr. D. João II*, c. XXIX).

almaizar: ... hos mais onrados deles [Mouros da Arabia] trazem hūs panos grandes como almaizares mouriscos, e as mulheres andam cobertas com outros grandes que chamam chandes ... (D. Barbosa, 257).

**allmatega:** Duas allmategas do dito brocado ... e o manto e allmategas e capa teram sauasteiros de brocado raso ... (*Cartas de Alb.*º, III, 143). — (*Allmatego*, *Almatega* e *Almatica* são leituras arcaicas da palavra *Dalmática*).

**almatega:** ... huma vestimenta e duas almategas de brocado mielho rroxo com sa nastro (Má leitura, por «sauastro») de damasco rroxo apedrado de troçaes, forradas de bocasym e framjadas de rretros verde com todos seus meudos, e com pramentos e aluas de lemço com seus rregações e bocaes, nouos; as almategas com cordões. (*Cartas de Alb.*º, III, 155).

**almatica:** ... & hūa capa cõ suas almaticas de brocado rico q̄ fora do pontifical do santo Rey ... (Resende, *Tresladaçam*, f. 123).

**almenaque:** ... 27 almenaques, ou bolas de prata de 3 luzes ... (*Fastigimia*, 155).

**almilha:** A Gomes Freire de Andrade, com uma Almilha, que me tinha pedido, que lhe ouvesse, e promettido uma faca.

.....  
Que nom me esqueça da faca;  
Pois nom m'esqueci d'Almilha.

(Caminha, *Poesias*, 363).

**almofreixe:** ... dous almofreixes grandes da Rochela, guarnecidos de coiro de vaca forradões de lona, com suas cintas do dyto coiro, nouos. (*Cartas de Alb.*º, III, 153).

**alparavaz:** *Vid.* Brocadura.

**alparca:** ... ao qual pello contentar dei hūus çapatos nouos, que mandara comprar ficando com hūas alparcas de corda de linho nos pés ... (Andrade, *Misc.*, VIII, 260, ed. de 1619).

**alparca:** ... calçam todos [em Bengala] bom cordauam, deles çapatos, outros alparcas bem lauradas e douradas ... (D. Barbosa, 358).

**alparca:** ... & que lhe juraua [a Rainha de Onor], pelas alparcas douradas do seu pagode ... (Pinto, *Peregr.*, c. IX, f. 9).

**alparca:**

Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

(Camões, *Lus.*, c. II, est. xcv).

alparcata: ... vi que o bom do meu amo [mau ladrão] se abaihava a descozer a solla da alparcata, para me dar mais seguro aposento ... (Mello, *Apologos*, Escr. Av., 101).

alquamá: ... apanham-se nestas ilhas [de Palandura] hūas casquas de tartarugas que chamaom Alquamá, que fazem em pedaçinhos muy delguados, que tambem he grande mercadoria para ho regno de Guzarate. (D. Barbosa, 348).

alquicé: ... caa somente acharão huma pouca de palha, e hum alquicé velho em que se emburilhara algumas noites ... (Azurara, *Chr. conde D. Pedro*, c. xxi, 272).

alquicé: .

A moça irá n'hum alguidar,  
E vestido hum alquicé ...

(G. Vicente, *C. de Jupiter*, 407).—(O *Elucidario* de Viterbo diz que *alquicer* é enxérga de mouros, e cita Sousa, *Chr. S. Dom.*, I, l. iv, c. 5. Discrimina-o de *alquicé*, que define, «capa de mouros»),

altirna: ... acudio hūa molher de mais de cinquēta annos, acompanhada de seys moças pequenas ricamente vestidas, com suas altirnas de prata sobraçadas ao modo de estolas ... (Pinto, *Peregr.*, c. CLXIII, f. 205).—... seys talagrepos ... vestidos de damasco roxo, & com altirnas lançadas por cima dos hombros, & sobraçadas a modo de estolas ... (Ib., c. CLXVII, f. 213 v).—... muyta gente nobre, cõ altirnas de citins & de damascos de muitas cores ... (Ib., c. ccix, f. 275).

alto: ... vestido em hum vaseyro largo de brocado de tres altos com mangas e rocas do mesmo, e calsas de dobras de ouro broslado muy alto ... (*Fastigimia*, 79).

aluz: E o cargo principal de trallaçam e acompanhamento da dita o ossada [do infante D. Pedro], ficou ao Ifante D. Anrique, o qual vistido nam de doo preto, mas d'aluz escuro, e assy muitos senhores que eram com elle ... (Pina, *Chr. D. Affonso V*, 457).

amantilho: *Vid.* Barboto.

anel: ... trazem sempre anel de camafeo ... (Vasconcellos, *Ulys.*, 289).

antona: ... vestido de antona a saber, pellotes e capuzes e calças do dito pano ... (1493), (*Diss. Chr.*, v, 305)—... e carapuças de pano d'amtona ... (Ib.)—... huma faldrilha de panno damtona ... (Ib., 306).—(*Antona* é o nome antigo de Southampton, donde provinham certamente estes panos).

apantufadas: ... & a boa Philtra nossa comadre nunca se negou, nem negará, que por quaisquer apantufadas subirá ao Ceo em Ora-gos, como Medea ... (Vasconcellos, *Eufr.*, 28).

apertador: *Vid.* Gargantilha.

apito: *Vid.* Gibão.

araxim: Por coifa usam [as mulheres Persas] de um barrete, a que chamam araxim, que muitas vezes é de tela de ouro, segundo a posse de cada uma, e sobre elle um fundo de funil de prata, que se vai estreitando para cima, e sobre este funil poem a toalha. (Godinho, *Relação*, 96).

argao: *Vid.* Almafega.

argenteira: *Vid.* Pelote frances.

armas do seculo XIV: (F. Lopes, *Chr. D. Fernando*, c. LXXXVII).

armas defensivas no sec. XIII: (*Diss. Chr.*, III, 66).

armas de defesa no sec. XIV: As armas defensaveis de todos eram bacinetes de canal [camal?], d'elles com caras, d'elles sem ellas, e folhas [solhas?] e loudeis, e cotas e faldões e panceiras ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, l. II, c. XXXVIII).

armilha: ... armas á feição das nossas armilhas, ou escudos ... (Couto, *Sold. Prat.*, 156).

arminho:

E os do Val dos Penados  
E montes dos tres caminhos,  
.....  
Mandarão empresentados  
Trezentos forros d'arminhos  
Pera forrar os brocados.

(G. Vicente, *S. da Estrella*, 437).

arrodilhado: ... vendo-se Aonia no eirado, e vendo-o, lembrou-se logo que ia toucada de um arrodilhado só, como se erguera ... (B. Ribeiro, *Men. e Moça*, 85).

atabarda: E elle [J. F. Andeiro] jazia vestido e atacado, e um gibão vermelho e uma atabarda de fino panno preto, com alhetos e mangas ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. XIV).

ataca: *Vid.* Barrete.

atorralado: ... roupa Francesa de cetim alionado, atorralada pelas bordas, com huma obra Romana douro e prata ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 335).

azelha: ... e indo el-rei por lhe mandar como fossem ordenados, cahiu o cavallo com elle e quebrou-lhe a azelha de um braço ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. CV).

babeira: ... e por húa babeyra tres cruzados ... (*Cartas de Alb.*, vi, 367). — *Vid.* Capacete.

bacinete: *Vid.* Panceira.

bacinetes: *Vid.* Armas de defesa no sec. XIV.

badulaque: ... chega sua hora de veltice, contra quem não valem todos os estofos e badulaques que inventou a vaidade e a incontinencia. (Mello, *Apologos*, Rel. Fal., 67).

baeta: ... não curam lá da baeta ... (Prestes, *Proc.*, 159).

baeta: ... rompendo nossa baeta e seus borzeguins ... (Mello, *Apologos*, Vis. das Fontes, 75).

baju: ... tinha vestido [o Samorim] hū baju branco, de pano algodão finissimo, cõ botões de perlas muyto grossas & as casas de fio douro ... (Castanheda, l. I, c. XVII).

baju: ... que des a estes oyto jaos carpinteiros del Rey noso senhor a cada hū duas camisas e douz pares de ceroulas dos panos das ilhas a cada hū seu baju hamarello ... (1 Fevereiro 1515). (*Cartas de Alb.*, vi, 229).

baju: Os Malaios ... andão curiosamente vestidos, porque uzão de húa camiza degolada que se chama o Baju de finissimo pano branco, ou tingido de varias cores, ao menos de cõr chamada amora, que elles chamam a Caçumba. (Heredia, *Inf.*, 77).

baju:

No queixo ajustando o lenço,  
E sobrepondo o baju ...

(Tolentino, II, 24).

balais: *Vid.* Traje da Rainha D. Catharina.

balandram: ... a dom Jorge de menezes seu pajé hum balandram dezeralata de lomdres e cayrelado de retros cremenys com suas borllas e perilhas douro e cremenys e hum pelote da dicta ezralata e cayrelado do dito retros ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 312).

balandrao: ... vestido um balandrao de escarlata, visitou todas as anojadas ... (*An. de Arzila*, II, 196).

balandrao: Le balandras ou balandrau, balandrana, manteau double avec des ouvertures pour passer les bras, était surtout adopté par les gens qui montaient à cheval. (Sécs. XII e XIII). (Ch. Louandre, *Arts somptuaires*, I, 123).

balandrao: ... e lhe mandou dar hum balandrao de grã, forradas as mangas de cetim azul, com muitos alamares de fio d'ouro, e hum chapeo de felpa de seda vermelha com hum penacho branco ... (G. Correia, I, 159). — ... vierão quatro frades ... os quaes erão

assy pretos, magros de carnes, vestidos em huns sayos como balandraos compridos, de pannos de teadas amarelas, com grandes capellos ... (Id., II, 585).

**balandrao:** ... passou ja com a soberba dos balandraos, & todas essoutras antigualhas, *De por aquel postigo viejo ...* (Vasconcellos, *Eufr.*, 18).

**balandrão:** E mādoulhe de presente hū balandrão vermelho que era trajo daqle tempo, & hū chapeo, & dous ramaes de corais & tres bacias darame, & cascaueis, & dous alambeis. (Castanheda, I. I, c. XI).

**baldoquim:** *Vid.* Gona.

**balona:** ... não custumam [os Ingleses] cadeas, nem manteos, senão de festo que chamam balonas, de muy ricas trancinhas. (*Fastigimia*, 69).

**balona:** ... depois que neste Estado entrarão verdugos compridos, balonas, e trajos estrangeiros, logo tudo se perdeo ... (Couto, *Sold. Prat.*, I, 92). — (*Balona* parece ser a equivalência portuguesa do francês *wallone*. Pelos fins do século XVI e começos do XVII usaram-se manteos á *balona*, a que a citação de *Fastigimia*, certamente se refere).

**barbilo:** Por 24 cingidouro de barbilo para as moças ... 15200). (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 517).

**barbilo:** E mais hū fromtall de chamallote allionado de seis panos e o do meo he roixo cõ sua forcadura de barbilo amarelo e vermelho forado de bocasym ... (*Cartas de Alb.*<sup>e</sup>, VI, 255).

**barbilo:** *Vid.* Setim de Bruges.

**barbote:** ... dous corpos de couraças, hum de veludo cramesim, e outro de brocado, hum capacete, e hum barbote guarnecido de ouro ... (*Comment.* de Alb.<sup>e</sup>, p. IV, c. XL).

**barboto:** E hum barboto do teor [do capacete] forrado de dentro com seu debrum pera fora do dito veludo carmesim, e amantilhos de malha guarnecidos de fivelas aniladas de prata e tecidos, e metidos ele e o capacete em senhas fundas de londres branco cobertos de coiro vermelho. (*Cartas de Alb.*<sup>e</sup>, III, 151). — (Variante de *Barbote*).

**bargeta:** E chegou Pero Fernandes, ante do meio dia, em cima de um bom cavallo, e um pagem comsigo com uma lança em bargeta ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. CXLI).

**barreta:** ... o seu Capitão, que era Mulley Bucar andava em hum cavallo alazam com huma barreta guarnecida d'ouro na cabeça, e hum pelote de veludo azeitoni com huma agumia alta na mão ... (Azurara, *Chr. do conde D. Pedro*, p. 618).

**barrete:** *Vid.* Tabardo . . . a Dom pêro que veio de manycomgo . . . quatro camisas de mea olanda . . . e huum barrete dobrado e mea duzia datacas de seda e huma duzia e mea de coiro . . . (1493). (*Diss. Chr.*, v, 309).

**barrete:** . . . os proprios mouros, se passauão por lugar que se temião que outros mouros cossairos lhe fazião mal, vestiâo em traços de portuguezes, e punhão barretes vermelhos nas cabeças . . . (G. Correia, II, 392).

**barrete:** . . . no chapiteo muyta gente com barretes vermelhos, que os nossos naquelle tēpo custumauão muyto de trazer quando andauão darmada . . . (Pinto, *Peregr.*, c. LVI, fl. 60 v).

**barrete:** *Vid.* Brocadilho — Gibão — Saio.

**barrete de duas voltas:** O Visorey vestido em hum tabardo frizado, e pelete de cetym preto, e barrete de duas voltas, e huma quadea d'ombros muyto delgada . . . (G. Correia, I, 533).

**barrete de orelhas:** *Vid.* Saio bastardo.

**barrete redondo:** *Vid.* Solia.

**barretes:** De portuguezes e de castelhanos. (*Hist. T.-M.*, VI, 75).

**barretinha:** . . . forraiuos de barretinha de retros . . . (Vasconcellos, *Eufr.*, 15).

**bauta:** O rosto não descobrem nunca fora de casa [as mulheres Persas], trazendo-o cuberto com um sendal, ou guarda cara de sedas de cavallo, a que chamam bauta. (Godinho, *Relação*, 96).

**beatilha:** . . . a molher do dito pero hum par de beatilhas e hum par de veos. (1493). (*Diss. Chr.*, v, 314).

**beatilha:** . . . (chama a lingoagem do pouo beatilha a hum genero de veo, ou touca grossa com que as mulheres plebeyas cobrem por honestidade cabeça & garganta) . . . (Sousa, *Hist. S. Dom.*, I. II, c. XLIII).

**beatilha:**

Vestida uma camisa preciosa  
Trazia de delgada beatilha,  
Que o corpo cristalino deixa ver-se . . .

(Camões, *Lus.*, c. VI, est. 21).

**beatilha:** . . . & codamacão lhes deu pera ho gouernador hum terçado rico & hūas peças de beatilhas muyto finas do deli que antrales servem de fotas . . . (Castanheda, I. III, c. CXXXIII, p. 449).

**beatilha:** . . . que dees ao filho de mafome de pedreiro mouro . . . hūa camisa de tafeta e a metade de hūa betilha [sic] pera hūa touca

... (*Cartas de Alb.*, vi, 289). — ... e húa peça de beatilha pera touca ... (Ib., 303).

beatilha:

E vesti esta fradilha [*sic*],  
E ponde esta beatilha,  
E fazei que peneirais.

(G. Vicente, *Fl. de Enganos*, 158).

beatilha: *Vid.* Beirame.

beca: *Vid.* Borzeguim — Loba.

bedem: Ao q̄ o Cordouil mouido duma ira santa, puxadolhe pelo bedẽ ou capa lhe disse hora Cide Hamete. (Andrade, *Misc.*, viii, 237, ed. 1629).

bedem: ... em lhes fazer mercẽ de muito bons cavalos e vistidos á mourisca, de pelotes de seda e bedens finos ... (*An. de Arzila*, ii, 75).

bedem: ... ella vestida de pannos brancos muyto finos, e em cima hum bedem vestido, de seda roxa, todo laurado de froles de fio d'ouro, com grandes cadilhos de fio d'ouro ... (G. Correia, iv, 349-50).

bedem:

porque nã v' esta bem  
se nã bedem,  
& fota, & todo o all  
de Tremeçem.

(*Canc. Res.*, do conde de Vimioso).

bedem:

tirae, mestre, esse bedem  
— Capuz lhe chamo eu, senhor.

(Prestes, *Ciosa*, 340-41).

bedem: *Vid.* Cabaya.

beirame — sinabafos: ... e lhe trouxe vinte peças de pano branco muito fino com chapas d'ouro, a que elles chamaõ beirames, e outros vinte panos brancos grandes, muito fãos em estremo, a que chamaõ sinabafos ... (G. Correia, i, 100).

**beirame**: Beirames vermelhos e grosos, a corja vall a quaremata tamgas. (*Lebr. c. India*, 48).

**beirame**: ... de Chaul e Dabul lhe trazem [a Dio] muyta soma de beirames e beatilhas, e daqui tornaom ha leuar caminho Daraibia, Persia ... (D. Barbosa, 283).—... hos zambuquos ... leuaom [de Chaul] ... muytas peças de beatilhas, e beirames que neste regno de Daquem se fazem ... (Ib., 290).

**beirame**: Nesta ida do mar rroxo ... tomámos hūua nao com beirames e algūua especiaria ... (*Cartas de Alb.<sup>o</sup>*, I, 180).

**beirame**: ... remediavam os calafates esta falta [de estopa] com tiras de beirames, e meadas de algodão. Estavam tão abertas as costuras da nao, que em mui pequeno espaço levava a nao meio beirame ... (*Hist. T.-M.*, IX, 116).

**beirame**:

Coifa de beirame  
Namorou Joanne.

(Camões, II, 524).

**belida**: *Vid.* Borleta.

**bengala**: ... cõ o rabinho entre as pernas, & hūa bengala na mão correm seca & meca ... (Vasconcellos, *Ulys.*, 294).

**bermeo**—**berneo**: ... a lopo diaz moço do monte huum manto bermeo ... (1493). (*Diss. Chr.*, V, 313).—... a 2 mouros ... senhos pares de camisas de pano da terra e senhos berneos. (Ib., 317).

**bermeo**: *Vid.* Pano da terra.

**berneo**: ... o dinheiro que estaua no batel, que estaua em hum sacco emburilhado em um manto berneo ... (G. Correia, I, 240).

**bernio**: ... o Grimaldo, posto junto dos dous irmãos com ūa lança e um bernio no braço ... (*An. de Arzila*, I, 319).

**bernio**: ... a poder que eu possa, não me hão de comer as filaterias dos contemplativos de felpa, como bernio da Irlanda. (Vasconcellos, *Ulys.*, 147).

**bertangil**: ... que des a tomas queimado homẽ da mñha goarda quatro mil reaes e dous bertāgys de que lhe faço merce ... (*Cartas de Alb.<sup>o</sup>*, VI, 49).

**bertangil**—**bretangil**: ... entre tanto se amortalha o defunto, quasi ao nosso modo, em um bertangil azul, cingido por muitas partes com tiras do mesmo bertangil. (*Hist. T.-M.*, IV, 52).—... uma tira de Bretangil vermelho. (Ib., V, 77).

**bertangil**: *Vid.* Vespicias.

**bertangis**: ... douz bertangis vermelhos e douz brancos pera vestydos dos meus escpravos ... (*Cartas de Alb.*, vi, 144).

**bespiça**: ... sesēta panos bespiças pera cobertores das camas dos doctes do espritall ... (*Cartas de Alb.*, vi, 398). — (É uma ordem do capitão de Cananor, para dar esses artigos. No recibo chama-se aos mesmos: «panos mādes pretos de bandas de cores...»).

**bespyces**: A corja dos bespyces maçudes vall trymta e cymquo tamgas. (*Lembr. c. India*, 48). — *Vid. Vespicias*.

**bigarado**: ... calças de grā bigaradas cortadas ... (G. Correia, I, 533).

**bocal**: ... e havia muitos que não traziam mais que o manto da camiza, e os bocaes dor mostra ... (*Hist. T.-M.*, II, 150).

**bocasym**: *Vid. Almatega* — Barbilho.

**bocaxim**: Tambem fabricam [os Malabares] bocaxins muito perfeitos e bellos. (Marco Polo, citado por David Lopes in *Port. no Malabar*, p. xxxiii).

**bocaxim**: ... & hū pellote de sarja preta, forrado de bocaxim. (D. João de Castro, *Obra*, citado por J. L. de Azevedo in *Evol. do Sebastianismo*, notas, p. 80). — Ora eu, por se me não gastar de todo o pellote ... & tambem porque vendome vestido de preto, me deixassem de allugar: virauao com o bocaxim pera fora por ser ja muy esbranquiçado. (Ib., 81).

**bocaxim**: Por 20 covados de bocaxim vermelho para forro das ditas gorras, assim das moças como dos foliões e trombetas — 15000. (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.*, I, 517). — Por duas peças de bocaxim verde, para a mesma aplicação [dalmáticas] ... (Doc. de 1562). (Ib., II, 548).

**bocresym**: *Vid. Grā*. — (Deve estar por «bocaxim»).

**bofetá**: ... hum mercador Mouro levava para Méca hum fardo pequeno de bofetás, os mais ricos que podiam ser, que os fez de encommenda em Baroche para os Bachás do Turco; e indo á avaliação, lhos puzerão cada hum em oito pardáos, valendo doze, ou quinze ... (Couto, *Sold. Prat.*, 53).

**bofetá**: ... achar-lhes-heis a salla, e a varanda chea de alfaiaes; huns a fazer colchas de seda, e bofetás, e outros acolchoados ricos ... (*Sold. Prat.*, I, 52).

**bohemio**: Vinha esta santa imagem vestida de caminho com seu bohemio, ou capote nos hombros de brocado de cores ... e hum chapeo de setim avelutado de ouro ... (Andrade, *Misc.*, XI, 216).

**boleta**: *Vid. Solia*.

**bolsa:** Tomou-nos enfim, e nos anafou em uma bolsa cheirosa com mais cordões verdes e borlas no cabo, que chapeu de bispo arménio. (Mello, *Apologos*, Escr. Av., 95).

**bonete:**

No dejes entrar romero,  
Aun que te quite el bonete  
Ni te dé mucho dinero ...

(G. Vicente, *T. de Apollo*, 373).

**bonso:**

e traze-m'o meu cordão,  
em qu' está atado o meu bonso.

(Chiado, *Regateiras*, 88).—(Alberto Pimentel julga ser um berloque, figurando talvez um sacerdote oriental. Será assim?).

**bordado de primavera:** ... trazem chamalote de ouro e tellas riquíssimas, e em sima bordados de primavera e outros lavores muy perfeytos ... (*Fastigimia*, 148).

**bordate:** ... muito lacar, alaquecas, bordates, especearia, pera se vender aos mouros e judeus ... (*An. de Arzila*, I, 286).—(Em nota: «bordates: capas de lã grossa para agasalho ou manta para cuberta de cama. Veja-se Dozy, *Diction. détaillé des noms de vêtements chez les Arabes*, pp. 59-64).)

**bordate:** ... tambem comprou holandas & lenços finos & outros lenços grossos a que chamaom bordates ... (Pacheco, *Esmeraldo*, p. 34).

**borde:** E asy lhe darees huñ borde de seda e llinho dos somenos ... (*Cartas de Alb.*º, vi, 388).—(Será o mesmo que «bordate»?).

**borleta:** ... armado de umas armas de Ceo e per ellas muytas borletas douro, no escudo a fabula do tormento das belidas ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 198).

**borzeguil:** ... e todos, se vestirão de seus bons vestidos, que leuauão, de veludos, damascos, e espadas douradas, e borzeguil, e calções de seda de cores ... (G. Correia, III, 31).

**borzeguim:** E mandou que o vestissem no habitu de Santyago, de que era caualleiro. O que se fez, e lhe calçarão huns borzeguins bayos, e calçarão humas esporas douradas, e hum sayo de damasco preto debaixo do manto, e huma crispina de preto e ouro na cabeça, e em cyma huma gorra de veludo preto, e aos hombros huma bêca de veludo preto ... (G. Correia, II, 458).

**borzeguim**: ... & justará uns borzeguis, como os eu ja justei com canudo, que matarião huma pulga na perna. (Vasconcellos, *Ulys.*, 31). — Certos borzeguis de bom pano com chapins de veludo pera o paço, não ha mais Fez. (Id., ib., 273).

**borzeguim**:

Se trouuerdes borzeguys,  
traze atacas na curua ...

(*Canc. Res.*, Tr. do coudel-mór).

borzeguys marroquis rroxos ...

(Ib., Ajuda de F. da Silveira ás coplas de Nuno Pereira).

Meus borzeguis rrecramo ...

(*Canc. Res.*, de J. Affonso de Aveiro).

**borzeguins**: *Vid.* Gorra.

**botas**: E vos arriscareis toda vossa gentileza em botas de vaca que sejão de canela? (Vasconcellos, *Ulys.*, 273). — *Vid.* Gona.

**botina**: *Vid.* Coifa.

**botões**: it. hū jubam de çity carmesy cõ botões por djanteira e mangas e e debruado tudo e os botões de veludo carmesy ... (*Cartas de Alb.*<sup>e</sup>, vi, 256).

**braçal**: *Vid.* Jornea.

**bracamarte**: *Vid.* Gibão — Pelote francez.

**brafoneira**: Por defender las canbas calço las brafoneras ... (*El Libro de Alixandre*, est. 644, publicado por Morel-Fatio).

**braga**: Por  $\frac{3}{4}$  de setim branco da India para braga das ditas calças — \$112 $\frac{1}{2}$ . (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, i, 518).

**bragal**: Por  $\frac{1}{2}$  vara de estopa para bragal do forro do gibão — \$007 $\frac{1}{2}$ . (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, i, 518).

**bragas (calças)**: *Vid.* Cutão.

**bragual**:

Sete varas de bragual,  
senhora, vos dou por touca ...

(*Canc. Res.*, III, 95).

**braguas**:

descalçey loguo as braguas,  
& aparelhey-me de justa.

(*Canc. Res.*, de J. Barbato).

**bragueiro**: *Vid.* Tangueiro.

**brancal**: ... tres mil e cem peças de pannos de preço, e brancaes e escarlatas, e outros pannos de menos preço, e mais de cem peças de saria e mais de cem varas de lenço froncil ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. 1, c. xc).

**brial**:

Sahirei ataviada  
Com hum brial d'escarlata ...

(G. Vicente, *Mofina Mendes*, 114).

**brial**:

Remoçou-m'ella hum brial  
De seda e huns toucados.

(G. Vicente, *V. da Horta*, 84).

**brial**:

A húa delas vestia  
hum bryal negro, chapado  
de muy rrica argentaria,  
d'ouro com gram pedraria  
derredor co'artepisado.

(*Canc. Res.*, de Duarte de Brito).

**brial**: Por 338 covados de panno roxo, a preços diversos, para vestimenta de 30 foliões, a 5 covados cada um homem, e para 24 briaes de 24 moças folioas, a 6 covados cada brial ... (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, 516).

**briona**: Por 15 varas de brionas para forro dos ditos corpinhos—675. (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, 517). Por 800 varas de briosas para 267 bandeiras, afóra 533 que eram ricas—36\$000. (Ib., 519).

**brocadilho**: ... trazem [em Bisnaga] húas camisas curtas de pano branquo dalgodam ou seda, ou brocadilho que lhe daom pelo meo das coxas, e abertas por diante com húas touquinhas na cabeça, e deles com húis baretes de seda ou brocado, com suas abarquas nos peis ... (D. Barbosa, 302).—*Vid. Jaqueta*.

**brocado do Levante**: Estava em seu grande estado, vestido com opa de brocado riqo do Leuante ... (G. Correia, III, 42).

**brocado minho**: *Vid. Almatega*.—(Suponho que seja erro por «minhoto»).

**brocado minhoto**: Hum fromtall dalltar de brocado minhoto de quatro panos de comprido ... (*Cartas de Alb.<sup>a</sup>*, III, 143).

**brocado pedrado**: ... e o Rey [de Ormuz] lhe deu huma cinta de ouro, e huma adaga guarnevida de ouro, e hum cavalo mui bem aparelhado, e duas peças de brocado pedrado ... (*Comment. de Alb.*, p. 1, c. xxxvi).

**brocado de pello e raso**: ... o qual [cadafalso] tinha treze degraos cubertos, os sete q̄ decião da tūba pera baixo de brocado de pello irmão do com que vinha cuberto o santo corpo, & os seys debaixo cubertos de muy rico brocado raso ... (*Resende, Tresladaçam*, f. 122 v).

**brocado raso**:

He de bom borceado [sic] raso,  
qu'eschameja como brasa ...

(*Canc. Res.*, Tr. de Fernão da Silveira, III, 81).— (Referência à braguilha de D. Goterre).

**brocado raso, de pello**: *Vid. Pelote franeez.*

**brocadura**: ... cosidos os ditos alparavazes no dito ceo, franjados de brocadura larga de Retros de cores ... e sam dobrados os ditos alparauazes, e asy leuam a dita frocadura. (*Cartas de Alb.*, III, 146).— (Creio que é «frocadura» e não «brocadura»).

**bucete**: ... e por huūs buctes jazerynos dez cruzados ... (*Cartas de Alb.*, vi, 367).

**burel**: Estes frades uestião burel pardo, como os bernaldos ... (G. Correia, iv, 189).

**burel**: ... a 8 negros a cada hum seu gabão de burel ... e huma cuberta pera dormirem. (*Diss. Chr.*, v, 312).

**burel**:

Tendes vós aqui borel,  
Do pardo de Ian meirinha?

(G. Vicente, *A. da Feira*, 172).

**cabaja**:

Cabaia de damasco rico e dino,  
Da Tyria cor, entre elles estimada ...

(Camões, *Lus.*, c. II, est. xcv).

**cabarbanda**: ... vestido de uma cabaja de tela, e cabarbanda, toda repassada de ouro ... (A. Coelho, *Jorn.*, 76).

**cabaya**: ... polo que tambem lhe deu [el-rei de Melinde a Nicolau Coelho] huma cabaya de pano de seda, que ElRey despio e lha deu. Cabaya he um vestido, como a nós he o pelote. (G. Correia, I, 61).—

... hum caimal ... que jazia vestido em huma cabaya de veludo de Meca, e pannos de seda com que vinha encachado. (Id., II, 917).— ... o qual vestido he sobre as camisas humas cabayas de seda quarteadas de suas cores, compridas até o chão, e por detrás dous palmos de rabo como mulheres, e sobre as cabayas bedens de seda vestidos. (Id., IV, 350).

**cabaya**: ... cansado da caça se lançou a dormir, vestido de huma cabaya de cetim carmesim, e sobrella huma pelle de lião. (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 89).— ... da cintura pera cima vestia huma cabaya de seda de Persia, de cetim verde cortada sobre tela de prata, e lavrada de troças douro ... (Id., Ib., 304).

**cabaya**: *Vid. Loba.*

**cabeçada**: *Vid. Capilar.*

**cabeção**:

He d'aljofre um cabeção  
Pera o Conde de Penella.

(G. Vicente, *Rubena*, 46).

**cabeção**:

Foi e esfarrapou-me toda  
O cabeção da camiza.

(G. Vicente, *Inês Pereira*, 123).

**cabeleira dos portugueses no sec. XVII**: Em entrando pela porta da Fortaleza [de Ormuz], a primeira cousa que vemos, he a ymagem, e figura de Afonso de Albuquerque que Deus tenha em gloria, com húa barba q̄ lhe dá pela cinta, como elle a trazia bẽ diferente das de agora, em que os homens as mudarão pera o topete da cabeça, e com razão, porque a que tem he tam leue, bem he que lhe ponhão algum pezo. (G. de S. Bernardino, *Itin.*, e. XI, p. 120).

**cabelo copado**: Sabei mais de mi, que se viera em tempo de cabello copado, não me ouuereis de tomar com cabeleira por mais caluo que fora. (Vasconcellos, *Euf.*, 15).

**cacha**: ... a cada huū húa cacha e duas ceroullas ou pano pera elllas e pano pera huū cacote cada huū ... (*Cartas de Alb.*, VI, 156).

**cacha**: ... houue entre os jugadores [da pella] diferença e briga sobre huma cacha ... (*Cod. 666*, 359).— ... vendo que [o lenço] era de pano da India, disselhe: Não creais a essa molher, por q̄ isso he cacha. (Id., 364).

**cacha**: (Camões fez umas redondilhas a João Lopes Leitão sobre uma peça de cacha que mandou a uma dama. Joga sobre o equívoco

de *cacha*, com a dupla significação de ardil e de droga para traje feminino. Termina:

Porque se a *cacha* lhe destes,  
Tinha-vo-la feito já.

(Camões, II, 438).

**cacote**: *Vid. Cacha.*—(Deve ser êrro por «*caçote*»).

**caçote**: ... a framecisco moço orfão da terra ho quall mandey criar das esmolas del Rey hū *caçote* e duas camissas de seda pera seu vestir e repairo ... (*Cartas de Alb.*º, VI, 116).—... ouuerã oito barnajes e oito bretangis pera *caçotes* e oito beirames. (Ib., 140).

**caçote**: ... os quis vistir á sua custa, dando a cada um duas camisas, um jupão de fustão preto, um *caçote* de canhamaço e um cotão de fustão branco pera em cima do *caçote* e um barrete vermelho. (*An. de Arzila*, I, 293).

**caçuto**: ... a estes douis balaguates que se vierom do araall dos mouros pera nos hūa cerqueja e hū quaçuto e hū pano de cambaya ... (*Cartas de Alb.*º, VII, 36).

**cadarço**: ... cortinas ... guarnecidias com fitas de cadarço e argolinhas. (*Cartas de Alb.*º, III, 147).

**cadilhos**: ... passando Vicente Queimado vestido em um bedem e os cadilhos polo chão por junto de um criado de Diogo Soarez ... (*An. de Arzila*, II, 247).

**caimal**: ... e á primeira carreira que correram, encontrou Mamborni ao outro no pescoço, e pero tivesse dois caimaes e um grojal, passou-lhe todo ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. CIII).

**calção**: Vestem [as mulheres Persas] calções de homem, meias, e sapatos. (Godinho, *Relação*, 96).

**calção**:

Não se ha cá por fidalguia  
de noite como de dia  
sem calção de tafeta ...

(Prestes, *Procurador*, 159).

**calças**: *Vid. Gibão.*

**calças bragas**:

Oos domingos calças bragas  
do mesmo gibam aferre,  
peugas brancas mays tragua ...

(*Canc. Res.*, Ajuda de Fr. da Silveira ás coplas de Nuno Pereira).

**calças inteiras**: *Vid. Coccolete.*

**calceta**: ... os seus gentis homens, que seriam 24, com capas largas de veludo negro chão, com muitos passamanes, calcetas, como Imperiaes, e roupetas de veludo chão amarelo ... (*Fastigimia*, 64).

**calções**: ... huns calçoões de pardo por mea coxa. (*Diss. Chr.*, 317). — *Vid.* Capotim.

**cama**: ... o conde ... chegou-se a par da cama onde a rainha estava á meza ... (F. Lopes, *Chr. D. Fernando*, c. CXLVI). — (Parece que seria uma espécie de «triclinium», à moda romana).

**camarabando**: Chegado ho gouernador a Goa, achou hi hū presente dhūs panos ricos da Persia q̄ se chamão camarabādos, q̄ sā douro & seda ... (Castanheda, l. III, c. CXVII).

**camarabando**: Estaua vestido em camisas brancas gugaratas [Guzaratas?], e cingindo hum camarabando de seda amarela, e n'elle huma adaga d'ouro e pedrarias ... (G. Correia, III, 588).

**camarbacute**: [Camarbanda?] — *Vid.* Algeravia.

**camarbamde**: ... que dees huña camysa de cotonya de seda e huña camarbamde e huña beatilha fina ao mesajeyro delRey de lara ... (*Cartas de Alb.*º, VI, 322). — *Vid.* Cabarbanda.

**çambarco**: ... tambem ho seguia soma grande de rapazes que ho serviam de muitos çambarcos ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 242).

**cambolis**: Os [habitantes de Arábia] que não usam de samarras, sobrepoem canbolis, que são como capotes largos sem mangas, tecidos de lã de camellos, cousa boa para despedir a agua. (Godinho, *Relação*, 134). — ... e por capa um cambolim como os mais ... (Ib., 139).

**cambuses**: ... aq<sup>les</sup> q̄ ouuerem de ter caualos da quantia de mill libras, q̄ tenhā canbuses grossos ou perpontes e capelinhas ou capelas de fierro, e escudos e lanças. E aq<sup>les</sup> q̄ ouuerem quantia de duas mill libras, q̄ tenhā canbuses, e lorigas e chapelinhas ou capelas de fierro. E aq<sup>les</sup> q̄ ouuerem quantia de cinco mill libras, q̄ tenhā lorigas de corpos e de caualos, e chapelinhas ou capelas de fierro, e escudos e lanças. (Carta régia de 4-III-1317, in *Elem. H. M. Lx.*º, I, 237).

**camisa**: ... andaua com seus panos, e com camisas de mangas curtas até o cotouello, abertas por diante, de tafetás e cetyns de cores ... (G. Correia, I, 231).

**camisa mourisca**: ... vestida em hūa camisa mourisca, que parecia hūa nao com as velas metidas. (Vasconcellos, *Eufr.*, 95).

**camisa mourisca**: *Vid.* Mourisco (lavor).

**canequim**: ... anda jurando em altas vozes pelas ruas, como

o moço que vende caça [cassa?] e canequim ... (Mello, *Apologos*, Vis. das Fontes, 39).

**canequim**: ... lacar, canequins, caças e açucares, especearia, drogas da casa da India pera se vender. (*An. de Arzila*, I, 286, nota).

**canequim**: Por manto usam [as mulheres Persas] um como lençol branco de canequim ... (Godinho, *Relação*, 96).

**canequim**: ... sendo horas de jantar se despedio de Nuno Velho levando uma peça de canequim, que lhe deu, da qual fez quatro pannos, que elle e suas mulheres puzeram por nova e estranha gala, e como tal a estimaram. (*Hist. T.-M.*, V, 58).

**capa**: Mandou apregoar [o Vice-Rei D. Vasco da Gama] que nenhum homem do mar trouxesse capa, sómente ao domingo e dia santo hindo á igreija, e senão que lhe seria tomada pelos meirinhos, e posto na picota hum dia á vergonha. ... Queixaue-se muyto com os homens d'armas pera que trazião capas, porque com ellas nom parecião homens de guerra ... (G. Correia, II, 822).

**capa aberta**: ... e o Principe nosso Senhor vestido de capa aberta & espada ... (Resende, *Hida da Infanta*, f. 136 v).

**capa franceza**: ... seus vestidos sam de peles dalimarias, feytos como capas francezas. (Castanheda, I, c. II).

**capa galega**: ... huuma capa galega e calças de Lila roxa ... (1493). (*Diss. Chr.*, V, 307).

**capacete**: Item: Huum capacete garnecido com seu escudete douro com pouquo esmalte, e alguns cravos, estofado de seda. Item: Huma babeira da mesma sorte. (*Cartas de Alb.*, III, 141).

**capacoura**: O que melhor sahio foy o Duque de Alva, com capacoura, calsas bordadas de ouro de lavor de damasco ... (*Fastigimia*, 75).

**capeirão**: ... lhe lançara hūu golpe e lhe cortara tres dobras de hūu capeyram ... (Doc. de 1446, in *Docs. das Chancelarias relativos a Marrocos*, 585).

**capelar**: O conde ... logo ali mandou trazer de sua guarda-roupa um capelar de grā e com ele o cobrio e lh'o deu ... (*An. de Arzila*, I, 292).—Logo o conde ao mouro deu um capelar amarelo que tomou a Jorje Peçanha ... (Id., ib., 465).

**capelhar**: ... mandou a ElRey hum capelhar de grā fina, forrado de damasco encarnado, com muytos lamares de fio d'ouro ... (G. Correia, II, 782).

**capelhar**: ... & outros como capelhares sobraçados, & nas cabeças fotas de panos de seda & ouro. (Castanheda, I, c. X).

**capelina—capela**: *Vid. Cambuses.*

**capelinho**: ... com hum capelinho na cabeça, como Aldeão, como capello de capuchos, e suas alhetas e vivos do mesmo brocado. (*Fastigimia*, 80).

**capella**: ... nas cabeças capellas de argentaria de retrós de cores & fio douro & de prata cõ muyta soma de perolas entressachadas, & rubis, & çafiras. (Pinto, *Peregr.*, c. CLXVIII, f. 217).

**capello**: ... a 4 filhos das mesmas [escravas] senhos pelotes do dito panno [bristol] forrados de pano de Irlanda ou de castella de dentro até a cimta e com capellos ... (*Diss. Chr.*, v, 316).

**capello**:

Viste ca, se vem á mão,  
Hum fidalgo terrastão  
Com húa lebre no capello?

(G. Vicente, *Cl. da Beira*, 238).

— E as peras onde estão?  
.....  
Algum rapaz m'as comeo;  
Que as metti no capello ...

(Id., *Inez Pereira*, 130).

Eu lhe trazia das bodas  
Sempre o capello atestado  
De figos, de carne e pão.

(Id., *J. da Beira*, 182).

**capello**: *Vid.* Balandrao — Saia.

**capelo**: ... meti em huña mortalha o companheiro que Deos me deu, por amor de quem trago a deste capelo as costas ... (Vasconcelos, *Ulys.*, 254).

**capelo**: ... encadernados em hum capelo franzido são o tōbo de negocios autivos. (Vasconcelos, *Ulys.*, 294).

**capichuela**: O capitão lhe tirou a capa, com que estava cuberto, ficando nú, e o cobrio com outra de capichuela preta ... (*Hist. T.-M.*, IX, 72).

**capilhar**: ... Virginia se partio em trajos de mouro com capilhar de gram que ás vezes costumava trazer por disfarce ... (Jeronymo de Mendonça, *Jornada de Africa*, l. II, c. XI).

**capilhar**: De roupa ouve fermoso despojo. Muytos capilhares, e marlotas de sedas e panos finos: muytas camisas de zarzagitania, que entré mouros são particular louçainha: grande numero de aleatifas, e jaezes de cavallo custosos, estribeyras e cabeçadas de prata. (Sousa, *Annaes*, 66).

**capilar — capelhar**: ... de my tendes sincoenta cruzados e um capilar d'escarlata ... (Sousa, *Annaes*, 189). — ... huum capelhar vermelho todo de antona ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 311).

**capotim**: ... a Jeronimo Perdigão moço da caça hum sayo curto e humas calças e capotym de panno dantona verde huuns calções de panno pardo de castella. (*Diss. Chr.*, v, 317).

**capuz**: Entrou vestido em um capuz de Londres azul e saio com um capuz de grã que o conde lhe deu. (*An. de Arzila*, I, 269).

**capuz**: ... huum pelote e huum capuz e huumas calças de lomdres e huum Jubam de çatim. (*Diss. Chr.*, v, 311).

**capuz**:

Dous annos por acabar  
O capuz de Dom Fernando.

(G. Vicente, *A. da Lusitania*, 259).

**capuz**:

Meu capuz pardo, frisado,  
aluaçaão,  
de veludo bem bordado ...

(*Canc. Res.*, de J. Affonso de Aveiro).

**capuz**:

Porq, como fez foaão  
huu capuz muyto comprido,  
polo rreyno foy sabydo,  
todos dam jaa pelo chaão.

(*Canc. Res.*, de Duarte da Gama).

**carapuça**: ... hum mouro ... na cabeça huma carapuça redonda, que nom cobria as orelhas, feita de muitos quartos de seda de cores, cosidos com fio d'ouro ... (G. Correia, I, 32).

**carapuça**: ... outros [gentios de Angoya] trazem huas carapuças de quartos de pano de seda ... (D. Barbosa, 250). — ... mandou fazer [o Xeque Ismael] hūas carapuças uermelhas de pano de graam, e de has mandar trazer ha todalas pesoas que com elas quizesem ser em sua opiniam ... (Id., 269).

**carapuça**: *Vid. Jaqueta.*

**carapução**: de carapuçōis hua peça de hūu pagode douro chea de pedraria e robis muito meudos. (Sousa Viterbo, *Thesouro do rei de Ceylão*, 27).

**carapução**: Trazem os persianos na cabeça touca branca e um carapução grande e alto com doze verdugos a modo de dobras de gorra; a qual parece sempre por cima da touca ou turbante; e os taes se chamam Queselbás. (Godinho, *Relação*, 95).

**carapução**: ... elle e todos os de seu Reyno trazem o carapução do Xequesmael, que he comprido mais de hum palmo, da grossura de hum brandão, com debruns por dentro cheos d'algodão, que o fazem derecho e duro, que trazem na cabeça e sobre elle a touqua, que ha de ser de seda ou panno vermelho ... (G. Correia, II, 428-29).

**carapução**: ... derrubarão dez ou doze Janiçaros de carapuções de veludo verde, que entre Turcos he deuisa de gente fidalga ... (Pinto, *Peregr.*, c. x).

**carapução**: *Vid.* Saio biscainho.

**carapucinha**: *Vid.* Fota.

**caras**: *Vid.* Armas de defesa no sec. XIV.

**carocha**:

Com cent'açoutes no lombo,  
e húa carocha por capella.

(G. Vicente, *V. da Horta*, 87).

**cartapisa**: Item: Huum cubertor de damasquo que não seja cremenim, com sua cartapisa de veludo da coor que parecer bem, e pelas custuras alguma cousa amtretalhada, e a cartapisa tambem amtretalhada. (*Cartas de Alb.*, III, 142).

**casaca**: ... quaes suspiram pelas casacas hollandezas ... (Mello, *Apologos*, Vis. das Fontes, 75).

**casaca**: Era a libré dos fidalgos casacas, como os Imperadores Romanos, e mantos de télia de prata cahidos do hombro e recolhidos no braço esquerdo ... (*Fastigimia*, 157).

**casco**: ... na cabeça huma capela de era, e debayxo hum casco de prata á maneira de rede, tomada com huuus nós e esmaltes verdes que atravessavam ho branco ... (Vasconcelos, *Tav. Red.*, 348).

**casco galego**: ... trazem has uezes nas cabeças húas carapuças compridas como casquos Gualegos ... (D. Barbosa, 313).

**cataná**: E todo o primor vay em alimpar, e embainhar a cataná, com o rosto sereno, & alegre ... (Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier*, I, 1, c. III).

**ceifões**:

Deyxayme ca cos ceyfoões ...

(*Canc. Res.*, de Nuno Pereira).

**ceja**:

Pentear, curar de mi  
E poer a ceja em direito ...

(G. Vicente, *Quem tem farelos?*, 23).

**celada:** Tinha [o Samorim] na cabeça húa carapuça de veludo, feyta ao modo de celada antiga, cuberta de pedraria & perlas ... (Castanheda, I, c. XVII).

**celada** ... celada ou murrião de veludo pardo ... (Vasconcelos, *Tav. Red.*, 337) — ... celada de tafeta pardo forrada de telilha de ouro, com huns golpes meudos ... (Ib., 338).

**celada** ... no temian [las armas] celada de encaje, sino morrion simple; mas a esto suplió su industria, porque de cartones hizo un modo de media celada, que encajada con el morrion hacia una apariencia de celada entera. (Cervantes, *D. Quijote*, I, c. 1).

**celada:** *Vid. Coura.*

**ceroulas:** *Vid. Baju.*

**cerqueja:** ... que deis a húa molher que se veo do araial dos mouros pera nos húa cerqueja he húa tafeçira empapelada ... (*Cartas de Alb.*, VII, 33). — (No documento a seguir está com a forma «cerqeiga»). — *Vid. Caçuto.*

**cerues (ceroulas?)** ... que des a francisco lingoa hũ pelote amarillo e dous pares de cerues e duas camisas ... (13 de Fevereiro de 1515). (*Cartas de Alb.*, VI, 242).

**chagoma** ... que des a nove escpravos meus a cada huu quatro panos dos bos sobre meu solldo e nã sejam bezpiças nẽ chagomas e ametade seja de panos bramecos e a outra metade doutra cor ... (*Cartas de Alb.*, VI, 151).

**chamalote:** ... e húa camysa de chamalote morysqua vermeilha ... (*Cartas de Alb.*, VI, 449).

**chamalote:** *Vid. Fota.*

**chamalote de seda:** ... na soma deste dinheiro entrão vjnte e húa peças de chamalote de seda de quores ... (*Cartas de Alb.*, VI, 78).

**chamalote sem agoas:** *Vid. Savastro.*

**chamalotes:** ... leuam tambem muitos chamalotes comüs de seda, que neste regno de Cambaya se fazem e saom muyto baratos ... (D. Barbosa, 283).

**chande:** ... trazem [mulheres Bramenes] ... outros panos grandes que chamaom chandes, que elas lançaom por cima de sy como mantos, quando vaom fora ... (D. Barbosa, 278). — *Vid. Almaizar.*

**chanel:** ... e nisto mandou-lhe D. Luis por um moço pagem da nao que ahi vinha, um meio chanel feito em duas partes ... (*Hist. T.-M.*, II, 149).

**chantar:** ... vinhão vestidos da mesma cor amarella, porem de

tafetâs & chantares finos, o q, pelo grande numero, pareceo cousa de custo. (Pinto, *Peregr.*, c. CLXVIII, f. 214 v).

**chantar**: *Vid.* Mamona — Rembotim.

**chapary**: *Vid.* Olao. — (Deve ser *chaparya* ou *chaparia*).

**chapeirão**:

Olha per teu chapeirão ...

(G. Vicente, *Cl. da Beira*, 240). — (Referindo-se ao chapeirão, diz o negro mais adiante, p. 244):

Graça Deoso esse he capote;  
Nunca deixa aqui palote ...

Jesu! e o meu chapeirão  
E o cinto e a esmoleira?

(Ib., 247).

**chapeirão**:

Ao hombro um chapeirão  
Que pasmava todo o povo ...

(Bernardim Ribeiro, *Eglogas*, II, p. 291).

**chapeirão**:

O coitado anda a pescar,  
posto aos perigos do mar,  
vestido em um chapeirão.

(Chiado, *Regateiras*, 60). — (José Gomes Monteiro e Barreto Feio suppõem que seria uma especie de capote).

**chapelina**: *Vid.* Cambuses.

**chapeo**: ... sayo muy loução, com riquo vestido de citim cremisim forrado de tela de prata, e riq a espada d'ouro d'esmalte, e chapeo de citim, á tudesca, com muyta chaparia e pluma vermelha, collar d'hombros d'esmalte ... (G. Correia, III, 894).

**chapeo**: *Vid.* Balandrao — Cossolote — Pelote francez.

**chapeo**: ... e na cabeça hum grande chapeo de guedelha vermelho, e n'ella huma grande medalha d'ouro e pedraria muy riqua, e n'ella huma pluma branca com argentaria d'ouro ... (G. Correia, III, 468).

**chapeo**: Parece bom pano o desse chapéo, e está bem feito. — ... Amargos tres tostoos me custou so o pano: fezmo hum oficial darte ... (Vasconcelos, *Ulys.*, 361).

chapeo — fralda:

& o chapeo ey de guardalo,  
porey as fraldas na cabeça  
porque esta moça he travessa  
& agoa pode danalo.

(Anrique Lopes, *Cena Policiana*, vv. 557-60).

chapeo: *Vid.* Bohemio.

chapeo de castor: *Vid.* Manteu.

chapeu de guedelha: ... hūus chapeus uermelhos de guadelha  
qne uem de Leuante ... (D. Barbosa, 371).

chapeyram: ... foram elles mui bem presos e arrecadados do  
juiz, que he hum omemzinho vestido em hum chapeyram de burel,  
com um cajado debaixo do braço ... (*Cartas de Alb.*º, I, 177).

chapim: ... toda a moeda de ouro empapelava á parte como  
chapim de Valença ... (Mello, *Apologos*, Escr. Av., 94).

chapim: Les escarpins, du bas latin *scapinus* (semelle), ou de  
l'italien *scarpa* (soulier), se nommaient également *escaffins*, *escafi-  
gnons*, *eschapins*:

Tote dolente, hors de la chambre esi,  
Désafublée, chauciée en eschapins.

(Ch. de Linas, *Anciens Vêtements Sacerdotaux*, 3º série, 78).

chapim:

Na Chamusca vy hūu dya  
hūa filha dhūu vylaão  
lavrando dalmarafaão,  
o qual pera ssy fazia.  
Daquy vyrão os chapyns,  
& tambem os verdugados,  
& apos elles os trançados  
& coxyns.

(*Canc. Res.*, de Duarte da Gama).

chapim:

não tendes por soberano  
matar-vos Valenciano  
chapim de Valhadoli.  
Uma arte de rica cota,  
um volante, uma marquezota  
que ganhar-vos amor ...

(Prestes, *Procurador*, 113).

chapim :

Vão filhas de atafoneiros,  
e mil villões ruins,  
com barras e carmezins,  
debrús e démos ínteiros,  
todo Valença em chapins . . .

(Prestes, *Cantarinhos*, 457).

cheila : *Vid. Guingão.*

chinela : *Vid. Lenço.*

chinella :

O que hão botas com chinellas?

(Prestes, *Procurador*, 159).

chiote :

Maos chiotes de ma panno . . .

(G. Vicente, *R. de agravados*, 524).

chiote :

O gingrar de meu caseyro  
co chyote que traz rroto . . .

(*Canc. Res.*, de Nuno Pereira).

chiote — gabão :

e cá andam repelões  
nos chiotes, nos gabões  
que foram de seus passados.

(Prestes, *Mouro*, 364).

ciclatão : Le *siglaton* était également une étoffe de soie; il était importé, comme le cendal, du Levant et de l'Italie. (Ch. Louandre, *Arts somptuaires*, I, 114). — La Cyclade des Grecs, *κύκλως*, parce qu'elle enveloppait le corps comme la mer enveloppait les Cyclades, était devenue au treizième siècle le *siglaton* porté par les femmes . . . (Id., ib., I, 124).

ciclaton : non querien los juglares çendales nin ciclatones . . .  
(*El Libro de Alixandre*, est. 1939).

ciglaton—siglaton: ... divers écrivains des XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles mentionnent fréquemment une étoffe d'or et de soie presque toujours rouge, qu'ils nomment siglaton, en Arabe *siklatoun*. Dans ce genre de tissu, qualifié de drap d'or sur un inventaire anglais de 1295<sup>1</sup>, le métal occupait à la face externe un espace beaucoup plus large que la soie; des oiseaux y étaient parfois figurés, de plus les *siklatouns* de Bagdad jouissaient d'une grande réputation à partir d'une époque très reculée<sup>2</sup>.

ciglatoun: Item, septem alia [pulvinaria, almofadas] consuta de serico, et duo de panno inciso, et unum opertum de Ciglatoun, et unum opertum de albo filo ... («Inv. da Cath. de S. Paulo de Londres» in A. Welby Pugin, *Glossary of ecclesiastical ornament and costume*, s. v. «Cushions», p. 110).—Stola et Manipulus in medio de Ciglatoun, limbati in circuitu aurifrigio ... (Ib., v. «Maniples», p. 172).

cincilete: ... tambem trazem [os Mouros de Melinde] muitos cinciletes, e fotas nas cabeças de muyto riquos panos ... (D. Barbosa, 252).

cingidouro: ... a nacoda homar hūa camisa de cotonya e hūa cimgidoyer e hūa touca ... (*Cartas de Alb.*, vi, 281).

cintilho: ... os titulares e Senhores da Corte ... carregados de ouro, perolas e pedras, nas cadeas, botoens, e cintilhos ... (*Fastigimia*, 119).

cipre: ... saias e cotas e cipres de dona e outras couisas que pertenciam a guarnimentos de mulher ... (F. Lopes, *Chr. D. Fernando*, c. XLIX).

ciroes: ... andaom estes Mouros Dormus muy bem uestidos de hūas camisas muy aluas dalgodam delguadas e compridas, e debaixo seus ciroes de pano dalgodam, trazem tambem muitas roupas de sedas muy riquas, outras de chamalotes e grāa, cingidos com muyto bons almejares, em que trazem suas adagas muy bem guarnecididas douro e prata ... (D. Barbosa, 271).

<sup>1</sup> «Item, capa Joannis Maunsel, de *panno aureo* qui vocatur ciclatoun». Cette citation est empruntée aux *Recherches, etc.*, de F. Michel, t. I, p. 232, note 1.

<sup>2</sup> Les siglatons orientaux venaient d'Alexandrie aussi bien que de Bagdad, mais la première ville n'était qu'un vaste entrepôt, où les marchandises de l'Asie attendaient le négociant étranger. (Ch. de Linas, *Anciens vêtements sacerdotaux*, 1<sup>e</sup> série, p. 14).

**ciroila**: ... se vestio muyto riqo, em pelote de cetym roxo, e sua espada d'ouro e punhal, e gorra de veludo cremenys com riqua estampa e pena branca, e roupão do mesmo cetym roxo, e ciroilas de cetym cremenys, e pantufos forrados de cetym ... (G. Correia, II, 413).

**ciroula**: *Vid.* Servilha.

**citara**: ... como a este tempo ... dese um pelouro de um espin-gardão e pasando ūa citara de um paje do capitão que dizião do Soveral, caio aos pés do cavalo ... (*An. de Arzila*, II, 115).

**citara**: ... ha sua alteza por bem que a sella se faça ... com sua citara de veludo cremenys ... (*Cartas de Alb.*, III, 145).

**cochonilha**: As meias [dos Persas] são sempre de cochonilha ou grāa, atadas por cima do joelho. (Godinho, *Relação*, 95).

**cof**: ... a Isabell cardosa moça da camara de Raynha ... hum cof de veludo preto dobrado. (1493). (*Diss. Chr.*, V, 314).—Deve ser cofo.

**cofo**: *Le keffieh est une grande écharpe ou voile rayé d'or, recouvrant une calote et maintenu sur le sommet de la tête au moyen de cordons tressés en couronne.* (Ch. de Linas, *Anciens Vêtements Sacerdotaux*, 2<sup>e</sup> série, 138, nota).

**cofo**: o mouro leuava a tiracollo hum cofo, e na cinta hum treçado e huma adaga, e pendurada uma bainha de faquas ... e vestida huma riqua cabaia de brocado. (G. Correia, II, 431).

**cofo**: *Vid.* Touquinha.

**coifa**: Alvaro Paes, que estava já prestes e armado, com uma coifa na cabeça, segundo usança d'aquelle tempo, cavalgou logo á pressa ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. XII).

**coifa**: Damuos a coifa, damuos a çapata, quanto podeis pedir por boca. (Vasconcellos, *Euf.*, 42).— ... & mais eu peito largamente, dou botinas, & coifas de Lisboa bengalas, corpinhos de chamarote com fita encarnada. (Id., ib., 215).

**coiraça**: E logo vestio a El Rey humas coiraças de cetym braneo ... e lhe deitou ao pescoço huma cadea d'ouro de rocaes esmaltada ... (G. Correia, II, 432).

**colar**: *Vid.* Jubão.

**colaretes**: De colaretes redondos de robis ... De colaretes douro de feicā de pateca ... (Sousa Viterbo, *Thesouro do rei de Ceylão*, 23).

**colarinho**: ... ha ho pescoço hūs colarinhos douro e pedraria ... (D. Barbosa, 303).

**colchete**: ... muitas vezes se encostaom em camilhas de colchetas de seda, e de panos branquos muyto delguados ... (D. Barbosa, 314).

**colete:** ... colletes de ambar, ou de veludo atrocellado ou bordado ... (*Fastigimia*, 78).

**colete:** ... Dom Lourenço, que foy vestido muyto loução, e sobre huma coura vestido hum colete branco, muy reluzente como espelho, e laurado dourado ... e hum page que lhe leuaua seu elmo, com grande tufa de penas, do teor do cosolete ... (G. Correia, I, 637).

**comtrai:** ... huum gabam de comtrai frisado ... (*Diss. Chr.*, v, 310). — Por Contray, cidade francesa.

**corneta:** ... na proa do barco vinha huma corneta de roupa de tafeta encarnado ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 348).

**corno:** Por 1 covado de velludo para fazer os cornos que se puzeram nas gorras das moças, \$600. (Doc. 1521, in *Elem. II. M. Lx.ª*, I, 517).

**corpinho:** *Vid.* Coifa.

**cosolete:** O Gouernador hia armado em hum cosolete branco dourado per partes, e seu gorjal de malha, e fralda, e em cima huma coyra de citim crimisim com muitos cõrtes, e na cinta huma riqua espada, e na cabeça hum grande chapeo de guedelha vermelha, e n'elle huma grande medalha de pedraria muy riqua, e n'ella huma pluma branca com argentaria d'ouro, e hum riquo collar d'ombros de roquaes esmaltado, e calças inteiras, cortadas, forradas de crimisim, e çapatos franceses crimisys com fitas encarnadas e grossas pontas d'ouro, e hum bastão de pão dourado na mão esquerda, posto no quadril ... (G. Correia, III, 468).

**cota:** Tudo isso he ... por não lhes dardes humas cotas de chamarote de seda ... (Vasconcellos, *Ulys.*, 24). — ... dio os cota y sayo de seda ... (Id., ib., 80).

**cota:** ... e elle trazia uma cota vestida, e até vinte comsigo, com cotas e braçaes e espadas cintas, como homens caminheiros ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. x).

**cota:** Hia diante do Visorey o Rey d'armas, vestido em sua cota, com o barrete na mão. (G. Correia, I, 534).

**cota:** *Vid.* Chapim — Jornea.

**cota de cavalgar:** ... e ela [a Rainha] em saya larga, ou cota de cavalgar, de tella de ouro roxa, com bordadura de aljofar. (*Fastigimia*, 120).

**cota de malha:** *Vid.* Laudé.

**cotão:** ... elle em calções e hum cotão de veludo, e debaixo huma saya de malha secreta ... (G. Correia, III, 559). — ... andava sempre guardado o melhor que podia, com hum cotão de malha secreto, e sempre huma meã espada na cinta ... (Id., ib., 666).

**cotão:** *Vid.* Caçote.

**cotonia:** ... porque imda até gora gastam as vosas naos as cotonias da nao mery em suas velas ... (*Cartas de Alb.*º, I, 144). — ... que dez a gomez martinz moço da capela delRey e meu musico tres cotonias e algodam pera fazer hūu colchão e hūu traveseiro quanto seja necesaryo ... (Id., V, 322). — ... vos mamdo que dees as cotonias que forem necesarias pera fazerem as monetas pera debaixo do papa figo da nao madanela ... (Id., VI, 37-38). — ... que des a Johā borgues ystrikeiro seis cotonias pera cubertas dos cavalos ... (Id., VI, 459).

**cotonia de seda:** ... que paguees a Joce lymgoa hūa cotonya de seda que lhe mandey tomar ... (*Cartas de Alb.*º, VI, 82). — ... que des ao paje delRey dormuz duas cotonias de seda e tres peças de beatilhas finas — a saber — hūua de duas ē peça e outra sobre sy ... (Id., ib., 278).

**cotonias:** A corja das quotonyas grandes vall duzemtas e cym-quoemta tamgas ... A corja das cotonyas meās vall cemto e sesemta tamgas ... A corja das quotonyas pequenas vall cemto e corempta tamgas. (*Lemb. c. India*, 48-49).

**coura:** ... e, tirando-o, o pozeram em S. Francisco com sua coura de ambar e suas mangas de tella, e debaxo huma coura de anta ... (*Fastigimia*, 46).

**coura:** O Gouernador se armou com huma coyra de laminas postas em brocado de peso, e na cinta huma rica espada, e na cabeça huma cellada cuberta de veludo crismisim gornecida d'ouro de hum lauor d'esmalte, e em cima huma rosa com muyta argentaria d'ouro ... (G. Correia, IV, 194).

**coura:** O Gouernador estaua armado em huma coyra de laminas de tella d'ouro, e tinha vestida huma roupeta franceza de citim crismisim, forrada de tafeta encarnado, guarnecida de passamanes d'ouro, e calças e muslos do mesmo teor ... (G. Correia, IV, 589).

**coura:** *Vid. Coccolete* — Gibão.

**coura de laminas:** O capitão mór armado em hūa coura de laminas de citim cramesim com crauacão dourada, & com hum montante nas mãos ... (Pinto, *Peregr.*, c. CCV, p. 268 v).

**couraça:** ... a mim me dérão ūa cutilada por cima de um hembro, que topando na borda do capacete me cortou ūa das fivelas das couraças ... (*An. de Arzila*, II, 172).

**couraça:** ... hūas coyras postas ē veludo azul ... (Castanheda, I. III, c. CXXXVI, p. 459).

**couraça:** ... vendeo christovão de brito as suas coiraças de maa seda a XX crusados, e as adargas a cimqo crusados, e as espadas

da feira de medina a mill e duzemtos rs., e punhaes de castela a seis-cemtos. rs. ... (*Cartas de Alb.*, I, 296). — Item: humas couraças de borceado raso com alguma bordadura sobreposta de cetim carmesym, e huma cruz de christos diamte, com suas fiuellas de prata aniladas. (Id., III, 141). — ... por hūas coyraças postas ē city bramco vynte cruzados ... (Id., VI, 367).

couraça: *Vid.* Escamel.

coxim: *Vid.* Chapim.

crangia — musgo: ... hum daquelles soldados veteranos com que a India se conquistou, com huma barba pelos peitos, hum pellote pelo joelho, huns musgos cortados, huma crangia ao peito posta em hum murrão ... (Couto, *Sold. Prat.*, 92).

crencha: *Vid.* Saia Framenga.

crepe: Por 33 covados de crepe preto para 6 pellotes de 6 trombetas, 7\$260. — Por 36 covados do dito crepe para 6 capas dos trombetas, 7\$920. (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.*, I, 517).

crespina:

E dou vos huma crespina  
de chaparia de latam ...

(*Canc. Res.*, III, 100).

crespina:

.....	as goritas
de páos .....	
tem trançadas nas cabeças,	
uas crespinas .....	

(Prestes, *Mouro*, 377).

crespina: *Vid.* Saia Framenga.

crespine: On appelait *crestine*, *crespine* ou *crespinette* le réseau de soie ou d'or dans lequel les femmes renfermaient leurs cheveux. (Challamel, *Histoire de la mode en France*, c. vi).

cris: *Vid.* Destar.

crispina: ... e o Gouernador com pelete e loba aberta roçagante, que então se costumauão, tudo de damasco preto barrado de veludo preto, e na cabeça huma crispina de fio d'ouro e preto, e em cima huma grã gorra de veludo preto, das antigas, e ao pESCOço hum colar d'adobens grosso ... (G. Correia, II, 356). — *Vid.* Borzeguim.

cutão: ... e senhos mantos e cutões e calças bragas pera o mar ... (*Diss. Chr.*, V, 314).

dalmarafão: *Vid.* Chapim.

**damasco**: ... quatro peças e meia de damasco — a saber — hūua de damasco ērolado e as outras de tavoleiro ... (*Cartas de Alb.*, vi, 10).

**Damasco da China**: Ao mercador que me trouxe mādou Pero de Faria dar sessenta cruzados, & duas peças de damasco da China. (Pinto, *Peregr.*, c. xxv, f. 26 v).

**Damasco da India**: 54  $\frac{1}{6}$  ditos [covados] de damasco da India, 10\$833  $\frac{1}{2}$ . (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.*, i, 515).

**damasquim**:

mas çatym muyto rroym,  
& demasquym  
azull, & alyonado.

(*Canc. Res.*, de João Fogaça).

**damasquinho**: Por 6 covados de damasco, 3\$000 reis, 4 de damasquinho, 2\$400 reis ... (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.*, i, 516).

**destar**: E pera cobertura de pernas andão cingidos de grandes panos de Choromandel, e pór Tōca trazem hum pano de seda enrolado na cabeça, que a cerca a modo de Cobra, que os naturaes chamão Destar, e uzão por Arma hūa Adaga, chamada o Cris de ferro azero de Charimatte, que sempre trazem na cinta ... (Heredia, *Inf.*, 77).

**duguaza**: *Vid.* Mamona.

**elmete**: ... ho padrinho que lhe levava o elmete da sorte das armas com huma penacheira de muitas plumas ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 337).

**enfeites femininos**: Encommendados pela r.<sup>a</sup> D. Catharina para Roma em 1551. (*Corpo Diplomatico*, t. vii, pp. 15-16).

**entreforro**: ... como descer da algibeira perfumada de um ministro aos asquerosos entreforros de um pagem? (Mello, *Apologos*, i, Escr. Av., 97).

**enxarafa**: ... o Capitão mór mandou embarcar o page d'ElRey a que deo hum barrete de grā, e em cima huma enxarafa de retroz azul com fio d'ouro, que por sua mão lhe poz na cabeça ... (G. Correia, i, 51).

**enxaravia**:

Não m'arrarão alfenetes,  
E tambem enxaravia.

(G. Vicente, *A. Pastoril Port.*, 132).

**enxaravia**: *Vid.* Polaina.

**enxervia:**

Ui! Olhae vós como m'eu ia!  
sem véo e sem *enxervia*!

(Chiado, *Regateiras*, 90). — (Nota de Alberto Pimentel: A verdadeira orthographia é *enxiravia*: sóccos, escarpins. Frei Domingos Vieira)<sup>1</sup>.

**escamel:** ... couraças sam mui bôas armas pera quá, nem ham mester escamel nem outro coregimento algum, salvamte se se denaficam os couros per tempo ... (*Cartas de Alb.*, I, 257).

**escarcela:** E assi has armas seguintes (conuem a saber) cossolote preto com gorjal, e escarcelas, e barçaes, e cellada ... («Ordenação de D. João III», in *Leis ... do Sr. D. Manuel*, 36).

**escarchado:** ... rosas douro escarchado ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 338).

**escarlata:** ... ao bramini de Idalcam e ao embaxador de xeque ysmaell a cada hûu quatro covados de Iscarlata vermelha ... (*Cartas de Alb.*, VII, 73). — *Vid.* Branca.

**escarlata trintem de ualecenças:** ... huma peça de — vermelha em que ouue vynte cinco couados terça daveam ... (*Cartas de Alb.*, III, 154).

**escodadas (couras?)**: Invenção grande das escodadas com as costuras pera fora a maneira de gaspas. (Vasconcellos, *Ulys.*, 273). — (Na fala anterior, ha referência a *coura danta* e *adaga de tauzia*. Será à primeira que se alude com a palavra *escodadas*, que parece adjetivo?).

**escofia:** ... lançoulhe a mão a huma escofia de seda, que na cabeça trazia, porque estaua rapado de fresco á naualha por causa de bustellas e sarna, e quebranolhe as ataduras a rompeu ... (André de Resende, *Vida do Infante D. Duarte*, 17).

**esmoleira**: On a, du XII<sup>e</sup> siècle au XIV<sup>e</sup>, désigné sous ce nom d'aumônière (aumosnière, *eleemosynaria*, *almonaria*, *almoneria*) un sac tenant lieu de poche, dans lequel on renfermait de l'argent et divers objets, tels que bijoux ... des clefs ... des papiers ... voire même des instruments de pénitence. L'aumônière s'attachait à la ceinture ... elle était en cuir, en saye (étoffe de laine), et même en toile unie ... et on la suspendait avec des cordons ... (Ch. de Linas, *Anc. Vêt. sacerd.*, 2<sup>e</sup> série, pp. 36-37).

**esmoleira**: *Vid.* Chapeirão.

<sup>1</sup> [Não concordo. *Vid.* remissa acima. — *H. L. M.*]

**espaldazos**: ... sobreveste de setim cremesi ... e os espaldazos do teor ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 352).

**espaldeira**: E outº ssy mando q̄ os peoes q̄ ouuerem quantia de cem libras, q̄ tenhã espaldeyras, e sergueyras e escudos e lanças. E os peoes q̄ ouuerem quantia de cem libras affeudo q̄ tenhã lanças, e dardos e beestas ... (Carta regia de 4 de Março de 1317, in *Elem. II. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 238).

**espartenha**: os alvos pés descalços, e juntos deles ricas espartenhas de seda torcida. ... tinha espartenhas tecidas de torçaes douro com robijs e outras pedras de preço ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 61). — ... calçadas humas espartenhas de fio douro e prata tecido em lazaria asaz arteficiosa ... (Ib., 89).

**esporas**: ... as esporas nos pés pretas e com os acicates de prata ... (An. de Arzila, II, 101, nota).

**estamenha**: *Vid.* Saragoça.

**estameto — estameta**: it. dous pares de calças hūas de estameto de grā fina outras descarlata roxa ... (*Cartas de Alb.<sup>e</sup>*, VI, 256). — it. hūas calças destameta de grā ... (Ib., 257).

**estanfort**: (Citado por Louandre (*Arts somptuaires*, I, 116), que lhe dá a origem de Stamfort, na Inglaterra).

**estofos da India**: ... muyta roupa dalgodão delgada, & grossa, assi branca como pintada, muyta seda solta & retros & todo genero de panos de seda & douro, & brocados, brocadilhos, chamarlates, grāas, ezcarlatas, alcatifas, tafeciras ... (Castanheda, I, c. XIII).

**estofos do Oriente**: ... os bofetás de Baroche, e as colchas de Dio ... (Couto, *Sold. Prat.*, 48). — ... bofetás, e outros acolchoados ricos ... (Ib., 52). — ... hum fardo pequeno de bofetás, os mais ricos que podiam ser ... (Ib., 53). — Damascos, seda solta, setins, tafetás, sedas de ouro e de prata, etc. (Id., 155-56).

**estofos no sec. XIII**: Algadrom [algodão?], Grana (grāa), Escarlata ingleza, Escarlata Flamenga, Ingres tinto in grano, Panno tinto de Gam, Ruam, Ipre, Triquintane [?], Gamelim, Grisay, Bifa, Branca de Camina, Pano de Abouvilla, Viado de Lila, de Ipre, Brugia faldrada, Stanforte de Bruges, Santo Omer, Sargia, Pruis, Prumas de Normandia, Roan, Chartes, Rocete, Arraiz, Valencina, Stanforte de Caam [Caen ?], Tornay, Stanforte viado de Ipre, Panos viados e planos de Larantona [?], Frisa, Barragam, Chartes, Picote Palenciano, Segobiano, Sargia cardada castelhana, Armarfega, Burello, Petra de lana [?], Bragal meliorato, Lenço [lentio]. (*Diss. Chr.*, III, p. 62).

**estofos no sec. XV:** Irlandas anchas — estreito — galez — dartau-  
mas — vilagem — ssombreiros de ffeltro — panos de Bristol — color  
[36 peças de varas de] — rrolos destreytos — cordalete — pano de  
rroles — tenahy — cominas — lenço ffrances — quartanay [Courtenay]  
— pano dArragom — pano de Castela. (Numa carta de quitação  
a Gonçalo Pacheco, tesoureiro de Ceuta, de 12 de Julho de 1443,  
in *Docs. das Chancelarias relativos a Marrocos*, p. 557).

**estravante:** ... e hūus que chamaom estrauantes, que he hūa  
sorte de panos ralos, que nós muyto estimamos pera touquados de  
donas, e os Mouros, Arabios e Persios pera touquas ... (D. Bar-  
bosa, 357).

**examin:** El pay de la tienda era Rico & soberano, era de  
seda fina, de vn examin bermello ... (*El Libro de Alixandre*,  
est. 2505).

**ezcotadura:** ... humas coiraças rricas ... com seu colarinho e  
fraldra e ezcotaduras, tudo dourado com sua guarniçam de prata  
alinada, a saber: dez fiuellas com suas charneiras e biqueiras, e tres  
tachões cada huma postos em tecidos de retros carmesym com ver-  
dugos douro pelo meio. (*Cartas de Alb.*º, iii, 151).

**faldelim:** ... vistel-a de amarelo toda, com o seu faldelim e saya  
de setim barrada de ouro ... (*Fastigimia*, 160).

**faxa:** *Vid.* Sainho.

**ferragoilo:** ... não haja Grã em Inglaterra, nem Berri em França,  
que nos não assoalhe em bragas ou pavelhões, que não são menos  
as calças e ferragoilos d'este tempo ... (Mello, *Apologos*, Vis. das  
Fontes, 39).

**ferragoulo:** ... Os ferragoulos muy compridos, que os afeam  
muyto, de velludo chão ou seda, com palmo e meyo de guarnição ...  
(*Fastigimia*, 148).

**festo:** Item. D'hūua faldrilha refeguada de festos, 20 r.<sup>s</sup> (*Livro  
Vermelho*, 518).

**forcadura:** *Vid.* Barbilho — Setim de Bruges.

**fota:** ... & nas cabeças fotas cõ viuos de seda laurados d' fio  
douro ... (Castanheda, i, c. v).

**fota:** Os seus vestidos [em Magadaxo?] he huma fota (especie  
de toalha) de algodão, com que o homem aperta a cintura em lugar  
dos calções ... (Ben Batuta, i, 319).

**fota:** ... e de panos de cambaya que se chamam fotas hoyto  
cētos panos ... (*Cartas de Alb.*º, vi, 418).

**fota:** ... [os Mouros de Çofala] trazem ovtrros panos sobraçados  
como capas, e fotas nas cabeças, algvns delles carapvcinhas de

graam de qvartos, e de ovros panos de laam de mvxtas cores, e chamalotes, e dovtras sedas ... (D. Barbosa, 247).

fota:

Na cabeça huma fota guarñecida  
De ouro, e de seda e de algodão tecida.

(Camões, *Lus.*, c. II, est. xciv).

fota: *Vid.* Capelhar.

fraldilha:

E cair não he maravilha;  
Porque empecei na fraldilha,  
Que co'a pressa  
Não lhe fiz ma ora a presa,  
Nem me lembrou a mantilha.

(G. Vicente, *Tr. do Inverno*, 461).

fraldilha:

Deu-t'elle a fraldilha roxa?

(G. Vicente, *A. da Feira*, 169).

fraldilha:

Correge essas crenchas, filha,  
E viste-te ess'oitra fraldilha,  
Que essa vem-te pequenina ...

(G. Vicente, *A. da Lusitania*, 266).

friza: *Vid.* Murça.

frocadura: *Vid.* Brocadura — Grã.

funda de barrete: ... D. Judas ... não ousou ir de praça, assim como os outros, mas com uma funda de barrete na cabeça, com lança na mão, assim como pagem ... (F. Lopes, *Chr. de D. João I* p. I, c. xvii).

funeral no sec. XVII: — do duque de Bragança D. Theodosio (Ramos Coelho, *Hist. D. Duarte*, I, 82).

gabão: ... que dees a malŷ piloto mouro da nosa estrebaria ... hū vestido da Rochela — a saber — gabā pelote calças e jubā de ffustā e hūu par de camisas de pano da terra ... (*Cartas de Alb.*, VI, 255).

gabão: ... dando-lhe Artur Ortiz as ancas as não pode tomar, asi por ele ser embaraçado, como por estar molhado e vestido em um gabão ... (*An. de Arzila*, II, 235).

**gabão**: ... ou o podera seruir com mais que com este gabam e espada ... (*Hist. Var. Tarora*, 26).

**gabão**: Item. Gabões com hum debrum, ou com huña barra ... 50 r.<sup>s</sup> «Descrição do terreno em volta da cidade de Lamego», in *Ineditos*, t. v, 601)

**gabinarda**: Item. De hūua gabinarda—20 r.<sup>s</sup> (*Livro Vermelho*, 518).

**gabinardo**: *Vid.* Mongy.

**galuey**: Por 82 varas de *galuey* para forro do toldo—1\$312 (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 518).

**gangorra**: ... vindo de Castela no veram com huma grande carapuça de veludo, que os castelhanos chamam gangorra. (*Canc. Res.*, III, 116).

**garavim**: Pois as suas mãos? não tem preço. Ver os seus garijis, os seus cabeções, & os seus desfiados? (Vasconcellos, *Ulys.*, 257).—E com tudo diz que venderá o garavim quando mais não poder por mim ... (Ib., 292).

**gargantilha**: ... como grilhão ao pescoço, se é cadeia; como algema na mão, se é bracellete; como garrote na garganta, se é gargantilha; como tormento na cabeça, se é toucador ou apertador. (Mello, *Apologos*, Escr. Av., 125).

**gargantilha**:

Leuareys por guargantilha  
huma gentil rreste d'alhos ...

(*Canc. Res.*, III, 96).

**garnacha**: *Vid.* Traje dos vereadores de Lx.<sup>a</sup>

**gibão**: Os mais andam em giboens de tella muy apertados na cintura, outros trazem em sima couras de golpes bordadas de ouro, ou seda perfeitissimamente ... (*Fastigimia*, 148).

**gibão**: Afonso d'Alboquerque com hum jibão de tafetá preto, vestido em huma loba de chamalote preto vestida, e hum barrete preto redondo muyto mettido na cabeça ... (G. Correia, I, 982).

**gibão**: ... leuaua [Lopo Soares] hū gibão de cetim de cores feyto em enxadrez, & hūas calças desta maneyra, hūs çapatos de veludo negro com muytas pōtas douro miudas, & hum barrete cō outras grossas: hūa roupa francesa de veludo negro apertada com hū cinto de fio douro, com hū punhal & bracamarte douro, & hū colar de tres voltas feyto dalcatruzes esmaltados, & nele hū apito douro esmaltado. (Castanheda, I. I, c. xci).



**gibão:** De Dom Goterre aos giboões de Fernam da Sylueira & dom Pedro da Sylua, que fizeram de borcado com meas mangas & colar de graam. (*Canc. Res.*, III, 102).

**gibão:** *Vid.* Traje de pobres no sec. XVII.

**girão:** ... pelotes de pano ... de cores de quartos entrelalhados com quatro giroões ... (1493). (*Diss. Chr.*, V, 307). — *Vid.* Pelote.

**gona:** ... ca trazer homem quando fosse ao monte por tempo de agua húa gona muy longa de baldoquim com penaueiras, e outros quando estivesse em sala trazer hum saio de Irlanda com botas, este tal non traria os trajos do tempo que lhe conuinha ... (*Livro da Montaria*, 17).

**gonete:** E a 3 escravas senhas faldrilhas de pano dirlanda e senhos guonetes e cimta de bristol ... (*Diss. Chr.*, V, 312).

**gonete:**

e veste o gunete fino,  
e cinge ess'outra mantilha.

(Chiado, *Regateiras*, p. 80). — (Em nota de Alberto Pimentel: A *Gonella* aparece citada no *Cancioneiro da Vaticana* como um traje de pano, de que usavam as mulheres :

e fremoso pano pera gonella.

Gonete seria porventura um deminutivo de gonella).

Traze cá esses gonetes  
e traze-me os alfinetes ...

(Id., 88).

**gorgeira:**

traz a gorgeira, senhora?  
— Aqui a trago empapelada.  
— Fez-me mercê de a trazer  
para a vêr  
de que feição é lavrada?

(Prestes, *Mouro*, 392).

**gorgorão:** ... logo se vestiu de seda, de hum gorgorão de Napolis antigo ... (G. de Almeida, *Rest. Port.*, p. 1, c. 26).

**gorgueira:** ... punha a mão na ilharga, erguia a gorgueira ... (Vasconcellos, *Euf.*, 208).

**gorgurão:** ... e huma dellas, que hia vestida de gorgurão de seda de ouro, roxo, com suas gorgeiras ... (*Fastigimia*, 207).

**gorjal:** *Vid.* Coccolete.

**gorra:** Na cabeça gorras de tres esquinas e de volta á franceza de terciopelo preto; e calçados uns burzeguins da mesma cõr, com sapatos de terciopelo. (Isidro Velasquez Salamantino, «casos dignos de assento», cit. in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, II, 44).

**gorra:** ... e guorras de veludo azul com penas brancas, deitadas sobre as costas com fitas encarnadas ... (G. Correia, I, 531).

**gorra:**

Irá bem sua criada  
Mettida n'húa gamella,  
E a cabeça rapada,  
Húa touca esfarrapada,  
E húa gorra amarella.

(G. Vicente, *C. de Jupiter*, 405).

**gorra:** *Vid.* Borzeguim — Crispina — Jornea.

**gorra de Milão:** *Vid.* Guingão.

**grã:** ... bem armado de muito boas armas, as quais cobria ña fina marlota que levava vestida de ña grã rosada ... (*An. de Arzila*, II, 38).

**grã:** Este laquar, algñus dizem que he goma daruore, e outros que se cria nos ramos delguados das aruores, como em nossas partes se cria grãa nos carascos ... (D. Barbosa, 361).

**grã:** ... e 'o velho deu huma peça de grã, que fizesse de vestir pera o frio ... (G. Correia, I, 560).

**grã:** ... com seus alparuases dos ditos brocados, forrados de çatim de graam, e framjados de frocadura larga de Retroz azull lys forrada de bocresym ... (*Cartas de Alb.<sup>e</sup>*, III, 149).

**grãa:** *Vid.* Marlota — Mongy.

**grimpa:**

e como o tempo virada  
para as costas traz a grimpa,  
anda a cousa assi trocada.

(Prestes, *Ciosa*, 303).

**gualteira:** ... no traje de calças, e calções, e jaqueta, e gualteira de panno verde, pouca diferença havia delle a Pardalis, e a Marlot, e aos outros. (André de Resende, *Vida do Infante D. Duarte*, 26).

**gualteira:** ... vestido ña roupetá comprida, da cor dos mantos dos Religiosos, mas sem capello; em lugar do qual trazia húa gualteira do mesmo pano. (D. João de Castro, *Obras*, citado por J. L. de Azevedo in *Evol. do Sebastianismo*, notas, p. 79).

gualteira: ... huma gualteyra de feyçam de celada: a que tinha encostada á cabeça ... (Vasconcelos, *Tav. Red.*, 89).

gualteira:

Levarei huma gualteira  
E húa lança longa, longa ...

(G. Vicente, *A. da Lusitania*, 269).

gualteira:

E vendi húa gualteira ...

(G. Vicente, *J. da Beira*, 174).

gualteira:

Cada hum se carapuça  
de goalteyra com penacho ...

(*Canc. Res.*, de Nuno Pereira, III, 94).

guarda-cara: *Vid.* Bauta.

guardanapo: («Assoa-se com o seu guardanapo»). (Rubrica em G. Vicente, *A. das Fadas*, 102).

guarta pisa: ... e no fundo junto da guarta pisa<sup>1</sup> estaa huma cernilheira ... (*Cartas de Alb.*, III, 147). — ... quatro guarda portas de Ras de feguras de llan e seda, que tem huma delas em hum cabo huma Rainha vestida de verde com guarta pisa de cores ... (Ib., 148). — ... hum cubertor de damasco amarelo antretalhado todo per guartapisas ... (Ib., 149).

gingão: ... que andem em corpo, calções a meia perna de cotonia, ou guingão, espada curta, quando muito prateada, talabartes de couro, e ferros, e não com tanto calção de veludo, tantas espadas douradas, tantas tranças de ouro, e tantos passamanes, e guarnições de ouro, e prata ... (Couto, *Sold. Prat.*, I, 141-42). — ... folgáreis de ver hum soldado do meu tempo com hum sayo de guingão pardo, ceroulas de cheila, gibão do mesmo, coura de couro golpeada, gorra de milão, espada curta em talabartes d'anta ... (Ib., 142).

guisa (á): E pagaram aos que eram armados águisa, trinta soldos por dia, e aos bem armados, que não eram águisa, vinte, e aos outros quinze soldos ... (F. Lopes, *Chr. D. Fernando*, c. XXXI).

hipretum: Por 7 $\frac{1}{2}$  covados de *hipretum* roxo para capa do patrão, 2\$385. (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.*, I, 518).

<sup>1</sup> [Desconfio que a verdadeira versão é «quartapisa» — *H. L. M.*].

imperiaes: ... pois os imperiaes de seda, mercasotas, e capas de escarlata, não se acharão mais em festas, e em jornadas de Príncipes ... (Couto, *Sold. Prat.*, II, 38).

**indumentaria no sec. XIII:** Cinta de lincio de Memperle de ouro. Corde de dona cum auro, et argento de Londres, vel de Momperle. Id. de Santo Jacobo ... (*Diss. Chr.*, III, 64).

**irlanda:**

Tragua mays gibã Dirlanda  
na moor força do veraão,  
com meas mangas Dolanda,  
por lha calma ser mays branda  
quando ventallo soaão.

(*Canc. Res.*, Ajuda de F. da Silveira ás coplas de Nuno Pereira).

**jaqueta:** ... homem baço de bom corpo, e boa presença de homem [o Xeque de Moçambique], vestido de huma jaqueta de veludo de Mequa de muitas cores ... e na cabeça huma touquinha de hum pano preto de seda de cores, com viuos e cadilhos de fio d'ouro posta sobre huma carapuça de veludo preto de Mequa. (G. Correia, I, 36). — ... oitenta homens d'alabardas douradas com jaquetas de veludo preto, e mangas de cetym roxo, espadas douradas, calças de grã bigaradas cortadas, capatos brancos, barretes na mão de cetym roxo, e penas brancas ... (Id., ib., 533). — ... o Antonio Faleiro, já vestido como rume, com cabaya de brocadilho, e sua touquinha, e rapado, e calções e jaqueta de grã ... (Id., V, 35).

**jaqueta:** ... e sua pessoa guarnevida de ricas armas e de capelares e jaquetas d'ezcarlata ... (*An. de Arzila*, II, 182).

**jaqueta:** ... o Cardeal não dava mais cada ano, que húa opa do Niorte, & hüs calções, & jaqueta do mesmo pano, sem nenhum feystio ... (D. João de Castro, *Obras*, citado por J. L. de Azevedo in *Evol. do Sebastianismo*, notas, p. 81).

**jaqueta:** ... a que Vasco da Gama mandou húa jaqueta, calças & carapuças vermelhas ... (Castanheda, I, I, c. IV).

**jaqueta:** ... o conde trazia uma jaqueta de lã verde toda bordada de rozeiras, des-ahi cota, peito e braças, e arnez de pernas e guantes, segundo de cote costumava, e sempre espada cinta e adaga, salvo quando ouvia missa. (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. XXXVIII).

**jaqueta:** ... vinha junto de Roque Ravenga em cima de um formoso jinete com um pelote de veludo pardo e húa jaqueta de cetim cramesim ... (*An. de Arzila*, II, 77).

**jaqueta:** O Conde ... cavalgou em um grande e formoso cavallo com cota e braças, e uma jaqueta preta e arnez de pernas de malha,

sob umas botas, e um cutello na cinta solto ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. CLXXIX).

**jaqueta**: Panno branco e amarello, comprado a diversos, para 88 jaquetas, 88 pares de calças e gorras para os remeiros que foram na galé,—feitos, forros, etc., 66\$563 $\frac{1}{2}$ . (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 517).

**jaqueta**: Sahio sua Magestade a Emperatrix [D. Isabel de Portugal] da cidade de Elvas em humas andas de brocado descobertas, cercadas de oyto moços da Estripéyra vestidos de jaquetas de brocado e calças de gram, e outros oyto de calças brancas e jaquetas de velludo negro, e tres pagens vestidos de tela d'ouro. (Sousa, *Annaes*, 179).

**jaqueta**:

... trarão preso hum grumete  
sem jaqueta nem calções.

(G. Vicente, *A. Pastoril Port.*, 128).

**jazerão**: ... e por húa fralda dobrada de jazerã dezasete cruzados ... (*Cartas de Alb.<sup>e</sup>*, VI, 367).—*Vid.* Bucete.

**jilele**: ... mandando por ele um fermoso cavalo ao capitão, Antonio da Silveira, o qual vinha cuberto com um jilele de alcatifa, rica e bem lavrada ... (*An. de Arzila*, II, 109).—(Em nota: Coberta de lã muito quente e larga com que se envolve o peitoral e garupa do cavalo. Veja-se Dozy, *Supplément aux dictionnaires arabes*).

**jornea**: ... e os do duque [de Lancastre] traziam cotas, e braçaes com jorneas borladas, e outros farpadas assaz de vistosos e bem corregidos ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. XCII).

**jornea**: Diogo Fernandes leuana huma jornea de cetym cremeney forrada de damasco encarnado, com muitas pontas de ouro e aljofar polas mangas; e gorra de veludo encarnado, com chaparia d'ouro e penna branca ... (G. Correia, II, 371).—... vindo já ElRey vestido como portuguez, com vestido que elle pedio, que era pelote de citim crimisim, e jornea de damasco crimisim, e espada dourada na cinta, e calções de citim crimisim, e çapatos de velludo preto, e gorra de veludo preto com pena branqa, e adaga d'ouro ... (Id., IV, 694).

**jubão**: ... e Jubões de fustam com meas mangas e colares de velludo negro dobrado ... (1493). (*Diss. Chr.*, V, 308).

**jubão**: ... grande pejo é uir á praça em calças e jubão ... (Mello, *Apologos*, Vis. das Fontes, 55).

**jubão**: ... e jubão de cetym encarnado, muyto cortado, forrado de tafetá azul, com muytas pontas nos golpes; calções de tafetá azul com rosas d'ouro; e nos pés pantufos de veludo ... (G. Correia, II, 371).

**jupão**: *Vid.* Caçote.

**justilho**: *Vid.* Perpões.

**lã meirinha**: ... as quais [almofadas] leuam senhos Recheos de canhamaço cheos de lam meirinha. (*Cartas de Alb.*, III, 148).

**laudé**: ... todos armados de cotas de malha luzentes, e laudés de veludo de Meca, e d'outras sedas, que lhe cobrião até meas coxas e braços até o cotouello, gornecidos de laminas e crauações douradas ... (G. Correia, III, 33).

**laudel**: ... [os mouros de Goa] trazem laudées embastados dalgodam, e muytos deles saias de malhas ... (D. Barbosa, 295).

**laudel**: Os soldados armados de laudeys de laminas, e sayas de malha ... (G. Correia, III, 870).

**laudel**: *Vid.* Aceiro.

**leetiga**: (*Diss. Chr.*, III, 65).

**lemiste**: ... vestidos de panno preto, a que se chamava lemiste, o melhor era o de França. (*Theatro de Manuel de Figueiredo*, XIV, 317).

**lenço**: Et vara de meliori lento valeat quatuor solidos. (Doc. de Afonso III, in *Diss. Chr.*, III, p. II, 63).

**lenço**: ... lenço da Bretanha de setenta reaes a vara, lavrado pelos cantos, com molhos de setas de verde, e encarnado ... (F. de Moraes, *Dial.*, 33).

**lenço**: No vestido, como na cama, não admitia nenhum genero de linho, nem outro lenço. (Fr. Luiz de Sousa, *Vida do Arcebispo*, cap. XI).

**lenço**: Por 2 varas de lenço para forro do gibão, \$990. (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 518).

**lenço**:

já sei assoar-me em lenço,  
já calço luvas nos pés,  
já calço nas mãos chinelas,  
já em pagens dou revés ...

(Prestes, *Moura*, 348).

**lenço**:

Outros vão trazer atados  
hūs lençinhos no pescoço ...

(*Canc. Res.*, de Duarte da Gama).

**lenço da terra**: ... quatro camisas de llenço da terra ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 305).

**lenço frances**: ... tres camisas de lenço frances ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 307). — (Valia mais que o lenço da terra, visto este ser dado a varredeiros, e aquele a um negro de categoria, ao qual se dava também, entre outras cousas, um gibão de chamalote).

**lenço froncel**: *Vid.* Brancal.

**libré**: ... e mandou [Vasco da Gama] vestir os trombetas em liuré branco e vermelho que lhe mandara fazer, e nas trombetas bandeiras de tafetá branco e vermelho com a espera dourada nellas, com seus cordões ... (G. Correia, I, 95-96). — ... os de sua guarda [do governador Nuno da Cunha] com liuré de veludo preto e panno amarelo ... (Id., III, 340).

**librés**: e trajes de criadagem (Ramos Coelho, *Hist. D. Duarte*, I, 128).

**ligitimo**: ... huum capuz e pellote e callças de panno de ligitimo ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 305). — ... e carapuças de ligitimo ... (Ib., 306).

**lilaz**: ... 45500 reis para 9 covados de lilaz para tabardo ... (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 514).

**illa**: *Vid.* Tabardo.

**ló**: ... da China, os lós, os leques e as chitas ... (Bernardes, *Nova Floresta*, ant. I, 42).

**loba**: ... nos partimos da cidade do Deli, húa madrugada, indo vestidos como os Mogores por baixo das lobas, e logo em saindo das portas pera fóra, como era escuro as despimos e aparecemos com toucas e cabayas ... (*O Descobrimento do Tibet*, p. 47).

**loba**: ... a 4 moços da capella a cada huim sua loba e pelote e calças damtona e Juboes de chamalote tudo. (1493). (*Diss. Chr.*, v, 311).

**loba**: Afonso d'Alboquerque com hum jibão de tafetá preto, vestido com huma loba de chameleote preto vestida ... (G. Correia, I, 982).

**loba**: ... huma loba de veludo preto cerrada ... (*Cartas de Alb.<sup>a</sup>*, III, 159).

**loba**: ... e leuandome a amostrar o collegio [de S. Paulo em Goa] chegamos ao dos mininos os quaes todos estauão com suas lobas brâcas em ordem ... (Chr. Ayres, *F. M. Pinto*, p. 60). — ... e nouenta mininos da doutrina com lobas brâcas e sirios accesos. (Ib., p. 61).

loba :

Moça — Agoa vay!

ESTUDANTE — pesar de meu pay  
agoa vay depois de vinda,  
não ha hy dizer — guarday! —  
ora a loba vay bem linda

(Anrique Lopes, *Cena Policiana*, vv. 366-69).

loba :

Tirae a loba e dae-m'a ca,  
Luvas e sombreiro e tudo,  
E a beca de veludo,  
Que tudo se guardará.

(G. Vicente, *Fl. de Enganos*, 158).

Acá me ha quedado todo  
Una beca de veludo,  
Y loba de contray frisado ...

(Ib., 162).

Vay tu pola loba ja.

(Jerónymo Ribeiro, *Auto do Fisico*). — (Refere-se a um moço que vai fingir de fisico).

loba : *Vid. Crispina* — Rolles.

logronho : ... carapuças de logronho ... (*Diss. Chr.*, v, 309).

lombardo : El-rei ... vestiu um comprido mantão de panno d'ouro forrado de arminhos aberto por a parte direita chamando-lhe entonce lombardos. (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. LV).

londres : ... e seis covados de londres de ij<sup>c</sup> 1 r<sup>s</sup> covado, e dois terços de quarta de duzentos reis, vermelhos, em que vay emvolto [um dossel]. (*Cartas de Alb.*, III, 150).

londres : ... calças de londres do preço de 300 reis ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 311).

londres : ... e asi lhe deu a cada um seu capuz e pelete de Londres azul ... (*An. de Arzila*, I, 433).

londres : *Vid. Saio* bastardo.

loriga : *Vid. Cambuses*.

loudel : El-rei era vestido d'armas, quaes cumpriam a sua defensão, e um loudel em cima semeado de rodas de ramos, e em meio outras rodas e escudos de S. Jorge. (F. Lopes, *Chr. D. João I*, I, II, c. XXXVIII).

**loudel:** E el-rei ... deu a todos os que andavam com elle de cote, que seriam até quinhentas lanças, loudeis de fustão branco com cruzes de S. Jorge, e elle levava outro similhante de panno de sirgo branco ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. xii).

**luto:** Elle cortezão parece pelo costume dos trajos: porque anda de suas mangas largas de dô, que ás vezes he mais valhacouto de necessidades, que insignia de nojo ... (Vasconcellos, *Ulys.*, 105).

**luto:** Os que mais gallantes sahiram nestes dias foram os Príncipes, que, por razão do luto, que traziam por morte do Irmão, e festa do Princepe, sahiram de negro e prata, a saber ... (*Fastigimia*, 121). — Não trazem capús senão trinta dias, chapeos forrados sem veo o mesmo dia e logo lechuguilla e cuellos abertos, pano tozado; e as mulheres tócas de Donna com suas pôpas na testa, com que ficam mais louçãas e putas que as donzelas com suas aranelas e periquitos. (Id., 395).

**luto com panos azues:** (Resende, *Chr. D. João II*, c. cxv).

**luto em Portugal:** (Resende, *Entrada de D. Manuel*, f. 132).

**luto em tempo de D. Afonso V:** ... Ifante D. Anrrique, o qual vistido nam de doo preto, mas d'aluz escuro, e assy mutos Senhores que eram com elle ... E as Senhoras e mulheres que ally foram, levaram algum synal de doo que nom foy de veos pretos, mas tintos como allionado escuro. (Pina, *Chr. D. Afonso V*, c. cxxxvii). — ... o Conde Dom Sancho andava anojado por huma sua Filha, já mulher, e por o Arcebispo de Lixboa Dom Pedro seu Irmão ... e em synal de tristeza trazia por ellas grande barba ... (Id., c. cxxxiv).

**luto em tempo de D. Duarte:** ... ElRey ... sayo a pee muito cuberto de doo preto, e com elle todoos senhores e nobre gente, que ally eram, cubertos todos de burel ... (Pina, *Chr. D. Duarte*, c. v).

**luto em tempo de D. Fernando:** E por sua morte [de um filho do rei] tomaram todos os grandes que com el-rei estavam capas de burel, por dô ... (F. Lopes, *Chr. D. Fernando*, c. CL).

**luto por D. Fernando:** ... o qual [Gonçalo Vasques de Azevedo] o recebeu mui bem [ao conde Andeiro], e começou de o prasmar, porque trazia preto, e não burel como os outros, e fez-lh'o então vestir. (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. viii).

**luto em tempo de D. João I em Castella:** El-rei levava um saio preto, e a rainha ia em umas andas vestidas dalmafega preta, e as andas cubertas todas de panno preto, que a não via nenhum. (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. LV).

**luto em tempo de D. João I:** ... quando era manhã estavam com seu padre, o qual acharam mui anojado, vestido de panos tintos,

e quando outrosim viu os filhos vestidos de burel, renovou-se em sua vontade uma mui dorosa lembrança da rainha sua mulher ... (Zurara, *Chr. de Ceuta*, c. XLVI).

**luto em tempo de D. João II:** E nas Endoenças sempre dormia onde o Sacramento estava, e com dô e grande loba de capello. O qual dô dava sempre de esmola a algum cavalleiro pobre, e era boa esmola, que sempre tiraria vinte covados de contray. (Resende, *Chr. D. João II*, prologo). — O Principe vestido todo de burel como então era costume, se encerrou tres dias com tantas lagrimas e tanta tristeza, quanto um tão singular filho por um tão virtuoso pai podia ter. (Id., c. XXII). — E antes d'entrar na dita villa, indo com grande dô, e todos vestidos de burel e almafega ... (Id., c. XXX). — *Vid. Almafega.*

**luto na Abyssinia:** Na somana santa todos vestem preto e azul ... (G. Correia, III, 69).

**luto no sec. XV:** Pouco tempo viveo aquella segunda Mulher, que o conde ouve ... de cuja morte o conde foy muy sentido ... e muito tempo trouxe por nembrança della, barba e cabello comprido, até que lhe o Infante Eduarte mandou, que a tirasse ... (Azurara, *Chr. do conde D. Pedro*, p. 568).

**luto no sec. XVI:** *Vid. Raxa* — Saio.

**luto por D. Afonso V:** Ho Principe vestido todo de burel como entam era custume se encerrou tres dias ... (Resende, *Chr. D. João II*, c. XXI, p. 12 v.). — ... & toda a gente vestida de burel, almafega, luto & vaso. (Id., ib.).

**luva:** *Vid. Lenço.*

**luvas:** ... a quem melhor levasse a argolinha humas luvas de ambre ... Por segundo e terceiro premio ... luvas de polvilhos ... (Andrade, *Misc.*, XI, 215).

**maju [baju?]:** ... que des ... aos carpimteyros que amdam na ribeyra a cada hũ suas ceroulas e majus e panos pera se cimjirem ... (*Cartas de Alb.*, VI, 140).

**malha:** ... foyse no Centauro sellado e armado sobre as pelles de gentil malha ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 256).

**malmaiça (á):**

As outras damas irão  
À malmaiça vestidas ...

(G. Vicente, *C. de Jupiter*, II, 408).

**mamona:** ... tambem se fazem outros [panos, em Bengala] que chamaom mamonas, outros duguazas, outros chantares, outros sina-

bafas, que saom hos melhores e que hos Mouros mais estimaom pera camizas ... (D. Barbosa, 357). — *Vid.* Rembotim.

**mangote**: ... deram-lhe com um virotão uma pequena ferida por cima do mangote, ácerca do hombro ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. CX).

**manilha**: ... & custeme o que custar, que as manilhas venderei pera isso. (Vasconcellos, *Ulys.*, 175).

**manojo**: ... e todo o restante cubrião panos de veludo carmesim bordados de manojos de ouro ... (G. de Almeida, *Rest. Port.*, p. II, c. VIII).

**mantam**: ... ao Doutor Cataldo hum mantam e pelote e callças de menym e Jubam de çatim e huum barrete. (A 12 de Julho de 1493). (*Diss. Chr.*, v, 308).

**mantão**: El-rei ... vestiu um comprido mantão de panno de ouro forrado de arminhos aberto por a parte direita chamando-lhe entonce lombardos. (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. LV).

**mantão**:

O mantão mandaes guardar.

(G. Vicente, *A. da Lusitania*, 265).

Quanta choça, quanta lama,  
Que traz o mantão frisado ...

(Id., ib.).

**mantazes**: A corja dos mamtazes grandes valem 1 R<sup>ta</sup> tamgas. (*Lemb. c. India*, 47). — *Vid.* Vespicias.

**mantem**: Leuantou-se primeiro que os mantens, e tomou o caminho ... (Mello, *Apologos*, *Escr. Av.*, 100).

**manteo**: Onde acharemos um manteo emprestado. (Jeronimo Ribeiro, *Auto do Fisico*).

**manteo**:

... escovae esse chapéo  
e copae esse manteo ...

(Prestes, *Proc.*, III). — (*Copar* significa «alisar»).

**manteo**:

o bom qu'eu ey de fazer  
virar o manteo do avesso  
pera a ourina se vier.

(Anrique Lopes, *Cena Policiana*, vv. 553-55).

que estou aqui neste canto  
posto a risco de ourina  
cõ o manteo feito manto.

(Ib., vv. 568-70).

**mantéo enrocado:** Esse era como o nosso Barraca, que queria matar o sol porque lhe não enxugara o seu manteo enrocado ... (Mello, *Apologos*, Rel. Fal., 50).

**manteo e roupeta:** ... me mudou o Cardeal ... a opa em manteo, & roupeta ... (D. João de Castro, *Obras*, citado por J. L. de Azevedo in. *Evol. do Sebastianismo*, notas, p. 82).

**manteu:** O seu trage [dos Ingleses] he mantéo de festo com trancinha, chapeos de castor brancos ou negros, como os das romarias dos nossos avós ... (*Fastigimia*, 148).

**mantilha:** ... a sua mulher faldrilha e mamtilha dantona ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 307).

**mantilha:**

Mantilha color de telha,  
como costumão na Beyra,  
& por vos dar a conteyra  
mas inteyra,  
leuay peloyna vermelha.

(*Canc. Res.*, III, 95).

**manto:** Vestiose prestemente em traje de molher, com seu manto cuberto, e rebuçado á Castelhana ... (André de Resende, *Vida do Infante D. Duarte*, 28).

**manto:**

Os goarnimentos d'yrlanda  
feytos de manto de frysia ...

(*Canc. Res.*, de Nuno Pereira, III, 93).

**manto:**

Ai! senhora, e como acena!  
vae co'o manto seremenho,  
o bicancaro que leva ...

(Prestes, *Mouro*, 388).

**manto:** *Vid. Cutão.*

**marlota:** ... & [o Viso rei] deu-lhe este dia húa marlota dezear-lata muyto fina, laurada toda, & goarnecida de fio douro ... (Castanheda, l. I, c. III).

**marlota:** ... vestida em huma marlota de seda de Persia muyrica. (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 89).

**marlota:** E Vasco da gama lhe mandou hú presente de chapeos, marlotas vermelhas, corays, bacias de latão, cascaveis e outras coussas muytas ... (Castanheda, l. I, c. VI).

marlota: ... a Xeque botina hum capuz e marlota dantona de algúia boa cor e huum barrete de grãa. (1493). (*Diss. Chr.*, v, 311). — ... a hamed bem omae criado do alcaide alaäroz panno de londres dalguma booa coor pera huuma marlota ... (Ib., 316).

marlota: ... as marlotas de quatro sortes para as quatro quadri-lhas, de seda, India branca, verde, amarella e azul, todas com seus passámanes de plata e ouro, como vaqueiros ... (*Fastigimia*, 41).

marlota: As roupetas [dos Persas] são a modo de marlotas, que dão por meia perna, no corpo mui apertadas, e mangas compridas; o que não tem os turcos, porque todas as suas não chegam mais que ao cotovelo. (Godinho, *Relação*, 94-95).

marlota: ... o qual [Mulei Abrahem] dizião que trazia ũa rica saia de malha em cima de ũa marlota azul e ũa adarga de muitos cordões e seu capacete na cabeça ... (*An. de Arzila*, I, 289). — ... como todo seu trajo na guerra [dos Mouros] são marlotas e camisas mouriscas ... Id., II, 174).

marlota: En été, quelquefois, au lieu de robes, les femmes (règne de François I) portaient de gracusses marlettes (pardessus) des étoffes surdites, ou des bernes (marlettes sans manches) à la mau-resque, de velours violet à frisure d'or, garni aux rencontres de petites perles indiennes. (Challamel, *Hist. de la mode en France*, c. IX).

marlota: *Vid. Capilar.*

marquezota: O que mais ennobrece a Valhadolid são as suas verdugadas e marquezotas ... (*Fastigimia*, p. 334).

marquezota:

..... Um certo Narciso  
afogado em Marquezota.

(Prestes, *Procurador*, 134).

..... Em cada anno  
Rompo douz pares de botas,  
dous, tres vestidos be panno,  
afóra as mais marquezotas ...

(Ib., 266).

marquezota: *Vid. Chapim — Verdugada.*

marroquim (borzequim): Estes [mercadores de Cambaya] se vestê de sedas & brocados, & calção no inuerno brozeguis, marroquis laurados de ouro, & çapatos de pontilha, & nas cabeças fotas muy ricas. (Castanheda, I. III, c. CXXX).

**marta:** Entrou o Duque de Calabria ... vestido em roupa de setim preto forrado de martas, sayo de velludo preto com barrete de volta de pano ... (Sousa, *Annaes*, 180).

**martinete:** Detrás El-Rey vestido chammemente, com seus martinetes somente na górra ... (*Fastigimia*, 75).—... gorras com martinetes ... (Id., 75).—... e pera sima caraminholas grandes com seus martinetes e outras plumas ... (Ib., 126).

**maxilar:** Hos Mouros honrados desta cidade [Bengala] andaom uestidos com húas camisas branquas de pano algodam, muyto delgadas, que lhe dam polo artelho, e debaixo delas húis panos cingidos, e em cima húus maxilares de seda ... (D. Barbosa, 358).

**meni:** ... a cada um 5\$980 reis para 13 covados de meni para capa e pellote ... (Doc. de 1518, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 522).

**menim:** ... huum abeto e huum manto de menim ... (1483). (*Diss. Chr.*, v, 305).

**menym:** ... callças de menym ... (*Diss. Chr.*, v, 309).

**mogim:** ... ho dito duarte gualuão vestira huum mogim de cetim alionado, e que ho dito Matheus embaixador do preste se aqueixara com ho dito duarte gualuão por se vestir de louçainha, estando elle anojado por a morte do dito Jacome ... (*Cartas de Alb.<sup>o</sup>*, III, 164).—(Ou Mongi?).

**momay:** ... a Isabell diaz de vivas huuma mantilha e hum momay do meyny e humma faxa e faldrilha de lomdres. (*Diss. Chr.*, v, 309).

**mongy:** ... correo a carreyra com húu mongy de ueludo preto forrado de martas. (*Canc. Res.*, título de coplas a Fernão da Silveira).—*Vid.* Servilha.

**mongy:** ... a cada hum dos doux cozinheiros mores ... senhos mongys de grãa roxa e senhas callças de grãa vermelha ... (*Diss. Chr.*, v, 313).

**mongy:**

... eu venho bem espantado,  
de ver hum mongy forrado  
com capelo.

(*Canc. Res.*, III, 104).—(Mais adiante, referindo-se ao mesmo diz: «e este vosso guabynardo»).

**monteira:** ... nas cabeças monteiras de velludo preto com garçotas brancas ... (*Fastigimia*, 41).

**mourisco (lavor):** ... doux pelotes dos ditos panos [graam vermelha e roxa], e q̄ folgaria tivessem algum lavor mourisco se se

podesse fazer ou achar feitos, e mea duzia de camisas dolanda lavradas comuas e não mouriscas com as mangas curtas ou como se melhor poderem aver todo em huma arca ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 314).

**murça**: ... a excellente snr.<sup>a</sup> sua prima humma murça de lilla preta forrada darminhos e huum manto de friza e humma mea onça dalmizquir e outra mea dambar. (1493). (*Diss. Chr.*, v, 313).

**murrião**: ... ambos de armas brancas, e nas cabeças murriões de aço de homem de pé de infantaria, e por cimeyra huma Aguia de prata ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 339).

**musgo**: *Vid. Crangia.*

**muslo**: ... huma coura de cetim branco atorçalada douro, e os muslos do teor ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 335). — ... os forros de couras e muslos de tafeta cremesi ... (Ib., 338). — ... muslos de tafeta amarelo, forrados de tela roxa ... (Ib., 344).

**muslo**: ... y en diciendo esto apretó los muslos á Rocinante, porque espuelas no las tenia ... (Cervantes, *D. Quijote*, I, c. LII).

**muslo**: *Vid. Coura.*

**mytaão**: *Vid. Saio de mouros.*

**nores de banda**: ... lhes mandou dar outro presente em retorno do que lhe ElRey mandou, que foi huma alcatifa rica com hum coxim de veludo, e dous nores de banda, que sam peças que se dam ás mulheres ... (Couto, *Decada VIII*, c. xxii, p. 138).

**obra romana**: *Vid. Atorralado.*

**olanda**: *Vid. Barrete — Sarja.*

**opa**: ... e o Infante meu senhor veo de sua casa em cima de huma faca bem guarnido e huma opa bem rica vestida ... — a Infanta estava tão cansada pella opa que era muito pessada ... (Carta do Infante D. Henrique a D. João I, de 22 de Setembro de 1428, in *Provas da Historia Genealogica*, vi, 352).

**opa**: ... pano preto fino pera huum pelote e humma opa tocado e aparelhado ... pera o Doutor Vaasco Fernandez ... (*Diss. Chr.*, v, 310). — ... çatim' preto pera fôrro da opa do doutor ... (Ib., 311).

**opa**: E elle Pedralvares [Cabral] hia vestido com huma opa de brocado, e o mais que dizia com ella, trajo que naquelle tempo era mui usado neste Reyno. (Barros, *Decada I*, l. v, c. v).

**opa**: Nem quando o levantáro por Rei, nem nas Cortes, quiz consentir [o cardeal-rei] lhe vestissem opas de brocado, como costumárao sempre os Reis em semelhantes actos ... (Mariz, *Dialogos*, v, c. v).

opa: Tornou João Estevens mui ledo com a opa vestida que o mestre dera, forrada de penagrins com uma vieira no peito dourada ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. CLXVII).

opa: ... e o Visorey em huma opa de borgado raso, com rico colar esmaltado ... (G. Correia, I, 960).

oparlanda: ... e fóra daquellas oparlandas de muito panno que cá usamos ... (Barros, *Decada I*, l. v, c. v).

operlanda: ... & a senhora Costança dornelas de seu capelo crú de grandes operlandas, sobre elle seu pano, que ellas chamão de virtude ... (Vasconcellos, *Ulys.*, 165). — *Vid.* Purava.

operlandas: ... por fim das quais tornou com hum seu sacerdote, vestido nūas operlandas muyto cōpridas de damasco roxo, que he o ornamento da dignidade suprema entre elles [chins] ... (Pinto, *Peregr.*, c. LXXXII, f. 91).

ordenação (sumptuaria): Mandará por tanto [o rei D. João III] que em suas galantarias se conformem com a ordenação per que tolhe sedas, soltando sómente tafetás e telilhas ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 326).

osas: Les *hosae* [*hosae*, *huëses*, *heuses*, *housiaux*, *houseaux*], du terme germanique *hosen*, ne différaient des *tubrugi* que par leur matière qui était le cuir et leurs procédés d'attache, nécessairement plus complexes. — C'est en effet aux monuments Romains qu'il faut demander un exemple de la haute guêtre ou bas sans pied, en laine grossière, que les textes du Moyen Age nomment aussi *tubrucus*, *tybrugus*, *tibraca*, *tribuces*, *tribucus*, et que les paysans italiens n'ont jamais cessé de mettre pardessus leur chaussure pendant la saison d'hiver. (Ch. de Linas, *Anc. Vêt. Sacerd.*, 3<sup>e</sup> série, 136-37).

ourelas de seda: *Vid.* Tafecira.

ouro de Florença: ... hum trauesseiro grande d'olanda fina Rico laurado douro de frorencia ... (*Cartas de Alb.*, III, 149). — ... e as ditas almofadas de frouxel com alamares douro de frorencia nas bocas de todos. (Id., ib.).

ouropel:

BRAZIA — Perguntae-lhe a quem vos deu  
Vossa capa.

VASCO — Qual capa?

BRAZIA — A d'ouropel.

Quantas duzias tendes d'ellas?!

(Chiado, *Pr. dos compadres*, 99).

pachori: ... a betu bacal dous meyos pachoris que lhe mandey tomar pera dar aos nayres dos alifantes ... (*Cartas de Alb.*, VI, 70).

**pachori:** ... que dees dez pachorys ymteiros e quatro covados de graa a mora chaty e a dez bocaes ... (*Cartas de Alb.*º, vi, 163).

**pachori:** *Vid.* Teada.

**palmilha:** ... a 2 negras senhas fraldilhas e sainhos e faixas de palmilha ou pano de sua valia ... e çapatas. (1493). (*Diss. Chr.*, v, 311).

**panceira:** ... ca o que tinha cota não tinha loudel, e o que tinha pancera não tinha braçotes, e muitos d'elles com bacinetes sem caras ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. XLVIII). — As armas defensaveis de todos eram bacinetes de camal, d'elles com caras, d'elles sem ellas, e folhas [?] e loudeis, e cotas e faldões e panceiras ... (Ib., ib., c. XXXVIII).

**pano da terra:** ... huum par de camisas de pano da terra ... e huum bermeo pardo ou doutra cor de sua valia. (1493). (*Diss. Chr.*, v, 305).

**pano das Ilhas:** *Vid.* Baju.

**pano de Cambaya:** ... temos guerra comtinua com adem, e a fua nam vem a cambaya como soya, ou Ruiva com que tinjem os panos de cambaya ... (*Cartas de Alb.*º, I, 135). — ... êtregou onze mil e quinhentos e dezoito panos de quanbaya de todas sortes ... (Id., vi, 78).

**pano de Castela:** ... a cada hû [negro] seu pelote de Irlanda ou panno pardo de castella forrados de pano destopa atee abaixo da cinta. (1493). (*Diss. Chr.*, v, 312).

**pano de Choromaudel:** *Vid.* Destar.

**pano de estopa:** ... tres camisas de pano destopa ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 306).

**pano de palma:** ... neste Reyno do conguo se fazem huns panos de palma de pello como veludo & delles com lauores como cetim velutado tam fermosos que a obra delles se nom faz melhor feyta em Italia ... (Pacheco, *Esmeraldo*, l. III, c. II, p. 84).

**pano de pecetas:** Por 90 varas de panno de pecetas para forro de 120 pares de calças, 7\$650. (Doc. 1521, in *Elem. H. M. Lx.*º, I, 518).

**pano de Rochela:** ... hum arnes ... embrilhado todo peça por peça em sete covados de pano da rochela da viam [?] de cento cinqüo reis covado. (*Cartas de Alb.*º, III, 153).

**pano de Ruão:** Por tres varas de pano de Ruão para as cortinas da caixa da bulla, \$330. (Doc. de 1562, in *Elem. H. M. Lx.*º, II, 546). — Por 12 varas de Ruão para as alvas das ditas dalmaticas, 120 réis, 1\$440. (Ib., 548).

**pano de Tunis:** Nesta manhã se ordenou o bauptismo para de tarde e a Igreja se armou de panos de Tunes ... (*Fastigimia*, 76).

**pano preto:** Outro para se enviar á Excellente Senhora sua Prima vynte varas dollanda e oyto covados de pano preto de vintem ou outro de sua sorte. A 1 de Abril de 1493. (*Diss. Chr.*, v, 306).

**pano ralo da China:** ... tres peças de damasco e duas de cetim hūa bramca e outra verde e hūa peça de pano rallo da China ... (*Cartas de Alb.*, vi, 51).—... e hūa peça de pano da china azul craro ... (Ib., 52).—(Refere-se à mesma acima).

**pannos:** Covilhães e Portalegres. (Couto, *Sold. Prat.*, 147).

**panomantas:** Este cafre nos pedio um panomantes, que logo lhe deram ... (*Hist. T.-M.*, ix, 57).

**pantufo:** ElRey ... fez ordenança q ... somete os homens poderiam trazer giboēs, carapuças, & pātufos de seda: & as mulheres saynhos, & cintas, & bordaduras de seus vestidos. (Resende, *Chr. D. João II*, c. LXIII, f. 41 v).

**pantufo:**

Guardae, não vos arremesse  
esse pantufo aos focinhos ...

(Chiado, *Pr. dos compadres*, 108).

**pantufo:** *Vid.* Ciroila—Jubão.

**pantufos:**

Quando vejo hum cortezão  
Com pantufos de veludo,  
E hūa viola na mão,  
Tresanda-me o coração,  
E leva-me a alma e tudo.

(G. Vicente, *S. da Estrela*, 431).

**paris:** Por 10 covados de Paris amarello para as portas dos pellotes dos foliões, 2\$900 (Doc. 1521, in *Elem. H. M. Lx.*, i, 518).

**passamanes:** ... o Governador vestido honesto de sedas pretas e passamanes d'ouro ... (G. Correia, III, 619).—*Vid.* Guingão.

**passapé:** ... coura ... apassamanada de passapé de prata e roxo ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 345).

**pate:** ... o qual [presente] era dous panos de pate, e meia corja de bertangis ... (*Hist. T.-M.*, ix, 94).

**pateca:** *Vid.* Purava.

**patola:** ... vimte pardaos que deu per hū sayo de veludo de meua e hūa patola que comprou das quaes fiz mērge em nome de sua

alteza aos messegeiros delRey de calecute ... (*Cartas de Alb.*, v, 455). — ... e mais duas patolas riquas que forã aavyadas ē vynte e quatro pardaus ... (Id., vi, 5).

**patola**: ... aquy [Pegu] uem cadano muytas náos de Mouros ha tratar e traizer muytos panos de Cambaya pintados, dalgodam e seda, ha que chamaom patolas, e saom pintados com muytos lauores, que ualem aquy muyto dinheiro ... (D. Barbosa, 360). — patolas que saom panos de Cambaya ... (Id., 371).

**patola**: ... e logo lhe deu presente de patolas de seda, que são pannos que se fazem em Cambaya, que muyto presão em Maluco ... (G. Correia, II, 714).

**pavonaço**: *Vid.* Raxa.

**peidorreira**: ... os lacayos vestidos da mesma maneira com roupas e peydrreiras de veludo amarelo ... (*Fastigimia*, 95). — ... trazem quasi todos [os Ingleses] calças como as nossas peidorreiras antigas, ou como as que hoje se uzam, mas mais curtas ... (Ib., 148).

**pelôena**:

e dá-me cá essa pelôena,  
que te arma essa cabeça.

(Chiado, *Regateiras*, 90). — (Alberto Pimentel diz ser corrupção de «polaina», nome dado a uma insignia que as alcoviteiras, quando não eram degradadas, deviam trazer na cabeça). — *Vid.* Polaina

**pelotão**: Vinha o mouro vestido em hum pelotão de veludo pardo, cingido hum cinto mourisco largo, e hum rico treçado em tiracolo ... (Sousa, *Annaes*, 117).

**pelote**: ... depois destes senhores, & fidalgos terem beijada ha mão a elRei, lha beijamos Pero Carualho & eu, que andauamos ainda em pelote no paço, porque nesta casa senão permetio entrada em pelote mais que nos ambos ... (Goes, *Chr. D. Manuel*, p. iv, c. XXXIV).

**pelote**: Item. D'um pelote de mangas forrado de quartos, 20 r<sup>s</sup>. E se for de jirões tambem forrado, 25 r<sup>s</sup>. Item. D'um pelote singelo de girões, 20 r<sup>s</sup>. E symgelo sem girões, 15 r<sup>s</sup>. (*Livro Vermelho*, 518).

**pelote**:

Pelotes rroxos, bandados,  
muyto fynos,  
per mil partes golpeados,  
com cores tam bem betados,  
que se tangiam os synos.

(*Canc. Res.*, de J. Affonso de Aveiro).

**pelote:**

Os moços yram vestidos  
de pelotes gyronados,  
muy largos e muy compridos,  
goarneçidos  
de taramaques bordados.

(*Canc. Res.*, de Nuno Pereira, III, 93).

**pelote:** *Vid.* Barreta.

**pelote franez:** Leuaua elle hum pelote franez de grandes mangas de borgado de pello, forrado de cetym encarnado, com muitos golpes tomados com rosas d'ouro esmaltadas, e hum ríco colar d'ombros e huma cinta com bracamarte todo d'ouro de esmalte, e calças inteiras brancas forradas de borgado raso, cortadas até o joelho, e çapatos franezes do theor, e deitado sobre o ombro esquerdo per hum tafetá azul hum chapeo de guedelha de seda cramezym, com hum penacho branco, com argenteira d'ouro, posto em huma rica medalha; e elle sem barrete ... (G. Correia, I, 533-34).

**pelotes:**

Naipes com que os sacerdotes  
.....  
..... joguem té os pellotes.

(G. Vicente, *A. da Feira*, 158).

**peloyna:** *Vid.* Mantilha—Polaina.

**penacheira:** ... elmete çarrado do theor com penacheira de plumas de argentaria ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 349).

**penagrins:** *Vid.* Opa.

**penaveira:** *Vid.* Gona.

**penteador:**

Senhora, he penteador  
Pera o Bispo do Funchal.

(G. Vicente, *Rubena*, 46).

**perlanda:** ... os ... Alcaldes da Corte e os Conselhos ... todos com suas granachas ou perlandas de seda forradas em setim imprepresso, com que pareciam senadores romanos. (*Fastigimia*, 78).

**pernas de malha:** *Vid.* Jaqueta.

**perpetuana:** Estava [o rei Inhaca] assentado em uma esteira cuberto com uma capa de perpetuana de cor de canella, que parecia ingleza ... (*Hist. T.-M.*, IX, 72).

**perpões:** ... uns affirmam que não ha cousa como os perpões franezes ... (Mello, *Apologos*, Vis. das Fontes, 75).—... com as

baléas, que empenham as barbas para sair um justilho ou perpôem, bem desarrugado. (Bernardes, *Nova Floresta*, ant. I, 43).

**perponte:** *Vid. Cambuses.*

**petrina:** ... olhay-me aquella petrina, como anda atada, pois douuos minha fé, que estais ionge de ser Julio Cesar. (Vasconcellos, *Eufr.*, 93).

**petrina:** ... por que sobindo em circulo [a roda de proa] metraa o focinho para dentro, como metem as urcas dalemanha: as quaes parecem tão mal, comoos homens que trazem a petrina no no estamago. (Oliveira, *Fabr. das naos*, 183).

**petrina:** ... atravessar a guarda roupa seguro, & descuidado, sem leuantar camisa, nem concertar petrina... (Vasconcellos, *Eufr.* 19-20).

**petrina:** ... trazia a sua barba branca tam comprida que lhe passava a petrina, e daqui pera bayxo acubertado de borcadilho verde que arrojava pelo chão... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 304).

**peugas:** *Vid. Calças bragas.*

**piastrão:**

Leyxar pyastram  
fundar em loudel ...

(*Canc. Res.*, Tr. do Coudel-mór).

**piastrão (plastrão?):** ... amdam mall armados de maas armas e poucas, porque mamdam de lá piastrões podres e velhos, comidos da Roda, com húa folha d'estanho por Riba ... (*Cartas de Alb.*, I, 295-96).

**picote:** & o bom será ir de besta de pelouro, com nossos vestidos de picote, pera parecermos de campo, & irmos mais dissimulados. (Vasconcellos, *Ulys.*, 307).

**polaina:** E em todos os casos sobreditos em que algúia molher for condenada por alcoueteira em algúia das penas sobreditas onde nom aja de morrer, ou hir pera aylha de sam Tome, trague sempre polayna, ou enxaravia vermelha na cabeça fora de sua casa, e assi se ponha na sentença, e nom atrazendo seja degradada pera sempre pera aylha de sam Tome. (*Ord. Manuelinas*, l. V, tit. XXIX).

**pontos de bordado:**

Is.—Mana, sabeis ponto-chão?

SILV.—Ponto-chão, e de feição,  
pesponto e cadenetas,  
torcido e de cordão.

Is.—E sabeis ponto cruzado?

SILV.—E lumilho, e ponto real.

(Chiado, *Pr. dos compadres*, 110-11).

portas do pelote: *Vid. Paris.*

pragmatica: de julho de 1524. (Sousa, *Annaes*, 115).

prastão: ... e tem no meio hum homem uestido de umermelho, e tem nas mãos hum prastão com sua faldra de malha pegada nele. (*Cartas de Alb.*º, III, 146).

pratista: ... comprar e dar hum pratista a dom Jorge de menezes pera o dar a dom Jorge seu muyto prezado e amado filho. (*Diss. Chr.*, v, 318).

primavera: ... D. Ursula levava huma saya de primavera ... (*Fastigimia*, 183).

primavera: ... de Leão da França, as primaveras ... (Bernardes, *Nova Floresta*, ant. I, 42).

purava — pateca — oparlanda: E posto que elle Çamory não tinha tanto panno, seda, ouro, e opa de brocado, como os nossos levavam, e hum panno de algodão bornido com humas rosas de ouro de pão semeadas por elle, a que chamam purava, (trajo de Brammanes), cubria seus couros entre baços, e pretos, a pedraria das orelhas, barrete da cabeça, pateca cingida, e bracelletes dos braços, e pernas, eram estas cousas de tão grande estima, que não haviam inveja ás joias dos nossos. Finalmente naquelle estado em que elle estava, assi em couros, e descalço, e fóra daquellas oparlandas de muito pouco panno que cá usamos ... (Barros, *Dec. I*, l. v, c. v).

quartapisa: ... & vestiose huū dia cõ huūas coartapisas de joguo denxadrez ... (*Canc. Res.*, tit. de versos de D. Luís de Menezes). — *Vid. Brial* — Guarta pisa.

queimão: ... outros homens bracos, que se dezião Pauileus, muyto frecheyros, & grandes cavalgadores, vestidos de queimões de seda como Japões ... (Pinto, *Peregr.*, c. CLXVI, f. 211 v). — A que nos todos postos de joelhos, & beijadolhe o queimão q̄ tinha vestido [a filha do rei do Bungo] ... (Id., ib., c. CCXXXIII, f. 299 v). — (*Queimão* é indubitavelmente a versão portuguesa de *Kimono*).

queselbá: *Vid. Carapução.*

quimão: ... pera repousarem com pouca mais roupa, que as dos proprios quimões, que vestem ... (Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier*, l. VII, c. v).

rasa (seda): ... seda Rasa nem damascos nam os ham mester ... (*Cartas de Alb.*º, I, 168).

rasa (seda):

Meu gibam de seda rrassa  
de muy fyno cremesym.

(*Canc. Res.*, de J. Affonso de Aveiro).

**raso**: ... veiu Monseur Arnão bem formoso cavalleiro, mais comprido que Monseur João, coberto elle e o cavallo de raso vermelho e um mote de letras de chaparia dourada em seu pequeno escudo, á gnisa de talabarte, que diziam «Bele» ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. CXII).

**raso**: ... cabayas de raso e carapuças com borlas de seda ... — ... coura de raso roxo, entretalhada sobre tela douro e brossada de prata ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 350).

**raso**: *Vid.* Raxa.

**raxa**: ... vejo passar diante de mim ... o infelicissimo Rei Dom Sebastião muito interissado, e de bruços atravessado em huma sela, vestido em hum gibão de Olanda branca, calções de raxa arenosa, em hum cavallinho castanho ... (Andrade, *Misc.*, 140).

**raxa**: Trazendo Joam de Saa dó plo Infante D. Luis, violhe hum dia este moço da cam<sup>ra</sup> hum pelote de raxa debaixo do dó, q̄ era de sarja de mangas largas, e disse ao outro criado del Rej. Pareceme q̄ quer fogir Joam de Saa, que tras dous pelotes. (*Cod. 666*, 350).

**raxa**:

Mas panno fino e delgado,  
Qual a raxa e outros assi,  
Dura, aquenta, e he callado,  
Amoroso, e dá de si  
Mais que sitim, nem brocado.

(Camões, II, 428).

**raxa**: ... Hia El-Rey ... calsas, collete e mangas e forros brancos, capa de raxa com seus botoens de ouro. (*Fastigimia*, 88).

**raxa**: ... levando uns capotes antigos, a que chamam tabardos, largos, de raxa (seda sarjada) preta, com um capuz de córte á castelhana, mangas vestidas do mesmo, tendo um golpe ao comprimento, por onde saia o braço, com manga de raso (seda lisa) pavonaço (roxo), e d'este raso o forro da manga do tabardo, e por baixo roupetas largas de raso preto. (Isidro Velasquez Salamanco, citado in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, II, 44).

**raxa**: ... as meyas de raxa branca ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 345).

**rebocilho**: ... Senhoras ... a pé com chapeo e mantilha, que elles chamam rebocilhos, que os peiores são forrados em felpas, e por fora, ou com bordadura, ou coalhados de passamanes de ouro. (*Fastigimia*, 32).

**rebuço foleado:**

—Vindes todo disfarçado  
de rebuço foleado?  
—Usam cá desta tarafa.

(Prestes, *Procurador*, 158).

**reguacho:** ... has mulheres trazem hūs panos branquos dalgodam muyto delguado, ou de seda de boas cores, e de sinco uaras em comprido, e parte dele cinge da cinta pera baixo, e ha outra uolta lancam-na por cima do ombro, e pelos peitos; de maneira que hū braço e ombro lhe fiqua de fora, ha maneira de reguacho ... (D. Barbosa, 303).

**relhado:** Por 35 1/2 covados de *retalho* preto para a trapeira da galé, 4\$260. (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 519).

**rembotim:** De Bengala, sinabafos, beatilhas, chantares, mamo-  
nas, & rēbotins, q̄ são generos de panos finos dalgodão que são  
antreles muyto estimados. (Castanheda, I, I, c. LVIII).

**riço:** Sua Magestade pelo meyo dia deceo vestido de riço pardo  
bordado de ouro, com abotuadura de pedraria ... (G. de Al-  
meida, *Rest. Port.*, p. II, c. VIII).

**roca:** ... 28 Pagens vestidos de grāa fina, cōr dos cardeaes,  
capa, roupeta e calças e com rocas nas mangas á Ingleza e as  
capas abertas á Franceza e com rayas á Tudesca ... (*Fastigimia*, 61).

**rolles:** ... a Dom Jorge de Menezes seu pajé huma loba e ca-  
pello e pelote de rolles e hum gibam de solia. (*Diss. Chr.*, v, 315).

**rouelles:** Saint Louis, à la requête d'un moine, ordonna à tous  
les agents de l'autorité royale de forcer les juifs à porter sur leurs  
habits deux *rouelles*, c'est-à-dire deux espèces de cocardes de drap  
jaune, l'une sur la poitrine, l'autre sur le dos. (Ch. Louandre, *Arts  
somptuaires*, I, 146).

**roupa:** ... e por hūa rroupa de qytym cymysy que tinha onze  
covados de qytym a qual era forrada de cotunya de seda preta cō  
onze botões de prata dourados ... (*Cartas de Alb.<sup>e</sup>*, VI, 290).—  
(Deu-se por ela 16:600 reais, que vão a seguir discriminados, o que  
prova que era riquíssima).

**roupa:** Hião adiante o Rey d'armas Portugal e o arauto Lisboa,  
com suas cotas d'armas sobre roupas de velludo forradas de setim  
alionado ... (Sousa, *Annaes*, 179).—Os ministris [castelhanos] de  
roupas vermelhas barradas de velludo preto, as mangas esquer-  
das entretalhadas de preto, e nelas huns AA negros atrocelados de  
branco. (Ib., 180).

**roupa:** *Vid.* Gibão—Marta.

roupão: ... o que o mouro logo fez, que vestido em seu roupão vermelho, se foy a terra no barco ... (G. Correia, I, 48). — ... o Visorey foy vestido de hum roupão de cetym roxo, com huma gorra do theor ... (Id., ib., 582).

roupão: ... & isto não somente nas opas, roupões, & capas, mas nos sayos & gibões. (Resende, *Hida da Infanta*, f. 137).

roupão: ... vêde, senhora, quem seja aquelle senador tão veneravel. Oh! que aspecto! Oculos, barba, e roupão! (Mello, *Apologos*, Vis. das Fontes, 28).

roupão: Roupão, não tinha outro, q̄ o que eu fazia da minha opa vellha ... (D. João de Castro, *Obras*, citado por J. L. de Azevedo in *Evol. do Sebastianismo*, notas, p. 82).

roupão: ... e fez trazer hum roupão de seda leonada ... (André de Resende, *Vida do Infante D. Duarte*, 27).

roupão: vez de sol, roupão de martas. (Prestes, *Dois Irmãos*, 244).

roupão: O que melhor me pareceo foram alguns roupões de grāa com laçaria de aljofar e os alamares de fios de perolas como gravanços ... (*Fastigimia*, 148).

roupão:

Venha-me um roupão varella ...

(Chiado, *Procurador*, 10).

roupeta: ... has vezes uestem hūas roupetas abertas por diante que lhe daom por meia coxa de panos algodam ou seda, ou grāa muyto fina, ou brocadilho ... (D. Barbosa, 313). — (Refere-se aos reis do Malabar).

roupeta: ... seu capitão ... a cauallo á estardiota, vestido em roupeta de veludo e cetym roxo com huma cana e barrete na mão ... (G. Correia, I, 533). — ... deu ao capitão do catur hum pelote de citim crimisim, e huma roupeta franceza de cetim preto laurada de fio d'ouro ... (Id., IV, 526).

roupeta: ... como os pages sem roupetas em couras ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 338).

roupeta: É costume esperdiçar nas roupetas, ou perder d'ellas aquillo a que chamam mangas perdidas ... (Mello, *Apologos*, Vis. das Fontes, 70).

roupeta: *Vid. Alheta* — Raxa.

roupeta franceza: *Vid. Coura*.

ruães de selo (?): E porque o presente que se deu ao Rey foy huma peça de grāa, e tres peças de ruães de sello, e quatro peças de velludo e cytys de cores ... (G. Correia, II, 33).

**sabastro**: ... hum Pontifical de panno rico douro com seus sabastros borlados ... (Goes, *Chr. D. Manuel*, p. IV, c. XXXIV). — *Vid.* Savastro.

**saia**: ... se queixara a molher de Pedro Sanchez exerqueiro que lhe furtara hūua saya de hūu sseu filho ... (Doc. de 1443, in *Docs. das Chancelarias relativos a Marrocos*, 551).

**saia**: ... a frei Joham de tentugall, frade do moesteiro da aveiro hum abito, a saber, huuma saya bramea comprida largua e huum escapulario branco com seu capello, tudo de esmola. (*Diss. Chr.*, v, 316).

**saia**:

Não vem a Meigengra a conto,  
Que he descuidada perdida;  
Traz a saia descosida,  
E não lhe dará hum ponto.

(G. Vicente, *S. da Estrella*, 421).

**saia — saio**:

No me pagan mi soldada,  
No tengo sayo ni saya ...

(G. Vicente, *A. da Fé*, 73).

**saia Framenga**: ... huma bruxa vestida de saya Framenga amarela com meninos de prata, na cabeça huma celada de prata ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 346). — ... saya Framenga de telilha douro, toucada com crenchas, e huma crespina ... (Ib., 347).

**saia de malha**: o Gouernador leuaua na cinta hum cris d'ouro e pedraria que tinha, que valia vinte mil cruzados, e huma saya de malha secreta debaixo da camisa ... (G. Correia, II, 333).

**saial**: ... entrou pela porta um homem quasi negro de queimado do sol, vestido de aspero sayal ... (Jeronymo de Mendonça, *Jornada de Africa*, I, II, c. VIII). — ... trazem sempre [os Morabitos ou Marabu] os pés descalços e a cabeça descuberta, com grande grenha, um pellote de aspero saial sobre a tisnada carne ... (Id., ib., I, II, c. XVI).

**saiete d'armas**: ... sayete darmas de tafetá verde com folhagens ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 349).

**sainho — saynho**: Item. D'hūu saynho de molher de qualquer pano, 10 r<sup>s</sup>. (*Livro Vermelho*, 518). — ... a cumba escrava negra ... huum saynho e huma faxa do dito pano [bristol] ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 307). — ... sainho de veludo preto dobrado e huuma faxa descarlata ... (Id., ib.). — *Vid.* Pantufo.

**saio** : ... aviso vosa alteza dos panos que caa mandaes, que deviam de vyr muy empresados e emburylhados e metidos em sayos de lona, çarrados muy bem e metidos em arca pregada e breada e precimtada ... (*Cartas de Alb.*, 1, 169).

**saio** : Parecer-vos-ha agora bem um saio de Arbim de espadas ? ou um sainho de palmilha, como já vestiram os reis e as princezas ? (Mello, *Apologos*, Rel. Fal., 49).

**saio** : ... achey a rapariga em armas ligeiras, vestida em hum sayo alto de chandalote de seda azul, os cabellos ennastrados, & hum barrete de grãa sobre elles ... (Vasconcellos, *Eufr.*, 149).

**saio** : E onde ficão os sayos acoletados ? (Vasconcellos, *Ulys.*, 30).

**saio** : ... metteo-se em hum paráo vestido em hum saio de veludo, e huma gorra na cabeça com outras insignias de trajo, que logo de longo deo suspeita aos nossos ser Castelhano. (Barros, *Dec. III*, l. v, c. vii).

**saio** : Os dous Iffantes hião de huma e outra parte das andas á gineta, vestidos em sayos e capuzes de contray frizado, e barretes redondos pretos, sinal de dó polla morte da Raynha D. Lyanor sua tia. (Sousa, *Annaes*, 179). — Os pagens [castelhanos] com sayos de gram barrados de velludo preto, e os AA bordados nos peitos e nas costas. (Id., ib., 180).

**saio** :

... mas se vens cá pedir  
a minha senhora o sáio  
emprestado, podes-te ir ...

(Prestes, *Cantarinhos*, 447).

**saio** :

JOANNE — Viste já o meu saio pardo ?

(G. Vicente, *A. Pastoril Port.*, 133).

**saio** : *Vid.* Borzeguim — Marta — Patola.

**saio de armar** : ... sobre as armas sayo de armar de tafetá verde com córtes dalto a bayxo ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 349).

**saio bastardo** : ... na feitoria, onde [Vasco da Gama] se vestio de hum sayo bastardo, comprido até os pés, de cetim alionado, forrado de borcado raso, e debaixo hum sayo curto de cetim azul, e borze-guis branquos; e na cabeça hum barrete d'orelhas, de veludo azul com huma penna branca debaixo de huma rica medalha; e hum rico collar d'ombros de esmalte, e hum cinto rico com hum rico punhal. (G. Correia, 1, 97).

**saio bastardo**: ... a mestre Pero fundidor de ferro huum saio bastardo frances ... calças de lomdres de preço de 400 reis o covado ... (1493). (*Diss. Chr.*, v, 312).

**saio biscainho**: ... Os soldados turcos de pannos vermelhos, carapuções vermelhos de guedelha e plumas de cores, calções de panno de cores, e çapatos, meas calças o ciroilas, sayos biscainhos curtos com mangas até o cotouelo ... (G. Correia, III, 870).

**saio de Irlanda**: *Vid.* Gona.

**saio de mouros**: ... a 6 moços fidalgos de Dom Jorge seu filho senhos gibões de çatim roxo e calças de menim e a cada hum delles seu sayo de mouros de mytaão com seus pendentes de lata de flandres. (*Diss. Chr.*, v, 315).

**saltimbarca**: ... e outros tinhão trespassados os chapeos, capotes e saltimbarcas ... (G. de Almeida, *Rest. Port.*, p. III, c. XIII).

**saltimbarco**: ... sómente alguns fidalgos de saltimbarcos, encostados como um coche de damas ... (*Fastigimia*, 37).

**samarra**: Sobre estas tunicas vestem umas samarras de pelles ao modo dos nossos pastores. (Godinho, *Relação*, 134).

**samarro**:

Leva os tarros e apeiros,  
E o currão co'os chocalhos,  
Os çamarros dos vaqueiros ...

(G. Vicente, *Mofina Mendes*, I, 109).

**samitum**: But of chasubles there were two of a suit, of each colour: two *black* ... Also two chasubles of *white* velvet (samitum), and two dalmatics of the same, with two tunics (subtilia) ornamented with gold, all very good. («Memoria do bispo Conrado sobre vestes roubadas da sacristia da igreja de Mentz, A. D. 1153», in A. Welby Pugin, *Gloss. of eccl. ornament and costume*, s. v. «Blue», p. 45.) — ... four capes, one of them of red velvet (xamito rubeo) ... («Presente de ornamentos eclesiásticos à igreja de Bisagli na Apulia, em 1197», in *op. cit.*, ib.). — Casula Nicholai Archidiaconi de rubeo sameto preciosa, cum viueis de perlis in modum ampliae crucis in dorso. («Rol de vestes de S. Paulo de Londres», *op. cit.*, s. v. «Chasuble», p. 69).

**samitum (samis)**: Une chasuble de samis rouge fort large et les orfrois tissus d'or ... («Doc. da catedral de Reims de 1266», in A. W. Pugin, *ob. cit.*, s. v. «Chasuble», p. 70).

**sapataria**: *Vid.* *Livro Vermelho*, 512 — (Tem a tabela dos preços em Vianna).

**sapatilho**: ... baixavam com sapatilhos brancos, golpeados e atrocelados de ouro, como agora trazem, altos e baixos, fitas de Arcebisco ou de Papa, com suas laçadas, que servem de esparrella, sem mais nós de dezatar que o nó gordiano ... (*Fastigimia*, 136).

**sapatos**: Então, cortaram os portuguezes as pontas dos sapatos, que usavam n'aquelle tempo muito compridas, e deitadas todas em lugar era sabor de ver tal monte de pontas; ca por judeu haviam então quem não trazia as pontas compridas. (F. Lopes, *Chr. D. Fernando*, c. CLIII).

**sapatos**:

Çapatos de Basylea,  
pontylhas sobolo mole ...

(*Canc. Res.*, Tr. do coudel-mór).

**sapatos**: *Vid.* Gibão.

**sapatos de pontilha**: ... calçaom [os Bramenes] çapatos de pontilha de cordouam muy bem laurados ... (D. Barbosa, 278). — *Vid.* Marroquim.

**sapatos dos golpes**: ... calçay aquelles çapatos dos golpes ... (Vasconcellos, *Euf.*, 94).

**sapatos franceses**: *Vid.* Coccolete.

**saragoça**: Temos saragoça, e temos estamenha; a primeira propria vestidura para o nosso clima desde Outubro até Maio; temos a segunda, propria vestidura para os outros cinco mezes, fazenda util, de que usárao sempre os Frades ... (*Theatro de Manuel Figueiredo*, XIV, 324).

**sarasa**: ... lhe deu duas sarasas, panos, que as mulheres na India vestem, e são de estima. (*Hist. T.-M.*, IX, 71).

**sarja**: Mandemoslhe huma peça de sarja, & outra de Olanda ... (Vasconcellos, *Ulys.*, 206). — *Vid.* Raxa.

**savasteiro**: *Vid.* Almatega.

**savastro**: ... o padre [Francisco Xavier] leuaua húa loba de chandalote preto sem agoas cõ húa sobrepeliz en cima, e húa estola de veludo verde cõ seu sauastro de brocado ... (Pinto, *Peregr.*, c. CCIX, f. 275).

**savastro**: ... huma vestimenta e hum frontal de damasco alionado com savastro de damasco azull ... (*Cartas de Alb.*, III, 156).

**savastro**: *Vid.* Almatega.

**sebasto**: ... nas janellas cortinas verdes, nos intercolumnios sebasto de verde e ouro. (*Fastigimia*, 154). — ... huns panos de velludo verde, todos bordados com a Bucolica toda de Vergilio,

em tarjas brosladas de seda e ouro, com sebastos de vestimentas . . . (Id., 255)

**sellegão**: . . . as suas sellas são como sellegões sem arção e ficam as capas sobre as ancas dos cavallos muy feas. (*Fastigimia*, 148).

**sendal**: Les étoffes de soie s'appelaient alors [secs. XI a XIII] *cendal*; le cendal, qui correspond au taffetas moderne, servait non seulement à faire des habits, mais encore des écharpes, des étendards, des courtines ou rideaux de lit, etc. (Ch. Louandre, *Les arts somptuaires*, I, 114).

**sergueira**: *Vid.* Espaldeira.

**servilha**: Item. Se darão as cervilhas do dito cordovam por 22 r.<sup>s</sup> e  $\frac{1}{2}$ , avendo respeito a hû par d'empenhas de cordovam que se contam a 15 r.<sup>s</sup> e  $\frac{1}{2}$ , e a tres que se dam ao obreiro, e a outros tres que se dam ao mestre de maños, ganho, e cabedal, e a huum de linhol que fazem os ditos 22 e meio . . . (*Livro Vermelho*, 513).

**servilha**: Então mandou a todos uestir camisas nouas, que tinha feitas, e jebões de tafetá de cores, e ciroulas de panos de seda, e seruilhas, e mongis de chamarote pretos . . . (G. Correia, I, 949).

**servilha**: Tinha [o cadaver de S. Francisco Xavier] . . . umas servilhas calçadas nos pés. (Chr. Ayres, *F. M. Pinto*, p. 15).

**setim avelutado**: Aquy [em Cambaya] se fazem . . . muitos veludos baixos pintados, muitos setins avelutados e tafetas . . . (D. Barbosa, 285).

**setim da India**: (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 517).

**setim de Bruges**: Por 5  $\frac{1}{2}$  covados de setim de Bruges, amarello, para as barras de mesmo saio, \$935. (Doc. de 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 516-17).

**setim de Bruges**: . . . e hûas cortinas dalltar de çetim de bruges que tem seis pannos — a saber — çymqo vermelhos e o do meo he verde, cõ seus allparavazes e forcadura de barbilho branco e vermelho forada de canhamço cõ suas fitas e argollas. (*Cartas de Alb.<sup>e</sup>*, VI, 255).

**silhão**: Vinha a Raynha em huma Hacaíea branca formosissima, em um silhão de prata dourada e esmaltado com algumas pedras engastadas . . . (*Fastigimia*, 120).

**sinabafa**: *Vid.* Mamona — Rembotim.

**sinabafó**: Hûua touca de synabafó de vyvos douro e azull com cadilhos brancos. («Inventario do guarda-roupa de D. Manuel», in *Arch. Hist.*, II, 398). — *Vid.* Beirame.

sinabasos: ... de Bengala lhe trazem muytos synabasos, que saom sortes de panos muyto delguados dalgodam, que antre eles ualem muyto, e saom muyto estimados pera toucas e camisas ... (D. Barbosa, 271).

soadeiro:

..... Estes lavores  
São para elle soadeiros  
Com pedras de muitas cōres,  
E broslados huns letreiros  
Que dizem — Amores, Amores!

(G. Vicente, *Rubena*, 47).

sobreveste: ... huma sobre veste de perolas, aljofre e outro [ouro?] ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 268). — ... ho outro cavaleyro era o das armas cristalinas que elle trazia cubertas com huma sobre-veste de cetim carmesim ricamente brossada de troças de prata e alguns golpes dalto a bayxo tomados com peças de ouro ... (Id., ib., 304).

solia: ... e vestio [Vasco da Gama] hum sayo de solia çarrado e barrete redondo, que parecia bem com sua barba muyto comprida ... (G. Correia, I, 139). — O Visorey nom tomou dō, nem differençou nada o vestido, que sempre trazia hum sayo de solia, e uma boleta aberta de solia, e na cabeça huma carapuça branca, e huma caninha na mão ... (Id., ib., 777). — ... já pela galueta de Antonio Moniz lhe fôra a noua, e tomara dō sómente de hum sayo de solia ... (Id., IV, 514).

solia:

... poys lhe veyo a fantesya  
querer trazer na cabeça  
carapuça de solya.

(*Canc. Res.*, III, 115).

solia: *Vid. Aljubeta* — Rolles.

solhas: ... e ao Mestre lhe prougue delle, e armou-se de umas solhas postas em panno de sirgo verde, porque o Mestre era conhecido quando as vestia ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. CLXVII).

sobreiro: ... sombreiros quartiados entransilhados, com seus velilhos de prata ... (*Fastigimia*, 156). — Nisto, veyo a Senhora Leonarda entre seus parentes, em corpo, com mantilha e sombreiro e plumas ... (Id., 318).

sobreiro: ... acabado seu fallar, o bispo tirou o sombreiro ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. CXC).

**sobreiro**: E o ... senhor Cardeal Infante d<sup>o</sup> Affonso com seu roxete, & vestido de escarlata, capello & sobreiro de cetim cramesim ... (Resende, *Hida da Infanta*, f. 136 v).

**sobreiro**:

Toma lá esse sobreiro ...

(G. Vicente, *J. da Beira*, 172).

**sobreiro**:

He de todas muy louuado  
o sombreyro com tabardo,  
por ser preto, & não pardo,  
das minhas cores bordado.

(*Canc. Res.*, de J. Affonso de Aveiro).

**sobreiro**:

de grā fletro huū sombreyro  
posto sobolo barrete.

(*Canc. Res.*, Tr. do coudel-mór).

**sobreiro**:

Tendes sobreiros de palma  
Muito bōs para segar,  
E tapados para a calma ?

(G. Vicente, *A. da Feira*, 172).

**sobreiro**: *Vid.* Loba.

**sotaina**: Trazem [as mulheres Persas] corpinho e gibão, e por cima suas sotainas abertas todas por diante, e lhes chegam até os joelhos. (Godinho, *Relação*, 96).

**sotirão**: *Vid.* Xuar.

**sulia**: ... juncos ... trazem [a Malaca] muyta seda, sulia muy fina ... (D. Barbosa, 365). — (Pela palavra *sulia*, entende Duarte Barbosa os casulos da seda antes de dobrados; o tradutor Italiano assim mesmo o interpretou usando na sua versão as palavras «seta in mattasse». ¿Não será o mesmo que *solia*?).

**surrão**: *Vid.* Samarro.

**tabardilha**: o Mestre estava a cavallo com cota e braceis, e uma espada na cinta, e uma tabardilha em cima. (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. CXLI).

**tabardo**: ... a Dom Jorge seu page huum tabardo e huum plete e huumas calças de lilla ... e huum barrete. (1493). (*Diss. Chr.*, v, 308).

**tabardo**: «Tabardo e botas cobrem as costas». (Adagio citado por Freire, segundo Andrade, *Misc.*).

**tabardo**:

como v' vy com tabardo  
sobrartilheyra de martas,  
a quem vos chamais bastardo.

(*Canc. Res.*, de Fernão da Silveira).

**tabardo**: *Vid.* Barrete de duas voltas.

**tachão**: *Vid.* Ezcotadura.

**tafecira**: ... e asy achámos algúua mercadoria de Roupa do cairo, veludos, brocados, peças de pano de lynho com ourelas de seda, panos azuees de lynho com bamdas, outros panos de seda que chamam tafeciras, e panos de laam azuees e vermelho ... (*Cartas de Alb.*, I, 222).—... húa tafeçira de seda de douz covados pera leuar a manuell dalbuquerque duas caxas de cambaia dez tafeçiras dalgudã ... (Id., VI, 428).—e mais lhe dares duas tafyçiras das empapeladas e quatro panos dourellas de seda ... (Id., ib., 449).—... húa tafeçira de seda ...; ... húa tafeçira de mea seda ... (Id., ib., 460).—... húa tafyçira dalgudam ... (Id., ib., 464).—duas tafeciras de seda e tres de mea seda ... (Id., VII, 71).

**tafecira**: Tafecyras lystradas de seda: Tamatura ... A tafecyra Rysaa ... A tafecyra mazora ... Tafecyra camdassym ... Tafecyra abaryary caceby ... Tafecyra Ratalaya ... Tafecyra martur ... (*Leembr. c. India*, 50).

**tafetá**: M. Francisque Michel dit bien que l'on fabriquait des taffetas en Orient; mais le mot *taffetas* apparaissant pour la première fois l'an 1316 sur un compte de Geoffroy de Fleury, la marchandise ainsi désignée ne doit pas remonter beaucoup plus haut, et l'on sait que Lucques, Venise, Florence, Gênes et Bologne en produisaient abondamment. (Ch. de Linas, *Anc. Vêt. Sacerd.*, 2<sup>e</sup> série, 78).

**tafetá**: ... pelo menos de hum tafeta que chamão destremados encarnado, que desejan muito, por huns calções que virão a seu irmão delle ... (Vasconcellos, *Ulys.*, 30).

**tafetá**: ... aqui [a Dio] trazem tambem da India muitas alcatifas grosas, tafetas, e panos de grãa ... (D. Barbosa, 283).

**tafetá**: *Vid.* Setim avelutado.

**talabarte**: ... capatos e talabartes de veludo verde ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 349).

**talabarte**:

d'aqui lhe ordeno capinha,  
talabartes com espada  
refincada.

(Prestes, *Mouro*, 354).

**tangueiro**: ... andaom nuus e delcalços [os gentios de Dely], nem trazem nenhūa cousa na cabeça, somente cobrem suas vergonhas com hūs tangueiros de latam mourisquo, de que trazem hūs cintos de muitas peças, e jogaom dambalas bandas, de largura de quatro dedos enuasados em forma, com muitas figuras neles esculpidas, e trazemnos tam apertados, que lhe fazem subir as tripas muy acima, e nestes cantos andaom hos bragueiros pegados, honde vem fechar com seus fechos, tudo tam apertado que lhe daa grande pena, e além disto trazem muy grosas cadeas de fero pelo pescoço e cinta ... (D. Barbosa, 310).

**taramaque**: *Vid.* Pelote.

**teada**: Fejtor day pera este alifamte defRey noso senhor que está doente das mãos duas teadas grossas pera lhe pôr com a mezia [deve ser mèzinha] nas mãos ... (*Cartas*, de Alb.<sup>o</sup>, vi, 46).— a estes cinco homens tamjedores destromêtos da terra ... a cada hū sseu pachory de teadas que custam meyo pardao ... (Id., ib., 66). — ... que des a francisco fernandez capitão do catur seis teadas pera hūa vela pera ho quatur ... (Id., ib., 460). — *Vid.* Balandrao.

**telilha**: Item asy mesmo vos envio outra mostra de telilha de prata se a laa ouver conforme aa dita amostra. Enviarmeyas duas peeças douro, e outras duas de prata. (*Corpo Diplomatico*, vii, 16).

**telilha**: ... manguinhas de cetim forradas de telilha, & cortadas, com seu corpinho com troças de ouro. (Vasconcellos, *Ulys.*, 30).

**telilha**: Sahindo El-Rey do paço se pôz a cavallo, mui ricamente vestido de uma telilha entre parda e azul, com muitos trocias d'ouro ... (Fr. Bernardo da Cruz, *Chr. D. Sebastião*, c. li, p. 32).

**testeira**: *Vid.* Aceiro.

**tiracolo**: A quelles capuzes de bristol azul: tiracolos com suas borlas. (Vasconcellos, *Ulys.*, 31).

**tiraz**: ... *Tiraz* d'après Ibn-al-Khatib, écrivain arabe, veut dire, littéralement, étoffe précieuse sur laquelle les noms des sultans, des princes et d'autres riches personnages étaient inscrits (*Recherches, etc.*, t. 1, p. 289); mais ce nom par synecdoche exprime aussi l'ate-

lier du tissage, *Tiráz*, hôtel du Tiráz, c'est dans ce sens que l'emploie l'historien Ebn-Kaldoun. (Ch. de Linas, *Anc. vêt. sacerd.*, 1<sup>o</sup> série, p. 44).

**toalha de Ruão:** Por 12 amitos com seus cordões e 4 toalhas de Ruão para as vestimentas dos padres, 1\$050. (Doc. de 1562, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, 546).

**tonelete:** ... hum cavaleyro armado de cinta pera cima darmas brancas, e sobre ho elmete huma capela de flores, e pera bayxo huma fralda de hum tonelete de tafetá amarelo atorçalado de branco, os muslos do teor, e as meyas calças brancas, e çapatos de veludo branco ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 347). — Levam arnes branco com tonelete, grevas e çapatos de armar ... (Ib., 348).

**toneletes:** ... calças largas pretas e toneletes de damasco carmezim ... (Ramos Coelho, *Hist. D. Duarte*, I, 81).

**topeteira:** *Vid. Almafega.*

**touca:** ... e na cabeça [a gente de Daquem] grâdes toucas foteadas ... (Castanheda, I. II, c. XXXIV).

**touca:** ... o qual hia nu, encachado com seus pannos brancos finos debaixo do embigo até mea coxa, e por cima destes panos outro de seda de cores trocido, deitado por cima dos outros ao modo de touca ... (G. Correia, I, 231). — (Por aqui se vê que «touca» corresponde a «turbante», pouco mais ou menos).

**touca:** O dia antes da batalha vejo vir hum Mouro tirada a touca pelo ar como em sinal de paz ... (Andrade, *Misc.*, 139).

**touca:** ... e na pôpa vinha a Infanta de encarnado e prata, com mascara e toucas altas de velilhos ... (*Fastigimia*, 156).

**touca:** ... seus vestidos [dos Mouros de Aden] saom húas roupas compridas, com toucas nas cabeças ... (D. Barbosa, 262). — ... criaom estes Bramanes muyto comprido cabelo, de maneira que ho criaom has mulheres em nosas partes, e trazemno apanhado sobre ha cabeça, e feita dele huma trunfa, e em cima huma touqua, pera ho trazerem sempre apanhado; e por antre ho cabelo metidas flores, e outras cousas cheirosas ... (Id., 277). — ... suas touquas [em Cambaya] saom compridas, como camisas mourisquas, ciroulas com brozeguís até ho gioelho, de muy gróso cordouam, laurados de muy sotis laços, de dentro e de fóra da pontilha ... (Id., 280). — [Os mouros de Goa] ... uestem panos delguados dalgodam com suas touquas nas cabeças ... (Id., 295).

**touca:** ... lançou-se um d'elles a ella [abadessa de S. Bento de Evora] rijamente e levou-lhe o manto e as toucas fóra da cabeça sem outra cobertura. (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. I, c. XLVI).

touca: ... virão na Atalaia Alta de Tendefe dez ou doze de cavalo de capelhares e toucas. (*An. de Arzila*, II, 112).

touca:

húa bem grande façanha  
da touca de João de saldanha,  
coge sacou hoo partyr.

(*Canc. Res.*, de João Fogaça).

touca:

Moça—Dae-me alviçaras, Senhora ...

AMA—Dou-te huma touca de seda.

(G. Vicente, *A. da India*, 27).

touca: *Vid.* Cingidouro—Loba.

touca foteada: ... atauaiados de panos de seda, grãa, chamaletes, algodam, suas touquas foteadas nas cabeças ... (D. Barbosa, 340).

touca da India: ... (onde [em Melilla] se ouvera fazenda da rendição dos cativos, ainda que fora em panos, e toucas da India poderão por aqui escapar-se muitos) ... (Andrade, *Misc.*, IX, 190).

touca de Roma: ... deste porto de Dyo leuaom hos Mouros de Chaul cadum grande soma de peças de beatilhas pera touquas, com que trataom pera Arabia, e Persya, honde tem grande ualia, e asy tem muytos beirames finos, e touquas de Roma, has quaeas tres peças de pano se fazem neste regno; dos beirames se seruem muyto hos naturaes da tera, e se uestem deles, trazendo-os asy crus; depois que hos trazem hos curaom, fazendoos muyto aluos, e gomandoos, e asy hos uendem pera muytas partes, e por isso se achaom has uezes muytos rotos, tambem fazem deles depois de trazidos, capas, ajuntandoos de dous em dous e pintandoos em forma de muy boas cores, e asy hos trazem sobraçados por capas, porque este he ho seu trajo, com huma peça de beatilha na cabeça ... (D. Barbosa, 290).

toucador: *Vid.* Gargantilha.

touquinha: ... e ElRei vestido em roupas brancas, e na cabeça huma touquinha branca de cadilhos, e na cinta huma adaga, e nas costas d'elle hum page com hum traçado e que lhe tinha um cofo ... (G. Correia, III, 537).

touquinha: ... [os gentios do Decan] nas cabeças trazem húas touquinhas ... (D. Barbosa, 296).

touquinha: *Vid.* Brocadilho—Jaqueta.

tovilho: ... porque o sapato aperta o pé e a liga o joelho e assim criam mais a pantorrilha que o tovilho ... (*Fastigimia*, 126).

**traje:** de um rei cafre [à portuguesa]. (*Hist. T.-M.*, ix, 80).

**traje da Infanta D. Maria:** ... saya de cetim encarnado, picada e cortada com bordadura de recamado douro e prata de huma mão de travessa em largo, e huma dianteira de tranças de ouro de canutilho de muitas perolas forrada de cetim encarnado, humas manguinhas da mesma maneyra, huma cinta douro, huma gorgueyra cuberta de perolas, hum tocado e nastros do mesmo teor, na cabeça huma tira de pedraria, e hum só firmal em huma guedelha, e hum fio de perolas ao pescoço ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 331).

**traje da Rainha D. Catharina:** ... cota de tela de França douro e preto, hum sayo alto de fralda com mangas francezas de tafeta preto, cortado e picado, e com pontas de perolas grossas, e ante ponta e ponta huma rosa de diamantes e robijs, humas manguinhas com tiras atravessadas brosladas sobre telilha douro, tomadas com peças de perolas e robijs, huma cinta douro e perolas, e na biqueyra oyto perolas pendentes, e hum balays grande todo guarnecido de perolas ao rededor, e na cinta por charneyra huma Agua grande com hum balais grande no peyto, hum diamão, quatro perolas em torno, e hum pendente muyto grande feyçao de pera, huma gorgueyra de perolas grossas, e do mesmo teor huma coifa de faces, hum volante de rede com huma douradura: por arrecadas humas perolas grossas a maneyra de peras: nas mãos dez aneis de robijs e esmeraldas, humas axorcias de perolas e pedraria ... (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 331).

**traje de Affonso de Albuquerque:** (*Castanheda*, iii, c. lxxi).

**traje de damas:** (F. de Moraes, *Palmeirim*, iii, 145, 159, 173).

**traje de Luiz XI:** (Pina, *Chr. D. Afonso V*, 571).

**traje de mestres de campo e reis d'armas:** (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 336).

**traje de moço:** (F. de Moraes, *Dial.*, 31, 32).

**traje de Mouro:** Mulei Abrahem trazia um pelote de veludo pardo e um barrete vermelho de grã na cabeça e um cinto mourisco asaz largo e na cinta um rico treçado, bem guarnecido de prata branca, e da parte dereita um rico teli com grandes borlas de seda verde e parda; ante si um homem de pé, que lhe levava a lança dereita e a adarga, e ao derredor outros seis, todos com cabrestos e mandis. Os companheiros ião a modo de mouros com camisas e toucas ... (*An. de Arzila*, i, 467).

traje de mulher: (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 61). — *Vid.* Cadenetas.

traje de pagens: (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 337).

traje de regateira: (F. de Moraes, *Dial.*, 31).

traje de sargento: (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 337).

traje de Vasco da Gama: (Camões, *Lus.*, c. II, ests. XCVII e XCVIII).

traje do Infante D. Duarte: (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 335).

traje do Príncipe D. João: (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 335).

traje dos vereadores de Lisboa: Nos trajos foi asentado por todos, em mesa, q fosse de negro e branco, por serem as cores da cidade, a saber: garnachas de setim negro emprosado [estampado] e picado, forradas en tella de prata; calsas dobra, forradas da mesma tella; roupetas de setim emprosado, e guarnesidas com a guarnisão das calsas; giboes da mesma tella; sapatos, e gorra de ueludo de pelo... (*Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, II, 450).

trajes de aventureiros de torneio: (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 339, 343-48).

trajes de damas (sec. XVII): (R. Coelho, *Hist. D. Duarte*, I, 133).

trajes de fidalgos: (Vasconcellos, *Tav. Red.*, 337-38).

trajes de fidalgos (sec. XV): (*Dts. Chr.*, v, 307).

trajes de fidalgos (sec. XVII): (R. Coelho, *Hist. D. Duarte*, I, 127, 133-34).

trajes de fidalgos e damas no sec. XVII: (*Vid. Fastigimia*, 157).

trajes de gala: de portuguezes [sec. XVI] e espanhóis. (Sousa, *Annaes*, 179).

trajes de homens: Donde vem o meu senhor de borzeguins amarellos, mais alfanados, que um potro russo pombo? (F. de Moraes, *Dial.*, I, 7). — Como estaes com mulla parda, pernas compridas, calças de mallinas, capa aberta, cabello louro, e crespo, passear no terreiro? (Ib., 11). — Mas um tempo trazeis o capello no toutiço, outro tempo nos quadris, uns dias quereis o cabello copado, e corredio; outro dia louro, e crespo, e agora, porque de Tunes vieram quatro trosquiados, quizeste-lo ser todos. Ouvistes dizer, que no campo havia capas, e pellotes curtos, de sorte que descubris quanto tendes... (Ib., 11). — ... se fuão quiz fazer um capuz curto, não houve mais escudeiros no reino, que o trouxesse comprido... — quando vem á Rua nova, parece vem envergonhados, mettendo a vista por elmo de muito embuçados, a lama muito grande, gualdrapa de tres mudas, como gavião, furada por mais lugares, que um crivo do Alemtejo... (Ib., 12). — ... achardes que uma loba aberta com rabo muito comprido, e chapéo albanes na ca-

beça, não diz um com o outro, e sustentardes, que uns chapins de meias capelladas, que chamavam alquorques, era o melhor trajo do mundo ... (Ib., 13).

trajes de homens do povo no séc. XV: (*Diss. Chr.*, v, 304).

trajes de pobres no sec. XVII: ... aos pobres mizeraveys, q̄ não tyverē vestydos p.<sup>a</sup> trazer, se lhe de camyza, roupeta e calsoes de canhamaso e sapatos de vaq.<sup>a</sup>; igual terão as mulheres, q̄ tão bem forem myzeraveys, se lhe de vasquinha e gybão e camyza do mesmo canhamaso ... (Doc. de 7 de Maio de 1602, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, II, 138).

trajes de soldados (secs. XVI e XVII): (*Vid. Couto, Sold. Prat.*, p. 92, 141 e sgs.).

trajes de soldados na India: (*Couto, Sold. Prat.*, 92). — ... e de fidalgos: (Ib., 100, 141, 142; II, 38).

trajes e enfeites de mulheres: (*Cartas de Alb.<sup>e</sup>*, IV, 15).

trajes garridos de naufragos: (*Hist. T.-M.*, IV, 34).

trajes na Ribeira de Lisboa: ... tivemos o tempo tão quente e calmoso, que andavam os homens a bordo como na Ribeira de Lisboa ... (*Hist. T.-M.*, III, 16).

trajes no sec. XVII: (Ramos Coelho, *Hist. D. Duarte*, I, 81).

trajes portuguezes nos principios do sec. XIX: *Vid. Bradford, Sketches of the country, character and costume, in Portugal and Spain ... in 1808 and 1809.* (Bibl. B. A., I-4-9).

trancadeira: Item vos envyo hūua amostra de trancadeiras estreitas douro e cor: muyto vos encomendo que conforme a ela me mandeys huum marco douro e seda de todas as cores que ouver ... (*Corpo Diplomatico*, VII, 16). — (É uma carta da Rainha D. Catarina para Roma).

trançado: *Vid. Chapim.*

tremilha: Por 6 varas de estopa para tremilhas dos pellotes, briaes e calças dos foliões, \$090. (Doc. 1521, in *Elem. H. M. Lx.<sup>a</sup>*, I, 517).

trena: ... ia João Preto na dianteira com outros escudeiros, vestido de umas folhas cobertas de velludo verde, com uma banda de trena d'ouro ... (F. Lopes, *Chr. D. João I*, p. II, c. CLXX).

trepas:

Não briaes d'ouro tecidos  
Com trepas de desvarios ...

**tucandia**: A dutre de tucamdyá uylosa, que sam panos verdes e vermelhos de pymturas de pasaraos, fazem seis hum dute xxijj tamgas. (*Lemb. c. India*, 49).

**tunica** (de agostinhos): ... não usam mais que de uma cabaia ou tunica, que os cobre da garganta até o bico do pé, com mangas tão largas como as dos padres agostinhos... (*Godinho, Relação*, 68).

**valonas**: ... e como tomamos aos estrangeiros os chapeos, valonas e sapatos, lhe tomaramos esses bons uzos! (*Mello, Apologos, Vis. das Fontes*, 54).—(O mesmo que balona).

**vaqueiro**: *Vid. Marlota.*

**vaqueiros**: ... quatro cocheiros com Vaqueiros de veludo carmezi ... (*Fastigimia*, 61).— Eram as librés de setim bordado e forro de telilha nas marlotas, ou vaqueiros, com mantos ou capas a modo de mantilhas á romana, tomados no hombro esquerdo ... (*Id.*, 126).

**vasquinha**: ... a rapariga estava bonita, como o ouro, de sua vasquinha amarella quartapisada ... (*Vasconcellos, Euf.*, 21).

**vasquinha**:

Eu era o homē qu'estaua  
a noyte em cas da rraynha  
cō tres damas em vasquinha,  
& de nenhūa apegaua.

(*Canc. Res.*, Tr. de J. Roiz de Sá).

**velilhos**: *Vid. Sobreiro*—Touca.

**veludo de Bragança**: ... hum engano de afeição he mais brando que veludo de Bragança ... (*Vasconcellos, Euf.*, 27).

**veludo de gram**: ... e mandey a miliquaz veludo preto pera hum sayo e veludo de gram pera outro ... (*Cartas de Alb.*, I, 334).

**veludo de Meca**: ... e se per vir de levante poderdes aver cetins avilutados de cores, que cá chamamos veludos de mequa, fazen os em alepo, em bruça e torquia ... (*Cartas de Alb.*, I, 168).

**veludo de Meca**: ... e muitos veludos de Meca, que he grande mercadoria, pera o Malavar, que muito gastão em seus laudés e armaduras de seu pelejar ... (*G. Correia*, I, 520).— ... mandou o Visorey fazer polos officiaes da terra, que o sabião fazer, muitos laudés acolchoados d'algodão, e armaduras pera cabeças, e braçaes muy fortes, da feição que os Malauares os trazião nas guerra, e tudo de veludos de Meca, que auia muitos na feitoria ... (*Ib.*, 780).

**veludo de Meca**: *Vid. Jaqueta*—Patola.

**veo**: *Vid. Beatilha.*

**verdugado**: *Vid. Chapim*—Marquezota.

**verdugada**: O que mais ennobrece a Valhadolid são as suas verdugadas e marquezotas ... (*Fastigimia*, 334).

**verdugo**: ... e assim depois que neste Estado entrárao verdugos compridos, balonas, e trajos estrangeiros, logo tudo se perdeo ... (Couto, *Sold. Prat.*, 92). — *Vid. Balona*.

**vespicias**: ... a qual dava muita quantidade de ouro a troco de huns pannos de Cambaya de sorte que alli trouxera, que eram vespicias, mantazes e bertangis azues, e vermelhos. (Barros, *Decada III*, l. III, c. III). — *Vid. Bespyces*.

**vestido da Rochela**: ... que dees a maty piloto mouro da nosa estrebaria que ora ēviamos a Imdia hū vestido da Rochela — a saber — gabā pelote calças e jubā de ffustā e hū par de camisas de pano da terra todo ffeyto e tirado de custura ... (*Cartas de Alb.*, vi, 255).

**vilajim**: ... mandando á vila por doze covados de vilajim azul, os deu aos dous mouros de Mulei Abraham pera dous capuzes ... (*An. de Arzila*, II, 109).

**vis**: ... lhe tirou ūa jaqueta d'azul vis e outra de baixo de veludo cramesim ... (*An. de Arzila*, II, 101).

**vis**:

guarday de faze-lo azul [o chapeo]

.....  
Guarday-nos tā bem do vis ...

(*Canc. Res.*, Tr. de J. Roiz de Sá).

**volante**: ... ao Domingo enfeitaisuos com volante ... (Vasconcellos, *Ulys.*, 48).

**volante**: Vimos aqui vir em huma cadeyra, com muyta gorgeira e volantes e vestido mouriseco, a Snr.<sup>a</sup> D. Antonia Henriques ... (*Fastigimia*, 213).

**volante**: *Vid. Chapim*.

**xerga**: Targiana em todo o tempo, que ahi estiveram, nunca vestiu senão xerga ... (Moraes, *Palmeirim*, II, 151).

**xerga**:

O fyestas malditas, desauenturadas,  
que luego tan presto v' aueys tornado  
en lloro el plazer, en xerga el borcado ...

(*Canc. Res.*, de D. João Manuel á morte do principe).

**xuar**: ... em cima de ūa boa equa ia, levando um xuar ou sotião cheio de linho e de lentilhas e pasas ... (*An. de Arzila*, II,

179).—(Em nota: *xuar*, vocabulo arabe que significa «ceira, alcofa». Veja-se Dozy, *Glossaire*).

**zarzagania**: ... e húa aljubeta de zarzaganya que se comprou a francisco pantoja ... (*Cartas de Alb.*º, vi, 449).

**zarzagania**: ... e a Fernão Caldeira deu outro [cavalo] e um vestido de zarzagania, que ele emprestava no jogo das canas ... (*An. de Arzila*, i, 470).—... e um vestido todo de zarzagania, que é húa seda lavrada de vermelho e branco, á maneira de torna-sol. (Id., ii, 75).

**zarzagitania**: *Vid.* Capilhar.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

### Ara de Venus

Em carta de 4 de Abril de 1929 disse-me o meu amigo S.<sup>or</sup> Joaquim de Castro Lopo, de Valpaços, pessoa muito estudiosa, e já conhecida dos leitores do *Archeologo*, que em Chaves aparecera em 2 do mesmo mês, junto da Igreja matriz, uma pedra romana com uma inscrição de que me mandou cópia. Escrevi em seguida ao meu antigo condiscípulo D.<sup>or</sup> Arnaldo Torres, de Chaves, pedindo-lhe que fizesse esforços para me obter a pedra para o Museu Etnológico: ele respondeu-me que a pedra estava em poder da Câmara Municipal, e que esta tencionava reservá-la para um museu local que ia fundar. Lá se me foram, pois, as esperanças de adquirir a pedra para Belém! Ao menos ela ficará também excelentemente num Museu flaviense, visto que Chaves, como correspondente a uma antiga cidade romana, é centro de importante região arqueológica e etnográfica. Ao mesmo tempo o meu bondoso condiscípulo Torres enviou-me uma fotografia que reproduzo na figura junta.

A pedra é de granito, e mede de altura, segundo me informou o S.<sup>or</sup> Lopo, 0<sup>m</sup>.90. A fotografia dispensa descrição, basta acrescentar que a pedra tem o aspecto geral de um templo, e mais particularmente se representa na parte superior d'ela, ou frontão, uma edícula em guisa de timpano.

#### Leitura da inscrição:

Linha 1.<sup>a</sup>: *Veneri.*

Linha 2.<sup>a</sup>: *victrici*, com o I inclusivo no C.

Linha 3.<sup>a</sup>: LA *ex vi(su)*, com uma *hedera distinguens* depois do A, e um ponto depois do X.

Linha 4.<sup>a</sup>: *ar(am) p(osuit)*, com um ponto entre estas duas palavras.

As duas primeiras letras da linha 3.<sup>a</sup> representam, quanto a mim, o começo ou as iniciais do nome do dedicante, sem que possamos adivinhá-lo. Ha tantos nomes, romanos ou barbaros, começados por *La*! Tambem podia admitir-se que LA significava *L(ucius)* seguido de um nome ou cognome que principiasse por A; mas a simetria com que está escrita toda a inscrição faz-me pender mais para a primeira hipótese que para a segunda. É rara a inscrição, como eu já disse algures, que não apresente uma dificuldade, ou não traga um ensinamento.

Prefiro explicar LA como nome a explicar estas letras como abreviatura da freqüente fórmula *l(ibens) a(nimo)*. Com efeito, se tivessemos aí *libens animo*, deixava de haver nome de dedicante na inscrição, e então as últimas letras significariam *a(ra) p(osita)*. Embora isto não fosse cousa insolita, parece-me que a verdadeira interpretação é a que acima dei: leva-me a isso o teor do texto, e a consideração da simetria de que já falei.

O adjetivo *victrici* é corrente epíteto de Venus, invocada em dativo na 1.<sup>a</sup> linha: cf. *Religiões da Lusitania*, III, 280. A fórmula *ex visu* significa: «segundo um sonho» que o dedicante teve para oferecer esta ara a Venus: cf. a mesma obra, II, 142. Chamar-se na inscrição *ara* ao monumento em que aquela está gravada mostra que a palavra *ara* na epigrafia nem sempre, como todos sabem,



tinha a significação precisa de «altar de sacrificio», mas podia significar, como aqui, apenas um cipo.

Em resumo: *La- dedica esta ara a Venus Vencedora, por efeito de um sonho.*

J. L. DE V.

### A inscrição da tomada de Lisboa na Sé Catedral

Quem transpõe o grande arco do pórtico principal da velha Sé olisiponense encontra, nas paredes laterais, duas inscrições com os mesmos dizeres, por uma ser cópia da outra, e ambas duma terceira que o tempo ou os desmoronamentos fizeram desaparecer. A da direita, circundada por uma estreita cercadura românica, é composta com antigos caracteres monacais; a da esquerda, alguns séculos posterior, está escrita com pequenos caracteres latinos.

À parte as abreviaturas, muito mais numerosas na primeira, diferem entre si estas duas inscrições na terminação da última palavra da segunda linha, na da terceira palavra da terceira linha, na transposição das segunda, terceira, quarta e quinta palavras da quarta linha e ainda na terminação da última palavra dessa linha.

Quem tenha sido o Prelado que quis conservar na mais antiga destas lápidas a memória do facto que uma outra anteriormente esculpida já mal podia recordar, não será porventura de fácil averiguação.

João Pedro Ribeiro diz<sup>1</sup> que ela não deve ultrapassar o reinado de Afonso III, e o autor dos *Quadros Históricos*, embora algum tanto por palpite, atribui-a com bastante probabilidade à época de Afonso IV<sup>2</sup>, opinião de que o autor da *Lisboa Antiga* discorda, sem contudo nos dizer porquê.

Em verdade aquela inscrição, inteiramente composta com caracteres unciais, não deve ser anterior a D. Denis. O facto de ser escrita em latim não é razão suficiente para a colocarmos em época mais recuada, pois devemos ter em atenção que é cópia duma outra mais antiga. Os primeiros textos epigráficos portugueses que conheço, completamente escritos com aqueles caracteres, são dos últimos anos do século XIII. Até então os caracteres visigóticos

<sup>1</sup> *Dissertações Chronologicas*, vol. II, dissert. VI, p. 14, nota.

<sup>2</sup> *A Tomada de Lisboa*, nota.

mantêm-se ainda, posto que em tam menor número quanto se vai aproximando o fim dêsse século, e no princípio do século xv já nas nossas inscrições eram empregados os caracteres góticos minúsculos.

Temos, pois, de colocar a feitura desta lápida entre os últimos anos do governo de D. João de Soalhães e os do seu parentado D. João Anes, falecido em Março de 1402<sup>1</sup>. Mas entre êles governaram a Sé Olisiponense nada menos de quatorze Prelados<sup>2</sup>.

Quanto à época da mais moderna não pode haver dúvidas, visto que por baixo do 6.<sup>º</sup> verso, que termina na palavra *festo*, se declara que:

ESTES · VERSOS · LATINOS · Q · ESTAÑ · NA · PEDRA  
FRONTEIRA · SE TRADVSIRAÑ · NO ANO · DE · 1654 ·  
CONTÑ · COMO ESTA · CIDADE · FOI · TOMADA · AOS ·  
MOVROS · NO · D · 1147 · Ê · DIA · D · S · CHRISPÑ

Para mais fácil comparação das duas inscrições, dou-as intercaladas. A leitura da mais moderna é a que nos deixou Castilho, a p. 302 do tomo III da sua *Lisboa Antiga*:

TÜC : ANI : DÑI : CÜ : CETUM : MILLE : NOTATUR :  
TVNC · ANNI · DOMIN · CVM · C · M · NOTANTVR  
CÜQ(UE) : Q(UA)TER DEIS : Q TUOR : ATQ(UE) : TBU :  
CVNQ · QVATER · DENIS · IIII · ATQ TRIBVS ·  
CÜ : P(ER) : XCOLI : Ê : URBS : ULIXBÖA : CAPTA :  
CV · PER · CHRISTICOLAS · EST · VRBS · VLIXBONA · CAPTA  
ET : REDDITA : P(ER) : EOS : FIDEI : CATHOLICE :  
ET · PER · EOS · FIDEI · REDDITA · CATHOLICAE ·

ERA : M<sup>NA</sup> : FUIT : IIOC : DECIESQ(UE) : UIGENA :  
AERA · MILENA · FVIT · IIOC · DECIESQ · VIGENA ·

V<sup>E</sup> : DECE : DÉPT'S : IN : CSPINI : QQ(UE) : FESTO :  
VE DECEM · DEMPTIS · IN · CHRISPINI · QVOQ · FESTO

<sup>1</sup> J. M. Cordeiro de Sousa, *Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa*.

<sup>2</sup> João Baptista de Castro, *Mapa de Portugal*.

Leitão de Andrada, e modernamente Júlio de Castilho, traduziram:

*Então no ano do Senhor, quando se contavam mil e cento  
 Então, quando se contam mil e cem anos do Senhor,  
 com quatro dezes e quatro tres  
 com mais quatro vezes dez, quatro, e tres,  
 então foi tomada Lisboa pelos cristãos  
 foi quando pelos cristãos foi a cidade de Lisboa tomada,  
 e por eles tornada catolica<sup>1</sup>  
 e por eles restituída à fé católica<sup>2</sup>.*

.....  
*Isto foi na era milésima e dez vezes vigésima<sup>3</sup>,*

.....  
*tirando-lhe quinze, na festa de S. Crispim<sup>4</sup>*

A interpretação da primeira abreviatura da 6.<sup>a</sup> linha tem provocado dúvidas. Uns afirmam que deve ler-se *quinquè*, outros pretendem traduzi-la por *unde*. Efectivamente se lhe déssemos essa primeira significação, sem nos preocuparmos com o pequeno *e* que vemos sobre o *v*, obteríamos a data 1185 da era hispânica e, segundo J. P. Ribeiro<sup>5</sup>, tendo sido a conquista de Lisboa no mês de Outubro, tanto concorda a era com o ano de 1147, «sendo o da Circuncisão, pelo cálculo Pisano, como o da Encarnação, principiando a 25 de Março, segundo o cálculo Florentino».

Parece-me, no entanto, que pouco pode interessar a resolução deste problema, pois na primitiva inscrição não existiam os dois últimos versos:

«E isto mesmo e com as mesmas formais palavras diz o outro letreiro de fora da porta principal com letras góticas mas muito inteiras. E *com mais dous versos* que ainda declararam melhor, que dizem: *Aera milena*», etc.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Leitão de Andrada, *Miscellanea do sítio / de N. S.<sup>a</sup> da Luz do Pedrogão / Grande /*, etc.

<sup>2</sup> Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, t. III, p. 303.

<sup>3</sup> *Ob. cit.*, vol. II, dissert. VI, p. 14.

<sup>4</sup> Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea*, etc.

Havia pois um outro letreiro, escrito porventura em época bastante próxima dos factos que memorava. Viu-o ainda Leitão de Andrada, posto que já restaurado, ou «reformado por estar muito gasto». Estava então, isto é, no século XVII, «dentro na porta travessa da Sé, mais chegado ao púlpito, da banda do mar».

Tem-se feito uma certa confusão entre essa inscrição e as actualmente existentes, chegando a afirmar-se que se achava «separada em duas a preciosa lápide», encontrando-se o fragmento que encerrava os versos *Aera milena*, etc., fora da porta principal<sup>1</sup>.

Ora o que nos diz Miguel Leitão de Andrada, na sua *Miscellanea*, é que os dizeres da inscrição primitiva, repetia-os, «com as mesmas formais palavras», o que estava, e está, «fora da porta principal com letras góticas», mas com mais dois versos, etc, «que dizem *Aera milena*», etc. E assim deve ser, pois nem a pedra apresenta vestígios de fractura, nem as letras mostram indícios de restauro, antes estão «muito inteiras» e são autênticos caracteres do século XIV.

A inscrição que estava «fora da porta principal», escrita «com letras góticas», é pois a que ali vemos e evidentemente esse «outro letreiro» a que se refere Andrada. A primitiva deve ter desaparecido com a derrocada de 1755, ou estará talvez sob os rebocos da desgraçada restauração que tanto encantou o beneficiado Morganti.

Pode surgir naturalmente a dúvida da existência de duas inscrições comemorando o mesmo facto, escritas em épocas relativamente próximas, pois não é crível que dois séculos apenas fôssem tempo suficiente para apagar os caracteres da primitiva. Escreveram a segunda pelo mesmo motivo que depois gravaram a terceira, isto é, por não lhes saberem ler os caracteres arcaicos. No século XIV haviam esquecido já os velhos caracteres visigóticos, como no século XVII já dificilmente sabiam interpretar os belos unciais do século XIV.

J. M. CORDEIRO DE SOUSA.

Conocemos tipos humanos fósiles no sólo más primitivos que las razas más inferiores de la actualidad, sino que incluso muestrase caracteres indiscutiblemente pitecoides.

H. OBERMAYER, *El hombre fósil*, 2.ª ed., p. 351.

<sup>1</sup> Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, tomo III, cap. XX, p. 302.

### «El Hombre Fósil»

No volume xxv (1921-1922) desta Revista, p. 305, dava o seu eminente director uma noticia sucinta da importância que o estudo da pre-história vai ganhando na vizinha Espanha, mercê das grandes riquezas da antiguidade encerradas no seu solo, e do muito que nela vão trabalhando neste ramo da ciência numerosos investigadores tanto nacionais como estrangeiros. De então para cá ainda mais se têm feito notar êsses progressos.

Recordemos, com L. Pericot<sup>1</sup> (*La Prehistoria de la Península Ibérica*, Barceloua, 1923), que depois dos trabalhos de Villamil y Castro, Tubino e Macpherson, foi o Congresso Internacional de Lisboa (1880) que deu grande impulso aos estudos pre-históricos na Península. Pouco depois dessa data apresentava Cartailhac o primeiro trabalho de conjunto sobre a pre-história peninsular: *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, e Estácio da Veiga as suas *Antiguidades monumentais do Algarve*. Iniciavam-se também as importantes escavações dos dois irmãos Siret no sudeste da Península, que tanta luz viriam a dar ao período intermediário entre a época da pedra e a dos metais. Ao norte com o descobrimento felicíssimo de M. de Sautuola aparecia-nos a esplêndida gruta de Altamira, o mais belo monumento de arte pre-histórica conhecido até nossos dias, enquanto Bonsor trabalhava em Carmona, e Sanpere i Miquel, Vidal, Rubio de la Serna e Segarra na Catalunha. Nos primeiros anos do século actual Pierre Paris propõe o problema da chamada questão ibérica (1904-1905); L. Siret continua as suas metódicas escavações; surgem as ruínas de Numância, graças aos esforços do alemão Schulten e duma comissão dirigida por Mélida; o falecido Marquês de Cerralbo custea e dirige as escavações nas províncias de Sória, Guadalajara e Saragoça, que haviam de imortalizar o seu nome; Vives estuda a cultura cartaginesa de Eivissa e os monumentos megalíticos das Baleares; o P.<sup>o</sup> Furgus investiga a cultura ibérica e argárica dos arredores de Orihuela; Aranzadi em colaboração de Ansorena, Barandiaran e Eguren oferecem-nos os primeiros estudos sistemáticos da pre-história vascongada.

O falecido príncipe Alberto de Mónaco lembra-se mais tarde de fundar em Paris o Instituto de Paleontologia Humana, que tomou quase à sua conta o estudo das pinturas rupestres cantábricas, além de subsidiar escavações importantíssimas, principalmente na parte norte da Península, realizadas por Breuil, Obermaier, P. Wernert

e J. Bouyssonie. Actualmente o movimento alastrá e progride a olhos vistos: em Madrid fundam-se a «Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas» e a «Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades»; em Barcelona, em torno do ilustre professor Bosch Gimpera agrupam-se Serra Ráfols, Castillo, Pericot (recentemente trasladado à Universidade de Santiago), e outros, dando-nos o «Sservei d'Investigacions Arqueològicas de l'Institut d'Estudis Catalans», o «Seminari de Prehistòria», a «Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistòria», etc.

Na Galiza também o estudo da sua prehistória vai surgindo pouco a pouco do atraso em que jazia, encontrando-se à frente desse movimento os nomes de Obermaier, Castillo, Pericot, Maciñeira e outros. Muito contribuirá para esse estudo o «Seminario de Estudios Gallegos» fundado recentemente na Universidade de Santiago e a publicação levada a cabo pela Faculdade de Filosofia e Letras da mesma Universidade, dos materiais que andam dispersos pela Galiza, iniciada há pouco por Pericot com a erudita e interessante monografia sobre os vasos campaniformes da colecção de D. Santiago La Iglesia.

Ao citar o nome dos investigadores espanhóis actuais Conde de la Vega del Sella, Barradas, Bosch, Pericot, Castillo, Cabré, Cazurro, Carballo, Hernández Pacheco, Ibero, Morán, Motos, etc., não devemos esquecer os estrangeiros que deram a estes estudos o mais forte impulso, alguns dos quais já faleceram. São êles Cartailhac, Breuil, Obermaier, P. Paris, Schulten, Bonsor, os dois irmãos Siret, Montelius, Wilke, H. Schmidt, Déchelette, Sandars, Leeds, Åberg, Schuchardt, Lartet, Verneuil, etc., sem falar de novo dos trabalhos do Instituto de Paleontologia Humana de Paris.

Em 1922 fundava-se também na Universidade Central de Madrid uma nova cadeira a que deram o nome de *Historia Primitiva del Hombre*, complemento já hoje indispensável do programa de estudos da secção de história.

Com razão, pois, o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos afirma que a Espanha enfileirou num momento com as nações que hoje mais cultivam a arqueologia.

Em Agosto de 1914, ao estalar a guerra europeia, encontrava-se realizando escavações na gruta de El Castillo (Santander), por conta do Instituto de Paleontologia Humana de Paris, o professor Hugo Obermaier, bávaro de nação, e já então conhecidíssimo por numerosos trabalhos publicados sobre pre-história. A sua nacionalidade fez com que durante os anos de 1914-1918 se visse impedido de sair de Espanha, começando então a estudar *in situ* a riquíssima

pre-história das Astúrias com o ilustre Conde de la Vega del Sella, actualmente um dos maiores pre-historiadores espanhóis.

Interessando-se cada vez mais com a pre-história espanhola, publicava o mesmo professor alemão em 1916 a sua grande obra *El Hombre Fósil*, de que em 1925 aparecia já a segundo edição<sup>1</sup>.

O D.<sup>or</sup> Obermaier seguiu a carreira eclesiástica, cursando as aulas de filosofia e de teologia na Universidade de Viena de Áustria, em



Prof. D.<sup>or</sup> Hugo Obermaier

que se doutorou na primeira disciplina. Estudou também na mesma Universidade os cursos de geologia e arqueologia pre-histórica, tendo como professores a Hoernes, Penck e Toldt. De 1909 a 1911 fica em Viena professor da Universidade, e em 1911 vemo-lo já em Paris, no Instituto de Paleontologia Humana, de que é nomeado professor juntamente com o Rev.<sup>do</sup> P.<sup>o</sup> H. Breuil, outro eclesiástico e um dos mais eminentes pre-historiadores modernos. É membro de inúmeras academias científicas e tem publicado numerosas monografias sobre geologia, paleontologia e arqueologia quaternárias, em francês, alemão, russo, inglês e espanhol. Foi nomeado em 1922 professor da cadeira de «Historia primitiva del Hombre», na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid.

As suas principais obras de conjunto são a alemã *Der Mensch der Vorzeit* (512 páginas, Berlim 1912), traduzida em russo no ano seguinte; a espanhola *El Hombre Fósil* (397 páginas, Madrid 1916), acomodada e traduzida em inglês por «The Hispanic Society of America» (495 páginas, New Haven 1924), e agora a segunda edição de *El Hombre Fósil*, que aparece quase totalmente refundida. É desta obra que nos propomos dar aos leitores d'*O Archeólogo Português* uma síntese, tanto quanto possível completa, visto não poder ela

<sup>1</sup> Hugo Obermaier, *El Hombre Fósil*. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria número 9. Segunda edición refundida y ampliada. Madrid 1925.

faltar hoje na estante de quem se queira dedicar aos estudos do passado.

*El Hombre Fósil* é actualmente a obra de carácter geral mais completa que existe sobre pre-história. Assim, por exemplo, a de Marcelin Boule, *Les Hommes Fossiles*, cuja segunda edição apareceu há três anos, é sobretudo um estudo antropológico do homem fóssil, como indica o próprio autor no prólogo do livro. Além disso, a obra do professor Obermaier tem um interesse particular para quem deseja conhecer os principais descobrimentos pre-históricos, realizados na Península.

Encontra-se dividida em dez capítulos, tendo aditado nêles o autor bastantes elementos importantes aos que encerrava a primeira edição.

O capítulo em que critica a questão do *Homem terciário* forma uma pequena monografia de valor inestimável. Todos por certo nos lembramos da atitude tomada pelo Autor, principalmente no Congresso Internacional de Mónaco (1906), diante da questão dos chamados eólitos terciários, atitude baseada nas célebres experiências de Mantes. Este mesmo problema acaba de ser de novo suscitado recentemente pelos descobrimentos efectuados em Inglaterra por J. Reid Moir, excitando os ânimos e conseguindo converter pelo menos parcialmente alguns *eolítófobos* como Breuil e outros. Contudo o artigo de E. Patte publicado no número 1-2 do tómo xxxvi de *l'Anthropologie* (1926), e consequintemente posterior à obra que examinamos, obriga-nos a estar prevenidos contra os primeiros entusiasmos. Efectivamente, ainda há pouco se repetiu nas fábricas de cimento *Portland* de Beaumont-sur-Oise a experiência levada a cabo em 1905 pelo professor Obermaier em Mantes: pela simples ação dos trituradores puderam obter-se artificialmente instrumentos *rostrocarinates* muito parecidos aos de Inglaterra.

Nota-se imediatamente que o estudo do glaciarismo é feito por um especialista. É bem sabido que o Autor pôde comprovar em 1905 nos Pirinéus franceses a existência das quatro aluviões flúvio-glaciárias, correspondentes ao mesmo número de períodos glaciários encontrados nos Alpes por Penck e Brückner; nos Picos de Europa encontrou vestígios seguros de dois períodos glaciários, correspondentes ao terceiro e quarto períodos alpinos, mas nos restantes centros glaciários de Espanha apenas viu restos dum só período, em correspondência com o quarto alpino. Estes dados são importantes para assentar fundadamente a teoria do poliglaciarismo europeu, e os que nos oferecem os geólogos americanos são também suficientes para demonstrar o mesmo fenómeno geológico no novo Continente.

¿A que se deve atribuir esta sucessão de períodos glaciários? A recente teoria de Wegener acerca da migração dos polos é que explica mais satisfatoriamente os períodos glaciários anteriores ao quaternário, em vista da sua repartição geográfica pelas mais variadas regiões da terra, porém «não resolve o problema das causas do glaciarismo quaternário, que foi um fenómeno absolutamente geral a todo o globo, estendendo-se com uma harmonia surpreendente desde as regiões polares até às equatoriais». Muito provavelmente este fenómeno tem origem em causas cósmicas de igual influência para toda a terra.

Estes grandes períodos glaciários, de que antes falámos, encontram-se incluídos na época quaternária, não existindo motivo suficiente para atribuir o primeiro período ao plioceno, conforme opinam Boule e Schlosser. O clima cálido do plioceno e outros argumentos paleontológicos de valor confirmam bastante a primeira hipótese.

Com respeito à distribuição geográfica da fauna quaternária, é curioso observar que o limite extremo meridional da rena na Europa chega até à costa cantábrica e à província de Gerona em Espanha, e à Costa Azul em França, enquanto que o mamute, não passando muito além dos Pirinéus, desceu até a parte média da Itália, norte dos Balkans e litoral sul do Mar Negro. O antílope Saiga, tendo deixado vestígios seus em toda a Europa central e até mesmo, ainda que raramente, no sul da França, não penetrou na Península Ibérica.

No capítulo IV chega o Autor a certas conclusões que se apartam algum tanto de outras formuladas anteriormente na primeira edição da obra. Em conformidade com o que já publicara no *Boletin de la Real Academia de la Historia* (tomo LXXVI, 1920, pp. 214 a 219), e noutras revistas, determina o roteiro e a repartição geográfica de cada um dos períodos do paleolítico antigo na Europa. Parece que o chelense se foi estendendo do sul (Ásia menor, Síria e África do norte), pela via do Mediterrâneo e através da Península Ibérica e da Itália até se introduzir na Europa Ocidental. Aparece na mesma época outro paleolítico primitivo sem *coups-de-poing*, com artefactos que são verdadeiros protótipos do mustierense e com fauna contemporânea do chelense e acheulense antigo: é o período pre-mustierense do Autor, e que provém, com toda a probabilidade, da Europa oriental, encaminhando-se daí para a central.

O acheulense penetrou na Europa por duas vias diferentes, oeste e oriente, predominando no segundo uma indústria de tipos foliáceos finamente trabalhados. O mustierense é oriundo do norte, tendo muito provavelmente evolucionado do pre-mustierense.

Nota-se em todas as regiões do globo uma grande homogeneidade nas camadas mais primitivas do paleolítico antigo. Durante esse período foram aparecendo aqui e ali alguns tipos mais regionais, como, por exemplo, os descobertos recentemente por M. Reygasse no Continente africano e a que este autor deu o nome de sbai-kiense (de S'baikia) e aterense (de Bir el Ater). Semelhante a esta última indústria aparece em várias estações dos arredores de Madrid uma que recebeu o nome de mustierense *ibero-mauritânic*o.

O Autor chama também a atenção para os recentes e importantes descobrimentos do jesuíta P.<sup>o</sup> Teilhard de Chardin, no sul da Mongólia e norte da China, que apresentam um aspecto de mustierense europeu. Refere-se longamente às sepulturas intencionais do homem fóssil, cuja existência está seguramente comprovada desde o mustierense, «testemunhando um culto antiquíssimo aos mortos e uma crença noutra vida para lá da morte».

A geologia, paleontologia e arqueologia da Península Ibérica encontram-se belamente resumidas no capítulo vi. Os seus glaciares quaternários são estudados aqui particularmente, sobressaindo as magníficas páginas dedicadas ao quaternário dos vales do Manzanares e do Jarama, em que existem também importantes estações arqueológicas descobertas por P. Wernert e J. Pérez de Barradas.

A arte rupestre ocupa um capítulo inteiro (cap. vii). O Autor reivindica para Marcelino de Sautuola a glória de ter sido o «primeiro descobridor deste novo ramo da arte mais antiga da Humanidade», ainda que a sua primeira investigação sistemática e científica se deve quase exclusivamente ao Rev.<sup>do</sup> P.<sup>o</sup> H. Breuil.

O descobrimento da arte rupestre levantina, em Espanha, deve-se a J. Cabré (1903). O Autor, segundo o que já afirmara no seu belo trabalho *Las pinturas rupestres del Barranco de Valltorta* (Madrid 1919), baseado principalmente na fauna por ela representada e na analogia técnica que apresenta com a arte quaternária da região cantábrica, mostra claramente que também é quaternária, e data-a do período capsense, sincrónico do paleolítico superior do sul da França e norte da Espanha. Foi principalmente neste capítulo que o ilustre professor suprimiu «rigorosamente todos os clichés, que, ao serem por ele revistos, com todo o escrúpulo, lhe pareceram não poder resistir à exactidão e exigências científicas», como declara no prólogo da obra.

Ao estudar a cronologia geológica do paleolítico europeu «não pretende discutir a idade geológica do género humano», pois apenas se limita a falar da Europa «que não é precisamente a região que

possa ser tida como berço da humanidade». Depois de ter exposto e criticado o quadro cronológico de A. Penck, propõe uma classificação própria diversa da anterior em pontos importantes, como, por exemplo, na eliminação do mustierense cálido, que apenas existiu na Europa meridional, e na introdução do chelense típico (fauna cálida) e do acheulense no terceiro período interglaciário, ficando o prechelense no segundo período interglaciário, visto a sua fauna cálida característica coincidir admiravelmente com a dêste período, diferenciando-se abertamente da do chelense.

No capítulo dedicado à paleantropologia, um dos principais de toda a obra, assinalam-se os mais importantes e recentes descobrimentos de ossadas humanas fósseis. As novas publicações de E. Dubois não foram suficientes para fazer mudar de opinião ao Autor na questão do *Pithecanthropus erectus*, que ele, «juntamente com outros naturalistas, deixa de relacionar directamente com a árvore genealógica da Humanidade» por insuficiência de argumentos, e porque se deu talvez o caso deveras curioso de ser este *predecessor* do homem, seu coetâneo na Europa e na própria ilha de Java.

Depois de analisar detidamente as fases de transição do quaternário aos tempos actuais, apresenta o Autor as opiniões de alguns科学家 sobre a cronologia absoluta da Humanidade. Não lhe parece exagerado atribuir a todo o quaternário uma duração de 500:000 a 600:000 anos; e desde o final do máximo do último período glaciário até hoje supõe que terão decorrido uns 23:000 a 25:000 anos. O homem fóssil da Europa aparece já no segundo período interglaciário, que, segundo a classificação do Autor, «corresponde ao quaternário médio, remontando sem dúvida alguma a sua idade absoluta a uma época notavelmente longínqua». Devemos notar contudo que há autores, de não pequena competência, que neste ponto discrepam da opinião do erudito professor matritense.

Esta segunda edição de *El Hombre Fósil*, bem como a primeira, está dotada de índices muito práticos que facultam extraordinariamente a sua consulta: ao alfabético de autores seguem-se o de nomes geográficos e o de matérias, preenchendo, só eles, 44 páginas. A primeira edição (1916) continha 397 páginas, 19 estampas e 122 figuras no texto; a presente aparece com 459 páginas, 26 estampas e 180 figuras.

O que deseje aprofundar algum ponto de geologia, paleontologia, antropologia e arqueologia pre-histórica, encontrará citada nesta obra a principal bibliografia publicada até a data da sua impressão. De Portugal, por exemplo, conhece o Autor tudo quanto se tem pu-

blicado desde os iniciadores d'estes estudos entre nós até às importantes obras e monografias actuais de J. Leite de Vasconcelos, J. Fontes, A. A. Mendes Correia, F. Alves Pereira, etc., sem falar do que sôbre o mesmo assunto têm escrito vários autores estrangeiros, como Breuil e outros.

Tal é a obra de que ainda há pouco assim falava o insigne historiador espanhol D. António Ballesteros no «Discurso de contestación al de D. Hugo Obermaier, en su recepción en la Real Academia de la Historia» (Madrid 1926): *Abrumador es el andamiaje de esta obra maestra. Las notas, la bibliografía y los numerosos grabados patentizan lo ya dicho y que ahora reiteramos; una labor titánica, formidable, una preparación de muchos años, la perseverancia de un espíritu esforzado y la abnegación científica de un sabio.*

Setembro de 1927.

EUGÉNIO JALHAY.

## Rascunhos de velharias de Entre-Lima-e-Minho

(Continuado d-*O Arch. Port.*, xxvi, 282)

### 16. — Duas sepulturas rupestres

O enigma das sepulturas abertas em rocha tem-me, já desde longos anos, obstinado na sua observação, sempre que o acaso me trazia diante dos olhos, ou da sua menção encontrava leitura. E, se bem que não tenha a pretensão de haver dominado o problema, cuido que não entro na região da fantasia, afirmando que este género de inumações foi só empregado na idade média, desde a mais alta até a mais tarda, pelo menos.

Abertas em rochas hje isoladas, decerto as mais antigas, ou em poliândrios ao redor de igrejas desaparecidas ou existentes, afectam quase sempre a forma trapezoidal, muitas vezes complicada da cavidade ou nicho para a cabeça do cadáver, como se se tratasse de múmias do Egipto. A circunstância de, nas proximidades das campas isoladas, aparecerem fragmentos de *tegulae*, tem dado azo a que se suponham do período romano, mas não me parece que este argumento as possa antiquar tanto, pois que as *tegulae* sobreviveram e muito àquele tempo. Quantas sepulturas de médio evo eram formadas de *tegulae* postas de cutelo? E é dessa origem que procedem,

ou mesmo dos telhados de algum sacelo cristão destruído, as que com o andar dos tempos e o dos homens se desfizeram nos fragmentos que surgem agora diante do arado, nas proximidades das sepulturas rupestres.

Que o duro trabalho de cavar, à ponta de ferramenta, piscinas ou pias de vários feitos na rocha granítica provinha já da época do paganismo romano, isso é de evidência, visto atestarem-no, por exemplo, os rochedos de Panoias, nos quais até há uma fossa rectangular que, se não fossem as inscrições e o conjunto de que faz parte, bem poderia passar por uma sepultura rupestre rectangular. A técnica antiga pagã perdurou, mas a sua aplicação logo nos tempos proto-cristãos é que se transformou. De uns séculos fica sempre alguma cousa para os que se lhe seguem.

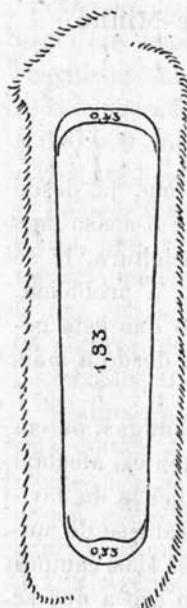
## \*

Duas são as velharias a descrever sob esta epígrafe; em primeiro lugar, uma campa aberta na rocha viva no aro da freguesia sertaneja de Grade. O local chama-se o *Monte das Cruzes*, tópico bem harmônico com a origem cristã da sepultura, a que vou referir-me.

A sua forma é sub-trapezoidal, pois que são redondos os ângulos da base do trapézio, bem como o topo mais estreito. A sua orientação foi determinada, não por alguma razão ritual, mas pelo único aproveitamento possível da estreita rocha, ficando a cabeceira para o N. e os pés para o S. A espessura das paredes laterais é apenas de 0<sup>m</sup>.12; o comprimento total é 1<sup>m</sup>.83; a cabeceira 0<sup>m</sup>.43; os pés 0<sup>m</sup>.33; e interiormente a profundidade máxima 0<sup>m</sup>.20. O sítio é elevado e voltado a N., tendo vestígios de antigo enleiramento do terreno contíguo, onde se vêem paredes esborralhadas; aí aparecem os costumeiros fragmentos de *tegulae*, de mós giratórios, de grandes vasos de barro cozido (*dolia*); um pedaço de pia de pedra e outro de *imbrex* com a espessura de 0<sup>m</sup>.02.

Campa de grade

No mesmo aforamento granítico, em que foi escavada a sepultura, encontra-se uma pequena fossa circular de fundo plano, com o diâmetro de 0<sup>m</sup>.15 e a profundidade de 0<sup>m</sup>.06, que poderia ter servido para água benta, como serviam



certos pequenos vasos, que acompanham as sepulturas mediélicas cristãs.

Nas proximidades d'este túmulo aparecem com certa freqüência cacos de olaria, alguma ainda manipulada sem roda, o que não seria inteiramente estranho na idade média; se pudéssemos excluir radicalmente neste caso local a hipótese da sobreposição de populações. Mas o facto é que, na freguesia de Grade, há um pequeno castro, verdadeiro ninho de águia; e, da época romana, foi para o Museu Etnológico Português uma rudíssima lápide de granito, de frontão triangular ocupado por um sinal cruciforme, em que se lêem nomes de linhagem celtística (*O Arch. Port.*, IX, 74).

Noutra rocha próxima, existia outra pequena escudela circular, escavada, com 0<sup>m</sup>,20 de diâmetro e de profundidade central 0<sup>m</sup>,12.

Estas notas datam de apontamentos tomados em 1905.

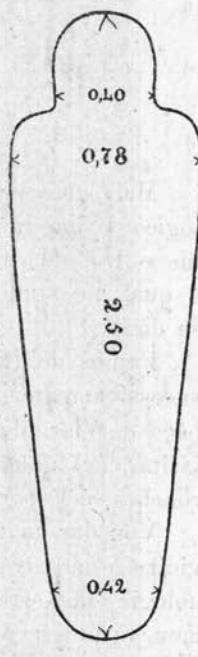
\*

Outra sepultura aberta em rocha foi-me denunciada pelo meu amigo P.<sup>o</sup> J. A. Saraiva de Miranda, descobridor inédito do paleolítico arquense, e por ele mensurada da forma que se vê na gravura.

Esta encontra-se no *Alto das Igrejas*, elevada eminência, em cujos flancos está o *Castelo de S. Miguel o Anjo*, castro que se descreveu em *O Arch. Port.*, I, 161.

É notável a dimensão desta sepultura, verdadeiramente de gigante. O contorno mumiforme desta... salgadeira, como lhe chamaia a mordacidade lisboeta<sup>4</sup>, indica bem seguramente que o cadáver era deposto na cavidade da pedra sem esquife ou caixão de madeira. Um dos lados, porém, já lhe foi destruído; o desenho representa-a reconstituída.

Ná gravura estão expressas as dimensões: comprimento 2<sup>m</sup>,50; largura máxima 0<sup>m</sup>,78.



Campa de Geéla

<sup>4</sup> Assim tenho já ouvido designar desrespeitosamente, em Lisboa, os caixões de madeira ao passarem na rua destinados aos armazéns dos cangalheiros. É um facto de lexicologia e por isso o arquivo.

Ainda a toponímia do local vem em comprovação da origem cristã da campa. Foi decerto chão sagrado, de que hoje resta apenas a já mutilada testemunha. Esta desaparecerá, se ainda não desapareceu na hora em que escrevo; mas mais resistente do que o granito que a continha, permanecerá o tópico *Alto das Igrejas*, e por quantos séculos ainda?

F. ALVES PEREIRA.

### Antiguidades do Alentejo

Mais uma vez tive ocasião de ir ao Alentejo em estudo arqueológico, o que aconteceu nas férias pascoais de 1923. Acompanhou-me o D.<sup>or</sup> Manuel Héleno, Conservador do Museu Etnológico, o qual me ajudou eficazmente nas minhas pesquisas, como adiante se dirá.

Fomos de Lisboa direitos a Évora; daqui a Estremoz; depois, sucessivamente, a Veiros (de passagem), à Herdade Grande, a Cabeço de Vide (de passagem)<sup>1</sup>, a Alter-do-Chão, a Alter Pedroso (de visita), a Vaiamonte (de passagem), a Monforte do Alentejo, a Arronches, à Esperança (de visita), e ao Açumar.

Vou dar conta de alguns estudos e aquisições que fizemos, e dividirei o meu trabalho em vários capítulos, dispostos segundo a cronologia das estações arqueológicas e os monumentos ou objectos mencionados neles.

#### I

### Estação paleolítica de Arronches

N-O *Arch. Port.*, xxiv, 47 sgs., falou o ilustre arqueólogo francês, o S.<sup>or</sup> P.<sup>o</sup> H. Breuil, de uma estação paleolítica que ele descobriu à entrada da vila de Arronches, ao pé do cemiterio, a pouca distância do rio Caia (vid. fig. 1). Nessa estação encontrou muitos instrumentos de quartzite, de rude fabrico, pertencentes ao período chelense, e talvez ao acheulense, instrumentos que depois ofereceu quasi todos ao Museu Etnológico.

<sup>1</sup> Antigamente dizia-se *Cabeça de Vide*, como consta das *Linhagens* (sec. XIII), p. 317, e da *Ementa da Casa da Índia* (1507) de Braamcamp Freire, p. 10. Outro exemplo do uso de *cabeça* em sentido orográfico temo-lo adiante, cap. x, em «*Cabeça de Vaiamonte*».

Instigados pelo artigo do S.<sup>or</sup> Breuil, destinámos alguns dias das nossas ferias para Arronches, e de facto lá fomos, e lá encon-

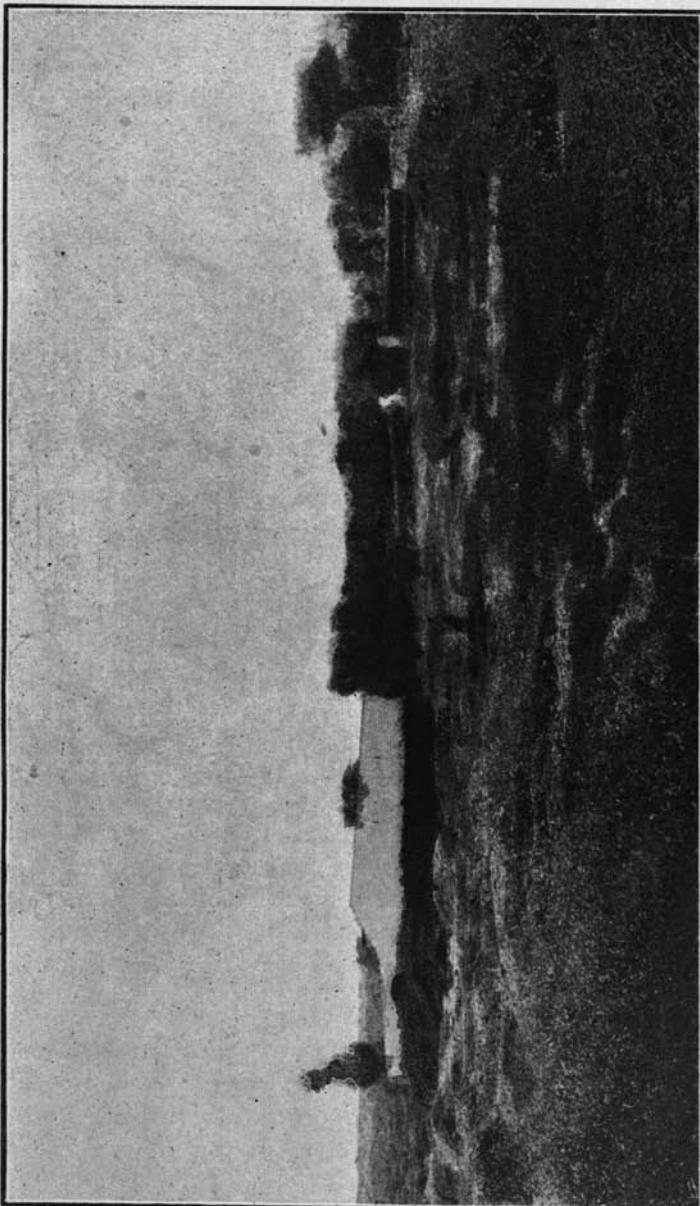


Fig. 1

trámos junto do cemiterio, á superficie do solo, tambem alguns instrumentos de quartzite, feitos com a mesma rudeza dos antecedentes

tes, e pela mór parte estragados do tempo e do embate de outras pedras. Aqui se publicam dez (figs. 2 a 11).

Fosse qual fosse a aplicação dos instrumentos, todos eles são pontagudos, fabricados de duas maneiras principais :

umas vezes escolheu-se um seixo do rio, e golpearam-se na extremidade de uma das faces os dois bordos maiores,

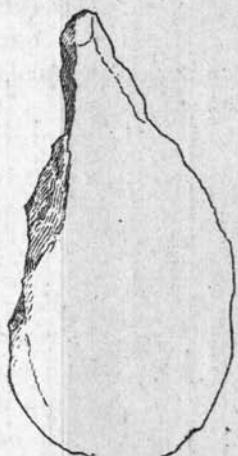


Fig. 2



Fig. 3

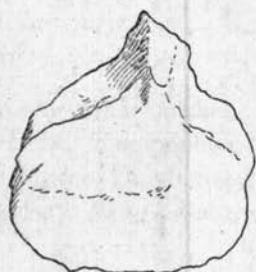


Fig. 4

ficando intacto o resto d'essa face, e a oposta, bem como a base do instrumento;

outras vezes escolheu-se um seixo analogo, que foi golpeado da mesma maneira numa das faces, ficando tambem só intacto o resto d'essa face, mas lascando-se toda a oposta e parte da base.

Trouxemos ainda outras pedras, e entre elas um disco.

## II

## Antas da Herdade Grande

A Herdade Grande é uma extensa propriedade cerealifera que fica no concelho de Fronteira; pertence á Ex.<sup>ma</sup> Senhora Condessa da Cuba, que, por intermedio do rico lavrador Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> Carlos Moreira da Costa Pinto, concedeu amavelmente permissão ao Director do Museu Etnologico para este excavar as antas que ali existem.

Em 29 de Abril cheguei á Herdade Grande, com o meu companheiro, e tendo-nos o S.<sup>or</sup> Costa Pinto preparado acomodação na casa, ou *monte* (como se diz no Alentejo), começámos o trabalho de



Fig. 5

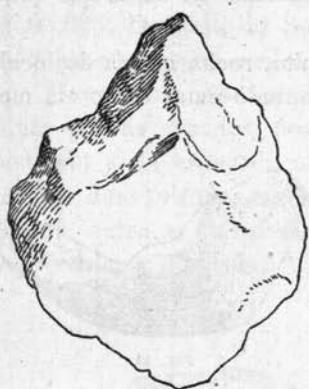


Fig. 6



Fig. 7

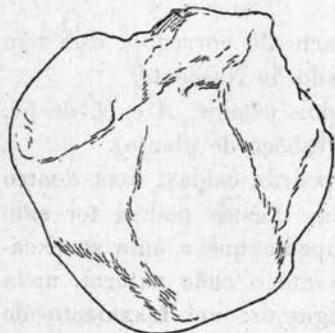


Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10

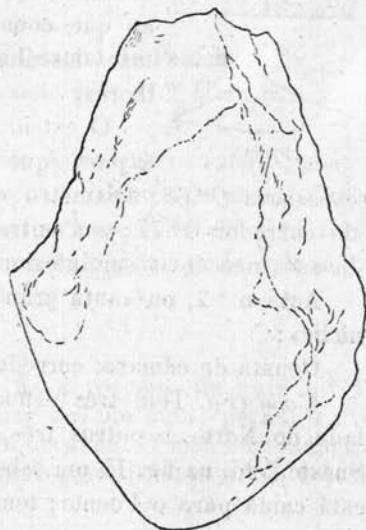


Fig. 11

excavação nesse mesmo dia, depois de visitarmos as antas que estavam mais próximas da habitação.

Elas, em número de sete, são de granito, rocha nativa do local. Nenhuma conserva a forma originária. Contudo umas estão em me-

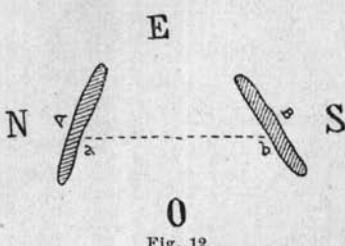


Fig. 12

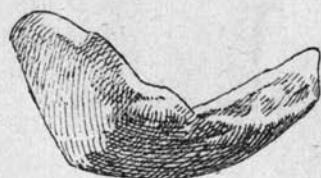
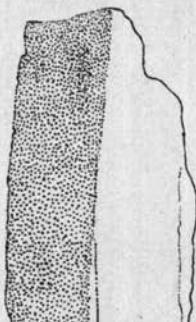


Fig. 14

lhor estado que as outras. Designo-as com os seguintes números: 1 a 7.

#### Anta n.º 1, ou da eira:

Consta de parte da camara, e de parte do corredor; este tem a abertura natural do lado do Nascente.



Da camara restam dois esteios, A e B, de pé, como consta da fig. 12 (esboço de planta).

No chão há cinco pedras caídas, uma dentro e quatro fora, mas duas destas podem ter sido do corredor. Aquela impediu que a anta se excavasse toda. Excavámos até o chão natural, nada aparecendo senão o seguinte: um fragmento de faca de silex, de secção triangular (fig. 13), e pedacinhos de grosseiras tigelinhas de barro, como as que com freqüência aparecem nas nossas antas: desenha-se na fig. 14 um dos pedaços melhores.

O esteio B tem de altura 2<sup>m</sup>,14, não contando a parte que está enterrada; de largura 1<sup>m</sup>,64; de espessura 0<sup>m</sup>,68. Diametro da anta, em a-b, uns 2<sup>m</sup>,30; largura do corredor 0<sup>m</sup>,77; e á entrada (no estado actual) 0<sup>m</sup>,52. A altura da anta não devia ser inferior a 2<sup>m</sup>,50.

#### Anta n.º 2, ou «anta grande», do sítio chamado «Quartel de Peniche»:

Consta de camara, corredor, e uns restos de mamôa.

*Camara.* Tem três esteios de pé, na sua posição natural, do lado do Norte, e outros três, um pouco tombados, ao Poente e ao Sueste. Vid. na fig. 15 um esboço da planta do monumento. A tampa está caída para o Poente; tem na superfície externa cinco covinhas,

dispostas sem ordem: diametro de uma 0<sup>m</sup>,06, profundidade 0<sup>m</sup>,02 a 0<sup>m</sup>,025. Do lado do Sul falta o respectivo esteio; mas no chão está enterrada uma pedra, não grande, que pôde ter feito parte d'ele.

*Corredor.* Abre-se do lado do Nascente. Restam d'ele apenas duas pedras grandes, postas de cutelo, paralelamente uma á outra, estando a da esquerda um tanto inclinada para fóra. Do Norte há outras duas grandes lages, que suponho serem, uma a tampa do corredor, outra a que devia fechar a camara á entrada, posta sobre os extremos d'aquela. A abertura do corredor, á entrada da cama-

N

ra, regula por 1<sup>m</sup>,20; no  
comêço dele, por 1<sup>m</sup>,07.

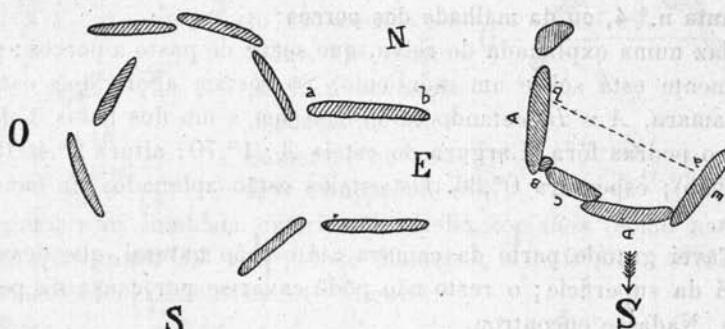


Fig. 15

Fig. 16

Por estar caida uma pedra, como já disse, não puderam fazer-se medidas rigorosas<sup>1</sup>.

Excavei camara e corredor até o chão natural, que jazia muito superficial (2 decímetros). Nada apareceu.

*Anta n.º 3, ou «anta pequena», do Quartel de Peniche:*

Esta anta foi, como já disse, excavada pelo D.<sup>or</sup> Heleno.

Está situada num montinho.

Consta só de parte da camara, isto é, de quatro esteios, postos ainda no seu lugar, estando caidas no chão, dentro da camara, três lages, uma das quais poderia ter sido o chapeu. No chão, cá fóra, jaziam quatro pedras. Os esteios acham-se regularmente aplanados na face interna.

<sup>1</sup> Não dou mais medidas, como fiz a respeito da anta n.º 1, porque na ocasião em que as ia tomar feri-me numa perna, e tive de me retirar para o monte ou casa da herdade. O meu companheiro D.<sup>or</sup> Heleno estava ocupado com a excavação da anta n.º 3, e também não pôde medir.

Os esteios *E* e *D* inclinam-se um pouco para o centro. A «pedra mestra» conserva a sua posição vertical.

Vid. na fig. 16 o esbôço da planta da camara.

Dimensões:

*A*:  $2^m,7 \times 1^m,35 \times 0^m,33$ .

*E*:  $2^m,10 \times 1^m,20 \times 0^m,70$ .

Altura presumivel da anta: 2 metros.

Diâmetro em *a-b*: 2 metros.

A camada de terra vegetal que constituia o entulho da anta tinha a espessura de  $0^m,70$ .

Nada se encontrou na excavação.

**Anta n.º 4, ou da malhada dos porcos:**

Jaz numa explanada de relva, que serve de pasto a porcos; propriamente está sobre um monticulo. Só restam agora dois esteios da camara, *A* e *B*, estando caído mais um a um dos lados d'ela, e quatro pedras fóra. Largura do esteio *A*:  $1^m,70$ ; altura  $2^m,40$  (fóra do chão); espessura  $0^m,36$ . Os esteios estão aplanados na face interna.

Cavei grande parte da camara até o chão natural, que ficava a  $0^m,76$  da superficie; o resto não pôde cavar-se por causa da pedra caida. Nada se encontrou.

Diâmetro da camara em *a-b*:  $2^m,22$ . A altura devia andar por  $2^m,30$ .

Vid. na fig. 17 um esbôço da camara.

**Anta n.º 5, ou da Estacaria (olival):**

Unicamente restam quatro esteios da camara, como se vê da fig. 18, estando porém cá fóra oito pedras caídas. A anta devia abrir-se ao Nascente, porque a pedra, que custumo chamar «mestra», e é a principal, está voltada para o Poente.

Dimensões do esteio *A*:  $2^m,15 \times 1^m,55 \times 0^m,56$ : do esteio *D*:  $2^m,50 \times 1^m,20 \times 0^m,56$ . A altura da camara não era pois inferior a  $1^m,55$ .

Nada se encontrou na excavação.

Temos na fig. 18 um esbôço da planta da camara.

**Anta n.º 6, ou do ferragial do monte:**

É majestoso monumento, o melhor de todos os que explorámos. Fica situado á beira de um caminho, num campo de cevada, e á distancia de uns 300 metros da ribeira de Ana Loura, entre esta e a casa ou *monte* da herdade.

Jaz num monticulo, que podemos considerar resto de mamôa, e consta só de parte da camara, que se compõe de cinco esteios,

acunhados, ou calçados; falta a tampa, e falta o corredor, que devia prolongar-se para o Nascente, pois que há uma abertura d'este lado, e a «pedra mestra» está posta regularmente do lado oposto. Vid. na fig. 19 uma planta rigorosa da camara. Entre o esteio *A* e o esteio *E* ha um espaço que era preenchido pelo esteio *F*, de que resta parte caida fóra. Os esteios que estão nos seus lugares inclinam-se

para o centro; o esteio *C* ultrapassa o esteio *B*; o esteio *D* vê-se da planta que se encosta ao esteio *E*. Tudo isto são cousas sabidas. Os esteios *A*, *B*, *C* acham-se desbastados internamente, nos outros a superficie é

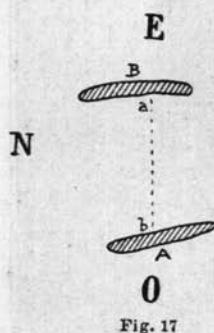


Fig. 17

0 N S E

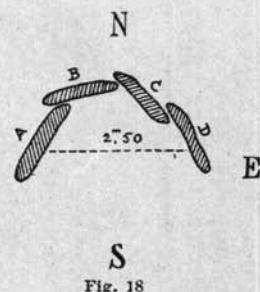


Fig. 18

irregular. Na lombada exterior de *D* ha *covinhas* (como na anta n.º 2), de uns 0<sup>m</sup>,03 a 0<sup>m</sup>,04 de diametro, e de 0<sup>m</sup>,01 a 0<sup>m</sup>,015 de profundidade. Dimensões de alguns esteios:

*A*: altura 2<sup>m</sup>,70, não contando a parte enterrada; largura 2<sup>m</sup>,40 (*c-f*), espessura 0<sup>m</sup>,68.

*B*: altura 2<sup>m</sup>,97 (é o esteio maior); largura 1<sup>m</sup>,34; espessura 0<sup>m</sup>,60 a 0<sup>m</sup>,62.

*C*: está em parte desenterrado, e tem a altura total de 3<sup>m</sup>,50.

A altura da camara regulava por 3 metros. Os seus diametros são: em *a-b*, 3<sup>m</sup>,14; em *c-d*, 3<sup>m</sup>,34.

Levou-se a excavação até o chão natural, que estava a 0<sup>m</sup>,25 da superficie; no entulho apenas se encontraram alguns cacos, ou fragmentos de vasos, de aspecto grosso, como os da anta n.º 1.

#### Anta n.º 7, num alto:

Apenas resta d'ela um esteio inclinado e quebrado. Mandei excavar á volta, nada aparecendo.

Como fica dito, fomos muito infelizes nesta excavação, pois com exceção do fragmento de faca (fig. 13) e de alguns insignificantes

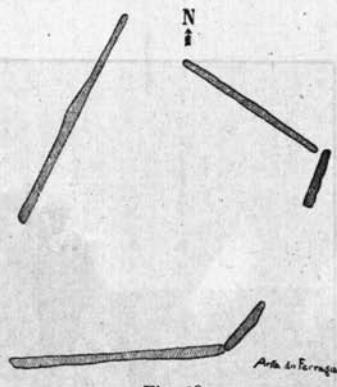
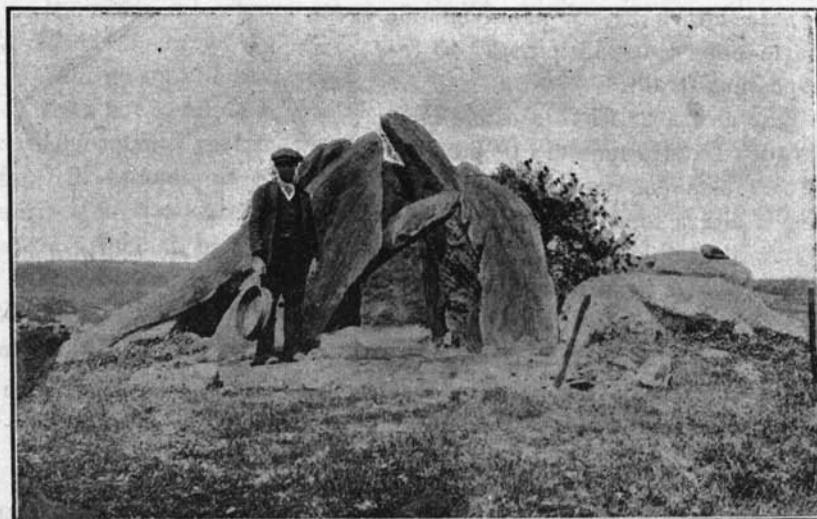
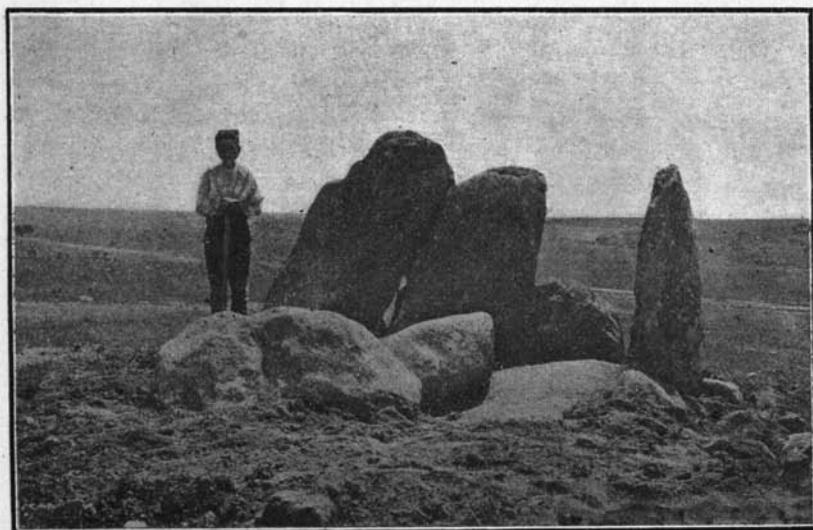


Fig. 19

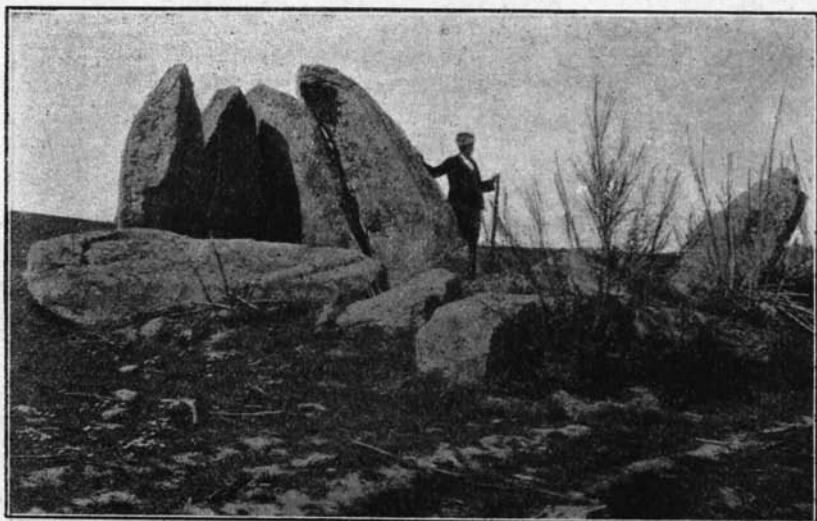
Anta n.º 7, num alto



### Antas da Herdade Grande



Antas da Herdade Grande



Antas da Herdade Grande

cacos (cf. fig. 14), nada se nos deparou nela. Em compensação reproduzo na fig. 20 um belo machado que parece de fibrolite, o qual apareceu na Herdade, e é da mesma época das antas: tem de comprimento 0<sup>m</sup>,085, e é de forma trapezoidal, senão primitivamente triangular, e com o gume nitido e curvo. Na mesma Herdade apareceram umas pias que hoje servem de bebedouros a animais, mas que na origem foram mós ou grais, em que se moia com rebolos.

\*

Nas páginas 166, 167 e 168 representam-se fotografias de seis antas, tiradas, bem como a planta rigorosa da anta n.º 6 (fig. 19), pelo D.<sup>or</sup> Manuel Heleno.

## III

## Espolio d'uma anta de Monte Redondo

Merce da generosidade do ilustre Agronomo o S.<sup>or</sup> Henrique Acciaioli de Sá Nogueira, de Alter do Chão, pude trazer para o Museu os dois seguintes objectos, aparecidos numa anta, ou dolmen, da herdade de Monte Redondo (arredores d'aquela vila), excavada casualmente por trabalhadores do campo:

1) Uma taça pequena de barro grosso feita à mão, com vestígios de ter estado exposta ao lume. É de forma hemisférica, com os bordos lisos, e o fundo

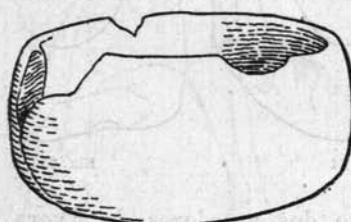


Fig. 21

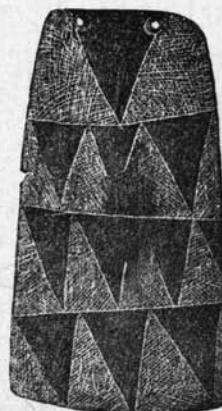


Fig. 22

pouco encurvado: tipo que com freqüência aparece nas nossas antas. Estava partida em dois pedaços, que colei, ficando ainda assim não de todo completo o vaso, como se vê na fig. 21. Altura: 0<sup>m</sup>,05; diâmetro na boca: 0<sup>m</sup>,076 (medida interior).

2) Chapão de lousa, de forma trapezoidal, com dois orifícios (bicônicos) de suspensão no lado mais estreito. Uma das superfícies maiores está dividida em quatro zonas ornamentadas, como se vê na fig. 22. Comprimento 0<sup>m</sup>,154.

Eis aqui cousas que parece á primeira vista terem pouco valor, mas que têm muito, pois que, com a anta em que se descobriram, constituem os mais antigos documentos, por ora conhecidos, da historia de Alter do Chão. A palavra *Alter* representa *Abelterion*, nome de uma povoação que na epoca lusitano-romana existia por aqueles sitios, e que já ascendia a tempos anteriores: vid. *Religiões da Lusitania*, III, 636.

## IV

## Instrumentos de pedra encontrados avulsamente

Na nossa excursão obtivemos alguns machados de pedra (xisto anfibolico e fibrolite), cujos contornos vão desenhados nas figs. 23

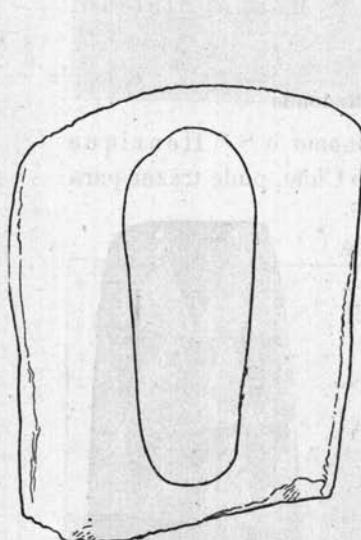


Fig. 23

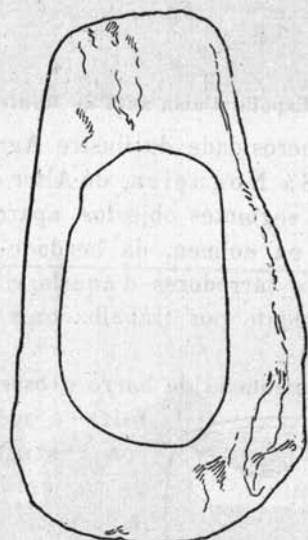


Fig. 24

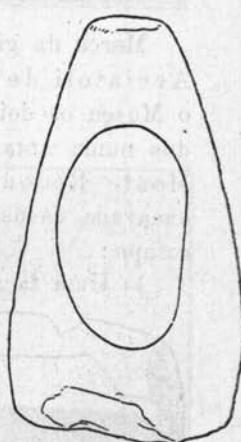


Fig. 25

a 33. Os machados n.<sup>os</sup> 23 a 32 são dos arredores de Evora, o n.<sup>º</sup> 33 dos arredores de Veiros.

Os desenhos dispensam a descrição: apenas notarei que o gume do machado n.<sup>º</sup> 33 mostra que o instrumento teve grande uso, pois se acha muito gasto, e que os machados n.<sup>os</sup> 30 e 31 estão lateralmente encurvados, de modo que parece podiam ser preendidos pela mão no acto do trabalho, sem auxílio de cabos.

Machados de todos estes tipos, com excepção dos dois ultimos, por causa da curvatura, aparecem com freqüencia não só no Alentejo, mas nas outras duas provincias meridionais.

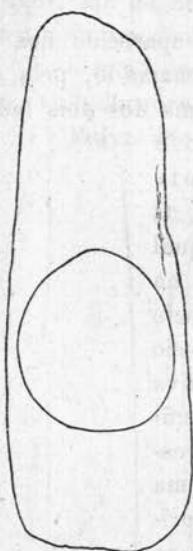


Fig. 26

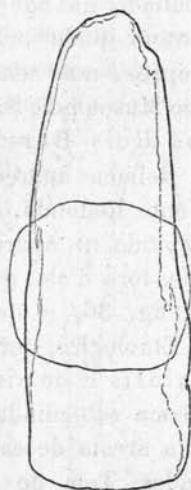


Fig. 27

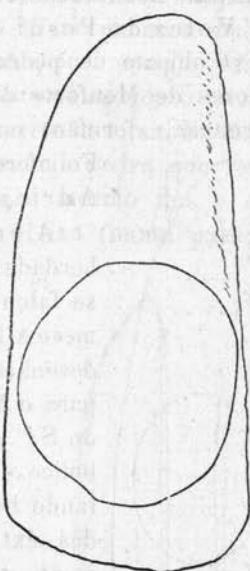


Fig. 33

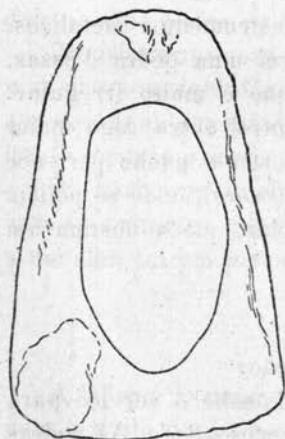


Fig. 28

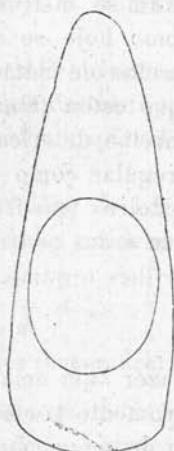


Fig. 29

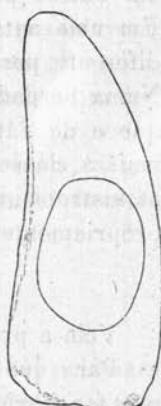


Fig. 30

Na fig. 34 desenha-se metade de um instrumento de xisto, encontrado nos arredores do Açumar, e oferecido ao Museu pelo S.<sup>or</sup> Velez do Peso: é do tipo de «enxó».

O objecto de pedra desenhado na fig. 35, aparecido nos arredores de Monforte do Alentejo, poderíamos chamá-lo, pela sua estreiteza, «formão» ou «escopro», mas tem gume dos dois lados.

Foi oferecido ao Museu pelo S.<sup>or</sup> José Adriano dos Reis Berthelot.

Alem do dolmen aparecido na herdade de Monte Redondo, do qual se falou no capítulo III, apareceu na mesma herdade, fóra d'ele, o objecto desenhado na fig. 36, o qual veio para o Museu Etnologico, por dadiva do S.<sup>or</sup> Acciaioli. É de xisto anfibolico e de forma sub-cilindrica, estando boleada a aresta de cada uma das extremidades. Tem de comprimento total 0<sup>m</sup>.215. Está um pouco desgastado em um sitio, no sentido longitudinal, como se houvesse servido de pedra de amolar.

Efectivamente na época neolitica amolavam-se instrumentos de pedra

em outras pedras, como hoje se amolam instrumentos metalicos. Em uma anta do concelho de Sátão encontrei uma pedra d'essas, diferente porém da que estou falando, porque é muito irregular. Numa herdade do concelho de Alcacer encontrei outra, algo maior que a de Sátão, e irregular como ela; pelo seu tamanho pertence mais á classe dos polidoiros (em francês *polissoirs*), onde se poliam os instrumentos, do que á das pedras de amolar, que se destinavam propriamente a apurar-lhes o gume.

\*

Vem a propósito fazer aqui uma observação.

Para que um instrumento cortante desempenhe o serviço para que foi fabricado, tem de ser *amolado* e ás vezes *afiado*. As pedras em que se executam estas operações chamam-se *de amolar* e *de afiar*. Para *amolar* emprega-se agua; para *afiar* emprega-se azeite. No uso geral as pedras de amolar não têm forma propria; podem até servir pedras de paredes, ou beiras de tanques. O povo confunde com fre-

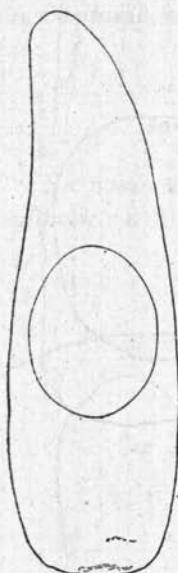


Fig. 31

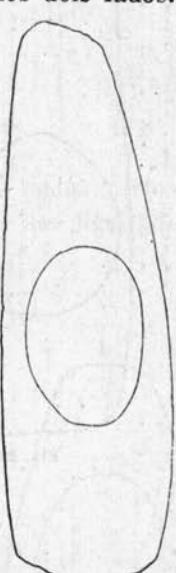


Fig. 32

quencia *amolar* e *afiar*. Assim, na Beira Alta *amolar uma navalha, pedra de amolar*, são da linguagem culta; *afiar uma navalha, pedra de afiar*, são da linguagem plebeia. No Alto Minho chamam *amoladoura* a uma pedra de amolar de vario tamanho, por exemplo, palmo e meio de comprimento, e pouco mais ou menos o mesmo de largura: conservam-nas no chão, perto de agua. Na Beira Baixa dão o nome de *aguçadeira* a uma pedra que serve para o mesmo fim, e que ora é fixa (numa parede),



Fig. 36



Fig. 35

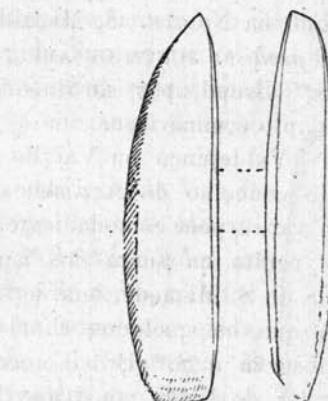
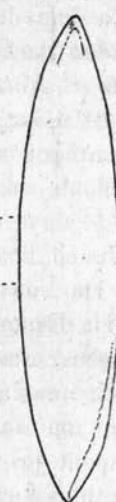


Fig. 34

ora volante, como a *amoladoura*. Em Marvão ouvi chamar *amoladeira* a uma pedra de *afiar*.

Propriamente *amolar* é fazer mole o instrumento de que se trata, mas quere-se aqui dizer que se lhe desbasta a parte mais grosseira, até que fique em estado de trabalhar; *afiar* é propriamente dar fio, isto é, apurar o instrumento.

Os barbeiros amolam as navalhas de barba em *rebolos*; a par com as operações que ficam indicadas executam outra, a de assentar a navalha em um *assentador*.

## V

## Val do Junco (Esperança)

A leitura do magistral opusculo que o S.<sup>or</sup> P.<sup>e</sup> Breuil publicará com o titulo de *La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près d'Arronches* (Portalegre), Lisboa, Tip. do Anuario Comercial 1917, de 11 páginas, levou-nos á Esperança, para visitarmos o celebrado rochedo. Como a visita foi rapida, poucos apontamentos tomei, e ainda que os tomasse, nada poderia acrescentar àquilo que o S.<sup>or</sup> Breuil

escreveu com a competencia que todos nele reconhecem, adquirida no exame directo de inumeras pinturas existentes em rochedos e grutas dos tempos prehistoricicos: por isso circunscrevo-me aqui em prestar homenagem ao Arqueologo que tão primorosamente juntou um capítulo á nossa historia neolitica ou calcolitica.

O rochedo de Valdejunco foi descoberto pelo S.<sup>or</sup> Aurelio Cabrera, natural de Albuquerque, e segundo informaçōes d'ele, dado primeiramente a conhecer, a par de monumentos congeneres de Hespanha, pelo S.<sup>or</sup> Hernández Pacheco em um artigo do *Boletín de la R. Soc. Espan. de Hist. Natural*, t. xvi (depois reproduzido na Nota n.<sup>o</sup> 8, Madrid 1916, da *Comisión de investig. paleont. y prehist. JUNTA DE AMPLIACIÓN DE ESTUDIOS*); mas o trabalho do S.<sup>or</sup> Breuil, por ser inteiramente consagrado a Portugal, é mais amplo e minucioso.

Valdejunco ou Val do Junco fica perto da Esperança, aldeia do concelho de Arronches. Da vila até á Esperança ha estrada, e vai-se pois comodamente. Da Esperança a Valdejunco, sítio ermo e oculto na serra dos Louçōes, que constitue um dos extremos da de S. Mamede, tem de se ir quasi sempre a pé. O rochedo forma o que os geologos chamam um «abriga», e as pinturas, como observa o S.<sup>or</sup> Breuil «occupent presque toutes les parties verticais de l'abri, ainsi que la plus surbassée du plafond» (pag. 2). Nas pinturas, que são de cōr alaranjada e de cōr vermelha, especifica o autor do opusculo figuras humanas, figuras de animais (veados, talvez um lobo, e porventura um rinoceronte, de época, pois, mais antiga) e outras figuras (serpentiformes, etc.). Cinco figuras humanas que formam grupo parece estarem em posição de dança (pag. 7); outras parece terem mais de um par de braços, como certas figuras da mitologia indiana (pag. 9).

No que toca a data, o S.<sup>or</sup> Breuil compara-as com as, já conhecidas, de alguns dolmens beirões e transmontanos, e do penedo do Cachão da Rapa; elas são portanto dos fins do período neolítico, para não dizer do período calcolítico, isto é, de transição do uso da pedra, como matéria de instrumentos de trabalho e guerra, para o do uso dos metais.

Esta data é confirmada pelo seguinte: o S.<sup>or</sup> Breuil achou perto do Val do Junco a parte superior de uma estela de pedra, que ele desenhou a pág. 8, e que por um lado, como diz, se enfileira na série de estelas do Museu Etnológico, publicada n-*O Arch. Port.*, xv, 31 sgs., e por outro é comparável ao ídolo pintado de Peña Tu (nas Asturias). Ora o ídolo parece ser do período calcolítico, pois tem

desenhado ao pé um punhal d'esse periodo; as estelas portuguesas pertencem tambem certamente ao mesmo periodo.

Não deixará de convir com o que fica dito o noticiar eu agora que num mato da serra dos Louções, sobranceiro ao rochedo de Val de Junco, apareceu um escoprozinho de cobre, que obtive das mãos de um aldeão, e vai desenhado do tamanho natural na fig. 37 (foi recentemente limado numa aresta pelo referido aldeão para ver se era ouro!); além d'isso outro aldeão deu-me um machado de pedra polida, tambem achado no local: fig. 38. Ainda que o machado e o escopro possam não ter sido empregados contemporaneamente, é contudo curiosa a coincidencia do aparecimento, pois foi do estudo das duas industrias representadas por eles que os arqueólogos chegaram á noção do calcolítico.

É provável que o «abrigó» do Val do Junco servisse de sepultura: os cadáveres, depositados nas anfractuosidades do rochedo, seriam cobertos de terra, que formaria ao de cima uma superfície unida. As estelas, do tipo da da Esperança, os especialistas têm-nas igualmente por funerárias. O ídolo da Peña Tu, porém, suponho-o d'outra especie. O penedo em que está pintado fica a pique num alto, d'onde domina grande horizonte de serras e povoações até o Mar Cantábrico: para mim,



Fig. 37

que o visitei em 1923, ele é a séde de um deus da montanha, simbolizado no ídolo. Realmente, confrontado o ídolo de Peña Tu com a estela da Esperança e a do Crato, que publiquei a p. 33 do citado volume do *Archeólogo Português*, acha-se flagrante semelhança; mas, visto que em todos esses casos os antigos quiseram pintar uma figura humana, quer ela se referisse a um homem propriamente dito, quer (uma vez, pelo menos, segundo penso) a um deus, de que modo as pintariam senão iguais entre si? Divinizar montanhas foi acto muito freqüente na Península em tempos pre-romanos, como a respeito de parte d'ela se mostrou nas *Religiões da Lusitania*, II, 103 sgs. Que admira, por conseguinte, que nas montuosíssimas Asturias, na serra de Borbolla, a que pertence Peña Tu, se praticassem cultos telúricos? Não comprehendo como é que Peña Tu, que não forma «abrigó», nem faz entrada de gruta, e pelo

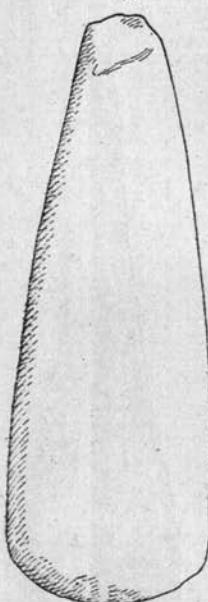


Fig. 38

contrario fica altissimo, serviria de sepultura. A explicação que proponho parece-me aceitável.

Ao despedir-me de Valdejuncos ou Val do Junco, desejo, como Director do Museu Etnológico, testemunhar aqui publicamente ao S.<sup>or</sup> P.<sup>e</sup> Breuil os meus mais vivos agradecimentos pela remessa que

me fez da estela da Esperança.

Ele havia-a levado para Paris, e depois devolveu-a a Portugal, entendendo que melhor ficava num museu português e nacional do que em França. O S.<sup>or</sup> P.<sup>e</sup> Breuil merece calorosos elogios pelo seu acto tão inteligente e tão nobre.

## VI

### Instrumentos de bronze

Além do escopozinho de cobre aparecido no Val do Junco (vid. supra, cap. V), obtivemos dois instrumentos de bronze de que passo a falar:

a) Um machado, isto é, a parte metálica de um machado, de 0<sup>m</sup>.22 de comprimento. Consta de duas faces e dois bordos, e podemos considerá-lo formado de duas partes desiguais: parte inferior (a maior) ou lâmina propriamente dita, e parte superior (a menor) ou topo, que tem dois encaixes de base plana e bordos rectos, um em cada face; os bordos são unos, mas num deles ha uma argola semi-circular, cuja extremidades fazem ligação lateral do topo com a lâmina. Abaixo de cada encaixe tem este machado, como ornato, quatro breves e curtas nervuras, paralelas entre si, e equidistantes umas das outras, as quais vão afilando para o lado do gume. O instrumento está perfeito, senão que, tendo sido fundido de um jacto em dois moldes juxtapostos, ficaram na linha mediana dos bordos d'ele rebarbas, como vestígio da linha de contacto dos moldes. Vid. fig. 39. O machado apareceu com outro ao pé de Veiros, ao abrir-se uma cova para se disporem oliveiras, e foi-me oferecido para o Museu pelo S.<sup>or</sup> Francisco José Ribeiro.



Fig. 39



Fig. 40

b) Uma lança, isto é, um «ferro» de lança, de 0<sup>m</sup>.245 de comprimento, ôco e com expansões laterais laminiformes, que fazem que o conjunto apresente o aspecto de folha esguia, a qual tem junto da ponta breves sulcos ornamentais. No cano da lança, em baixo, ha de cada lado um orificio que servia para segurar melhor o instrumento quando introduzido no cabo ou haste de madeira; nos dois orificios meteram recentemente um prego de ferro, porque utilizaram a lança como arma de defesa (fig. 40). Ela apareceu tambem em Veiros, e foi-me oferecida para o Museu por intermedio dos S.<sup>res</sup> Santos & Pimenta.

Posto que o machado e a lança não aparecessem juntos, é provavel que sejam aqui contemporaneos um do outro, e pertençam ao periodo que os arqueologos chamam «Bronze IV».

## VII

### Xorca de bronze da idade do ferro

Na herdade de Monte Redondo (Alter), a que já me referi no cap. III, apareceu avulsamente em trabalhos campestres um pedaço de xorca de bronze, ôco, e de secção circular, com oito pendentes de forma de chouriço enfiados nele, como consta da fig. 41. Os dois extremos A e B distam um do outro 0<sup>m</sup>.0325. De xorca semelhante, pertencente ao Museu de Faro, vimos já um desenho n-*O Arch. Port.*, vol. XXIV, est. XXVIII; cf. p. 100. Na mesma página, nota 1, desenharam-se dois pendentes avulsos, que existem ha anos no Museu Etnologico.

As xorcas d'esta especie, segundo o que escrevi no citado lugar do *Archeologo Portugués*, datam dos fins da epoca do ferro, e existem nas seguintes regiões: Alto-Minho (Cendufe), Beira Ocidental ou Maritima (Santa Olaia e Condeixa), Alto-Alentejo (Alter), Baixo Alentejo (Mertola), Algarve de Barlavento (Lagoa). Acrescente-se que no Museu Etnologico existe outra xorca, vinda para ele com os objectos de Alcacer do Sal que ocupam os armarios n.<sup>os</sup> 15 e 16 do primeiro andar e o mostrador intermédio.

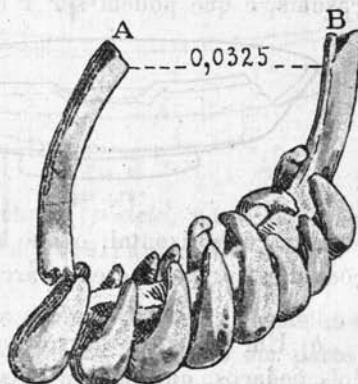


Fig. 41

## VIII

## Várias antigualhas romanas

A.—No Monte Redondo, de que já se falou várias vezes (vid. capp. IV e VII) apareceu o seguinte, em excavações agrarias:

a) Um pratinho ou taça, de barro arretino, de 0<sup>m</sup>.171 de diâmetro na abertura e 0<sup>m</sup>.039 de altura, do tipo de *pátera* (fig. 42). Os objectos d'esta especie serviam para por eles se beber, e mais particularmente para libações aos deuses. A vasilha de que estou falando tem no fundo, pelo lado interno, dentro de um círculo, uma marca figulina, de que não posso ler letra nenhuma. A borda está esborcinada em dois lugares, e o verniz (vermelho) em parte apagado. No bojo, por fóra, fizeram-se, depois de cozido o barro, uns riscos (*graffito*) que suponho casuais, e que podem ser T e A (i. é, A

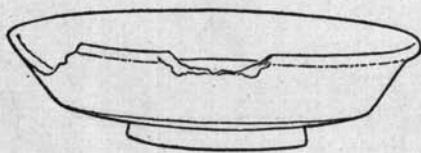


Fig. 42

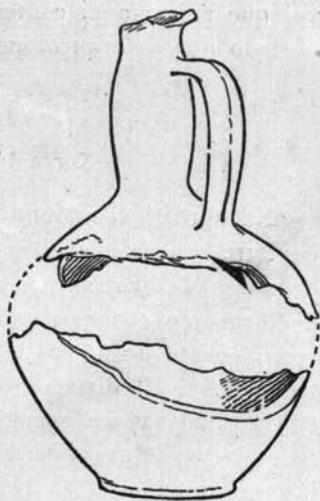


Fig. 43

sem traço horizontal, o que se observa freqüentemente em inscrições d'esta especie e em marcas figulinhas).

b) Um frasco de barro avermelhado, cujo bojo está partido em dois pedaços, que não se ajustam bem um ao outro, pois falta algo entre eles: ao pedaço de cima une-se o gargalo com a asa, que tem longitudinalmente um sulco, ao meio (falta ao gargalo mais de metade do bôrdo). Este frasco é do tipo da *lagona* ou *lagoena* (fig. 43). Toda a gente conhece a fábula fedriana em que a raposa, que enganou a cegonha, convidando-a para uma refeição, e dando-lhe uma beberagem espalhada num prato, ou *patina*, a qual a pobre ave de nenhum modo podia saborear com o bico, é depois enganada por esta, que lhe apresenta migas numa *lagona* de estreito gargalo, em que não cabia o focinho da hospeda: enquanto a cegonha se re-

galava de comer, introduzindo no vaso o bico, a raposa rabeava cheia de fome<sup>1</sup>.

Por todas as regiões do *orbis Romanus* resta imenso vasilhame, mas nem sempre os arqueólogos sabem como é que as peças se chamavam: é por circunstâncias como esta, em que um nome (*lagona*) convém a uma descrição (fábula de Fedro), e por algum raro caso, em que numa peça se gravou uma inscrição denominativa d'ela, que

ás vezes chega a determinar-se alguma nomenclatura. Ninguem se

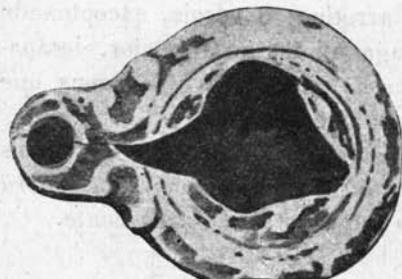


Fig. 44



Fig. 47

admire da incerteza de que falo, pois ela existe nos próprios tempos modernos: uma vasilha que no Minho tem um nome, tem outro no Alentejo; e qual é a pessoa do Sul que conhece o recipiente de



Fig. 45

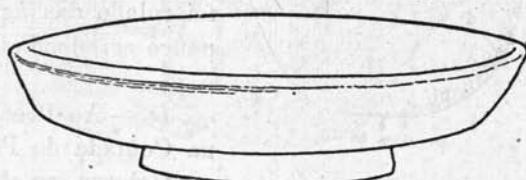


Fig. 46

barro preto que na Beira-Alta se chama *padela*, nome e objecto a que eu sem hesitação dou por avó a *patella* dos Romanos?

c) Uma lucerna de barro outr'ora coberta de verniz vermelho ou «capote» (como dizem os nossos cerâmicos), mas que em parte o perdeu (fig. 44). É desprovida de asa ou *manubrium* e só tem um bico, ou *rostrum*, que foi adornado de duas volutas. A face superior da lucerna, ou *discus*, está rôta, restando apenas um simples ornato na borda ou *margo*. No fundo ou reverso lê-se o seguinte nome do oleiro, aí impresso com carimbo: ACATOS, com terminação grega, mas sem aspiração, isto é, *AGATOS* =  $\alpha\gamma\alpha\theta\sigma$ , «bom». Seculo I da era cristã. (fig. 45).

<sup>1</sup> *Phaedrus*, anotado por Epiphanio Dias, liv. I, fab. 26, 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa 1894, p. 34.

B.—Nuns olivais que ficam no sítio de Ferreiros (*olivais a Ferreiros*, como lá dizem), freguesia da Assunção, concelho de Arronches, andando um camponio a lavrar, achou nas terras um pucaro de barro que ele logo quebrou, e bem assim duas taças que levou para casa, e foram ter ás mãos do S.<sup>or</sup> Manoel Maria Pires, que, por intermedio do S.<sup>or</sup> Oliveira Tavares, m<sup>as</sup> ofereceu para o Museu Etnológico Português.

Ambas as taças são de barro arretino; o verniz, exceptuando uns laivos no bojo da menor, e vagas pintas no da maior, desapareceu com as raspagens e lavagens que o primitivo dono fez.

Como consta das figs. 46 e 47, temos aqui exemplares do mesmo tipo de *patera* de que se falou no artigo precedente.

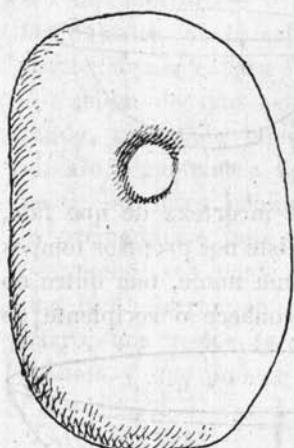


Fig. 48

C.—Em Monforte do Alentejo o mesmo S.<sup>or</sup> Berthelot, que me deu o objecto pre-historico figurado com o n.<sup>o</sup> 35, deu-me um peso (*pondus*) de barro vermelho, que foi rolado das águas e ficou por isso um pouco arredondado. (Vid. fig. 48).

D.—Ao Poente da vila de Arronches, na Coutada do Povo, onde existem alicerces de casas antigas, e se descobrem, ao cavar, pilares de marmore, e ladrilhos muito grossos de barro, apareceu em 1899 um lanço de mosaico policromico (*pavimentum*, ou *opus, vermiculatum*) de que a dona da hospedaria em que nos alojámos me ofereceu um pedacinho, de 0<sup>m</sup>.124 de comprimento, que vai desenhado na fig. 49, e de que outro fragmento, disseram-me que com a figura de um veado, fôra levado para o Museu de Elvas.

O pedacinho aqui figurado tem tesselas de três côres: branca, vermelha (ou avermelhada) e azul (ou azulada). Duas series de tesselas azuis formam um angulo, em que está incluso outro, composto de tesselas vermelhas (com falha de uma); dentro d'este ha um triangulo de tesselas brancas, com uma azul no centro. Fóra do primeiro angulo vêm-se tesselas vermelhas e azuis colocadas paralelamente a um dos lados; ao outro lado encostavam-se tambem series de tesselas, mas só resta uma de côr branca.

A existencia do mosaico e das outras vèlharias faz crer que na Coutada do Povo houve uma *villa*, ou *quinta*, romana.

## IX

## «Brincos» de ouro romanos

Os «brincos» ou «arrecadas» já eram nos Romanos, e nos seus mestres, os Gregos, um resto da rudeza primitiva, do tempo em

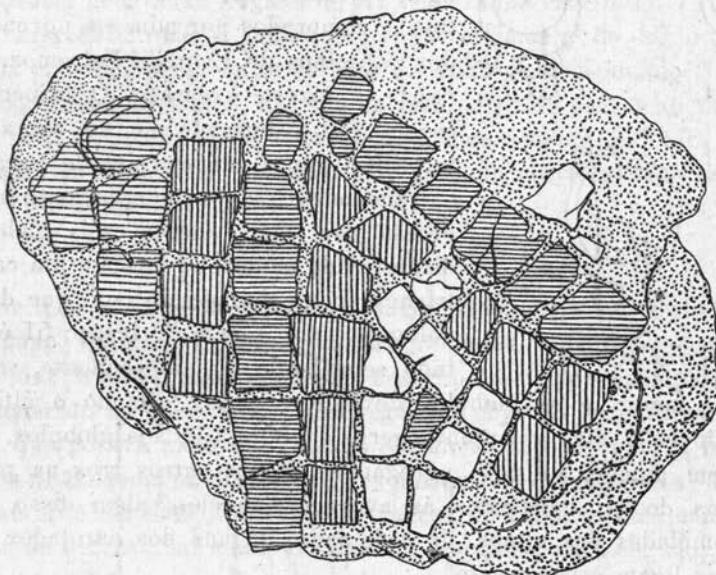


Fig. 49

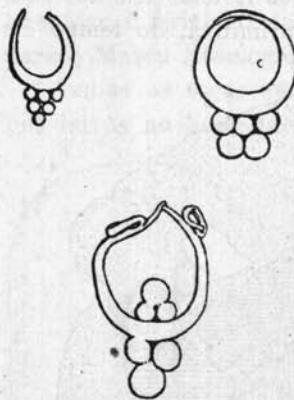
que não só o lóbulo da orelha ou o pavilhão se furavam, mas outras partes salientes do rosto: nariz e labios, para não falar de deformações craniais, de mutilação dos dentes, e de tatuagem facial e palpebral<sup>1</sup>.

Quem não tem visto em livros de Etnografia e de viagens, em revistas, ou em museus, figuras de selvagens que ostentam uma ro-

<sup>1</sup> De mutilações etnicas, consideradas no seu conjunto, tratou Magitot no Congresso de Arqueologia Prehistorica de Lisboa, em 1880: vid. o *Compte rendu*, pp. 549-613. De «brincos» na antiguidade, trazidos por homens e mulheres, se fala no *Dict. des antiq. gr. et rom.*, s. v. «inauris»: uso de «brincos» em homens, só no Oriente asiatico e africano; as civilizações grega e romana apenas o conheceram em mulheres (*ob. cit.*, p. 440). Na idade-média e em tempos modernos este uso de brincos em mulheres pôde dizer-se universal. Quanto ao sexo masculino, observei o costume, por exemplo, em

dela de madeira ou de osso embutida no labio inferior<sup>1</sup>, ou um pedaço de pau que perfura o septo do nariz<sup>2</sup>?

Pelo que toca a «brincos» romanos, legou-nos a antiguidade muitos, de ouro e de outros metais, e na nossa propria terra têm aparecido alguns, feitos d'aquela substancia, como os que se representam nas figs. 50, 51 e 52, aparecidos no Alentejo, e comprados por mim em povoações dos concelhos de Evora e Estremoz, durante a nossa excursão. O brinco ou *inauris* (50) é formado por um aro aberto, cujos ramos vão estreitando para as extremidades e á parte externa e mais grossa dos quais aderem seis globulos dispostos de modo que formam um cacho triangular e achatado do lado que devia voltar-se para a pele. O brinco 51 é em tudo semelhante ao antecedente, senão



Figs. 50, 51 e 52

que é maior, e os globulos deviam ser seis, faltando o último. O brinco 52 tem o conjunto geral do 50 e 51; aos globulos, que são em numero de tres, agregam-se porém outros tres na parte interna do aro, dispostos ás avessas d'aqueles; além disso, nas extremidades dos ramos, de cada lado, ha uns fios enrolados que se lhes ligam como ornato.

Os brincos 50 e 51 têm a mesma forma que dois, tambem de ouro,

1900 em França (Damply), na Baviera, e no Tirol, em 1909 no Egito (Pretos do Sudão), e em 1922 na Finlandia (Åbo ou Obo). Do costume parece que tambem em Portugal ha vestigios, ou eles sejam antigos ou modernos (falarei d'isto noutra parte). Quando eu era criança, passou na minha terra um homem com argolinhas de ouro nas orelhas: não sei porém d'onde ele era, talvez de Hespanha. Acerca de selvagens, vid. Heilborn, *Allgemeine Völkerkunde*, I, 112. Acerca de varios povos, vid. *The book of costume*, Londres (H. Colburn), 1847, pp. 19-20.

<sup>1</sup> Por exemplo, os Botocudos do Brasil: vid. Heilborn, *ob. cit.*, I, 113, e 6 (fig. 1); cf. tambem *Archivo Popular*, v (1841), 45-46, 54-55, com duas gravuras. No Museu Etnologico organizou-se um quadro com figuras de Botocudos, e aí se verifica tambem o que digo.

<sup>2</sup> Vid. varios exemplos da Africa e America nas seguintes obras: *Papers of the Peabody Museum*, x (1912), est. 13; *Handbook of the Ethnographical Collections* do Museu Britanico, Londres 1910, p. 24; Haberlandt, *Völkerkunde* (Göschens), I (1917), 64.

que existem no Museu Britanico, e figuram no *Catalogue of the jewellery*, de F. H. Marshall, Londres 1911, est. LIV, n.º 2596 e 2600, subordinados ao titulo geral de «Graeco-Roman and Roman earrings», como pertencentes ao periodo que vai de cerca do sec. I ao fim do IV da era cristã: o earring n.º 2596, que formava um par com outro, provém de Paphos; do earring n.º 2600 não se conhece procedencia geografica (legado de A. W. Franks em 1897).

O brinco 52 não é mais que desenvolvimento do 50 e 51; todavia pôde comparar-se ao earring n.º 2683 do mencionado Catalogo do Museu Britanico, que lhe dá esta data: do sec. II ao VI da nossa era. O protótipo de todos está já num earring, n.º 470, encontrado em Chipre, e pertencente ao periodo micenense (cerca de 1300-1100 antes de Cristo).

\*

Por todo o Alentejo encontram-se com freqüencia, nos trabalhos do campo, objectos de ouro, não só romanos, mas pre-romanos. Além dos tres brincos que ficam descritos, sei, por exemplo, do aparecimento ha pouco tempo dos seguintes objectos aureos: um argolão que pesava meio kilo, e cujo paradoiro hoje se ignora; fragmentos de diadema ou diademas; tres pulseiras de tipo simples; duas espirais que serviam de ornato a tranças do cabelo; duas cambolhadas de outras; um amuleto falico ou *fascinum*; um anel com inscrição; moedas.

X

#### Cabeça de Vaiamonte

O lugar de Vaiamonte é atravessado pela estrada que conduz de Alter-do-Chão a Monforte do Alentejo. Quando lá passámos, tomei algumas informações, que passo a referir.

Perto e ao Noroeste d'aquela povoação, que fica numa planura, ha um mórro chamado *Cabeça de Vaiamonte*, onde se vêem restos de um muro antigo, e aparecem pedaços de telhas e de vasilhame de barro que destoam da ceramica moderna. Provavelmente é um castro<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A palavra *Vaiamonte* é formada de *Vaia-monte*, isto é, *Vaia do Monte*. Ainda que ha nomes que se deslocam, não creio que *monte* signifique aqui a *Cabeça* ou outeiro de que falei, e pelo contrário suponho que está no sentido alentejano, de «casa de campo». Pôde entender-se que por ali viveu num *monte* uma molher chamada *Vaia* (= *Ovaia*, *Olaia*, *Eulalia*), que lhe deu o nome, e que tendo-se o monte tornado a pouco e pouco povoação, esta conservou o nome d'ele.

Uma vez achou-se lá um brinco de ouro, de forma de arco de círculo, e bem assim um denario da Republica romana de *L. Sempronius Pitio*, que foi triumviro monetario cerca do ano de 170 a. C., e um medio-bronze de *Celsa*, com legenda iberica, moeda igual á que publiquei n-*O Arch. Port.*, vii, 169, mas melhor conservada que esta. O brinco tinham-no vendido; as duas moedas adquiri-as por dadiva do S.<sup>or</sup> Antonio Joaquim Feio, e seu irmão João Ricardo Feio. Os mes-

mos S.<sup>rs</sup> me disseram que no outeiro de que estou falando se tinha encontrado em tempo um capacete de bronze e um resto de espada. Ora o mais curioso é que este capacete se conserva ha muitos anos no Museu Etnologico! Ofereceu-m'o para ele o hoje falecido Cons.<sup>ro</sup> Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, que foi devotado protector do Museu (vid. *Hist. do Museu Etnologico*, pp. 7-8). Vai desenhado na fig. 53: é de forma quasi conica, tem um botão na parte superior, pala curta (com um orificio junto da beira), e pregos tambem de bronze, que se fixam, de cada lado, na parede, ás peças em que deviam prender-se as extremidades do que hoje se chama, em linguagem militar, *francalete* (quando de correia) e *grilhão* (quando metalico). Este capacete, com quanto se pareça com os de La Tène (2.<sup>o</sup> periodo do ferro), é certamente romano. Da espada que me disseram aparecerá tambem no outeiro não pude saber o paradoiro; mas talvez porém houvesse confusão com uma lança de ferro que no Museu está junta com o capacete, sem indicação de proveniencia<sup>1</sup> (vid. fig. 54).

Fig. 54

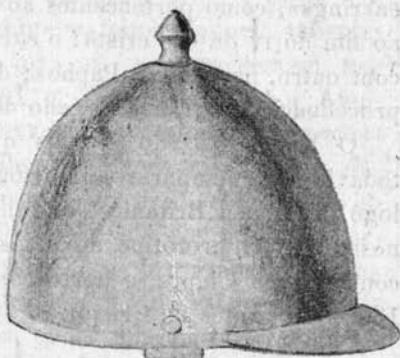


Fig. 53

<sup>1</sup> Aos objectos que eu adquiro para o Museu Etnologico aponho sempre papeis com a indicação da proveniencia, mas no vai-vem que ele tem tido, e tambem na occasião da limpeza, e por causa da accão deleteria das traças, acontece que os papeis ás vezes se perdem. Eu não posso estar sempre atento a tudo!

Como complemento d'estas notícias, acrescentarei que na Cabeça de Vaiamonte ha um pôço, chamado *da Moura*, e que foi aí que se descobriu o capacete, e a suposta espada ou lança. Sempre ás cousas do passado anda anexo um pouco de lenda!

## XI

Antigualhas romanas do Açumar<sup>1</sup> (*via militaris*)

Pelos arredores do Açumar aparecem, como quasi por toda a parte em Portugal, moedas, restos ceramicos e cantarias antigas, etc., o que tudo em geral ascende á epoca dos Lusitanos; ha porém lá uma antigualha que é mais rara de aparecer: refiro-me a um trôço de *via militaris* romana, que existe perto da estação ferroviaria do Açumar, e é conhecida na localidade, e noutras vizinhas, pelo nome expressivo e sugestivo de ALICERCE.

A *via militaris*, a que me refiro, ia de *Olisipo* a *Emerita*, e, segundo se lê no *Itinerario* de Antonino, passava em *Abelterion*, povoação já mencionada acima, cap. III.

A esta estrada e á ponte da Vila Formosa (sobre a ribeira de Seda), por onde ela seguia, já no *Arch. Port.*, XVII, 209 sgs., consagrou belas páginas o D.<sup>or</sup> Alves Pereira. De um marco miliario, provido de inscrição, pertencente á *via*, tambem já falei *ibidem*, XIX, 249-250.

Por agora quero só acrescentar, não só que me disseram que ha outro trôço da mesma *via* junto do Caia, com restos tambem de uma ponte, e bem assim perto de Arronches, e nas herdades do Almarjão, concelho do Crato e do Alcaide, frèguesia da Urra, concelho de Portalegre, mas que o S.<sup>or</sup> Oliveira Tavares, digno Chefe da secretaria da Camara Municipal de Arronches, me ofereceu amavelmente para o Museu Etnologico Português cópia da acta de uma sessão da comissão administrativa de 26 de Outubro de 1911, em que várias vezes se fala de Alicerce. Este documento parece-me um tanto curioso, mais talvez para o futuro do que para o presente,

<sup>1</sup> Na localidade e em localidades vizinhas toda a gente agrega o artigo definido ao nome da povoação; este nome no sec. XVI escrevia-se com *ç*, ortografia que deve manter-se hoje. Por tais razões digo aqui o *Açumar*.

por nele se fazerem confrontações com a *via romana*, e por isso aqui o reproduzo na integra:

[Documento da Câmara Municipal de Arronches]

«Em harmonia com a deliberação tomada pela Comissão Administrativa do Município de Portalegre a Comissão deliberou pedir a precisa autorização para desamortizar, por meio de aforamento, com as formalidades legais, as parcelas de terreno que compõem a Canada do Alicerce, isto é, as faixas de terreno adjacentes á *antiga estrada romana denominada Via Latina ou Estrada do ALICERCE e ainda sómente ALICERCE*, cuja medição e confrontação consta do relatorio dos peritos; sendo dado, no acto da praça, o direito de opção aos proprietarios dos prédios confinantes com as respectivas parcelas ou por elas atravessados cujas parcelas são as seguintes:

1.<sup>a</sup>

Parte compreendida nas Pereiras, freguesia da Assunção, pertencente ao cidadão Luís Adolfo de Oliveira Sommer.

Tem de comprimento 2:522 metros e de largura 24<sup>m</sup>,60.

Confronta por Nornoroeste com a parte do Olival das Pereiras situada na freguesia da Ursa, concelho de Portalegre, por Sul-sudeste com a Casa Branca, freguesia da Assunção deste concelho, e por Oestesudeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Tapada da Moura e Coutada de Assumar pertencente á freguesia de Assumar, concelho de Monforte.

Compõe-se de terra de semear com 9 oliveiras, 109 azinheiras, 166 sobreiros, 1 chaparro de azinho e 5 chaparros de sobreiro.

2.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Courela da Aceisseira, freguesia da Assunção, pertencente ao cidadão António Augusto Ferreira Aboim.

Tem de comprimento 66 metros e de largura 24<sup>m</sup>,60.

Confronta por Nornoroeste e Sul-sudeste com as Pereiras, freguesia da Assunção, e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual fica na sua confrontação a Coutada de Assumar, concelho de Monforte.

Compõe-se de terra de semear com 7 azinheiras e 3 sobreiros.

3.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Casa Branca, freguesia da Assunção, pertencente á cidadã D. Antónia de Jesus Caldeira Telo.

Tem de comprimento 770 metros e de largura 24<sup>m</sup>,60.

Confronta por Nornoroeste com as Pereiras, freguesia da Assunção, por Sulsudeste com as Taipas, freguesia do Rosario, e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam as Escravides e o Outeiro, freguesia de Assumar, concelho de Monforte.

Compõe-se de terra de semear com 52 azinheiras, 3 sobreiros e 2 chaparros de azinho.

4.<sup>a</sup>

Parte compreendida nas Taipas, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã D. Antónia de Jesus Caldeira Telo.

Tem de comprimento 220 metros e de largura 24<sup>m</sup>,60.

Confronta por Nornoroeste com a Casa Branca, freguesia da Assunção, por Sulsudeste com a Joana Dias, freguesia do Rosario, e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica o Outeiro, freguesia de Assumar, concelho de Monforte.

Compõe-se de terra de semear com 17 azinheiras.

5.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Joana Dias, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 1:007 metros e de largura 24<sup>m</sup>,60.

Confronta por Nornoroeste com as Taipas, por Sulsudeste com a Granja do Campo, freguesia do Rosario, e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam as herdades do Outeiro, freguesia de Assumar, concelho de Monforte, Mouco e Fragoso, freguesia do Rosario, concelho de Arronches.

Compõe-se de terra de semear com 97 azinheiras, 4 sobreiros e 3 chaparros de azinho.

6.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Mouco, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 356 metros e de largura 24<sup>m</sup>,60.

Confronta por Noroeste com Outeiro, freguesia de Assumar, concelho de Monforte, por Sudeste com Fragoso, freguesia do Rosario,

e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica a Joana Dias, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 31 azinheiras.

7.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Fragoso, freguesia do Rosario, pertencente ao cidadão D.<sup>or</sup> Alvaro de Mendonça Falcão e Povoas.

Tem de comprimento 467 metros e de largura 24<sup>m</sup>,60.

Confronta por Noroeste com o Mouco, por Sudeste com Moreiros, freguesia do Rosario, e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica a Granja do Campo, freguesia do Rosario.

8.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Granja do Campo, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã D. Antónia de Jesus Caldeira Telo.

Tem de comprimento 930 metros e de largura 24<sup>m</sup>,60.

Confronta por Noroeste com Joana Dias, por Sudeste com o Campinho e por Sudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam Fragoso e Moreiros, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 12 azinheiras e 6 chaparros de azinho.

9.<sup>a</sup>

Parte compreendida nos Moreiros, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã Viscondessa de Balsemão.

Tem de comprimento 709 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Noroeste com o Fragoso, por Sul-sudeste com a Torrinha e por Nordeste e Estenordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Granja do Campo e Campinho, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 2 azinheiras e 16 chaparros de azinho.

10.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Campinho, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã D. Antónia de Jesus Caldeira Telo.

Tem de comprimento 880 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Nornoroeste com a Granja do Campo, por Sul-sudeste com a Torre e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Torrinha e Moreiros, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 3 azinheiras e 10 chaparros de azinho.

11.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Torrinha, freguesia do Rosario, pertencente a herdeiros de D. Emilia Augusta Caldeira Teles Castelo Branco.

Tem de comprimento 1:790 metros e de largura 16<sup>m</sup>,40.

Confronta por Nornoroeste com Moreiros, por Sudeste com Montinho e por Estenordeste e Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam Campinho e Torre, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 4 oliveiras, 8 azinheiras, 1 sobreiro e 17 chaparros de azinho.

12.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Torre, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 967 metros e de largura 16<sup>m</sup>,40.

Confronta por Nornoroeste com o Campinho, freguesia do Rosario, e por Sudeste com a Quinta, freguesia da Assunção, e por Oestesudeste e Sudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Torrinha e Montinho, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 5 oliveiras, 10 azinheiras, 49 sobreiros e 16 chaparros de azinho.

13.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Montinho do Vaqueiro, freguesia do Rosario, pertencente ao cidadão D.<sup>or</sup> José de Barahona Caldeira Castelo Branco.

Tem de comprimento 724 metros e de largura 16<sup>m</sup>,40.

Confronta por Noroeste com Torrinha, por Sudeste com Monte de El-Rei, freguesia do Rosario, e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Torre, freguesia do Rosario, e Quinta, freguesia da Assunção.

Compõe-se de terra de semear com 7 azinheiras.

14.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Quinta, freguesia da Assunção, pertencente á cidadã D. Maria de Alegria Panasco Castelo Branco.

Tem de comprimento 780 metros e de largura 16<sup>m</sup>,40.

Confronta por Noroeste com a Torre, por Sudeste com o Monte de El-Rei e por Sudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam Montinho e Monte de El-Rei, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 7 azinheiras.

15.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Monte de El-Rei, freguesia do Rosario, pertencente à cidadã D. Maximina Mendonça e Povoas.

Tem de comprimento 1:882 metros e compõe-se de duas faixas de terreno, com a largura de 16<sup>m</sup>,40 cada uma, situadas a Nordeste e Sudoeste do Alicerce, ficando este no meio.

Confronta por Noroeste com Quinta, freguesia da Assunção, e Montinho, freguesia do Rosario, por Sudeste com Val de Bebedas, freguesia da Assunção, e Roque Vaz, freguesia do Rosario, por Sudoeste com Monte de El-Rei, freguesia do Rosario, e por Nordeste com Tapada da Quinta, freguesia da Assunção.

Compõe-se de terra de semear com 95 azinheiras, 1 sobreiro e 4 chaparros de azinho.

16.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Roque Vaz, freguesia do Rosario, pertencente ao cidadão José Joaquim Gonçalves.

Tem de comprimento 300 metros e de largura 16<sup>m</sup>,40.

Confronta por Noroeste com o Monte de El-Rei, freguesia do Rosario, por Sudeste com Val de Bebedas, freguesia da Assunção, e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam as Tapadas da Quinta.

Compõe-se de terra de semear com 44 azinheiras.

17.<sup>a</sup>

Parte compreendida em Val de Bebedas, freguesia da Assunção, pertencente à cidadã D. Engracia Maria Palmeiro.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma do Nornordeste com 526 metros de comprimento por 16<sup>m</sup>,40 de largura e outra do Sudoeste com 15 metros de comprimento por 16<sup>m</sup>,40 de largura.

Confronta por Oestenordeste com Monte de El-Rei e Roque Vaz, freguesia do Rosario, por Sudeste com Corninhas, freguesia da Assunção, por Sulsudoeste com Val de Bebedas e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam Tapadas do Alicerce, freguesia da Assunção.

Compõe-se de terra de semear com 40 azinheiras.

18.<sup>a</sup>

Parte compreendida em Corninhas, freguesia da Assunção, pertencente á cidadã D. Maria Margarida Caldeira de Pina Machado Paraiso.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma do Norte com 1:020 metros de comprimento por 16<sup>m</sup>,40 de largura e outra do Sul com 900 metros de comprimento por 16<sup>m</sup>,40 de largura.

Confronta por Oeste com Val de Bebedas, freguesia da Assunção, por Este com Soeira, freguesia de S. Bartolomeu, e Chaminé, freguesia da Assunção, e por Norte com o Alicerce, além do qual fica a Chaminé.

Compõe-se de terra de semear com 62 azinheiras.

19.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Chaminé, freguesia da Assunção, pertencente a herdeiros de D. Guilhermina Bernarda Trinité.

Tem de comprimento 120 metros e de largura 16<sup>m</sup>,40.

Confronta por Oeste com Corninhas, freguesia da Assunção, por Este com Soeira, freguesia de S. Bartolomeu, e por Norte com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam as Corninhas, freguesia da Assunção.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

20.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Soeira, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente aos cidadãos Francisco Emidio Pires e Vicente Joaquim Mesquita Corado.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 927 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 cada uma.

Confronta por Oeste com Corninhas e Chaminé, freguesia da Assunção, e por Este com Figueira de Baixo, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 17 azinheiras.

21.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Figueira de Baixo, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Mesquita.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 581 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 cada uma.

Confronta por Nordeste com a Soeira e por Sulsudeste com o Monte Branco, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 4 azinheiras.

22.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Monte Branco, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Manuel Caetano Ribeiro de Carvalho.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 534 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 cada uma.

Confronta a Nornoroeste com Figueira de Baixo e Sudeste com Areias, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 1 azinheira.

23.<sup>a</sup>

Parte compreendida nas Areias, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Rasquilha.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 894 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 cada uma.

Confronta por Noroeste com o Monte Branco e por Sulsudeste com a Courela da Mesericordia, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 6 azinheiras e 2 chaparros de azinho.

24.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Courela da Mesericordia, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Rasquilha.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 66 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 cada uma.

Confronta por Nornoroeste com as Areias e por Sulsudeste com a Sancha e Folhinhos, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 1 azinheira.

25.<sup>a</sup>

Parte compreendida em Folhinhos, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Rasquilha Caiado.

Tem de comprimento 658 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Nornoroeste com Courela da Mesericordia, por Sulsudeste com a Valada e por Estenordeste com Alicerce, além do qual na sua confrontação fica a Sancha, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

26.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Sancha, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 858 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Nornoroeste com Courela da Mesericordia, por Sulsudeste com Valada e por Sulsudeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica Folhinhos, freguesia de S. Bartolomeu.

27.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Valada, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Rasquilha.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 638 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 e outra de 419 metros de comprimento e 20<sup>m</sup>,50 de largura.

Confronta por Nornoroeste com Folhinhos, por Sudeste com Sancha, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

28.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Montinho, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Rasquilha.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 416 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 cada uma.

Confronta por Oestenordeste com Valada, por Estesudeste com Revelhos, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 31 azinheiras.

29.<sup>a</sup>

Parte compreendida em Revelhos, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 1:760 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 cada uma.

Confronta por Oestenordeste com Montinho e por Estesudeste com a Calaça, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 32 azinheiras.

30.<sup>a</sup>

Parte compreendida em Calaça, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 1:010 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 e a outra com 236 metros de comprimento e 20<sup>m</sup>,50 de largura.

Confronta por Noroeste com Revelhos, por Sudeste com Cavalarias e Granja do Peral e por Nordeste com Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 75 azinheiras.

31.<sup>a</sup>

Parte compreendida nas Cavalarias, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 664 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Noroeste com Calaça, por Sudeste com Granja do Peral e por Nordeste com Calaça e Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 34 azinheiras e 3 chaparros de azinho.

32.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão José Maria de Andrade.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 1:380 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 e a outra com 450 metros de comprimento e 20<sup>m</sup>,50 de largura.

Confronta por Noroeste com Cavalarias, por Sudeste com Perdigão e por Sudoeste com as Taipas e Cavalarias, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 47 azinheiras e 3 chaparros de azinho.

33.<sup>a</sup>

Parte compreendida nas Taipas, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Telo Rasquilha.

Tem de comprimento 120 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Noroeste com Granja do Peral, S. Bartolomou, por Sudeste com Corredoura, freguesia de Degolados, por Nordeste com Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

34.<sup>a</sup>

Parte compreendida na Corredoura, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Antonio Pereira Claro.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 1:545 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 e outra com 1:200 metros de comprimento e 20<sup>m</sup>,50 de largura.

Confronta por Noroeste com Taipas, freguesia de S. Bartolomeu, por Sudeste com Morenos, freguesia de Degolados, e por Sudoeste com Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

35.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão José Maria de Andrade.

Tem de comprimento 1:538 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Noroeste com Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu, por Sudeste com Monte do Judeu e por Nordeste com Corredoura e Morenos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 16 azinheiras e 2 chaparros de azinjo.

36.<sup>a</sup>

Parte compreendida nos Morenos, freguesia de Degolados, pertencente a herdeiros de José Maria da Fonseca Regala.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 1:980 metros e a largura de 20<sup>m</sup>,50 e outra com 390 metros de comprimento e 20<sup>m</sup>,50 de largura.

Confronta por Noroeste com Corredoura, freguesia de Degolados, e Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu, por Este-sudoeste com Montes Altos, freguesia de Degolados, por Sudoeste com Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu e por Sul-sudoeste com Monte do Judeu, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 11 azinheiras.

37.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Monte do Judeu, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Rasquilha Caiado.

Tem de comprimento 444 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Oestenordeste com Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu, por Estesudeste com Monte Branco e por Nornordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica Morenos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 2 chaparros de azinho.

38.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Monte Branco, freguesia de Degolados, pertencente aos herdeiros de José Maria da Fonseca Regala.

Tem de comprimento 40 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Oestenordeste com Monte do Judeu, por Estesudeste com D. Carlos e por Nornordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam os Montes Altos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

39.<sup>a</sup>

Parte compreendida em D. Carlos, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Justo Mocinha Pereira.

Tem de comprimento 776 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Oestenordeste com Monte Branco, por Estesudeste com Montes Altos e por Nornordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam os Montes Altos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

40.<sup>a</sup>

Parte compreendida nos Montes Altos, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão António Luis de Sousa Oliveira da Gama e José Gonçalves Pinheiro.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma do Sul com 2:578 metros de comprimento por 20<sup>m</sup>,50 de largura e outra do Norte com 240 metros de comprimento por 20<sup>m</sup>,50 de largura.

Confronta por Oestenordeste com D. Carlos e Morenos, por Este com Nossa Senhora e por Sul-sudeste com Monte Branco, D. Carlos e Monte do Judeu, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

41.<sup>a</sup>

Parte compreendida em Nossa Senhora, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Rasquilho Caiado.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma de Sulsudoeste com 1:045 metros de comprimento por 20<sup>m</sup>,50 de largura e outra de Nornordeste com 135 metros de comprimento por 20<sup>m</sup>,50 de largura.

Confronta por Oestenordeste com Montes Altos, por Estesudoeste com Fraustos e por Sulsudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam os Montes Altos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

42.<sup>a</sup>

Parte compreendida nos Fraustos, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão António Luís de Sousa Oliveira da Gama.

É formada por duas faixas de terreno de 2:200 metros de comprimento por 20<sup>m</sup>,50 cada uma, ficando uma a Sulsudoeste e outra a Nornordeste do Alicerce e este no meio.

Confronta por Oestenordeste com Nossa Senhora e por Estesudoeste com Covões, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 120 azinheiras, 19 chaparros de azinho e uma parte do prédio urbano denominado Monte dos Fraustos.

43.<sup>a</sup>

Parte compreendida nos Covões, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Segismundo de Bragança (D.).

É formada por duas faixas de terreno de 250 metros de comprimento por 20<sup>m</sup>,50 de largura cada uma, ficando uma a Sulsudoeste e outra a Nornordeste do Alicerce e este no meio.

Confronta por Oestenordeste com os Fraustos e por Nornordeste com Adeus e Argamassas, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 2 azinheiras e 1 chaparro de azinho.

44.<sup>a</sup>

Parte compreendida no Adeus, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Túlio da Fonseca.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma de Sulsudoeste com 840 metros de comprimento por

20<sup>m</sup>,50 de largura e outra de Nornordeste com 340 metros de comprimento por 20<sup>m</sup>,50 de largura.

Confronta por Oestenordeste com Covões, por Estesudeste com Argamassas, freguesia de Degolados e Monte Novo, concelho de Campo Maior e por Sulsudoeste com Argamassas, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredo.

45.<sup>a</sup>

Parte compreendida nas Argamassas, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Segismundo de Bragança (D.).

Tem de comprimento 305 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Oestenordeste com Adeus, por Estesudeste com Argamassinhos e por Nornordeste com Adeus, freguesia de Degolados, e com o Alicerce, além do qual fica ainda na sua confrontação o Monte Novo, concelho de Campo Maior.

Compõe-se de terra de semear com 6 azinheiras.

46.<sup>a</sup>

Parte compreendida nas Argamassinhos, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Segismundo de Bragança (D.).

Tem de comprimento 350 metros e de largura 20<sup>m</sup>,50.

Confronta por Oestenordeste com Argamassas, freguesia de Degolados, por Estesudeste com Monte Novo, concelho de Campo Maior, e por Nornordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica também o Monte Novo.

Em resumo: as quarenta e seis parcelas de terreno que compõem a Canada do Alicerce, no concelho de Arronches, tem na sua totalidade a extensão de cento e nove hectares, vinte e nove ares e quarenta e cinco centiares, com 18 oliveiras, 1151 azinheiras, 227 sobreiros, 139 chaparros de azinho, 5 chaparros de sôbro e parte de um prédio urbano.—Foram presentes os S.<sup>rs</sup> Francisco Pereira Rosado, Vice-Presidente da Comissão Municipal, e os Vogais da mesma José Félix Ribeiro e António Mendes Mata.—Estando também presente o S.<sup>or</sup> Presidente da Comissão Administrativa exercendo as funções de Administrador do Concelho».

Alem do seu valor arqueologico, este documento tem tambem valor etnografico e linguistico, por causa da particularidade de cultura agraria a que alude, e dos nomes dos sítios.

Como complemento natural da noticia precedente publica-se na fig. 55 uma vista da ponte romana de Vila Formosa; embora em parte já seja conhecida dos leitores d-*O Archeologo Português* pela gravura publicada pelo D.<sup>or</sup> Alves Pereira no citado volume, entre

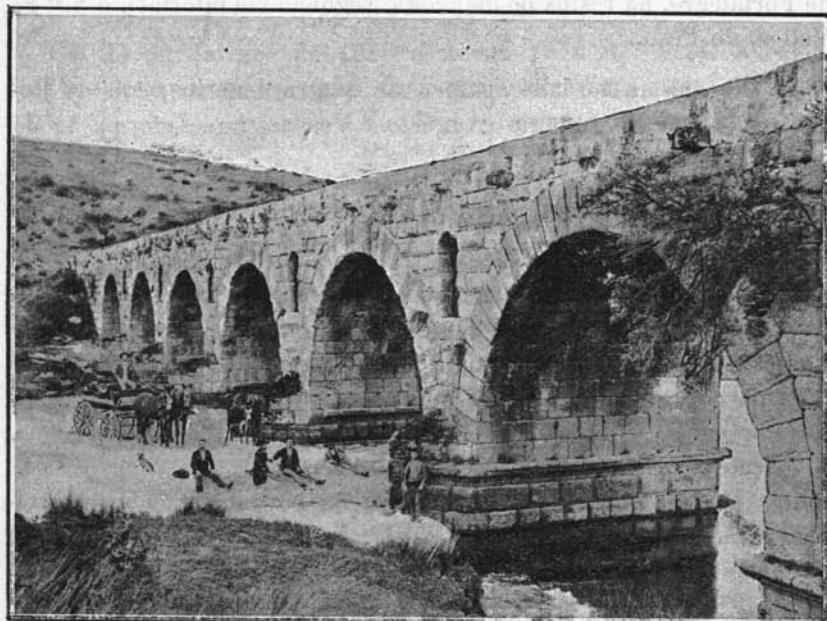


Fig. 55

pp. 212 e 213, não hesitei em publicar nova gravura, por assentar noutra fotografia, que dá mais ampla vista do preciosissimo monumento. No Museu Etnologico guarda-se tambem uma fotografia que foi colorida a oleo por Guilherme Gameiro, Desenhador do mesmo Museu, hoje falecido.

## XII

## Notícias várias

1. Informaram-me de que ha antas nas seguintes herdades: Bozios de Baixo, e da Rabuge, a 5 quilometros da antecedente, ambas no concelho de Monforte; na de Val-bêbedas, na tapada da Pina, concelho de Arronches; na dos Mosqueiros, freguesia da Urra, concelho de Portalegre, ainda não explorada (o dono é o S.<sup>or</sup> José Maria Alberto Tavares, residente no Crato).

2. *As Antas*: nome de uma herdade no concelho de Fronteira. Hoje não se conhecem lá antas, mas esta herdade confina com a Herdade Grande, onde, como vimos no cap. II, ha muitas.

3. Na herdade da Torre das Varges, freguesia da Urra, concelho de Portalegre, ha restos de uma anta, segundo me informou o S.<sup>or</sup> F. Vellez, do Peso.

4. Na mesma herdade apareceram quatro denarios, dois da Republica, e dois do Imperio (Augusto e Vespasiano). Informação do mesmo S.<sup>or</sup>

5. Em S. Saturnino (conc. de Fronteira), ha um *monte* (casa de campo) construido sobre um mosaico: ao Norte e perto da igreja.

6. Nos arredores do Açumar, no sítio de S. Lourenço, dentro da coutada do Reguengo, ha restos de alicerces de casas e aparecia d'antes por aí caqueirada antiga, bem como moedas, uma d'elas de Tito, de cobre. O povo conta que nesse sítio foi que se fundou o Açumar antigo.—Incidentemente notarei que quando perto de uma povoação ha assim ruinas, é costume dizer (como tenho ouvido em muitas partes) que elas são a origem da povoação moderna: ora com razão ora sem ela. Por exemplo: Sabugal Velho, Niza Velha, são nomes de ruinas antigas.

7. No Curral de Sampão, a 2 quilometros de Vaiamonte, para Sudeste, apareceu num poço antigo uma moeda de Graciano e tres ou quatro bilhas de barro que quebraram.

Proximo do poço encontraram-se sepulturas feitas de pedras postas de cutelo, e dentro ossadas. Provavelmente sepulturas romanas.

Um pouco adiante e proximo da herdade da Torre apareceram outras sepulturas, com garrafinhas de vinho (isto é, unguentarios, como parece).

#### Proveniencia das gravuras

A gravura n.<sup>o</sup> 55 (ponte) assenta numa fotografia oferecida ao autor d'este artigo pelo S.<sup>or</sup> Acciaioli.

As gravuras n.<sup>os</sup> 53 (capacete) e 54 (lança) assentam em desenhos de Guilherme Gameiro, antigo Desenhador do Museu.

A gravura n.<sup>o</sup> 49 assenta num decalque.

As restantes gravuras assentam em desenho feito por Francisco Valença, actual Desenhador do Museu.

## Estudos da época do bronze em Portugal

(Vid. *O Arch. Port.*, xxiv, 193-197)

## XIII

## Sepultura de Portimão

Em 24 de Janeiro de 1918 escreveu-me o S.<sup>or</sup> Prof. Aboim Inglês uma carta, na qual dizia que me enviava para o Museu

Etnológico, como generosa oferta do Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Francisco Mendonça Corte-Real, os seguintes objectos, achados em Portimão, dentro de uma sepultura: um vaso, pedaços de outro, e ossos.

O vaso, que tem 0<sup>m</sup>,105 de altura e 0<sup>m</sup>,073 de abertura na boca, vai representado na fig. 1: é de barro, feito sem roda, de bojo reboludo

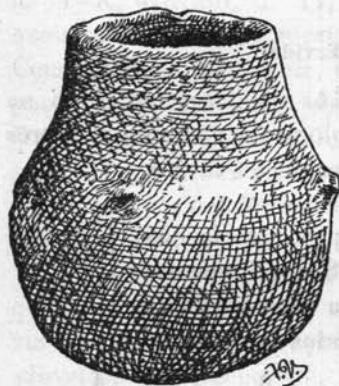


Fig. 1

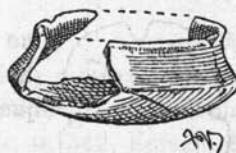


Fig. 2

e colo adelgaçado: na ligação do bojo com o colo há dois mamelos, afastados um do outro 0<sup>m</sup>,085. Excepto em quatro sitios, em que foi ferido por pancadas, está coberto de verniz (preto), a que os nossos cerânicos chamam *capote*: as feridas mostram que o barro era abrançado, com laivos vermelhos. Este vaso, quanto à forma geral, é semelhante a dois, igualmente do Algarve, descobertos por Estácio da Veiga, ora no Museu Etnológico, mostrador n.<sup>o</sup> 58 do andar nobre (vasos restaurados); vid. outro exemplar nas *Antiguidades Monumentais*, do mesmo E. da Veiga, vol. III, est. XVI, n.<sup>o</sup> 5.

Os pedaços de vaso de que fala a carta do S.<sup>or</sup> Aboim Inglês são quatro, pertencentes a um mesmo vaso: dois ligam-se entre si e com o fundo, só o quarto fica avulso por faltarem os restantes fragmentos, mas fazia parte da parede ou colo. A forma do vaso consta da fig. 2: especie de taça baixa, de barro preto, de colo concavo, e de fundo convexo, de 0<sup>m</sup>,03 de altura. O diâmetro da boca mede 0<sup>m</sup>,066. Este vaso é analogo, na forma, a outros do Algarve, que estão no Museu Etnológico, mostrador n.<sup>o</sup> 58 do andar nobre, provenientes da coleção de Estácio: só estes são maiores. Vid. também os de que falei n-*O Arch. Port.*, XI, 180 sgs., publicado na estampa I, e o que publiquei *ibidem*, XIII, 311.

As comparações que acima instituí mostram que os vasos de Portimão pertencem á época do bronze, mais particularmente ao período primeiro, ou do cobre.

Os ossos (humanos) consistem em fragmentos de calote craniana (num vê-se ainda parte da orbita esquerda) e em pedaços de uma mandíbula, também do lado esquerdo, ainda com um molar, o segundo, e quatro alvéolos vazios.

## XIV

## Objectos de ao pé de Ervidel

Ao mesmo S.<sup>or</sup> Prof. Aboim Inglês, a quem me referi no capítulo antecedente, deve o Museu Etnológico a posse de mais três objectos de cobre ou bronze (provavelmente de cobre), que não desenhados nas fig. 3 a 5.

A respeito da sua procedência diz-me ele em carta de 28 de Novembro de 1925, em resposta a uma pergunta que lhe fiz: «Os objectos que enviei



Fig. 3

Fig. 4

Fig. 5

a V. apareceram envoltos na terra, sem se notar qualquer sepultura. Por acaso eu estava, quando passou um arado, e ficou o instrumento maior à vista; pesquisei nas proximidades, encontrando os outros dois objectos, mesmo ao lado do primeiro. E nada mais encontrei».

Os dois objectos representados respectivamente na fig. 3 ( $\frac{1}{2}$  do tamanho natural) e na fig. 4 (tamanho natural) são laminas ou folhas de punhais. A lâmina maior falta a extremidade oposta ao cabo; a outra tem dois orifícios em que deviam entrar brôchas ou preguinhos que a fixassem ao cabo. A lâmina menor, que está completa, tem também dois orifícios, um d'elos ainda com a brôcha, o outro porém muito escachado. Ambas as lâminas são comparáveis às que Estacio da Veiga figura nas *Antiguidades do Algarve*, IV, est. XI, n.º 4-A, est. XIII, n.º 14, e 5 e 6, e est. XII, n.ºs 1 e 2, todas as quais são de cobre, e foram pela maior parte achadas em sepulturas. Com a lâmina menor cfr. também uma encontrada na gruta de Aigues Vives (Catalunha), em Pericot, *La civilización megalítica Catalana*, etc., Barcelona 1925, est. XII, n.º 1. Instrumentos semelhantes a este se encontram representados na importante obra de Nils Åberg, *La civilisation néolithique dans la Péninsule Ibérique*, 1911, pp. 109, 110, 155, 184, etc.

O objecto representado na fig. 5 (tamanho natural) é de secção quadrangular, e aguçado numa das extremidades; a outra, que devia ser igualmente aguçada, está quebrada. Podemos chamar-lhe «sovela»: cfr. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, II, 342. Estacio da Veiga reproduz no citado volume, est. XIII, n.º 7, um semelhante objecto de cobre, a que chama «ponteiro», e Santos Rocha, *Idade do cobre*, p. 75, fig. 91, outro, a que chama «sovela ou punção». Tanto este objecto como o de Estacio apareceram em sepulturas. — Dizer Déchelette, *ibidem*, que as sovelas ou *alènes* de que fala «serviam sem dúvida para tatuagem» não me parece inteiramente seguro, pois tais instrumentos podiam ter várias serventias.

Apesar de não ter podido obter análise dos instrumentos aqui figurados, creio que todos eles têm de atribuir-se ao período que os arqueólogos chamam *eneolítico*, e que a mim parece com maior propriedade dever preferentemente chamar-se *calcolítico*.

As gravuras assentam em desenhos de Francisco Valença, Desenhador do Museu.

J. L. DE V.

Desde el paleolítico existe un núcleo étnico que forma la base principal de la población de la Península y que después se diferencia en distintos pueblos.

BOSCH GIMPERA, *Ensayo de una reconstrucción de la Etnología prehistórica de la Península ibérica*, Santander 1922, p. 113.

### Antigualhas cartaxenses

O ilustre General Vitoriano José Cesar dignou-se oferecer ao Museu Etnologico, por intermedio do seu e meu amigo o S.<sup>or</sup> Cesar Pires, membro titular da Associação dos Arqueólogos, os seguintes objectos que ele obteve do S.<sup>or</sup> Antonio Ferreira, do lugar de Vila Nova de S. Pedro (proximo do Cartaxo):



fig. 1

— Um instrumento de pedra polida (xisto), de forma geral eliptica, secção tambem eliptica, aplanado nas duas faces principais, esboceinado nas duas laterais, e muito poido nos topos, por ter servido para com ele se exercer percussão ou fricção.

Provavelmente foi na origem um instrumento do tipo a que costuma chamar-se «machado»; mas depois de gasto e quebrado, deu-se-lhe a aplicação que fica indicada. Tenho encontrado muitos objectos d'este gosto, que estão no Museu.

Comprimento 0<sup>m</sup>,09. Vid. fig. 1.

— Um machado metalico (lamina ou folha), de forma geral e secção subtrapezoidais, algo bombeado nas duas faces maiores, plano nas duas laterais, um pouco encurvado no topo superior e no gume, sobressaindo elegantemente o ultimo a cada uma das faces laterais do instrumento. Lamento não poder mandá-lo de pronto analisar, mas suponho será de cobre, e pertencerá por isso ao periodo calcolítico, ou começos do bronze. O modelo de tais machados está manifestamente em instrumentos de pedra do mesmo tipo. Já em Alcalar apareceu um instrumento de cobre semelhante ao de que se aqui fala: vid. Estacio da Veiga, *Antig. mon.*, III, est. IX: juntamente com instrumentos de cobre d'outra forma.

Comprimento 0<sup>m</sup>,14. Vid. fig. 2.

— Fragmentos de vasos de barro de pouca importancia.

Todos estes objectos apareceram perto da Torre de Penela, vizinhanças do Cartaxo; e merece o maior louvor, não só o seu achador, por

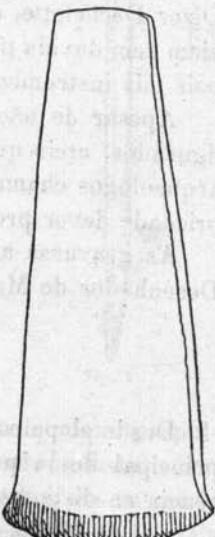


Fig. 2

os ter guardado e levado ao S.<sup>or</sup> General Cesar, mas este S.<sup>or</sup>, por em seguida os oferecer ao Museu Etnologico.

As gravuras que acompanham o presente artigo assentam em desenhos de Francisco Valença, Desenhador do Museu.

J. L. DE V.

### Novas inscrições ibericas do Sul de Portugal

(Cf. *O Arch. Port.*, III, 185-191, e v, 40-42)

#### 3.—Inscrição de Panóias de Ourique

O Museu Etnologico foi em 1907 enriquecido com uma estela iberica encontrada no Cerro dos Enforcados, sitio proximo da vila (extinta) de Panóias, concelho de Ourique. Deve-se esta importante aquisição ao S.<sup>or</sup> José de Almeida Carvalhais, ao tempo Colector-Preparador do mesmo Museu, o qual a comprou a um individuo que a tinha trazido para casa, para se servir d'ela como material de construção. Consta que a lapide estava numa sepultura; mas, apesar de eu ir em Março de 1908 ao sitio onde ela apareceu, não encontrei tal sepultura, nem outras. Perto d'aí havia, porém, restos de edificações romanas; é possivel que, se a lapide fazia parte de uma sepultura, esta fosse romana. Muitas vezes acontece, como sabem todos os que se ocupam de Arqueologia, que os monumentos de uma epoca têm noutra aplicações diversas da primitiva.

Na fig. 1 dá-se o texto gravado na lapide. Esta é de xi-to, e não foi prèviamente aparelhada para receber a inscrição; as letras têm pouca profundidade. Dimensões da lápide: comprimento 1<sup>m</sup>.49; largura 0<sup>m</sup>.66; espessura 0<sup>m</sup>.10. A inscrição é acompanhada exteriormente por um sulco. A lapide devia estar enterrada na parte vazia de letras, e ficar pois a pino. Por isso lhe chamei *estela*. Cf. *O Archeologo*, III, 186, a respeito da lapide de Bensafrim.

Transcrevo assim o texto, que se lê da direita para a esquerda:

25 20 15 10 5 1  
ИИЧКОЖАЧОПА 2 АООЧПА 3 АИИ 4 АЧ

Dando ás letras o valor que Hübner lhes dá nos *Monum. Ling. Iber.* p. LVI, e restituindo entre 16 e 18 a letra *e*, de acôrdo com o fragmento transcrito no capítulo 4.<sup>o</sup>, teremos, da esquerda para a direita, que é esse o nosso modo de ler, a seguinte interpretação:

1 5 10 15 20 25  
u ar hei ir re ar uno oa [e] ar ou a hkon ii

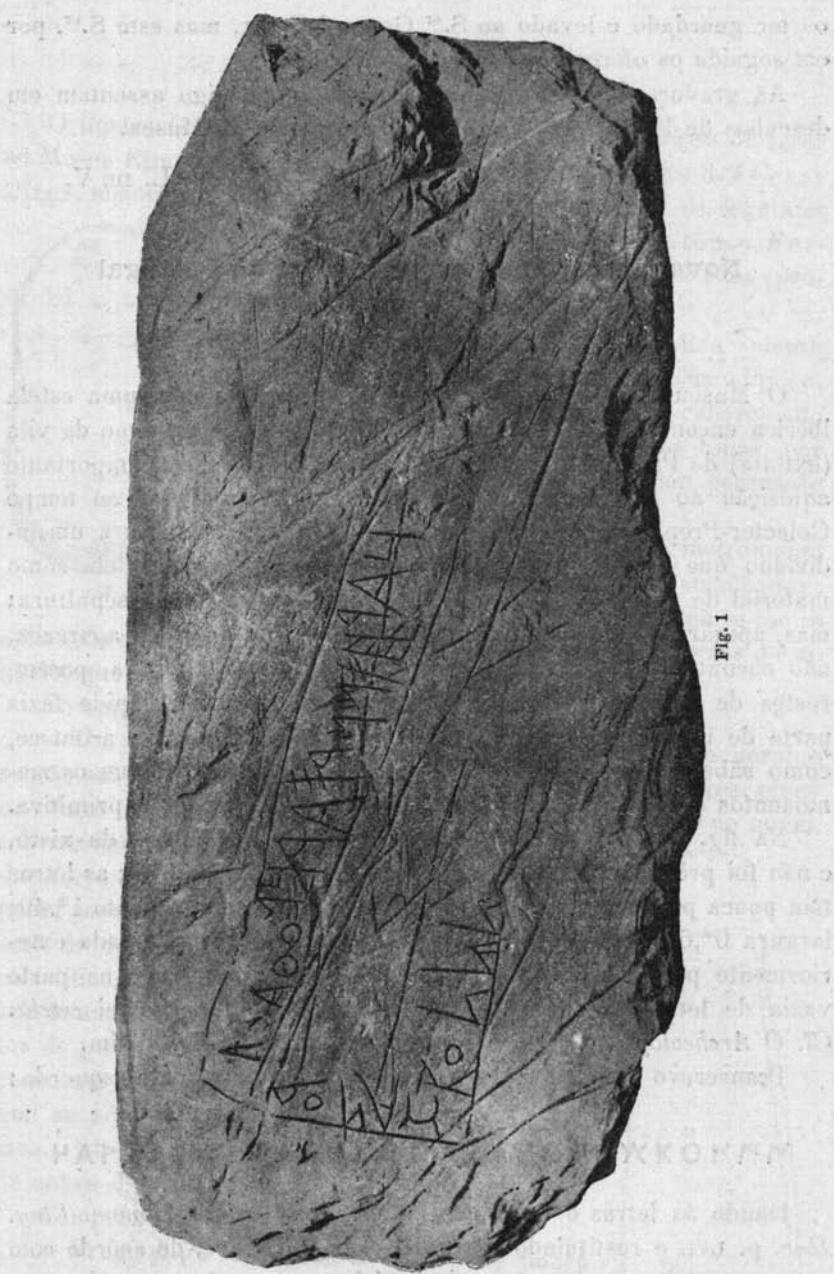


Fig. 1

Nota-se aqui grande aglomeração de vogais, como na inscrição publicada n-*O Arch. Port.*, III, 187-188. A letra 4.<sup>a</sup>, que já encontrámos nessa inscrição, não aparece igual em Hübner, *loc. cit.*;

a que nos *Monumenta* mais se lhe aproxima é o *h*: todavia a letra 23.<sup>a</sup> tem tambem a fórmula de outro *h* de Hübner. Serão duas letras diversas? Se supusermos que as letras 27.<sup>a</sup> e 28.<sup>a</sup>, por estarem no fim da inscrição, representam uma terminação vocabular, poderemos acaso dar igual significação ás letras 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup>, d'onde concluiríamos que na inscrição se distingue um elemento ou palavra *uarheit*. As letras 24.<sup>a</sup> e 28.<sup>a</sup> formam *konii*, como tambem leio na inscrição n.<sup>o</sup> LXII das *Mon. Ling. Iber.*, achada em Ourique, e talvez na do n.<sup>o</sup> LXIV, da mesma localidade,—conjunto que é comparável ao nome *Kéyoi* = CONIOI, dado por Polibio a um povo do Sul de Portugal na época pre-romana<sup>4</sup>. Á semelhança dos sons acrece a coincidencia de os *Kéyoi* habitarem o territorio a que pertence a inscrição, ou um territorio convizinho. Bem sei que o que digo é hipotético (tanto mais que o nome ou grupo de letras se repete), mas ainda não apareceu um Édipo que decifre o enigma iberico. A base da decifração seria um extenso texto bilingue: e onde está ele?

#### 4.— Segunda inscrição de Panóias de Ourique

Com a lapide cujo texto constituiu o assunto do capítulo anterior apareceu um pedaço de outra, que foi generosamente oferecido ao Museu pelo S.<sup>or</sup> Joaquim Martins Ferraria, de Panóias, por intermedio tambem do S.<sup>or</sup> Almeida Carvalhais. É de xisto como a primeira, e apresenta rudeza analoga. Mede de comprimento 0<sup>m</sup>,70; de largura 0<sup>m</sup>,61; de espessura maxima 0<sup>m</sup>,07. Contém um fragmento de inscrição: fig. 2. Por fóra da inscrição, mas junto d'ela, ha um sulco angular.

Eis o texto, da direita para a esquerda:

..<sup>10</sup>PA<sup>5</sup>‡A<sup>5</sup>O<sup>10</sup>O<sup>1</sup>‡A<sup>1</sup>..

isto é, lendo como nós lemos, da esquerda para a direita:

..<sup>5</sup>ear<sup>10</sup>unooaear..,

<sup>4</sup> Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 69.

letras que são as mesmas que na inscrição anterior, e ai correspondem aos n.<sup>os</sup> 9 a 19. Vê-se que as duas inscrições possuam elementos comuns. Pena foi não estar inteira a segunda, pois pela separação dos elementos comuns dos não-comuns, se poderiam apurar algumas palavras independentes.

### 5. — Segunda inscrição de Salir

O S.<sup>or</sup> Prior de Salir, de quem falei n-*O Arch. Port.*, v. 40, adquiriu para a sua colecção arqueologica mais um fragmento de lapide com inscrição iberica, o qual, por morte d'ele, obtive de seu irmão, o S.<sup>or</sup> Pedro Teixeira, para o Museu Etnologico. A lapide é de xisto, e apareceu no «monte» dos Vermelhos, freguesia do Ameixial, concelho de Loulé, onde fazia parte da parede de uma corte. Tem as seguintes dimensões: 0<sup>m</sup>,53×0<sup>m</sup>,42×0<sup>m</sup>,04 (a 0<sup>m</sup>,07). As letras estão dispostas em superficie irregular, e gravadas profundamente.

Transcrição do texto, que se lê da direita para a esquerda:

7 5 1  
¶ A E + A + □ ..

22 20 15 10 8  
O P O M A L A A ? ..

No comêço da 2.<sup>a</sup> linha ha um resto de letra (traço vertical). Interpretação das letras que estão completas:

.. 1 5 7  
.. o e d e e a r

.. 8 10 15 20 22  
.. ? a a g a h n o r i e n i r o .

J. L. DE V.

«Conocemos tipos humanos fósiles no solo más primitivos que las razas humanas más inferiores de la actualidad, sino que incluso muestran caracteres indiscutiblemente pitecoïdes».

H. OBERMAIER, *El hombre fósil*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 311.

## Epigrafia do Museu Etnologico (Belem)

## Inscrições romanas

A secção epigráfica do Museu Etnológico de Belem é um tanto numerosa. Há inscrições: ibericas, romanas, latino-cristianas da idade-média, gregas da época romana, e da época cristiano-medieval, árabicas, latinas da época portuguesa, portuguesas, e um decalque de uma hebraica<sup>1</sup>.

As inscrições estão insculpidas ou gravadas em pedra, estampadas, lavradas e riscadas (*graffiti*) em barro, e gravadas em metal, estampadas em vidro (na ocasião da fusão).

Quando o Museu se criou, serviram-lhe de núcleo epigráfico as inscrições que Estácio da Veiga reuniu no, mais teórico do que efectivo, Museu do Algarve, e as que o signatário deste trabalho obtivera do santuário de Endovelico para a Biblioteca Nacional; depois acresceram algumas colecções importantes: como a de Idanha-a-Velha, formada pelo antigo Oficial-Conservador do Museu, o D.<sup>or</sup> Félix Alves Pereira, e pelo signatário, mas principalmente por aquele; e a colecção de Cáruquere, apesar de mui rude, obtida quasi toda por mim. As restantes inscrições têm vindo a pouco e pouco, ou trazidas também por mim, mercê do concurso de muitos amigos, ou por vários funcionários do Museu.

A colecção mais vasta é a romana, e d'ela me vou aqui ocupar; não seguirei ordem metódica, porque isso me tomaria tempo de que necessito para outros trabalhos urgentes. Prefiro porém publicar as inscrições assim avulsamente a deixar de as publicar. A minha idade vai adiantada, e a minha

<sup>1</sup> Cf. *Hist. do Museu Etnológico*, pp. 196-197.

vista está muito gasta, e não posso deter-me sempre com a metodização dos assuntos; por outro lado, como a maior parte das inscrições as obtive eu proprio, só eu estarei no caso de juntar certos pormenores que os estudiosos estimarão conhecer.

As inscrições ainda ineditas, ou que assim suponho, e as que não estão de todo exactamente publicadas, vão aqui transcritas na sua disposição natural; as outras vão com as linhas seguidas, e apenas separadas por traços verticais. Posto que, por inadvertencia, se apresente como inedita alguma inscrição que já não o esteja, não ha nisso inconveniente de maior, porque o intuito principal do presente catalogo é especificar as inscrições que se guardam no Museu.

Seria meu gôsto juntar-lhe desde já gravuras dos monumentos mais importantes de que nele se trata; só porém ulteriormente as poderei dar á estampa.

\*

Apesar de haver no Museu inscrições incompletas, e de difícil interpretação, sobretudo quando os nomes estão escritos abreviadamente, e quando são barbaros, comprehende-se que o papel de quem publica inscrições, e igualmente o seu gôsto, seja levar o exame até o último apuro. Às vezes, na realidade, não vale a pena quebrar a paciencia e a cabeça, e fatigar a vista, para chegar a ler uma insignificante palavra, que ainda tem de sê completar, ou restituir, teoricamente; mas sem exactidão, isto é, sem minucia, não ha sciencia, seja a que respeito fôr!

\*

Sendo este trabalho destinado sobretudo ao comum dos leitores portugueses, julgo conveniente juntar algumas explicações que para os especialistas seriam desnecessarias; e a fim de não me repetir ao tratar de uma inscrição, formo desde já breve elenco de abreviaturas epigraficas (*compendia*

*scripturae*, segundo dizem os epigrafistas) empregadas nelas a cada passo, e indico as obras que adiante citarei de modo resumido.

a) COMPENDIA SCRIPTURAE:

- A L V P = *animo libens votum posuit*. Vid. infra uma fórmula paralela
- A L V S = *animo libens votum solvit*: «cumpriu de boamente o voto (que fizera á divindade)». As promessas que hoje se fazem aos santos, á Virgem, etc., são imitações das que se faziam na antiguidade aos deuses pagãos.
- AN, ANN = *annorum*: «de tantos anos», idade em que o defunto morreu.
- E tambem = *annum, annos, annis*, por exemplo, em V ou VIX ANN «viveu um ano», «viveu tantos anos». Conquanto nos melhores escritores latinos *vivere* se construa com o acusativo da duração, o ablativo é o uso mais freqüente nos escritores posteriores (Madvig, *Gr. Lat.*, § 235 e obs. 3), e na epigrafia.
- AR P = *aram posuit* «levantou esta ara».
- C = *Caius*.
- Q ou > = *centuria* (não militar).
- D M = *Ditis Manibus*: «aos deuses Manes» (vid. *Religiões da Lusitania*, III, 396).
- D M S = *Diis Manibus sacrum*: «sagração aos deuses Manes».
- D R P S T T L = *dic, rogo, p(raeteriens)*: *s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)!* «tu que passas, dize, eu t'o peço, etc.».
- D S P F = *de sua pecunia fecit*: «fez com o seu dinheiro», «fez á sua custa».
- EX OFF = *ex officina* «da oficina (de um oleiro)».
- EX V = *ex voto*: «segundo a promessa feita».
- F ou FEC = *fecit*.
- F = *filius (-a)*, depois de genetivo de nome de pessoa.
- F C = *factendum curavit* (*curaverunt*); «cuidou (cuidaram) da feitura», «mandou (mandaram) executar».
- FIL = *filio* (em dativo), *filiae*.
- H S = Parte da fórmula H S E.
- H S E = *hic situs (-a) est; hic sepultus (-a) est*: «aqui está sepultado (-a)». Ou só parte da fórmula: H S, S E, S.
- H S S = *hic siti (-ae) sunt*.
- H S S E = *hic situs sepultus est*. Com aliteração pleonas-tica.

M	= <i>Marcus.</i>
M	= <i>mater.</i>
P	= <i>pater.</i>
P	= <i>posuit.</i>
P	= <i>Publius.</i>
PR S	= <i>pro salute.</i>
Q	= <i>Quintus.</i>
S	= Parte da fórmula H S E.
S	= <i>solvit: «cumpriu».</i>
S T T L	= <i>sit tibi terra levis: «seja-te leve a terra!».</i>

Ou só parte da fórmula.

Os Romanos em eras remotas enterravam os cadáveres; depois incineravam-nos; e por fim voltaram ao rito primitivo. Cf. *Religiões*, III, 369. Do tempo em que se praticava o rito da incineração ha muitas inscrições com a fórmula supra-dita, apesar de se guardarem as cinzas em urnas ou sarcófagos: o que parece absurdo, por não pesar a terra propriamente sobre elas; mas devemos lembrar-nos que nos usos religiosos, como era o do destino dado aos cadáveres, persistem não raro fórmulas sem sentido, que correspondem a épocas em que ainda o tinham.

T L	= Parte da fórmula S T T L.
V	= <i>votum: «promessa».</i>
V F	= <i>virus (-a) fecit: «fez em vida» (o respectivo sepulcro).</i>
V F	= <i>votum fecit: «cumpriu a promessa».</i>
V F	= <i>uxori fecit.</i>

Às vezes os epigrafistas desenvolvem as abreviaturas, colocando entre parentesis, junto da inicial, as letras que o autor da inscrição omitiu, por exemplo: *D(iis) M(anibus) s(acrum).* Para isto regulam-se por textos em que semelhantes fórmulas ou outras palavras aparecem escritas por extenso.

Quando uma inscrição está mutilada, por fractura ou gasto da respectiva pedra, barro, etc., ou ilegível em alguma das suas partes, e ela pode completar-se, colocam entre colchetes as letras que faltam, por exemplo *AVGVSTV[S]*; ou empregam simplesmente letras itálicas: *AVGVSTVs.*

Os pontos nas inscrições servem para separar palavras ou indicar abreviaturas; ou são meramente decorativos. Colocam-se ao meio da altura das letras, e mais raro no fim de linha; sem embargo ha exemplo de pontos entre as letras de uma palavra. Tomam por vezes fórmulas artísticas (triângulos, etc.), e em lugar d'elles usam-se com freqüência folhas de hera (*hederae distinguentes*).

Nem sempre o A tem corte horizontal: A. Em vez de E usa-se aqui e alem II. Já tambem encontrei H = E, ou por II, ou por influencia do grego (*eta*). Ha outras fórmulas e trocas de letras; e letras enlaçadas (nexos), prolongadas, e inclusas umas noutras.

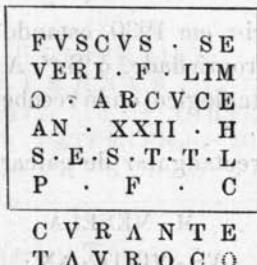
## b) ABREVIATURAS DE OBRAS:

AP, ou <i>Archeologo</i>	= <i>Archeologo Português</i> .
CIL, II, ou <i>Corpus</i> , II	= <i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i> , da Academia de Berlim: vol. II, organizado por E. Hübner, com um <i>Supplementum</i> , e varios aditamentos.
De-Vit	= <i>Totius latinitatis Onomasticon</i> , pelo D. <sup>or</sup> V. De-Vit, 4 volumes, Paris 1859-1887.
Holder	= <i>Alt-celtischer Sprachschatz</i> («Tresouro da lingua celta arcaica»), por Alfred Holder, 3 volumes, Leipzig 1896-1907.
ILS, ou Dessa	= <i>Inscriptiones Latinae Selectae</i> , publicadas por H. Dessa, vols. I, II-1, II-2, III-1, e III-2, Berlim 1892-1906.
MLI	= <i>Monumenta Linguae Ibericae</i> , de Emilio Hübner, Berlim 1893.
<i>Religiões</i>	= <i>Religiões da Lusitania</i> , do autor d'este trabalho: 3 volumes, 1897 (1892)-1913.
Schulze	= W. Schulze, <i>Zur Geschichte lateinischer Eigennamen</i> . Berlim 1904.

## CATÁLOGO

- I. Estela de granito, de 1<sup>m</sup>,80×0<sup>m</sup>,47×0<sup>m</sup>,22, provinda de Cerdeira do Coa (Guarda).

*Suástica flamejante*



2. *Lim(icus)?* con quanto os Limici ficassem longe. Pode ser nome etnico ou *cognomen*.
3. *c(enturia) Arcuce*. Cf. adiante a inscrição de Tridia.
8. *Tauro* é claro. Depois parece *C*, e acaso *O*, — por *CO(gnato)?*

Foi obtida esta lapide pelo Preparador do Museu, hoje falecido, José de Almeida Carvalhaes, estando na Beira-Baixa.

Tem no livro de entradas o n.<sup>o</sup> 5:230.

2. Ara ou cipo de granito, de  $0^m,67 \times 0^m,21 \times 0^m,21$ , encontrada ao pé de Canas de Senhorim, concelho de Nelas, no sítio do Olival

DOQV  
IRVS  
CELTI F  
V . F

Grande, onde aparecem várias antigualhas romanas, tais como mós manuarias, tijolos, pesos de barro, pesos de ferro, pedras de alicerces de casas.

1-2. *Doquirus*. Posto por Holder entre os nomes celticos. Cfr. *Docquiricus*, *Doquiricus*, *Doccyricus*, Δοκκούριος, nos *MLI*, pp. 257-258; *Docquiricus*, nas *Religiões*, II, 184; Schulze, p. 26 e nota 3.

3. *Celti*, genetivo de *Celtius* (não de *Celtus*), porque se lê *Celtius*, por extenso, na ara de *Bandoga*, encontrada na mesma região de entre Mondego e Vouga: *Religiões*, II, 316.

Altura das letras:  $0^m,05$ ;  $0^m,055$ ;  $0^m,06$ .

Transcrição: *Doquirus*, *Celti(i) f(ilius)*, *v(ivus) f(ecit)*, ou *v(otum) f(ecit)*, tendo-se omitido no primeiro caso a indicação da idade, e no segundo o nome da divindade: de tudo ha exemplos.

O dizer o texto que *Doquirus* é filho de *Celtius* abona a celticidade do seu nome.

Esta lapide descobri-a em 1930, estando perto de Canas; e logo a obtive do dono da propriedade, o S.<sup>or</sup> Antonio de Abreu Madeira, para o Museu Etnológico, onde recebeu o n.<sup>o</sup> 7:084 de entrada.

3. Paralelepipedo rectangular de calcareo, que estava embutido

M · MENELA  
VS · VIXIT · AN ·  
NIS · L · VICTOR  
NA · POSVIT · MA ·  
RTO MERENTIS  
SIMO · H · T · S ·  
E · S · T · T · L ·

na parede exterior de um edifício pertencente à Irmandade da Senhora do Castelo, em Coruche.

Medidas: 0<sup>m</sup>,60 × 0<sup>m</sup>,50 × 0<sup>m</sup>,20. A inscrição lê-se numa das faces maiores, posta a pedra a pino.

3 e 5. Em VICTORINA e MARITO o I está no prolongamento da haste do R, e em MERENTISSIMO no prolongamento da do T.

5. Não ha ponto depois de MARITO.

6. As siglas HT não as encontro nos tratadistas. Significam *h(oc) t(umulo)*, por *in hoc tumulo?* Cf. *hoc loco* (em latim classico), sem preposição.

Transcrição: *M(arcus) Menelaus vixit annis 50. Victorina posuit marito merentissimo. H(oc) t(umulo) s(itus) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

É a primeira vez que aparece *Menelaus* na Lusitania. No *Corpus*, II, só aparece *Menelaos*, uma vez, como de uma inscrição de Espanha.

A lapide foi indicada á direcção do Museu pelo D.<sup>or</sup> Ruy d'Azevedo, Professor do Liceu de Camões, e obtida com o concurso do S.<sup>or</sup> Pedro Barata, Juiz da Irmandade.

N.<sup>o</sup> de entrada: 7:033.

4. Cipo de calcareo, talvez vindo de Mertola. Medidas: 1<sup>m</sup>,18 × × 0<sup>m</sup>,67 × 0<sup>m</sup>,365.

D	.	M	.	S
L	·	LIBVRNIVS	·	GAL
M	A	T E R N V S	·	ANN
X	X	III	·	L
X	X	III	·	LIBVRNIVS
M	V	S	·	PATER · FILIO · PIENTIS
S	I	I	·	SIMO · H · S · E · S · T · T · L

2. GAL = *Gal(eria)*. Tribu.

5-6 «Ao filho piedosissimo».

N.<sup>o</sup> de entrada: 6:355.

O nome do falecido é *Lucius Liburnius Maternus*; o do pai *Lucius Liburnius Mus* («Rato»). Aquele era talvez filho primogenito, como se deduz da igualdade do *praenomen* e *nomen* em ambos.

5. Estela de granito, com frontão, vinda de Cárquere (Ressende). Medidas: 1<sup>m</sup>,30 × 0<sup>m</sup>,47 × 0<sup>m</sup>,22.

As linhas estão separadas por traços horizontais, ou mais propriamente dentro de molduras rectangulares.

D · M · S
C · C · FR
A · N · LV
F · F · C ·
S · T · T · L ·
C · C · M

No timpano ha uma estrela de seis raios. Nos lados ha ornatos arborescentes com forquilhas bidentadas nos extremos.

2. A primeira letra parece G, por haver na pedra uma falhinha, mas é C. A penultima letra parece ao repente P, mas é F, embora difira dos da linha 4.<sup>a</sup> em não possuir cauda como estes. Temos aqui o *praenomen*, a inicial do *nomen gentilicium*, e uma abreviatura do *cognomen*, acaso por *FR*(onto) ou noutro caso (genetivo, dativo).
3. Embora haja ponto entre as duas primeiras letras, leia-se *AN(norum)*:
4. Os FF, como já se disse, têm cauda. A linha significará: *F(ilius) f(aciendum) c(uravit)*, posto que o nome d'ele pareça estar expresso no fim.
6. Talvez a linha represente o nome do filho, que tinha em comum com o pai o *praenomen*, e, como era de esperar, o *nomen gentilicium*, representado por C. A ultima letra será a inicial do *cognomen*.

N.<sup>o</sup> de entrada: 6:779.

6. Fragmento de lapide de granito, de 0<sup>m</sup>,56 × 0<sup>m</sup>,41 × 0<sup>m</sup>,17,

.....  
VS · C .....

XXX · H · S · E

vindo de Vila-Real de Tras-os-Montes.

1. A seguir ao C está faltada a pedra.
2. Antes de XXX, na linha precedente, devia estar ANN.
3. A fórmula final mostra que a lapide é funeraria.

Transcrição: *....us C.... [annorum] xxx. H(ic) s(itus) e(st).*

Foi-me oferecida para o Museu pelo Sr. Conde de Vila-Real, hoje falecido.

N.º de entrada: 6:524.

7. Lápide granítica, de  $0^m,56 \times 0^m,27 \times 0^m,13$ , que suponho obtive em Aldeia Nova (Miranda do Douro). A inscrição está gra-

*Estrela*

OCVL

ATIO

SIVI

vada em campo quadrangular, mais fundo que o resto da pedra. Não falta nada, mas a inscrição lê-se muito mal.

3. A ultima letra creio ser F.

Transcrição: *Oculatio Sev(er) f(ilio).*

O nome *Oculatius* é conhecido: vid. De-Vit; não porém da Hispania.

N.º de entrada: 6:532.

8. Estela granítica de  $0^m,84 \times 0^m,44 \times 0^m,17$  de dimensões, aparecida nas proximidades de Fortios, concelho de Portalegre, mas, segundo informações colhidas pela pessoa que m'a ofereceu,

*Meia lua*

*Especie de X largo*

*e saliente*

CILEA

CADA

RI · F ·

AN · XII

o sitio do achado deve pertencer á freguesia dos Martires, concelho do Crato.

Transcrição: *Cilea, Cadari f(ilius), an(norum) XII.*

O nome *Cadarus* aparece tambem numa inscrição da Hespanha: *Corpus*, II, 845; *Cilea* noutras inscrições de Portugal: *Corpus*, II, 372 (Condeixa-a-Velha), 426 (*Cilia*: Infias), 436 (Pesqueira).

Ofereceu-m'a para o Museu em 1928 o D.<sup>o</sup> Francisco Barahona, de Portalegre, hoje falecido. O D.<sup>o</sup> Barahona foi grande colecionador de moedas portuguesas, e colaborou no *Archeologo*: cf. o meu livro *Da Numismatica em Portugal*, pp. 172, e 226-227.

N.º de entrada: 7:045.

9. D ▪ M ▪ MAVRIN || FI LICINA ▪ ANAN||DA ▪ MA ▪ H ▪ S ▪ S || .  
De ao pé de Vila Verde, concelho de Sintra; vid. *O Arch. Port.*,  
xix, 84. Tabula rectangular de calcareo.

N.º de entrada: 4:680.

10. Ara ou cipo calcareo, de 0<sup>m</sup>,66 × 0<sup>m</sup>,23 × 0<sup>m</sup>,165 a 0<sup>m</sup>,175

DMS  
IVLI  
AERV  
FINE  
ANII

de dimensões. Apareceu na Arruda dos Vinhos. .

Transcrição: *D(iis) M(anibus) s(acrum) Iuliae Rufine, an(norum) 2.*

Foi-me oferecida esta pedra para o Museu Etnologico pelo meu antigo condiscípulo D.<sup>o</sup> Tito de Bourbon e Noronha, Medico do partido municipal da Arruda.

N.º de entrada: 6:876.

11. Tabula de columbario, achada em Lisboa: D ▪ M ▪ S ||  
IVCRHIA ▪ PATRI||CIA ▪ ANN ▪ XXXVIII || IVP ||.—Vid. *Additamenta Nova*, de Hübner, p. 20, onde se reproduz a interpretação que eu dera de IVP como *t(itulum) v(iva) p(osuit)*, pois que na linha 1.<sup>a</sup> está I = T. É mais provável isto, do que valer I por inicial de um cognome (Titus, Lucius), e V por *u(xori)*. Na 2.<sup>a</sup> linha a 5.<sup>a</sup> letra vale E; tem a fórmula das duas letras seguintes.

N.º de entrada: 6:311.

12. Tabula rectangular, de calcareo, achada numa vinha chamada Aldeia, freguesia das Mouriscas, concelho de Abrantes: DECVMUS ||  
PLACENTIAE || FILIUS ▪ || ANN ▪ || XII ▪ || H ▪ S ▪ E ▪ S ▪ T ▪ T ▪ L ▪ ||  
PLACENTIA ▪ ET IVLIA || FILIO F ▪ C ▪ ||. Já nos *Additamenta Nova*, de Hübner, p. 19, sem explicação. Tradução: «Décimus (ou Décimo), filho de Placencia, (falecido na idade) de 12 anos, está aqui sepultado. Seja-te leve a terra! Placencia e Julia mandaram fazer este sepulcro ao filho (da primeira)». O estilo da inscrição não está rigoroso, visto que *filio* vem depois de dois sujeitos da respectiva oração; mas o lapicida já tinha indicado a filiação do defunto. Julia era pessoa da família, ou amiga, que na dedicatória quis associar o seu nome a Placencia; poderia acaso pensar-se em que era avó, entendendo-se que Décimo ficava pois duas vezes nomeado como filho.

N.º de entrada: 6:316.

**13.** Estela granitica, encontrada em Cáquerre. Dimensões: 1<sup>m</sup>,26 × 0<sup>m</sup>,42 × 0<sup>m</sup>,25. Altura das letras: 0<sup>m</sup>,05 a 0<sup>m</sup>,06. Na parte

D M S  
IVLIA  
TONGETA  
AN XXXX  
M · FC

superior do frontão tem um ornato talvez astral, e na parte inferior do mesmo duas toscas figuras, ao parecer nuas, dentro de um nicho curvo, uma a par com a outra, e a da direita do observador um pouco maior que a companheira.

A inscrição consta de cinco linhas, dispostas como aqui se vê.

3. *Toneta* é nome indígena. Parece que contém o radical do verbo irlandês *tong* «eu juro» (*Rev. Celtique*, xvi, 122; cf. *Religiões*, II, 255).
5. M = m(ater).

Com as duas figuras do frontão cf. *Religiões*, III, 455-457.

N.º de entrada: 6:780.

**14.** Ara calcarea, encontrada no «monte» (herdade) de Val-Paredes, concelho de Fronteira. Com volutas e fóculo ou pátera.

MAXV  
MVS  
SEVERI  
Γ · AN · XXI  
H · S · E · S · T · T · L  
P · M · F · C

Muito elegante. Medidas: comprimento 0<sup>m</sup>,52; largura na parte média 0<sup>m</sup>,175; espessura 0<sup>m</sup>,105.

- 1-2. *Maximus* = *Maximus*.
2. Tem espaço vazio no fim da linha.
4. O F não tem corte medio. No fim ha vestigio de I.
6. *P(ater) M(ater)*: «o pai e a mãe».

Os pontos são triangulares, com prolongamento linear dos angulos.

Esta lapide obtive-a numa excursão arqueologica que fiz pelo Alentejo em 1914: ofereceu-m'a para o Museu o S.<sup>or</sup> Manuel Fernandes, de Fronteira, com o concurso do S.<sup>or</sup> José Francisco Bogalho, Chefe da Secretaria da Camara Municipal d'aquela vila. Cf. *AP*, xix, 393.

N.º de entrada: 5:299.

15. Lápis calcáreo cupiforme com representação dos anéis da pipa, e com ornatos nos tâmpos. Assenta em base interiora com a pipa.

D · M · S  
ANNIA MA  
TERA · ANN · L  
H · S · E · S · T · T · L

Suponho que veio de Mertola. Medidas: comprimento 1<sup>m</sup>,12; largura na base plus minus (pois está quebrada) 0<sup>m</sup>,57; altura até a base 0<sup>m</sup>,445.

A inscrição está insculpida no lado inferior da parte abaulada, e dentro de um quadrilátero de 0<sup>m</sup>,24 × 0<sup>m</sup>,28.

3. O segundo A de MATERNA faz nexo com o N.

N.º de entrada: 7:092.

16. Lápis paralelepípediforme de calcário, encontrada no Alandroal. Medidas: 0<sup>m</sup>,64 × 0<sup>m</sup>,32 × 0<sup>m</sup>,20.

M · BRVTTIVS · MARC... A pedra está quebrada por todas as faces; mas no princípio da linha da inscrição não falta nada. A última palavra é o começo de um cognome, tal como Marc[ellus], Marc[ianus], etc.

Foi-me oferecida pelo S.º José Veladas da Silveira Belo, d'aquela vila.

N.º de entrada: 6:203.

17. Estela de granito, com frontão entre volutas. Medidas: 1<sup>m</sup>,27 × 0<sup>m</sup>,43 × 0<sup>m</sup>,25 (na base). De Cárquere.

D · M · S  
Q · OCARII  
AN · + · +  
FAC · CVR

No frontão, ao meio, uma estrela de sete ou oito raios, dentro de um círculo, e por baixo, de cada lado, um semi-círculo com um ponto no interior (isto é: figura de crescente e estrela ou sol). Em cada uma das faces laterais da estela há um ramo terminado em tridente Cf., quanto a estes desenhos, *Religiões*, III, 426-440.

2. Leio Q. Ocarii. Holder traz Ocaro com interrogação. Não encontro outro paralelo.

3. As cruzes valem, cada uma, X.

Altura das letras: 0<sup>m</sup>,05 a 0<sup>m</sup>,06.

Transcrição: *D(iis) M(anibus) s(acrum) Q(uinti) Ocarii, anno-rum XX. Fac(iendum) C(uravit).*

Tradução: «Sagração aos deuses Manes de Quinto Ocario, falecido na idade de 20 anos. Fóra ele quem cuidará da feitura d'este monumento».

Pois que a oração do fim não traz expresso o sujeito gramatical, suponho que a última linha corresponde aqui a est'outra fórmula mui freqüente: *vivus fecit* «mandou fazer em vida». Em tal caso, quando devia indicar-se a idade do falecido, deixava-se um claro. Na nossa inscrição as letras da 3.<sup>a</sup> linha são mais fundas, mais vivas, que as restantes, o que corresponde a terem sido insculpidas posteriormente àquelas. É singular que um rapaz pensasse na morte tão cedo! Estaria acaso doente de enfermidade mortal, quando mandou lavrar a estela.

N.<sup>o</sup> de entrada: 6:781.

**18.** Lápide de granito, com forma algo arredondada. Veio de S. Cristóvão de Nogueira, concelho de Cinfães (Sinfães). Dimensões da face anterior: 0<sup>m</sup>,17 × 0<sup>m</sup>,97; espessura: 0<sup>m</sup>,29.

D M S		
CEL	SAT	
ANO	LXXX	
VALE	· VX	
A	XXVII	

2. Duas abreviaturas: *CEL(sius) SAT(urninus)*, vel similia.
3. ANO = *an(n)orum*.
4. As primeiras quatro letras formam abreviatura de um nome (*Valeria, Valerius*, etc.). VX = *ux(or)* ou = *v(i)x(it)*.
5. Depois do A (= *annorum* vel *annis*) existe certo espaço, natural ou casual, como outros lugares da linha.

A inscrição contém pois duas partes, e refere-se a duas pessoas sepultadas no local em que primeiro esteve a lápide. É provável que a 2.<sup>a</sup> parte fosse gravada algum tempo depois da 1.<sup>a</sup>, pois que muitas vezes, como já se disse (vid. n.<sup>o</sup> 17), se deixava numa lápide funerária o lugar vazio para um acrescentamento posterior à morte da pessoa a cuja idade o espaço se destinava. A forma dos AA e XX d'essa 2.<sup>a</sup> parte difere algo dos da 1.<sup>a</sup>, o que dá a entender também diferente época de gravura.

Obtive esta lapide com o concurso dos meus amigos Cristóvão Brochado, e Nicolau Negrão, este último hoje falecido.

N.º de entrada: 5:231.

**19.** L IVLIVS FVS || CVS HSE | IVLIA FESTA || FIL▲F▲C▲—. De Caparide. No *AP.* I, 248.

N.º de entrada: 6:320.

**20.** SACRVM || AESCVLAPIO || M. AFRANIVS · EVPORIO || ET || L · FA-  
BIUS · DAPHNVS || AVG || MVNICIPIO · DD

No *Corpus*, II, 175. Cf. *Religiões*, III, 263. No nome do deus a letra I é prolongamento da haste do P. Em DAPHNVS as letras PH estão ligadas; e do S só resta um vestígio.

N.º de entrada: 5:517.

**21.** Fragmento calcáreo, da Estremadura Cistagana. Dimensões: 0<sup>m</sup>,255 × 0<sup>m</sup>,23 × 0<sup>m</sup>,13.

DIVO

N.º de entrada: 6:315.

**22.** DM || ANIONIAE || MODESTAE || AN XXXX || IVLIA RVFINA || MA-  
TER FILIAE || PIENTISSIMAE || POSVIT || H S E. No *Corpus*, II, 330. Em alguns dos AA não se distingue o corte transverso, e as palavras não estão separadas por pontos, como no *Corpus* se faz. Na 2.ª linha o 1.º I = T. Estela calcárea, de 1<sup>m</sup>,49 × 0<sup>m</sup>,60 × 0<sup>m</sup>,125. Veio de Santarem, e foi oferecida ao Museu pela Venerável Irmandade dos Clerigos Pobres, de que era juiz o Rev.º P.º Miguel Joaquim do Souto.

N.º de entrada: 2:629.

**23.** Numa lapide de granito, com moldura incompleta, por estar quebrada a pedra. De Viseu. Medidas: 0<sup>m</sup>,68 × 0<sup>m</sup>,31 × 0<sup>m</sup>,29.

D	M	s
FIRMINus		
FIRMI f		
AN · XX....		
MODESTVs		
F C		

1-2. Note-se a relação morfológica do nome do filho com o do pai.

F C(uravit) fica em simetria com a linha anterior, depois de restituída a letra.

Esta lapide foi adquirida por mim para o Museu. Entrada: 6:174.

**24.** Lapide de calcareo avermelhado, achada na Estremadura Cis>tagana, talvez em Mafra. Dimensões: 1<sup>m</sup>,10 × 0<sup>m</sup>,43 (maior altura) × 0<sup>m</sup>,22 (maior espessura). A inscrição está dentro de uma moldura, de que falta a parte superior. No fim da inscrição nada falta.

M CAECIIVS I F C PRIS  
CVS

1. A 7.<sup>a</sup> letra é L, mas tem aspecto de I. A 11.<sup>a</sup> é tambem I = L. Algumas letras estão inclusas noutras.

Transcrição: *M. Caecilius L. f(ilius) Capriscus.*

*Capriscus*, cognome, da mesma estirpe do gentilicio *Capriu* (de *capra*): com o sufixo *-iscus*, correspondente ao grego *-ισκος*; cf. *Syriscus*, nome de afecto dado a um escravo da Siria (M.-Lübke, *Gram. das ling. roman.*, II, § 520); todavia tambem ha em latim *Faliscus*, nome étnico e cognome. É agora a primeira vez quo encontro *Capriscus*.

N.<sup>o</sup> de entrada: 6:307.

**25.** — M IVLIVS MF || CAL CALLVS || H S E || Q IVHVS TONGIVS || L E C. De Azocira, termo de Torres Vedras. No *Corpus*, II, 302. Na inscrição não se distinguem pontos, apresentando tambem a pedra algumas depressões naturais. Na 2.<sup>a</sup> linha a fórmula de cada G é C (CAL = *Galeria* sc. *tribu*; *Callus* = *Gallus*); só na 4.<sup>a</sup> linha o G é claro. Na mesma 4.<sup>a</sup> linha a 4.<sup>a</sup> letra é I, que vale por L. Na 5.<sup>a</sup> o lapicida pôs L em vez de F, iludido pelo L de IVLIVS que fica por cima, embora este representado, como disse, por I. A pedra é de calcareo, e obtive-a para o Museu em 30 de Janeiro de 1904. Medidas: 1<sup>m</sup>,21 × 0<sup>m</sup>,46 × 0<sup>m</sup>,43.

N.<sup>o</sup> de entrada: 5:277.

**26.** — Lapide calcarea, tirada da parede da cerca de S. Vicente de Fóra (estava na parte externa do muro, do lado do mar, junto

— I A L —  
V E G E T A e  
F L A M I N C ae  
M . G E L L I V S  
R V T I L I A N V s  
M A R I T V S

do candieiro n.<sup>o</sup> 6250). Monumento pois da antiga Olisipo, mutilado porém na parte superior, de cada lado. Medidas: 0<sup>m</sup>,65 × 0<sup>m</sup>,445 × 0<sup>m</sup>,465.

Já publicada a inscrição no *Corpus*, II, 5218, mas notarei o seguinte:

1. Só se lê o que ponho acima. Tanto podia ser CAELIAE, segundo o *Corpus*, como AELIAE.
2. Falta -E.
3. Falta o final da palavra -AE; o I é prolongamento do N.
5. Falta -S.

Obtive a lapide para o Museu em 19 de Novembro de 1922.  
N.º de entrada: 5:522.

**27.** ABERIA || MATER 1... || H S E. No *Corpus*, II, 6270. Isto é: *Laberia Materna*, etc. Cipo calcareo dos arredores de Lisboa. Veio da Direcção dos Trabalhos Geológicos para o Museu. Foi B. de Figueiredo quem primeiro publicou a inscrição na sua *Rev. Arch.*, III, 86: segundo ele diz, a inscrição tinha na parte superior mais uma linha, e uns emblemas, o que tudo hoje falta, porque a pedra está fracturada nessa parte.

N.º de entrada: 6:317.

**28.** Tabula calcarea, vinda, segundo penso, de Santarem. Medidas: 0<sup>m</sup>,50 × 0<sup>m</sup>,40 × 0<sup>m</sup>,06. Foi cortada dos dois lados, o que mutilou a inscrição. Provavelmente o texto é: *Pacci a[nn....] Suavis*, sendo *Pacci* o cognome do falecido, em genitivo, e *Suavis* o do dedicador, em nominativo. Cf. *Paccius* no *Corpus*, II, 5696; *Suavis* é freqüente em inscrições de Hespanha. Tambem podia pensar-se em *Paccian[us]*, posto que eu não conheça exemplos d'ele.

N.º de entrada: 6:308.

**29.** ALEBA ARCONIS || F ♀ L~IVLIO REGVLO || MATER PON|| ENDVM ♀ || CVRavit. De ao pé de Mafra. No *Corpus*, II, 5223, com alguma diferença na pontuação, pois só ha as duas folhas de hera que indico, e uma curva, quasi til, depois do L da linha 2.<sup>a</sup> De calcareo avermelhado. Medidas: 2<sup>m</sup>,07 × 0<sup>m</sup>,41 × 0<sup>m</sup>,275.

N.º de entrada: 6:301.

**30.** D m S || COGITATA aN||NORV v v v FIRM||DIVS PEREGRINV(s) || FIL v F v C v H v S v S v T v T v L. Já no *AP*, VII, 242; e vid. p. 243.  
N.º de entrada 6:306.

**Para as pags. 225-226**

No n.<sup>o</sup> 35 do Catálogo substitua-se o final do 1.<sup>o</sup> verso por  
HISPANIA TEXIT, e o QVI do 4.<sup>o</sup> verso por QVE.

D'estas e d'outras emendas se tratará no proximo vol. XXIX  
d'*O Archeologo*.

**31.** G PAGVSIGO || VALERIANO || EX TESTAMEN || SVO SCRIBO||NIA  
 G F MAXI||MA HERES F C.—No *Corpus*, II, 27; porém a inscrição não tem pontos separativos; alem d'isso a 3.<sup>a</sup> linha acaba em N simples, não em N ligado com T; e ha G, não C, nas linhas 1.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>, posto que esse G difira levemente do primeiro da linha 1.<sup>a</sup> Vid. tambem as observações paleograficas que fiz no *AP*, xix, 316, nota (= *De terra em terra*, II, 116-117). Medidas: 0<sup>m</sup>,87 × 0<sup>m</sup>,498 × 0<sup>m</sup>,415. Cipo de calcareo. N.<sup>o</sup> de entrada: 7:096.

**32.** IMP ▲ CAESARI ▲ DIVI F ▲ AVGVSTO || PONTIFICI ▲ MAXVMO · COS  
 XII || TRIB ▲ POTESTATE ▲ XVIII || VICANVS ▲ BOVTI ▲ F || SACRVM.—No  
*C.*, II, 5182, mas a separação no texto original é feita por pontos triangulares, e não por pontos redondos. N.<sup>o</sup> de entrada: 6:329.

**33.** ... IVCIVS || LICINIUS||S FVSC||VS · H · S. Já no *AP*, V, 170.  
 N.<sup>o</sup> de entrada: 7:099.

**34.** ... IATIO || ASPRO AN XX || VIII CALVEN||TIA IVLIANA || MARITO  
 PIIS||SIMO ▪ F ▪ C ▪.—De Lisboa. Publicada por mim no *AP*, V, 283,  
 e reproduzida por Hübner nos *Additamenta Nova*, n.<sup>o</sup> 24. A lição  
 que lhe deram de ... CATIO para a 1.<sup>a</sup> linha é erronea. Antes do  
 a faltam quatro letras: teríamos um gentilicio como, por exemplo,  
 [Curi]ATIO ou [Cur]ATIO.—Ha pontos triangulares na última linha,  
 um dos quais no fim d'ela. N.<sup>o</sup> de entrada: 6:324.

**35.** Lápide calcarea de fórmia de ara ou cipo, com frontão e volutas; tem na parte superior um espaço quadrangular de 0<sup>m</sup>,245 ×  
 × 0<sup>m</sup>,215, para aí pousar uma estatueta ou busto. Vinda de Mertola.  
 Medidas: altura até o vertice do frontão: 0<sup>m</sup>,96; largura 0<sup>m</sup>,46;  
 espessura 0<sup>m</sup>,34. Campo da inscrição: 0<sup>m</sup>,335 × 0<sup>m</sup>,385.

L · IVLIO · APTO

GALLIO · PATRONVS

ITALA ME GENVIT TELLVS HISPANIAE EXIL

LVSTRIS QVINQUE FVI SEXTA PEREMIT HIEMPS

IGNOTVS CVNCTIS HOSPES QVI HAC SEDE IACEBAM

ONNIA QVI NOMI HIC DEDIT ET TVMVLM

A inscrição consta de duas partes: dedicatoria de Lucio Julio  
 Gallio ao seu cliente Lucio Julio Apto, e um *carmen*, ou poesia, de  
 dois disticos (hexametro e pentametro). Altura da letra da 1.<sup>a</sup> linha  
 da inscrição: 0<sup>m</sup>,049; da 2.<sup>a</sup>: 0<sup>m</sup>,035; das letras do *carmen*: 0<sup>m</sup>,019.

Transcrição do *carmen*:

*Itala me genuit tellus; Hispaniae exil  
Lustris quinque fui, sexta peremis hiemps;  
Ignotus cunctis hospes qui hac sede iacebam.  
Omnia qui no[b]i[s], hic dedit et tumulum.*

No v. 4 do *carmen* está OMNIA por OMNIA; não é M falhado, é N com a perna mediana ao invés; vid. outro exemplo em Bücheler, *Carmina Epigraphica*, n.º 1267. Depois de *no* e de *i* a pedra está gasta.

1. No 2.º hemistíquio *ae* conta-se como breve (*correptio*), por estar antes de vogal breve (*exil*), e permanece o hiato: cf. F. Zambaldi, *Elementi di prosodia e di metrica latina*, Torim 1931, p. 26. *Hispaniae*, em locativo, por *in Hispania*, pertence à linguagem poetica. O verso traz no fim *exil* em vez de *exul*, por influencia de *exilium*, ou isso fosse do latim vulgar, ou devido ao lúpida. Com a primeira frase cf. *Baetica me genuit* em Bücheler, *ob. cit.*, n.º 479, 728, e 1175: é imitação do conhecido epitafio destinado ao tumulo de Vergílio: *Mantua me genuit, Calabri rapuere*, etc. Com *Itala tellus* e *exil*, cf. *Gregorius exul, Hispana natus tellure*, numa inscrição cristã de Cahors, reproduzida de Le Blant, n.º 575, por Fidel Fita no *Bolet. de la Acad. Espan.*, XLVII, 381.
2. *hiemps*. Fórmula menos antiga que *hiems*.
3. Em *qui hac* ha uma só silaba, e a silaba final de *sede* liga-se à seguinte.
4. A princípio supus que a 3.ª palavra, que tem duas letras gastas, seria *no[v]i[t]* (melhor que *noscit*), embora a última silaba do primeiro hemistíquio ficasse breve, devendo aí esperar-se silaba longa: o que não seria único, pois sei de outro exemplo em que o pé catalectico do 1.º hemistíquio tem silaba breve:

nec ruri pausă || nec mihi semper erat,

em Dessau, n.º 9457; mas o D.º Rebelo Gonçalves, Professor Auxiliar de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Lisboa, sugeriu-me *no[b]i[s]*, e por essa leitura me decido. Ainda que em verdade fica alguma incongruência de estilo, *me — nobis*, e ha-de subentender-se

na primeira oração o *redit* da segunda, nada d'isso faz dificuldade. No mesmo 4.º verso *qui* opõe-se estilisticamente a *cunctis*, como no 1.º verso a *Itala me genuit tellus* se opõe *Hispaniae exil.*

Tradução total da inscrição: «A Lucio Julio Apto (fez este tumulo) o patrono Lucio Julio Galio<sup>1</sup>. Gerou-me a terra italica; estive desterrado na Hispania cinco lustros; matou-me o 6.º inverno<sup>2</sup>; neste territorio vivi como hospede, ignorado de todos. O que me deu tudo (durante a minha vida), deu-me aqui tambem o tumulo».

A primeira parte é fórmula geral. Na segunda fala o morto. Traduzi *hic* por «aqui», e não por «este» ou «esse», para ir de acordo com a clausula das inscrições funerarias: *hic situs*, etc.

N.º de entrada: 6:404

(Continua).

*N. B.* — Apesar do cuidado que consagrei ao presente catálogo, é provável que contenha muitos erros, quer devidos à dificuldade da materia, quer porque, para ler inscrições, necessita-se de boa vista — e a minha, na idade em que escrevo, se me vai enfraquecendo. Só um epigrafista consumado, novo, e dotado de qualidades que me faltam, naturais, e de sciencia, poderá fazer obra acabada.

Perdoe o leitor os meus erros, lembrando-se que ficarão acaso compensados com o trabalho que, ainda assim, me deu a leitura dos textos, e mais que tudo com a fadiga que durante dezenas de anos despendi na aquisição de muitas das inscrições, que, se não fosse a minha diligencia, se perderiam; alem d'isso pela mór parte exaradas em lapides nem sempre faceis de obter e trazer para o Museu.

J. L. DE V.

### Necrologia

D.º Artur Lamas

Cumpre-nos como sincero amigo que fomos, desde 1907, d'este ilustre arqueólogo, há poucos dias falecido em Paris, vir salientar, nalgumas singelas linhas, o altíssimo valor da obra que deixou para

<sup>1</sup> Pois que os clientes tomavam o *praenomen* e *nomen* do *patronus*, o nome completo d'este era como traduzi.

<sup>2</sup> O autor quis dizer: o 1.º inverno do 6.º lustro.

na primeira oração o *redit* da segunda, nada d'isso faz dificuldade. No mesmo 4.º verso *qui* opõe-se estilisticamente a *cunctis*, como no 1.º verso a *Itala me genuit tellus* se opõe *Hispaniae exil.*

Tradução total da inscrição: «A Lucio Julio Apto (fez este tumulo) o patrono Lucio Julio Galio<sup>1</sup>. Gerou-me a terra italica; estive desterrado na Hispania cinco lustros; matou-me o 6.º inverno<sup>2</sup>; neste territorio vivi como hospede, ignorado de todos. O que me deu tudo (durante a minha vida), deu-me aqui tambem o tumulo».

A primeira parte é fórmula geral. Na segunda fala o morto. Traduzi *hic* por «aqui», e não por «este» ou «esse», para ir de acordo com a clausula das inscrições funerarias: *hic situs*, etc.

N.º de entrada: 6:404

(Continua).

*N. B.* — Apesar do cuidado que consagrei ao presente catálogo, é provável que contenha muitos erros, quer devidos à dificuldade da materia, quer porque, para ler inscrições, necessita-se de boa vista — e a minha, na idade em que escrevo, se me vai enfraquecendo. Só um epigrafista consumado, novo, e dotado de qualidades que me faltam, naturais, e de sciencia, poderá fazer obra acabada.

Perdoe o leitor os meus erros, lembrando-se que ficarão acaso compensados com o trabalho que, ainda assim, me deu a leitura dos textos, e mais que tudo com a fadiga que durante dezenas de anos despendi na aquisição de muitas das inscrições, que, se não fosse a minha diligencia, se perderiam; alem d'isso pela mór parte exaradas em lapides nem sempre faceis de obter e trazer para o Museu.

J. L. DE V.

### Necrologia

D.º Artur Lamas

Cumpre-nos como sincero amigo que fomos, desde 1907, d'este ilustre arqueólogo, há poucos dias falecido em Paris, vir salientar, nalgumas singelas linhas, o altíssimo valor da obra que deixou para

<sup>1</sup> Pois que os clientes tomavam o *praenomen* e *nomen* do *patronus*, o nome completo d'este era como traduzi.

<sup>2</sup> O autor quis dizer: o 1.º inverno do 6.º lustro.

que a sua morte seja verdadeiramente sentida e não passe despercebida como a de qualquer desconhecido que nada de útil tivesse produzido.

Filho de José Lamas e de D. Maria Covacich nasceu, na Junqueira, em 27 de Abril de 1874, e formou-se na Faculdade de Direito em 1899, segundo informa o vol. xxii do *Dicionário Bibliográfico*.

Artur Lamas, cujos valiosos trabalhos não são conhecidos do grande público, mas que são apreciados e procurados pela resumida falange dos eruditos e amadores dos assuntos neles tratados, foi um investigador consciencioso e cheio demeticulosidade.

Os seus livros dedicados aos estudos das medalhas tornaram-no uma incontestável autoridade na ciência que, modernamente, se resolveu denominar «medalhistica» para a distinguir da sua irmã, a «numismática», que se ocupa das moedas.

Desde muito novo, tendo herdado as medalhas portuguesas que constituíam a coleção de seu pai, também distinto numismata, tratou de a ir enriquecendo, dia a dia, com o que conseguiu elevar-a a cerca de dois mil exemplares.

Porém Artur Lamas não se limitou ao trabalho, para assim dizer material, de reunir estas medalhas, mas inteligentemente as estudou elaborando, sucessivamente, desde 1905 a 1914, estas magníficas monografias, publicadas no seu valioso repositório, dirigido pelo nosso amigo e sábio D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcelos, *O Archeólogo Português*, «Medalhas de salvação portuguesas», «Uma medalha portuguesa inédita», «O desacato na igreja de Santa Engrácia e as insígnias dos escravos do Santíssimo Sacramento», «Medalhas da guerra da sucessão de Espanha referentes a Portugal», «Medalhas de D. Miguel», «Medalhas dedicadas à Infanta D. Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra», «Medalha comemorativa do casamento de D. João VI», «Medalhas de D. Carlos I comemorativas da aclamação para galardoar serviços», «Medalhas comemorativas da instituição da Academia Real da História Portuguesa», «Uma medalha de Fr. D. António Manuel de Vilhena, grão-mestre da Ordem de S. João de Jerusalém inédita no livro de Furse», «Centenário de uma medalha da guerra péninsular», «Medalhas da Academia Real das Ciências de Lisboa», «Medalha do Cardeal D. Jorge da Costa», «Medalha dedicada a Fones pelo comércio do sal», «Medalhas camoneanas», «Medalha dedicada pela cidade do Pôrto ao Príncipe Regente em 1799», «Medalha conferida pelo Príncipe Regente D. João a dois italianos que salvaram a igreja e hospital de Santo António dos Portugueses em Roma», e «Medalha comemorativa do monumento do Bussaco».

Além destes trabalhos, de que há (exceptuando alguns) separatas de reduzido número de exemplares, publicou ainda: *Catálogo descriptivo da coleção de moedas portuguesas e outras que formam parte da coleção que foi organizada por José Lamas*, Lisboa 1903; *Catálogo de moedas e medalhas do Museu do Carmo*, Lisboa 1907; *Catálogo de medalhas e senhas portuguesas do Museu Etnológico Português*, Lisboa 1909; *Portugal no Cabinet des Médailles de Paris*, Lisboa 1909; e *Le séjour à Lisbonne de Charles Wiener*, Chalona 1910.

Mas o seu melhor livro medalhistico é o intitulado: *Medalhas portuguesas e estrangeiras referentes a Portugal. Memória histórica e descriptiva*. Baseada na coleção iniciada por José Lamas, vol. I, parte I, «Medalhas comemorativas», Lisboa 1916.

Deste livro escreveu o S.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup> Leite de Vasconcelos no seu precioso volume *Da Numismática em Portugal*: «É escrita em estilo grave, e com toda a probidade científica, cheia de notícias ora importantes, ora curiosas, e acompanhada de exactas informações literarias .. O autor leu muito e não poupou despesas nem fadigas para obter conhecimento e documentos (nela resume todos os opusculos que havia escrito antes, pela mór parte separatas do *Archeologo Português*). Logo que apareça a conclusão, se fôr, como é de crer, moldada pelo 1.<sup>o</sup> vol., ficaremos com uma obra comparável, no seu gênero, ás *Moedas de Portugal* do D.<sup>o</sup> Aragão. Ainda que existam varios trabalhos medalhisticos, este, pelo seu vasto plano, avantaja-se de todos os anteriores».

Com ele ergueu-se Artur Lamas muito acima do conhecido tratadista Manuel Bernardo Lopes Fernandes que, na sua *Memoria das Medalhas e condecorações portuguesas e das estrangeiras com relação a Portugal*, não soube esmiuçar com espírito verdadeiramente científico, como o fez o nosso falecido amigo, todos os factos históricos relativos a cada medalha. Infelizmente este trabalho, que ainda deveria ter mais três volumes,—que tratariam respectivamente das medalhas de galardão ou recompensa; das medalhas-insignias e das medalhas religiosas ou cultuais, vulgarmente denominadas verónicas ou veneras, e, seguidamente um apêndice destinado ás tesseras, contos, jetons, fichas e tentos, ensaios, provas, estudos de gravadores e medalhas defeituosas; medalhas estrangeiras conferidas a portugueses; medalhões e medalhas projectadas, que não chegaram a executar-se,—, ficou incompleto.

Este facto foi talvez devido a que Artur Lamas esperava que o seu monumental trabalho tivesse um extraordinário êxito, como realmente lho faziam prever não só os seus incansáveis esforços para

aperfeiçoar e tornar um valiosíssimo auxiliar do estudioso, como também a consciência de ter feito uma obra de real valor; porém enganou-se na sua boa fé, não se lembrando que o nosso meio é avesso a trabalhos dêste género, que tem leitores escolhidos, mas sempre os mesmos.

Desiludido portanto, voltou as suas vistas para outro assunto que veio a prender a sua actividade até à sua infesta morte.

Queremos referir-nos ao interesse, digamos mesmo ao amor que veio a tomar por tudo quanto se prendia ao «sítio da Junqueira», onde nascera e vivera.

Desta inclinação afectiva brotaram, seguidamente, estes trabalhos, dignos do maior aprêço e da mais justificada atenção: *A Rua da Junqueira* (cartas de Artur Lamas, Eduardo Burnay e Matos Sequeira publicadas neste jornal), Lisboa 1922; *A ponte da Junqueira*, Lisboa 1923; *Em que casa nasceu Simão Botelho?* Lisboa 1924 (que lhe mereceu ser injustamente incluído entre *Os azeiteiros de Camilo*, pelo S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Manuel de Castro); *As casas de José Ferreira Pinto Bastos e seus descendentes, na Junqueira* (artigo incluído no livro *A Fábrica da Vista Alegre, O livro do seu centenário*); *A quinta de Diogo de Mendonça no sítio da Junqueira*, Lisboa 1924; e o bem cuidado livro *A casa nobre de Lazaro Leitão no sítio da Junqueira*, há poucos meses aparecido.

Colaborou no *Diário de Lisboa*, *Primeiro de Janeiro*, *Alma Nova*, *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, *Arqueologia e História*, *Reseña Numismática*, *Medicina Contemporânea*, *Gazette Numismatique Française*, *O Rosário*, etc. Ultimamente andava colhendo elementos para fazer a história do palácio dos Condes da Ega, também existente no sítio da Junqueira.

Cremos que, depois desta sucinta resenha, se pode afirmar, com inteira justiça, que o D.<sup>or</sup> Artur Lamas foi um prestimoso investigador, que prestou revelantes serviços à arqueologia nacional que, com a sua morte, sofreu a perda de um dos seus mais desvelados cultores.

Modestíssimo (quasi acanhado), amigo verdadeiro daqueles a quem se afeiçoava, dedicado em extremo pela sua família, bondoso, sem inimigos, dotado de delicadeza extrema, carácter íntegro, tal era o nosso falecido amigo, D.<sup>or</sup> Artur Lamas, a cuja memória aqui prestamos o mais sentido preito da nossa intensa e verdadeira saudade.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA.

(Do *Diário de Lisboa*, de 6-II-1925).

# VOLUME XXVIII

## ÍNDICE ANALÍTICO

### **AGULHA:**

Romanas de osso: 55 e 56.

### **AMOLAR (pedra de):**

Pre-histórica: 172.

### **ANTA:**

Antas da Herdade Grande: 160.

Antas nos concelhos de Monforte, Arronches, Fronteira: 160, 172, 180.

### **ANTIGUIDADES E NOTÍCIAS LOCAIS:**

#### **Alentejo:**

Arronches (estaçao paleolítica): 158; (documento de medição da via militar): 186.

Herdade Grande, concelho de Fronteira (antas): 160.

Herdade do Monte Redondo, concelho de Alter do Chão (vaso pre-histórico, chapão): 169; (xorca de bronze): 177; (pratinho arretino e outros objectos romanos): 198.

Évora (machados de pedra): 170.

Veiro, concelho de Estremoz (machados de pedra): 170; (machado de bronze e lança de bronze): 176.

Monforte (machado bipene?): 172; (*pondus* romano): 180.

Açumar (enxó de pedra): 172; (via romana): 185.

Valdejunco, concelho de Arronches (abrigos pre-históricos, estela de pedra, escopro de cobre e machado neolítico): 174.

Ferreiros, concelho de Arronches (achados de cerâmica arretina): 180.

Coutada do Povo, concelho de Arronches (mosaico e outras ruínas): 180.

Évora e Estremoz (brincos de ouro): 182.

Viamonte, concelho de Alter do Chão (ruínas, brincos de ouro, capaete, etc.): 183.

Ervidel, concelho de Aljustrel (objectos pre-históricos de bronze): 202.

Panoias de Ourique (inscrições ibéricas): 205 e 207.

Mértola (cipo): 215 (lápide): 220.

Val-Paredes, concelho de Fronteira (ara): 219.

Alandroal (lápide): 220.

Mértola (lápide com *carmen*): 225.

**Algarve:**

Portimão (sepultura pre-histórica): 201.  
Ameixial, concelho de Loulé (inscrição ibérica): 208.

**Beira Alta:**

Olival Grande, concelho de Nelas (ara ou cipo): 214.  
Viseu (lápide): 222.

**Beira Baixa:**

Cerdeira do Côa, concelho da Guarda (estela): 213.

**Entre-Douro-e-Minho:**

Refoios, concelho de Ponte de Lima (sepulturas rupestres, tárre): 1;  
(inscrições em latim, azulejos, igreja românica, etc.): 17.  
S. Pedro de Arcos, mesmo concelho (sepultura rupestre): 4.  
Giela, concelho de Valdevez (sepultura rupestre): 5; Alto das Igrejas,  
mesmo concelho (idem): 157.  
Ponte de Lima (ponte, sinais de canteiro, ermida românica, etc.): 27.  
Correlhã, concelho de Ponte de Lima (sepulturas pre-românicas, epi-  
grafia, etc.): 44.  
S. Julião de Freixo, mesmo concelho (castro, mamoas, etc.): 49.  
Grade, concelho de Valdevez (sepultura rupestre): 156.  
Carquere, concelho de Resende (estelas): 215, 219, 220.  
S. Cristóvão de Nogueira, concelho de Sinfães (lápide): 221.

**Estremadura:**

Lisboa (inscrição da Sé): 144.  
Cartaxo (instrumentos de pedra e metálicos): 204.  
Coruche (lápide): 214.  
Mártires, concelho do Crato (estela): 217.  
Vila Verde, concelho de Sintra (inscrição): 218.  
Arruda dos Vinhos (ara ou cipo): 218.  
Lisboa (tábuula de columbarium): 218; (lápide): 223; (cipo): 224;  
(inscrição): 225.  
Mouriscas, concelho de Abrantes (tábuula): 218.  
Santarém (estela): 222; (tábuula): 224  
Mafra (?) (lápide): 223; (inscrição): 224.  
Azoieira, concelho de Torres Vedras: 223.

**Trás-os-Montes:**

Chaves (ara romana): 142.  
Vila Real (lápide): 216.  
Aldeia Nova, concelho de Miranda do Douro (lápide): 217.

**ARQUEOLOGIA:****Pre-histórica:**

*Antiguidades do Alentejo*: I. *Estação paleolítica de Arronches*: 158; II. *Antas da Herdade Grande*: 160; III. *Espólio de uma anta no Monte-Redondo*: 169; IV. *Instrumentos de pedra encontrados avulsamente*: 170; V. *Val do Junco (Esperança)*: 173; VI. *Instrumentos de bronze*: 176; VII. *Xorca de bronze da idade do ferro*: 177; (XII) *Notícias várias*: 199; *Estudos da época de bronze em Portugal*: 201; (XIV) *Objectos de ao pé de Ervidel*: 202.

Vid. *Mamoa, Bibliografia, Cerâmica e espécies ocorrentes*.

**Íberica:**

*Novas inscrições ibéricas do sul de Portugal*: 205.

Vid. *Denário*.

**Lusitano-romana:**

*Sepultura de Galla*: 52.

*Ara de Vénus*: 142; (VIII) *Várias antigualhas romanas*: 178; (IX) *Brincos de ouro romanos*: 181; (X) *Cabeça de Viamonte*: 183; (XI) *Antigualhas romanas do Açumar (via militaris)*: 185.

*Lápide cupiforme*: 220.

**Medieval:**

*Rascunhos de velharias de Entre-Lima-e-Minho*: 155.

Vid. *Sepulturas rupestres, Estante, Ponte*.

**Arábica:**

Referência às sepulturas: 11.

**Estrangeira:**

Vid. *Estante*.

**Vária:**

*Jornadas de um curioso pelas margens do Lima*: 1.

**ARQUITECTURA:****Medieval:**

Igreja românica de S.ª Eulália: 18.

Ermida de S.º Abedão: 39.

Ponte de Ponte de Lima: 27.

**Militar:**

Vid. *Torre, Ponte*.

**ARTE:**

Vid. *Estante*.

**BIBLIOGRAFIA:**

«El Hombre Fósil»: 148.

**BRONZE:**

Vários fragmentos romanos: 55 e 56.

Alfinete de cabelo: 56.

Lança: 176.

Xorça: 177.

Punhais pre-históricos e punção: 203.

Vid. *Machados*.

**CACHORROS:**

Românicos: 19 e 43.

**CAPACETE:**

Romano: 184.

**CASTROS:**

Castelo de Genso (Ponte de Lima): 2 e 5.

De S. Julião (Ponte de Lima): 49.

Em Grade (Valdevez): 157.

Castelo de S. Miguel-o-Anjo (Valdevez): 157.

A noroeste de Alter do Chão: 183.

**CEMITÉRIOS:**

Vid. *Sepulturas rupestres*.

**CERÂMICA:**

Aparecimentos: 162.

Taça pre-histórica: 169.

Pratinho arretino: 178.

Frasco de barro vermelho: 178.

Taças arretinas: 180.

*Pondus* rolado: 180.

Vasos pre-históricos: 201.

Fragmentos de vasos de barro: 204.

**COBRE:**

Escopro pre-histórico: 175.

Vid. *Bronze, Machado*.

**CONCEITOS:**

De H. Obermaier: 147.

De Bosch Gimpera: 203.

**CONCHA:**

Em sepultura lusitano-romana: 59.

**CONTAS:**

Multicolores vítreas: 49.

**CRUZ:**

Equilátera: 44.

**ENXÓ:**

De pedra: 172.

**PIGRAFIA:****Ibérica:***Inscrições de Panoias de Ourique*: 205 e 207.*Segunda Inscrição de Salir*: 208.**Lusitano-romana:***Ara de Vénus*: 142.*Inscrições romanas*: 209 a 225.*Carmen*: 225.**Mediévica:**

Menção de uma palavra: 7.

Sepulcral do séc. xiv: 26.

Êrro de data: 28.

Data incompreensível: 44.

*A inscrição da tomada de Lisboa na Sé Catedral*: 144.**Portuguesa:**

Em latim: 17.

Data problemática: 44.

Vid. *Nomes*.**ERMIDAS:**

Antigas: 3, 4 e 5.

De S.º Abedão: 39.

**ESTANTE:**

Medieval de ferro forjado: 45.

**FACA:**

De silex: 162.

**FERROLHO:**

Romanos de bronze: 54.

**IGREJA:**

Românica de S.º Eulália: 18.

**INDUMENTÁRIA:**Vid. *Vocabulario*.**INSCULTURAS:**

Covinhas apocrifas: 31 nota.

Covinhas em anta: 162 e 165.

Vid. *Sepulturas rupestres*.

**JUDEUS:**

Referência às sepulturas: 11.

**LANÇA:**

De bronze: 176.

De ferro: 184.

**LATRINA:**

Em tárre medieval: 15.

**LUCERNA:**

Com anaglifos: 53 e 54.

Com marca epigráfica: 149.

**MACHADO:**

De pedra: 169 e 175.

Bipene (?): 172.

De bronze: 176.

Metálico: 204.

**MAMOA:**

Em S. Julião de Freixo: 49.

Restos de mamoa: 164.

**MOEDAS:**

Aparecimento de denários: 184 e 200.

Aparecimento de médio-bronze com legenda ibérica: 184.

**MOS:**

Aparecimento: 169.

**MOSAICO:**

Junto da vila de Arronches: 180.

Em S. Saturnino (Fronteira): 200.

**MOUROS:**

Poço da «Moura»: 185.

**MUSEU:**

De Machado de Castro: 47.

Museu (futuro) em Chaves: 142.

De Faro: 177.

De Elvas: 180.

Britânico: 182.

Etnológico: 52 a 60, 157, 158, 169, 172, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 185, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209 a 225.

**NECROLOGIA:**D.<sup>or</sup> Artur Lamas: 225.**NOMES:****De divindades:***Veneri Victrici*: 142.  
Aesculápio: 222.**De imperadores:**

Caesari Augusto: 225.

**De pessoas em inscrições lusitano-romanas:**

Galla: 52.  
 Hypnus: 52.  
 La (?): 143.  
 Fuscus Limieus: 213.  
 Severi (f.): 213, 217, 219.  
 Taurus: 213.  
 Doquirus: 214.  
 Celti (f.): 214.  
 Marcus Menelaus: 215.  
 Victorina: 215.  
 L. Liburnius Maternus: 215.  
 L. Liburnius Mus: 215.  
 C. C. Fr(onto?): 216.  
 Oculatio: 217.  
 Cilea: 217.  
 Cadari (f.): 217.  
 Maurini: 218.  
 Licinia: 218.  
 Juliae: 218.  
 Rufine: 218.  
 Lucretia Patricia: 218.  
 Decumus: 218.  
 Placentiae (f.): 218.  
 Julia: 218, 219.  
 Tongeta: 219.  
 Maxumus: 219.  
 Annia Materna: 220.  
 M. Bruttius Marc...: 220.  
 Q. Ocarii: 220.  
 Cel(sius) Sat: 221.  
 Vale(ria): 221.  
 L. Julius Fuscus: 222.  
 Julia Festa: 222.  
 M. Afronio Euporio: 222.

- L. Fabius Daphnus: 222.  
 Anioniae Modestae: 222.  
 Julia Rufina: 222.  
 Firminus Modestus: 222.  
 Firmi (f.): 222.  
 M. Caicilius: 223.  
 L(ucii f.): 223.  
 Capricus: 223.  
 M. Julius Callus: 223.  
 Q. Ju(l)ius Tongius: 223.  
 (Cae)liae Vegetae: 223.  
 M. Gellius Rutilianus: 223.  
 (L)aberia Materna: 224.  
 Pacci: 224.  
 Suavis: 224.  
 Aleba: 224.  
 Arconis (f.): 224.  
 L. Julio Regulo: 224.  
 Cogitata: 224.  
 Firmidius Peregrinus: 224.  
 G. Pagusigo Valeriano: 225.  
 Scribonia: 225.  
 Vicanus: 225.  
 Bouti (f.): 225.  
 Lucius Licinius Fuscus: 225.  
 (Cur)atio (?) Aspro: 225.  
 Calventia Juliana: 225.  
 L. Julio Apto: 225.  
 (L. Julio) Gallio: 225.

**Romanos:**

- Em inscrições cristãs: 7.  
 Vid. *Vocabulario*.

**OSSOS:**

- Vários artefactos romanos: 55 e 56.  
 De sepultura pre-histórica: 202.

**OURO:**

- Brincos de ouro romanos*: 181.  
 Freqüência de achados no Alentejo: 183.

**PEIXE:**

- Simbólico: 42.

**PERCUTOR:**

- De xisto: 204.

**PIA:**

Baptismal: 26.  
Vid. *Sepulturas*.

**PINTURAS:**

Rupestres: Em Valdejuncos: 174.

**PLACAS:**

Ou chapão de lousa: 169

**PONTE:**

Romana e medieval de Ponte do Lima: 27 e 29.  
Romana de Vila Formosa: 199.

**PREGO:**

Romano de ferro: 54.

**ROSETA:**

Recortada em porta: 45.

**RUÍNAS:**

De origem romana: 180, 183 e 200.

**SARCÓFAGO:**

Medieval sob arcossólio: 26.  
Medieval com gravuras: 51.

**SEPULTURAS:**

Rupestres: 2, 3, 4, 5 e 7.  
Pre-românicas: 44.  
*Sepultura de Galla*: 52.  
*Dois sepulturas rupestres*: 155.  
Romanas (?): 200.  
*Sepultura de Portimão*: 201.

**SINAIS:**

De canteiro: 25, 29, 33 e 41.

**TÉGULA:**

Aparecimentos: 3, 4 e 156.  
Seu uso: 20.

**TELHA:**

Românicas: 21.

**TOPOGNOMIA:**

- Refojos: 2.  
 Sanjamondes: 4.  
 S. Gião: 3.  
 Cabeço de Vide: 158 nota.  
 Alter: 170.  
 Vaiamonte: 183.  
 Açumar (o): 185.  
 As Antas: 200.

**TÓRRE:**

- Medieval: 14.

**URNA:**

- Funerária: 53.

**VANDALISMOS:**

- Do séc. XVIII em igreja: 40.  
 Dispersão de antigualhas: 200.

**VIA ROMANA:**

- Vestígios no Alto Alentejo: 185.  
 Documento da medição d'estes vertígios: 186.

**VOCABULÁRIO:**

- Achegas para um vocabulário de indumentária antiga:* 60.

**XORCA:**

- De bronze: 177.

## ÍNDICE DOS AUTORES

---

### **Eugénio Jalhay:**

*El Hombre Fósil*: 148.

### **F. Alves Pereira:**

*Jornadas de um curioso pelas margens do Lima*: 1.

*Rascunhos de velharias de Entre-Lima-e-Minho*: 155.

*Índices*: 231 a 244.

### **Henrique de Campos Ferreira Lima:**

*Necrologia. D.º Artur Lamas. (Vidas que passam)*: 225.

### **H. Lopes de Mendonça:**

*Achegas para um vocabulário de indumentária arcaica*: 60.

### **J. Leite de Vasconcellos (D.º):**

*Sepultura de Galla*: 52.

*Ara de Vénus*: 142.

*Antiguidades do Alentejo*: 158.

*Estudos da época do bronze em Portugal*: 201.

*Antigualhas cartaxenses*: 204.

*Novas inscrições ibéricas do sul de Portugal*: 205.

*Epigrafia do Museu Etnológico*: 209.

### **J. M. Cordeiro de Sousa:**

*A inscrição da tomada de Lisboa na Sé Catedral*: 144.

## ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

---

### **Arqueologia:**

#### **Pre-histórica:**

- Estação paleolítica (fig. 1): 159.  
Instrumentos paleolíticos (figs. 2 a 11): 160 e 161.  
Planta de dólmen (fig. 12): 162.  
Fragmento de vaso (fig. 14): 162.  
Fragmento de faca de silex (fig. 15): 162.  
Plantas de dólmenes (figs. 15 e 16): 163.  
Três plantas de dólmenes (figs. 17 a 19): 165.  
Aspectos de duas antas: 166, 167 e 168.  
Machado polido (fig. 20): 169.  
Vaso de barro (fig. 21): 169.  
Placa ou chapão de lousa (fig. 22): 169.  
Três instrumentos de pedra polida (figs. 23 a 25): 170.  
Seis instrumentos de pedra polida (figs. 26 a 30): 171.  
Dois instrumentos de pedra polida (figs. 31 e 32): 172.  
Três instrumentos de pedra polida (figs. 34 a 36): 173.  
Machado de pedra polida (fig. 38): 175.  
Escopro de cobre (fig. 37): 175.  
Machado de bronze (fig. 39): 176.  
Lança de bronze (fig. 40): 176.  
Xorça de bronze (fig. 41): 177.  
Vaso de barro cozido (fig. 1): 201.  
Taça de barro cozido (fig. 2): 201.  
Dois punhais éneos (figs. 3 e 4): 202.  
Sovela énea (fig. 5): 202.  
Instrumento de pedra polida (fig. 1): 204.  
Machado metálico (fig. 2): 204.

#### **Lusitano-romana:**

- Planta de sepultura (fig. 2): 53.  
Pequeno vaso biansado (fig. 3): 53.  
Lucerna (figs. 4 e 5): 54.

- Pequeno ferrolho éneo (fig. 7): 54.  
 Chapazinha recortada (fig. 9): 55.  
 Argolinha énea (fig. 8): 55.  
 Alfinete de cabelo (fig. 10): 55.  
 Cinco hastes de osso (figs. 11 a 15): 55.  
 Prego de ferro (fig. 6): 55.  
 Seis alfinetes de osso (figs. 16 a 21): 57.  
 Faquinha de osso (fig. 22): 57.  
 Haste torneada de osso (fig. 23): 57.  
 Concha funerária (fig. 25): 59.  
 Lápide hagiográfica: 143.  
 Taça arretina (fig. 42): 178.  
 Garrafa de barro cozido (fig. 43): 178.  
 Lucerna (fig. 44): 179.  
 Duas taças arretinas (figs. 46 e 47): 179.  
 Lucerna com marca (fig. 45): 179.  
 Pêso de barro (fig. 48): 180.  
 Fragmento de mosaico (fig. 49): 181.  
 Brincos de ouro (figs. 50 a 52): 182.  
 Lança de ferro (fig. 54): 184.  
 Capacete éneo (fig. 53): 184.

**Medieval:**

- Campa trapezoidal gravada (fig. 18): 26.  
 Sarcófago com arcossólio (fig. 19): 27.  
 Estaute de ferro forjado (fig. 38): 46.  
 Cabeça forjada de animal (fig. 40): 48.  
 Sarcófago ornado trapezoidal (fig. 42): 51.  
 Planta de sepultura rupestre: 156 e 157.

**Portuguesa:**

- Utensílio de costura (fig. 24): 58.

**Estrangeira:**

- Cabeça forjada de animal (fig. 39):

**Arquitectura:**

**Lusitano-romana:**

- Arco de ponte em aspecto interior (fig. 20): 28.  
 Sóco de lápide (fig. 1): 52.  
 Ponte da Vila Formosa (fig. 55): 199.

**Medieval:**

- Interior de seteira (fig. 1): 14.  
 Cachorro de sobrado (fig. 2): 14.  
 Corte longitudinal de seteira (fig. 3): 15.  
 Tôrre ameiada (fig. 4): 16.  
 Latrina casteláctica em aspecto interior (fig. 5): 18.  
 A mesma em aspecto exterior (fig. 6): 18.  
 Planta de igreja românica (fig. 7): 19.

- Cachorro de igreja (figs. 8 e 9): 21.  
Corte transversal de arquivolta (fig. 11): 21.  
Pórtico românico (fig. 10): 22.  
Porta lateral românica (figs. 13 e 12): 23 e 24.  
Madeiramento em aspecto interior (fig. 14): 25.  
Marca cruciforme (fig. 16): 25.  
Marcas de canteiro (fig. 15): 25; (fig. 21): 32; (fig. 22): 34; (figs. 23, 24 e 25): 35; (fig. 28): 36; (figs. 26 e 27): 37; (fig. 30): 41.  
Ermida românica (fig. 29): 39.  
Arco cruzeiro românico (fig. 31): 42.  
Vêrga de porta com gravuras (fig. 32): 43.  
Cachorro simbólico (fig. 33): 43.  
Óculo cruciforme (fig. 36): 44.

**Arte:**

- Roseta recortada (fig. 37): 45.

**Epigrafia:****Medieval:**

- Leteiro uncial (fig. 17): 26.  
Leteiro em duas linhas (fig. 34): 44.  
Leteiro românico (fig. 35): 44.